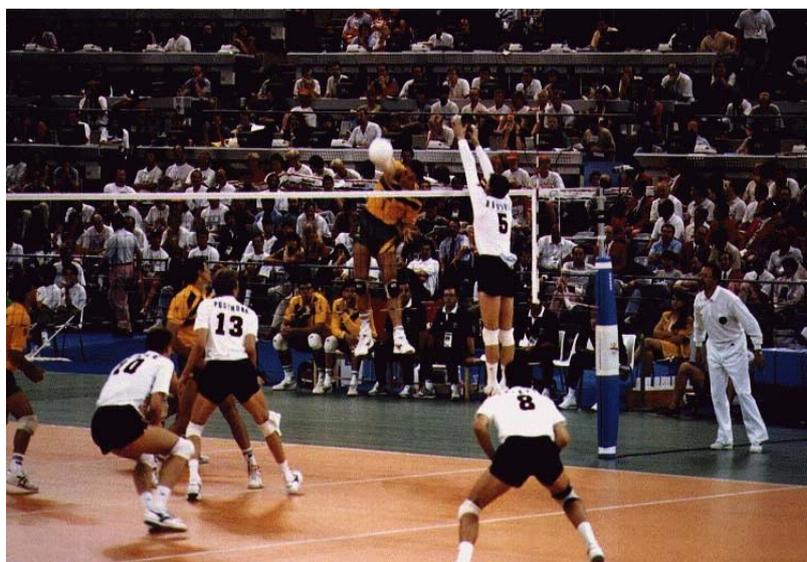


Universidade Estadual de Campinas  
Faculdade de Educação Física

**“SACANDO” O VOLEIBOL: DO AMADORISMO À  
ESPETACULARIZAÇÃO DA MODALIDADE NO BRASIL (1970 – 2000)**



Wanderley Marchi Júnior  
2001

WANDERLEY MARCHI JÚNIOR

**“SACANDO” O VOLEIBOL: DO AMADORISMO À  
ESPETACULARIZAÇÃO DA MODALIDADE NO BRASIL (1970 – 2000)**

Tese de doutorado apresentada à Faculdade de  
Educação Física da Universidade Estadual de  
Campinas.

Orientador: Prof. Dr. Ademir Gebara

CAMPINAS  
2001

Este exemplar corresponde à redação final da tese defendida por  
Wanderley Marchi Júnior e aprovada pela Comissão Julgadora  
em 10 de dezembro de 2001.

Data:

Prof. Dr. Ademir Gebara

## COMISSÃO JULGADORA

Prof. Dr. Ademir Gebara (presidente)

Prof. Dr. Miguel Cornejo (titular)

Prof. Dr. Márcio Sérgio Batista Silveira de Oliveira (titular)

Prof. Dr. Gustavo Luis Gutierrez (titular)

Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes (titular)

*Este trabalho não poderia ser dedicado a outra pessoa senão àquela que soube compreender e compartilhar todos esses momentos e, principalmente, os sentimentos e os sonhos que nos cercaram diariamente... A você, Kátia, com muito amor, gratidão e carinho.*

*“Se eu pudesse viver novamente a minha vida,  
na próxima trataria de cometer mais erros.  
Não tentaria ser perfeito, relaxaria mais.  
Seria mais tolo ainda do que tenho sido,  
na verdade bem poucas coisas levaria a sério.  
Seria menos higiênico.  
Correria mais riscos, viajaria mais, contemplaria mais entardeceres,  
subiria mais montanhas, nadaria mais em rios.  
Iria a lugares onde nunca fui, tomaria mais sorvete e comeria menos  
lentilha, teria mais problemas reais e menos problemas imaginários.  
Eu fui uma dessas pessoas que viveram sensata e produtivamente cada  
minuto da sua vida.  
É claro que tive momentos de alegria.  
Mas, se pudesse voltar a viver, trataria de ter somente bons momentos.  
Porque, se não sabem, disso é feita a vida,  
só de momentos, não percam o agora.  
Eu era um daqueles que nunca iam a parte alguma sem um  
termômetro, uma bolsa de água quente, um guarda-chuva  
(um pára-quedas) e, se voltasse a viver, viajaria mais leve.  
Se eu pudesse voltar a viver, começaria a andar descalço no começo  
da primavera e continuaria assim até o fim do outono.  
Daria mais voltas na minha rua, contemplaria mais amanheceres e  
brincaria com mais crianças, se tivesse outra vez uma vida pela frente...”*

(Jorge Luis Borges)

## AGRADECIMENTOS

Acredito ser este um dos momentos mais delicados no processo de fechamento de uma tese, dado o seu grau de introspecção. Sei também que por maior que seja o esforço em relembrar todas as pessoas e instituições que, minimamente, de forma direta ou indireta, estiveram envolvidas neste trabalho, invariavelmente estarei cometendo algum descuido ou esquecimento. Entretanto, peço que me perdoem aqueles que, porventura, a ineficiência da minha memória deixou de contemplar neste momento tão especial.

Nesse sentido, gostaria de dividir meus agradecimentos em grupos. Um, composto de pessoas que propiciaram momentos de INSPIRAÇÃO. Outro, no qual incluo os que dividiram comigo momentos de TRANSPIRAÇÃO. E um terceiro grupo, responsável pelos momentos de APOIO e INCENTIVO.

Pela INSPIRAÇÃO, quero agradecer primeiramente aos professores Walter Gama e Gilvan Nogueira. Respectivamente, o professor de Educação Física que se tornou um referencial para a escolha da profissão e o primeiro técnico de Voleibol que possibilitou minha inserção no campo esportivo.

Durante a formação acadêmica, alguns professores, por conta de suas contribuições e, fundamentalmente, posições, ficaram marcados como elementos motivacionais e exemplos na condução da vida profissional. Sou grato a Paulo Ghiraldelli Júnior, Antonia Dalla Pria Bankoff, Wlamir Marques, Hélio Jorge dos Santos, Luiz Alberto Lorenzetto, José Elias Proença, José Medalha, Paulo Roberto Mubarak, Manoel Antonio Bortolotti, Uadi Mubarak, José Carlos Moreno, Ênio Escher, Valdir de Oliveira, Wagner Wey Moreira, Ademir De Marco, Pedro José Winterstein, Roberto Rodrigues Paes, Gustavo Luis Gutierrez, Márcio Sérgio Batista Silveira de Oliveira, Luis Carlos Ribeiro, Jurandir Malerba, Renato Ortiz e Edgar Salvadori de Decca. Especificamente inseridos no Voleibol como técnicos, dirigentes ou árbitros, alguns professores também são incluídos nesse contexto. São eles: José Francisco dos Santos (Chico), José Carlos Brunoro, Josenildo Carvalho, Bernardo da Rocha Rezende (Bernardinho), Percy Oncken, Wadson Lima, Hélio Griner e Eduardo Vicente Russo.

Também não foram poucos os momentos de inspiração advindos das reuniões, leituras e discussões realizadas no nosso grupo de estudos de história do esporte. Dele, agradeço as contribuições e as opiniões que me permitiram otimizar as etapas de trabalho nesses anos de estudo. Meu obrigado a Marcelo Weishaupt Proni, Ricardo Lucena, Edílson Fernandes de Souza, Dagmar Hunger, Edmundo Roque, Leomar Tesche, José Luis Simões, Verter Paes Cavalcanti e, em especial, a Luiz Alberto Pilatti, Fernando Marinho Mezzadri, Kléber do Sacramento Adão, Constantino Ribeiro de Oliveira Júnior e Fernando Renato Cavichiolli, pelos momentos partilhados em comum.

Aos atletas que comigo viveram a TRANSPIRAÇÃO, nas derrotas e vitórias, fica minha lembrança. Dentre tantos, destaco: Carlos Alberto Magalhães, Edjalma Valdir Momesso (Zá) e Adelmir Servidoni (Escola Estadual Irineu Penteadó); Antonio Luis Guedes de Camargo, Celso Henrique Demarchi, Armando Luis Bonani, Carlos Alberto Sanchez, Douglas Alexander Zerbo e Wu Feng Chung (Colégio Anglo); Rubens Picka Jr., Ingo Koelle, José Luis Pinheiro, José Carlos Picka, “Xerife”, Adler Viadana, “Bahia” e Cláudio Peléias (Clube de Campo de Rio Claro); Eduardo Fumio Miazaki, Marco Antonio Guzzi, João Luiz Gomes Falcão, João Batista Spagnol Letízio, Márcio Eduardo Delamaro, Luis Simões de Oliveira Neto (Tchola) e Júlio Nodari (Velo Clube Rio-Clareense); Ricardão, César Gambagorde, Ivan, Cláudio Gobatto, Gilnei, Marcinho, Fernando Balbino e Ramalho (Unesp-Rio Claro); Marcelinho, Robson, Marcão, Anísio, Edmilson, Gilson, Adriano, Betão, Claudinei, Tu e “Pfafinho” (XV de Piracicaba-Dedini); Coelho e Miranda (Grêmio de Londrina); Adilson, Lima, Nei, Renatão, “New”, Roberto Vidiri, Scarpin e “Sapo” (União Agrícola Barbarense); Marcelo Diversi, Claudinho, Zecão, Lima, Maurício, Marcão, Giba, Beto, Danilo, João e Roger (Clube Fonte-Unicamp); Fernando, Adílson (Chupa), Renato, Maurício, Mauro, Anderson, “Véio”, Neto, Luciano, Catani, Ricardo e Nilson (Campinas Volleyball Club-Concretex); Duzão, “Tubarão”, Netão Valeriano, Daniele Vidiri, Fabinho, Erlo, “Peru”, Valdinei, Robson Trento, Daniel, “Nelsão”, Sérgio, “Tao”, Dudu, Jeferson, Paulão, Charles, Lelê, Douglas e “Vando” (Nosso Clube de Limeira e Limeira Clube); e, finalmente, André Muniz, Henrique, André Ogliari, Vaguinho, Bruno, Joca, Luciano, Amandos, Eugênio, Paulinho, Alvim e Carlão (Clube Duque de Caxias-Curitiba).

Aos técnicos e comissões responsáveis por essas equipes, também registro minha gratidão. São eles: Gilvan Nogueira, Altamir, Romeu Picchi (*in memoriam*), Plínio Pimentel, Otoniel (Xis), José Geraldo Rechinelli (Zito), Afonso Antonio Machado, Fernando e Marcelo Fonseca, Ricardo Machado Leite de Barros, Marcos Frias, José Guilherme dos Santos (Zeca) e Everson Pereira da Silva.

Conjuntamente com a INSPIRAÇÃO e a TRANSPIRAÇÃO, ressalto os responsáveis e componentes do terceiro e último grupo, qual seja, o dos momentos de APOIO e INCENTIVO.

Inegavelmente, foi decisivo e de fundamental importância o apoio recebido pelos meus colegas do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, quanto à possibilidade de liberação para o desenvolvimento do doutorado. No nome dos professores Wagner de Campos e Cláudio Portilho Marques, estendo meu agradecimento aos demais professores do departamento. Também agradeço a dedicação e a atenção do pessoal da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFPR e da CAPES, nas pessoas do professor Nivaldo Rizzi e da Jussara. Nesse contexto a coordenação e a administração da Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, representada pelos professores Ademir De Marco, Ricardo Machado Leite de Barros e Tânia.

Incomensurável foi o auxílio prestado por determinadas pessoas, no que diz respeito à coleta e pesquisa das fontes para a elaboração desta tese. Meu melhor muito obrigado às indicações, declarações e contribuições de Cida Santos, da **Folha de S. Paulo**; a Ester Lima, da assessoria de imprensa da Confederação Brasileira de Voleibol; a Elizabeth Rocha Krüger e toda a equipe de coordenação da Universidade do Esporte; a Scheila, da biblioteca do Departamento de Educação Física da UFPR; a Maria Auxiliadora Castanheira (Dôra), do Centro de Excelência de Voleibol Rexona; a Janice Zarpellon Mazo, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; a José Francisco do Santos (Chico), assistente técnico e supervisor de Voleibol da CBV; a Sérgio Tadeu Meggetto, da Secretaria de Esportes do Estado do Paraná-Ginásio do Tarumã; a Marilena Lunkmoss, da Federação Paranaense de Volleyball; ao pessoal responsável pelos arquivos dos jornais **Folha de S. Paulo** e **Estado de S. Paulo** e à equipe do Banco de Dados e Imagens da Editora Abril Cultural Ltda.

Também gostaria de agradecer aos membros da banca examinadora, os professores Miguel Cornejo, Roberto Rodrigues Paes e Márcio Sérgio Batista Silveira de Oliveira, pelas relevantes considerações e apontamentos, e em especial ao professor Gustavo Luis Gutierrez, que acompanhou desde o início este trabalho.

Por fim, incluo nestes agradecimentos alguns colegas, de graduação, especialização, mestrado, doutorado e outros caminhos da vida, que, de alguma forma, mesmo que a distância, deram algum tipo de apoio e incentivo. Obrigado a Luis Simões de Oliveira Neto, Pedro Angelo Pagni, Carlos da Fonseca Brandão, Sara Quenzer Matthiesen, Rogério Rodrigues, Sérgio de Almeida Ramalho, Roberto Ferraz Gonzales, Luis Ricardo Bauch Gregatto, Carlos Alberto Alves de Araújo, Valter Brighetti, Wilson Akira Nakata, Paulo Marcos Coelho, Marco Aurélio Daroz, Giancarlo Ragonese, Mauro André Frare, Paulo Sérgio Sampaio, Wagner de Oliveira, João Carlos, João Arthur, Sérgio e Rosa Kazuo, Gustavo Lofrano Fráguas (*in memoriam*), Alfredo Montesso, Eduardo Darós, Irineu Negreto Júnior, Américo Bottino Neto, Sylvio Andreozzi, Vanderlei Carlos Vick, Jairo Franco, Márcia Regina e Afonso Celso Vívolo, José Pereira de Melo, Eline Porto, Yara M. de Carvalho, Pedro Paulo Maneschi, Silvana Seffrin, Iverson Ladewig e André Luis Félix Rodacki.

E, como não mencionar, Simba e Joventino, que me ensinam a arte de viver, ou Jamilly e Gianluca, que me ensinam a arte de sonhar...

Curitiba, primavera de 2001.

## **AGRADECIMENTO ESPECIAL**

Um agradecimento todo especial a meus pais, Wanderley Marchi e Marlene Bueno de Moraes Marchi (*in memoriam*), e minha avó Beatriz, por conta do amor, dedicação e exemplos com os quais nortearam minha vida.

E também ao professor Ademir Gebara, que, além de proporcionar e dividir comigo momentos de inspiração, transpiração, apoio e incentivo, incluiu nesse caminho o sabor do verdadeiro e sincero sentido da amizade.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>CAPÍTULO 1 - PARA ANÁLISE DO CAMPO ESPORTIVO</b> .....	19
1.1 O MODELO DE ANÁLISE SOCIOLÓGICA DOS CAMPOS DE PIERRE BOURDIEU.....	27
1.2 A TEORIA DO JOGO COMPETITIVO DE NORBERT ELIAS .....	56
<b>CAPÍTULO 2 - DELIMITANDO O CAMPO ESPORTIVO: O VOLEIBOL</b> .....	71
2.1 A INVENÇÃO DA MODALIDADE: SUA DIFUSÃO E INSTITUIÇÕES.....	72
2.2 A PROJEÇÃO E O “ROMANTISMO” DO VOLEIBOL NOS ANOS 70	98
<b>CAPÍTULO 3 - DO <i>ALL LÁTEX</i> AO <i>ASICS TIGER</i>: O PROCESSO DE RESIGNIFICAÇÃO DO VOLEIBOL</b> .....	118
3.1 AS ESTRUTURAS DA PROFISSIONALIZAÇÃO DO VOLEIBOL NA DÉCADA DE 80.....	118
3.2 AS DIMENSÕES DA ESPETACULARIZAÇÃO DO VOLEIBOL NA DÉCADA DE 90.....	171
<b>CONCLUSÕES</b> .....	225
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	236
<b>ANEXOS</b> .....	256

## RESUMO

Este estudo tem como ponto de partida uma história de vida envolvendo o Voleibol como uma prática educacional, esportiva e de pesquisa acadêmica. Nesse contexto, definimos a história do Voleibol brasileiro nas últimas três décadas como objeto de estudo. Analisando as peculiaridades contidas na história dessa modalidade, que foram detectadas desde sua criação, percebemos que o Voleibol apresentou transições. Denominamos de **viradas** as passagens do período de amadorismo para o de profissionalismo e posteriormente de espetacularização do esporte. Da problematização dessas **viradas** decorre a hipótese de que as estruturas atuais do Voleibol, assim como de outras modalidades que percorreram os caminhos da espetacularização, não estão perspectivando exclusivamente a criação de um contingente populacional de praticantes, e sim um emergente mercado consumidor de símbolos e signos sociais circunscritos aos capitais de uma prática esportiva distintiva. Em termos de objetivos do estudo, buscamos identificar como e por que ocorreram essas transições na história da modalidade, além de explicitar as relações, conseqüências e interdependências estabelecidas nesse trajeto, que, num sentido lato, redirecionou e metamorfoseou o sentido e a lógica do consumo e da prática do Voleibol. Para tanto, pesquisamos o maior número de fontes possível para recuperar, constituir e analisar a história recente do Voleibol brasileiro. Como referencial teórico-metodológico, utilizamos os principais conceitos da teoria dos campos de Pierre Bourdieu e, complementarmente, o modelo do jogo competitivo de Norbert Elias. Na análise do material pesquisado, encontramos subsídios teóricos e empíricos que corroboraram a leitura do processo de resignificação do Voleibol, em consonância com as disposições e perspectivas da sociedade de consumo.

Palavras-chave: Voleibol, História e Sociologia do Esporte, Amadorismo, Espetacularização.

## ABSTRACT

This study has as a starting point a story of life involving volleyball as an educational, sportive and academic research practice. In this context, the Brazilian volleyball's history in the last three decades was defined as the focus of this study. Analysing the peculiarities in the history of this sport, which were detected since its creation, it is noticed that volleyball has passed for transitions. The changes from amateur to professional and later spectacular sport were called **turning points**. From the problematic of these **turning points** emerges the hypothesis that the structure of the actual volleyball and other sports that follow the same spectacular sport's path do not have the creation of a contingent of adepts as aim, but an emerging consuming market of symbols and social signs related to the capital of a distinctive sporting practice. In terms of aims of this study, it was attempted to identify how and why such transitions occurred in the history of this sport and to explain the relationships, consequences and interdependencies established in this course, which, in a broad sense, redirected and transformed the sense and logic of consumption of volleyball's practice. For such a purpose, the largest number of references was searched to recover, constitute and analyse the recent story of the Brazilian Volleyball. As a theoretic-methodological background, the main concepts of the "theory of fields" of Pierre Bourdieu was used with the complementary support of the "competitive game model" of Norbert Elias. From the analysis of the references, theoretical and empiric subsidies that corroborate with volleyball's change of goals were found in consonance with the dispositions and perspectives of a consuming society.

Key-words: volleyball; history and sport sociology, amateurism, sport spectacle.

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA-FEF-UNICAMP**

M332s Marchi Júnior, Wanderley  
“Sacando” o Voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000) / Wanderley Marchi Júnior. -- Campinas, SP : [s.n.], 2001.

Orientador: Ademir Gebara  
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física

1. Voleibol. 2. Voleibol-Brasil-História. 3. Esporte-Aspectos sociológicos. 4. Profissionalização. 5. Esporte. I. Gebara, Ademir. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

## INTRODUÇÃO

Ano de 1978, extinta Escola Estadual de Primeiro Grau Irineu Penteadado, em Rio Claro, interior de São Paulo. Naquele ano, fazíamos parte da equipe de Voleibol que representava a escola nos Jogos Escolares Municipais – competição reveladora de futuros atletas que seriam convidados a jogar nos principais colégios e seleções da cidade.

Ao professor de Educação Física destinava-se a função de recrutar, dentre seus alunos, aqueles que poderiam melhor defender o nome da instituição. Como hoje, o professor enfrentava dificuldades de toda ordem, da escassez de material esportivo – passando pela ocupação de espaços improvisados – aos problemas de remuneração e necessidade de vários empregos. Os alunos que compunham as equipes de competição das diversas modalidades esportivas eram, invariavelmente, os mesmos.

Durante a competição, a equipe de Voleibol da escola firmou-se. Não por decorrência de méritos técnicos, táticos ou físicos do time, pelo contrário, o motivo dessa ascensão estava no banco de reservas. Era o professor de Educação Física. Na verdade, ele tinha pouco interesse pela modalidade – foi jogador profissional de Futebol –, porém sua vontade de vencer, de superar as dificuldades e sua perseverança foram exemplares e ficaram gravadas na memória daquele grupo de adolescentes.

Fizemos a final do campeonato contra um colégio particular de origem alemã, onde os alunos – na maioria internos<sup>1</sup> – possuíam um treinador especializado nas modalidades esportivas, horários estabelecidos para treinamentos, instalações adequadas e material esportivo compatível com o número de participantes.

Não perdemos, fomos derrotados! Essa, indubitavelmente, não foi a nossa partida mais significativa em termos de representatividade ou expressividade esportiva, mas com certeza foi uma, dentre outras, que se tornou inesquecível. Era decididamente o começo de tudo e o prenúncio desta tese.

---

<sup>1</sup> Termo utilizado para designar alunos que residem em período integral nas dependências do colégio. Nesse caso, a maioria dos internos eram crianças de origem socioeconômica elevada e oriundas de diversas cidades do Brasil.

Passada a frustração da derrota e o reconhecimento da superação, completamos o ciclo do antigo primeiro grau. A insatisfação estava criada por conta do dissabor de ter que deixar o local onde construímos laços que somente a cumplicidade do convívio esportivo é capaz de explicar. O destino para outro colégio era desconhecido. Muitos dos colegas foram para outras escolas públicas de segundo grau, outros foram trabalhar. Graças ao esforço e dedicação de nossos pais, pudemos efetuar a matrícula em um colégio particular da cidade.

Como confirmação da nossa ida para essa instituição, esse mesmo professor de Educação Física revelou que estava sendo contratado definitivamente por essa escola particular e que havia me indicado para uma bolsa de estudos para jogar na equipe de Voleibol do colégio. Não é preciso descrever a dimensão da emoção sentida.

O primeiro dia na escola também foi inesquecível. Da instituição pública de classe média baixa, repentinamente, ocorreu a transferência para um universo totalmente distinto. Eram adolescentes exibindo roupas, calçados, acessórios e comportamentos que definiam os seus respectivos *status* sociais. Alguns distintamente, enquanto outros abusavam dessa situação. Foi óbvio o constrangimento diante desse quadro.

Era chegada a hora das atividades no ginásio de esportes e, para surpresa, havia mais de trinta jovens para o “peneirão”.<sup>2</sup> O espanto tinha um azo plausível. Caso reprovado nos testes – a concorrência parecia brutal –, provavelmente, a bolsa de estudos seria cancelada.

Começou o teste. O treinador dividiu as equipes, colocando-as em quadra para jogar. A cena beirava o patético. Alguns, anteriormente estudantes de colégios particulares, destacavam-se com muita naturalidade e previsibilidade. Outros, nem sequer sabiam por que estavam ali, mais atrapalhavam do que efetivamente

---

<sup>2</sup> Essa expressão é usada para definir a atividade seletiva em diversas modalidades esportivas. São realizadas baterias de testes técnicos, habilidades com bola e aplicação dos fundamentos em situação de jogo. Em algumas modalidades, existem também os testes de avaliação física. Este procedimento ainda hoje é utilizado pelos principais clubes brasileiros para recrutar jovens na montagem de suas equipes nas categorias inferiores às adultas. Como curiosidade, no caso do Voleibol, temos a folclórica ilustração do “teste da porta”, onde o garoto de determinada idade que não tiver que curvar-se para passar por uma porta de determinada altura é eliminado automaticamente do processo de seleção. Cf. FRASCINO, José. Peneira no Banespa. **Anuário 92/93 da Federação Paulista de Volleyball**. São Paulo: Promoplan, 1994. p. 22; e VÔLEI – Canoas (RS). **Folha de S. Paulo**, 27. fev. 2000.

disponibilizavam-se a alguma chance de aprovação. De maneira tímida e esporádica, tínhamos contato com a bola. Em princípio, parecia que o treinador já sabia quem selecionar para as equipes, pois em vários momentos dos jogos ele entretia-se em conversas paralelas ou outras ações que desviavam sua atenção da quadra.

Num dos raros momentos em que ele dirigiu o olhar para a disputa, uma bola – fruto de um saque de baixo grau de dificuldade – é remetida para nossa quadra e, em condição de recepcioná-la, apresentam-se dois postulantes a jogador. Eis que, para infelicidade particular, o concorrente – que pouco ou nenhum interesse tinha em estar na equipe – fez um deslocamento em direção à bola e estagnou-se. Resultado: a bola foi ao solo entre nós dois. Trocamos olhares e pensamentos por alguns segundos com o mais desprezível sentimento. Hoje, percebemos que naquele instante consolidava-se o entendimento inicial sobre o que o esporte e a competição podem representar na vida das pessoas.

A lista dos doze selecionados seria divulgada em edital do colégio na semana seguinte. A angústia aumentava com a possibilidade do corte – situação bem provável após descrição da cena anterior. Surgiu a lista e para alívio, mesmo que temporário, o treinador decidiu convocar dezesseis garotos para iniciar os treinamentos. Após esse dia, tudo transcorreu na forma desejada. O treinador realizou um trabalho brilhante com aquela equipe. Era um jovem perfeccionista que desejava firmar-se no Voleibol estadual – fato que posteriormente veio a ocorrer. Não obstante o curto espaço de tempo, conquistamos vários títulos com a equipe. Por exemplo, vencemos aqueles que no ano anterior nos haviam vencido na escola pública.

Após o trabalho desenvolvido nesse colégio, o treinador ficou responsável pelas seleções da cidade e, nessa transição, fez a convocação de um novo grupo. Três foram os garotos do nosso colégio selecionados para a equipe adulta. Nossas realizações esportivas estavam por vir. Posteriormente, esse treinador foi contratado por um clube de outra cidade vizinha e, de imediato, ele nos proporcionou nosso primeiro contrato remunerado como atleta de Voleibol e a inserção definitiva nos meios competitivos estaduais da modalidade.

Fruto da identificação com o esporte, e com considerável carga horária dedicada à *performance* competitiva, ingressamos no 3.º grau com o intuito de

conquistar o direito do exercício profissional e formação acadêmica competente. Nesse momento (meados da década de 80), uma crise apresentou-se. A maioria das produções teóricas da Educação Física questionavam o caráter reprodutivista, biologicista e positivista da área, com vistas a uma redefinição paradigmática que deslocasse o eixo da aptidão física para a cultura corporal, motricidade humana ou ação motriz. Por conta desse contexto, o objetivo profissional ficou “em xeque”. Havia surgido outra opção, diferente da proposta inicial de formação e desenvolvimento do técnico desportivo.

Paralelamente a essa vivência acadêmica – farta em contradições –, permanecemos no esporte competitivo, que, em determinadas situações, pode ser considerado semi-profissional. Inseridos no Voleibol, tivemos a oportunidade de trabalhar em vários clubes e cidades do Estado de São Paulo, conhecemos a realidade empírica do esporte sendo mediada por atletas das mais diversas origens e formações, assim como técnicos, dirigentes, preparadores físicos e toda a estrutura que o esporte competitivo amador implica.

Esse trajeto, narrado brevemente, poderia ter sido interrompido frente a uma reprovação no processo de “peneira”. Caso essa especulação fosse concretizada, possivelmente não estaríamos nesse momento apontando para a discussão acadêmica de um objeto de estudo, próximo de um objeto de vida. Portanto, é fundamental dar o devido destaque nesses prolegômenos iniciais ao professor de Educação Física (exemplo e motivo incontestes dessa escolha profissional), ao primeiro treinador (responsável pelas portas que se abriram) e, porque não, ao companheiro de “peneira” que também foi selecionado mas, como parecia desde aquele momento, não prosseguiu no esporte.

O Voleibol foi, dentro da nossa história de vida, um espaço institucional que possibilitou experienciar *in locu* as variadas formas de utilização do componente esportivo na sociedade. Nessa vivência, evidenciamos, por exemplo, momentos em que o esporte era tido como um meio de perpetuação do individualismo, de ascensão social e, principalmente, uma apologia da imagem vencedora e seletiva. A veiculação dessas idéias pela propaganda televisiva e o surgimento dos laboratórios de pesquisas

fisiológicas e biomecânicas fizeram emergir ou consolidar áreas de estudos específicas do Treinamento Desportivo.<sup>3</sup>

Nesse percurso acadêmico e esportivo, foram-se dezoito inesquecíveis anos. Ao final deles, absorvendo as informações e os conhecimentos, conseguimos concluir a graduação, a especialização e o mestrado em Educação Física. Hoje, diante das perspectivas traçadas pelo amplo espectro de abordagem do fenômeno esportivo e das inquietações advindas da experiência esportiva vivida, definimos a trajetória do Voleibol nacional nas três últimas décadas como um objeto de estudo.

\* \* \*

Na história dos esportes, podemos destacar momentos em que eles foram identificados como instrumentos disciplinadores da juventude, responsáveis pela construção do conceito de cidadania travestida pelo espírito nacionalista e pelo civismo, elementos de dispersão do movimento estudantil, elitizadores e selecionadores de determinada parcela da população que preenchia os requisitos de *performance* física em detrimento da capacidade intelectual e, finalmente, uma mercadoria. Como tal, o esporte pode refletir as inter-relações da estrutura econômica, política e ideológica da sociedade capitalista.

Dessas identificações das funções e utilizações do esporte, visualizamos os múltiplos planos de contradições explicitadas na prática diária da modalidade. Empiricamente, desenhava-se uma situação conflitante para o praticante, que obtinha sua subsistência no Voleibol, e para o estudante, que buscava ampliar seus conhecimentos e obter formação profissional.

Entendendo, sumariamente, o conceito de esporte como uma atividade física em constante desenvolvimento, construída e determinada conforme uma perspectiva sociocultural, e em franco processo de profissionalização, mercantilização e espetacularização, detectamos relações pelas quais formulamos algumas

---

<sup>3</sup> A esse respeito, ver GHIRALDELLI JR., Paulo. **Educação física progressista**. São Paulo: Loyola, 1988; BETTI, Mauro. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Melhoramentos, 1991; MARCHI JR., Wanderley. **Classificação das tendências da educação física**: uma abordagem filosófica-educacional. Campinas, 1994, Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas; e GUTIERREZ, Gustavo Luis et al. A produção teórica da educação física e sua crise paradigmática. **Conexões: educação, esporte e lazer**, Campinas, v. 1, n. 1, jul./dez. 1998.

considerações problematizadoras centradas no Voleibol e na sociedade contemporânea.<sup>4</sup>

O Voleibol desenvolveu-se por conta de uma trajetória pautada na criação de um jogo com características específicas para atender aos anseios de um determinado grupo social, passando pelo discurso de componente da formação integral na Educação Física escolar, chegando aos dias atuais, onde encontramos equipes de competição inseridas na espetacularização e profissionalização do esporte.

O Voleibol é um esporte criado a partir de uma peculiaridade não descrita pelos historiadores da área, preocupados em relatar e destacar etapas evolutivas das práticas culturais, dos jogos ancestrais ou populares e dos passatempos que foram desportivizados na Europa. Dito de outra forma, o Voleibol constituiu-se como um esporte moderno com características e instituições distintas dos esportes de origem européia e, nessa condição, coerentemente, foi modulado pelas leis e estruturas que organizavam a sociedade norte-americana, local de sua invenção.

Nos Estados Unidos da América do Norte, os esportes modernos desenvolveram-se por conta de processos elitizantes na organização dos clubes ou associações atléticas e, posteriormente, na formação das equipes escolares competitivas. Nesse quadro, assentou-se uma nova burguesia americana que superava as restrições ideológicas e religiosas impostas ao lucro, não perdendo de vista os princípios do utilitarismo, da racionalidade, do nacionalismo e da eminente sociedade de consumo de massa.<sup>5</sup>

No entendimento de Hobsbawm,

...as últimas três décadas do século XIX assinalam uma transformação decisiva na difusão de velhos esportes, na invenção de novos e na institucionalização da maioria, em escala nacional e até internacional. Em segundo lugar, tal institucionalização constituiu uma vitrina de exposição para o esporte, que se pode comparar (sem muito rigor, naturalmente) à moda dos edifícios públicos e estátuas na política, e também um mecanismo para ampliar as atividades até então confinadas à

---

<sup>4</sup> Ao evidenciar essa conceituação de esporte, é importante destacar que a fizemos respaldados nas nossas constatações empíricas e nas definições ou contextualizações provenientes dos autores utilizados no estudo, em suas respectivas obras, sobre a construção histórica do esporte moderno.

<sup>5</sup> Para um aprofundamento no estudo das relações entre as características da sociedade norte-americana no final do século XIX (início do XX) e o desenvolvimento de suas manifestações esportivas, consultar o capítulo 1 (e suas referências). PRONI, Marcelo Weishaupt. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. Campinas, 1998. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas.

aristocracia e à burguesia endinheirada capaz de assimilar o estilo de vida aristocrático, de modo a abranger uma fatia cada vez maior das “classes médias”.<sup>6</sup>

Há uma tímida versão preconizadora de que o Voleibol tenha sido uma adaptação ou evolução do *Faustball* (Punhobol) praticado pelos militares da Alemanha, no final do século 19. Entretanto, podemos afirmar que o Voleibol no Brasil, nitidamente, não evoluiu do Punhobol da nação tedesca, da queimada, do câmbio ou de qualquer outro tipo de manifestação ou jogo popular. Ele foi inserido nacionalmente pelo processo de propagação da nova modalidade esportiva americana. Categoricamente, não houve no Voleibol brasileiro esportivização de práticas culturais, houve sim uma importação do esporte e do respectivo conjunto de símbolos e estruturas desse campo.<sup>7</sup>

Outro dado relevante pode ser acrescentado ao se evidenciar que o berço do Voleibol foi numa emergente sociedade capitalista, especificamente, em uma associação representativa da comunidade cristã norte-americana. Esse quadro é distinto do originário de outras modalidades.

A origem do Futebol pode, significativamente, simbolizar a produção cultural européia advinda da aristocracia e média/alta burguesia com propósitos de atender a princípios distintivos de classes dentro do sistema educacional inglês. Também deve-se levar em consideração que a Inglaterra, em meados do século 18 e início do 19, apresentava experiências sociais completamente diferentes das estabelecidas pela contingência geopolítica e econômica dos Estados Unidos no final do 19. Um exemplo dessa diferenciação pode ser visto em Richard Holt, quando ele afirmou que o “espetáculo esportivo britânico moderno, diferente do baseball americano, era comercial mas não capitalista”.<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> HOBSBAWM, Eric. A produção em massa de tradições: Europa, 1870 a 1914. In: \_\_\_\_\_. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 306.

<sup>7</sup> Sobre o movimento de importação dos esportes, podemos referenciar MAGUIRRE (1990) a partir da análise sobre o desenvolvimento do futebol americano na Inglaterra, onde ficou ressaltada a influência de um processo de americanização da cultura inglesa responsável pela difusão da modalidade. Tal mecanismo obteve sustentação nas diretrizes de comercialização de práticas já comercializáveis na Inglaterra. MAGUIRRE, J. More than a sporting touchdown: the making of american football in England 1982-1990. **Sport Science Review**, n. 2, v. 1, p. 213-237, 1990. Apud GEBARA, Ademir. Esportes: cem anos de história. In: III ENCONTRO NACIONAL DA HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, Curitiba, 1995. **Coletânea...** Curitiba: UFPR, 1995, p. 128.

<sup>8</sup> HOLT, Richard. Sport and History: the state of the subject in Britain. **Stadion: International Journal of the History of Sport**. XVIII, 2. Academia Verlag-Sankt Augustin, 1992, p. 293. “modern

Uma citação do texto de Holt, com críticas sobre as tendências tradicionais de analisar a história do esporte na Inglaterra, pode ser ilustrativa na diferenciação do desenvolvimento dos esportes modernos e a respectiva importância das pesquisas históricas nos países europeus e na América do Norte. O autor ressaltou a relevância e as novas perspectivas dos trabalhos norte-americanos em concorrência ao velho continente. Também apontou novas possibilidades metodológicas de estudos regionalizados, levando em consideração as culturas, os universos e as realidades locais:

O vigor e a variedade da tradição européia na cultura física expõe algumas das nossas limitações etnocêntricas; em particular o britânico tem a tendência de ver os esportes como parte de uma inevitável evolução do jogo de formas inferiores para superiores. A História é escrita pelos vencedores e no esporte europeu o futebol foi o eventual vencedor. Mas isso aconteceu somente depois de um longo esforço diferente de qualquer coisa que aconteceu aqui. A literatura escandinava e germânica tem sido cuidadosa ao desafiar a hegemonia do “esporte”, e em particular o trabalho de Hennig Eichberg tem sido associado à alternativa histórica do uso do corpo; voltando-se para a América do Norte, as peculiaridades dos britânicos não são menos impressionantes, como tem revelado a grande quantidade de trabalhos americanos e canadenses – alguns de elevado padrão.<sup>9</sup>

Do conjunto das observações apresentadas, temos que a história do Voleibol respeitou um trajeto que se desviou da exclusividade eurocêntrica na criação de jogos desportivizados e práticas culturais. Porém, convém lembrar que a suposta autonomia na invenção de determinados esportes acarreta outro conjunto de peculiaridades, características e conseqüências que são delineadas no momento de sua criação e também no seu desenvolvimento.

Nesse sentido, a questão seria saber se na origem diferenciada do Voleibol não estaria embutido um sistema de disposições que potencializam um novo campo social esportivo. E mais, qual seria a lógica das relações sociais determinadas no

---

british spectator sport, unlike American baseball, was commercial but not capitalist.” (Tradução de WMJr.)

<sup>9</sup> Id. Ibid., p. 281-282. “The vigor and variety of the European tradition in physical culture exposes some of our ethnocentric limitations; in particular the British have a tendency to see their sports as part of an inevitable evolution of play lower to higher forms. History is written by the winners and in European sport football was the eventual winner. But this happened only after a long struggle unlike anything that happened here. The Scandinavian and German literature has been careful to challenge the hegemony of ‘sport’ and in particular the work of Hennig Eicheberg has been associated with expounding alternative historical uses of the body; turning to North America the peculiarities of the British are no less striking as the mass of American and Canadian work – some of a very high standard – has revealed.” (Tradução de WMJr.)

desenvolvimento da modalidade? A história do Voleibol pode ser considerada como o relato de um “esporte vencedor”?

O desenrolar do trajeto histórico do Voleibol definiu momentos de ruptura e transformações necessárias para que ele pudesse vir a ser uma “modalidade esportiva viável” – expressão utilizada por alguns personagens de sua história. Tratando especificamente do Voleibol no Brasil, percebemos que, após sua inserção, a modalidade desenvolveu-se em clubes de elite. Curiosamente, associou-se aos clubes de Futebol de reconhecida representatividade nos anos 60, em termos de conquista de títulos, notoriedade da qualidade técnica de seus atletas, conservação dos principais ídolos esportivos nacionais e, conseqüentemente, o recrutamento de massas populacionais simbolizadas pelas grandes torcidas.

Esse dado reforça o argumento de que o Voleibol não foi uma prática desportivizada ou um jogo popular que se desenvolveu no interior da escola, por exemplo. Pelo contrário, ele chega no Brasil com o *status* e as características de um esporte de origem norte-americana, e assim é tratado e inserido no espaço para as manifestações desse quilate, ou seja, nos clubes esportivos.

Entretanto, a estrutura clubística do Futebol, independentemente da brutal teia de interconexões que se estabelecem nessa modalidade, não proporcionou o desenvolvimento nem tão pouco a incursão desejada. Até meados de 70, o Voleibol sucumbiu à momentos de dependência e subordinação hierárquica nas administrações dos clubes e, substancialmente, viveu a fase do mais expressivo amadorismo, seja ele manifestado na sua prática ou nas entidades responsáveis pela sua organização.

Nesse período, pode-se evidenciar, pelos depoimentos das pessoas que vivenciaram o Voleibol e pelos documentos que relatam a história da modalidade, que a relação amadora com o esporte criou uma idiossincrasia romântica no seu desenvolvimento, arrastando consigo discriminações, abnegações, improvisações, limitações, restrições e outras tantas características inerentes às práticas permeadas por esse processo.

Muito embora essa tenha sido a tônica na maioria dos esportes no Brasil, porém não exclusivamente<sup>10</sup>, algumas modalidades partiram para a ruptura desse estado de coisas. Em última instância, a manifestação amadora, romântica e descompromissada de uma prática esportiva internacionalmente reconhecida pode espelhar uma estrutura limitadora do desenvolvimento e representatividade de uma nação. O Voleibol, provavelmente, foi a modalidade pioneira que aventurou-se no desenho revolucionário da sua prática, organização e administração.

Nesse sentido, qual seria a importância para o Brasil ter no Voleibol uma modalidade capaz de divulgar uma representação nacional? Quais são os fatores que inscrevem um país e seu possível potencial desenvolvimentista numa competição esportiva internacional? Como ocorreu a ruptura com o modelo romântico do Voleibol, que pode ser perfeitamente evidenciada ao compararmos a modalidade nos idos dos anos 70 com a atual configuração do final da década de 90? Por que os dirigentes do Voleibol foram os primeiros a enxergar novas perspectivas administrativas, servindo posteriormente de “modelo” para outras modalidades?

Em princípio, essa fase romântica da modalidade foi muito significativa para a aceitação do Voleibol, pois nela iniciou-se um processo de divulgação e expansão da modalidade. Aos amadores eram reservados os espaços propícios para prática, ou seja, os clubes de elite. Entretanto, alguns custos e sacrifícios eram cobrados daqueles que pretendiam inserir-se nesse campo sem possuir as características sociais necessárias. A ex-jogadora Isabel confirmou essa condição ao relatar que pedia escolaridade e trabalho das irmãs, com o objetivo de sustentar a família, enquanto ela dedicava-se aos treinamentos. Em suas palavras, na década de 70 “o Voleibol não dava dinheiro, mas eu queria fazer na vida o que eu gostava”.<sup>11</sup>

O processo de transformação do Voleibol nacional possui certas particularidades. De início, a modalidade sofreu rupturas de ordem interna e externa na sua prática. No final da década de 60, culminando nos primeiros anos de 70, o Voleibol internacional conheceu a revolução implantada por uma escola oriental que

---

<sup>10</sup> Sobre o amadorismo no esporte britânico, Holt afirmou: “Perhaps the most central issue in the contemporary history of British sport has been the crisis and collapse of amateurism. This is the story of the decline and fall of a class of gentleman amateurs who ruled most sporting activities, only reluctantly recognizing and emancipating professionals in the 1960’s and coming into conflict with the forces of commercialism and television.” HOLT, op. cit., p. 286.

<sup>11</sup> Depoimento no programa **Dôssie Sportv** exibido no dia 8 de agosto de 2000.

estipulava novas formas de jogar e novas metodologias de treinamento, capazes de melhor preparar seus atletas para as competições da modalidade. Especificamente, o Japão obteve notoriedade ao conquistar o primeiro lugar masculino nas Olimpíadas de 1972, em Munique.

Esse quadro foi disseminado em vários países que participavam dos Jogos Olímpicos e buscavam se firmar no cenário esportivo mundial. No Brasil, a visita do técnico e precursor do Voleibol asiático Yasutaka Matsudaira e seus inúmeros cursos e palestras proferidas possibilitaram a divulgação e a repercussão do modelo japonês associado às características dos latinos. Assim sendo, a forma inicial pela qual o Voleibol era praticado em território nacional foi revista, ou melhor, redimensionada por conta de uma proposta vencedora e inovadora. Contudo, esta “proposta vencedora” não limitou sua intervenção apenas no interior das quadras, nas técnicas e táticas apuradas dos orientais ou na disciplina do treinamento físico específico. As estruturas administrativas e organizacionais para a modalidade foram outros pontos de ataque e êxito levantados pelos japoneses.

Nos últimos anos, pode-se notar uma “internacionalização” do esporte, no sentido de uma tendência para a convergência de práticas e preferências esportivas. Atualmente, segundo Holt, o esporte inglês não é tão diferente do norte-americano como já foi um dia. E não se pode mais dizer, como no século passado, que os ingleses jogam, enquanto os alemães se exercitam.<sup>12</sup>

O recorte dado na década de 70 é justificado por ser este o intervalo que notabilizou a entrada dessas informações inéditas para a prática e para a administração da modalidade. A história do Voleibol associou o ano de 1975 como um marco para a modalidade. Essa data refere-se à entrada de Carlos Arthur Nuzman na Confederação Brasileira de Voleibol.

Desconsiderando discursos em torno da criação de heróis, marcos ou mitos para o esporte, é nítida a necessidade da existência de dirigentes esportivos que viabilizem e operacionalizem mudanças. Obviamente, isso requerer qualificação, competência, formação e poder. Esses requisitos podem ser encontrados em Nuzman, sem contudo sermos induzidos à armadilha histórica que resgatou todo o

---

<sup>12</sup> PRONI, Marcelo Weishaupt. A contribuição de Richard Holt para a história do esporte. In: VII CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE, LAZER E DANÇA. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 2000. p. 335.

redimensionamento do Voleibol, responsabilizando e contemplando a figura de uma única pessoa. Na verdade, esse processo de transformação da modalidade era iminente e a repercussão internacional, inevitável nesse processo. Essa arguição evita o argumento de que um não existiria sem o outro, ou vice-versa, e conduz a retórica do sucesso, e os responsáveis por tal, aos seus devidos lugares.

É inegável a participação de Nuzman na história do Voleibol nacional, mas para o momento, o que interessa é estabelecer que sua formação cultural, sua base de apoio político e sua perspicácia administrativa atribuíram-lhe credibilidade e notoriedade nos meios esportivos, e que tal conjuntura foi constituída em decorrência do ato inicial de importação do modelo estrutural de gerenciamento esportivo oriental – posteriormente o europeu – e da sua capacidade de visualizar iniciativas e necessidades para a modalidade no Brasil.

Nesse percurso, o Voleibol passou a assumir contornos de um esporte com características profissionalizantes, capaz de arregimentar a mídia em torno de seus eventos e de canalizar o processo de espetacularização do esporte ao impulso consumista característico da sociedade capitalista moderna. Nuzman enfatizou a relevância do esporte da seguinte maneira:

Não há outra atividade no mundo moderno que gere mais entusiasmo, interesse e emoção que o esporte. Nunca na história da humanidade um ramo de nossa vida cultural e social foi tão dominante quanto é o esporte hoje em dia. Não é à toa que o esporte e os diversos negócios que dele advém constituem a vigésima maior indústria nos EUA; uma indústria maior que o petróleo, a madeira e o transporte aéreo. Nenhum evento alcança tantas pessoas ao mesmo tempo quanto os Jogos Olímpicos ou as Copas do Mundo de Futebol.<sup>13</sup>

Diante do iminente processo de transformação da prática e do gerenciamento do Voleibol que instaurou-se na década de 70, ocorreu uma união entre políticos, políticas de administração esportiva e vetores favoráveis para a incursão do profissionalismo na modalidade. Dessa convergência decorrem algumas preocupações que orientam a elaboração da tese. Quais foram os interesses e os objetos de disputa na remodelação da estrutura administrativa do Voleibol? Com a sucessão dos estados de massificação, profissionalização e espetacularização do

esporte, que tipo de relação se estabeleceu entre a oferta e a demanda do Voleibol? Como e por que a modalidade pode ser considerada uma representação da sociedade de consumo?

Do estudo empírico da história da modalidade, recortamos um exemplo regionalizado para retratar a problemática em que o Voleibol e o esporte moderno em geral estão inseridos, além de facilitar a visualização das inter-relações possíveis das questões anteriores. No ano de 1997, diante da parceria formada entre a empresa privada Gessy-Lever e o Governo do Estado do Paraná, criou-se em Curitiba uma equipe de Voleibol feminina, com um orçamento anual de R\$ 4 milhões. Na parceria ficou selada a proposta de instalação de Centros de Excelência de Voleibol-Rexona no Paraná. Estes tinham por objetivo “a divulgação do esporte para as crianças em idade escolar do estado”.<sup>14</sup> Decorre dessa ação a intencionalidade de massificar e democratizar a prática da modalidade no Estado.

O coordenador do projeto, Bernardo da Rocha Rezende, afirmou que seriam inaugurados 10 núcleos de ensino de Voleibol no interior e capital para atender 3.000 crianças da rede pública e particular de 1.º e 2.º graus e, na medida do possível, “formar jogadores de grande potencial técnico, visando as Olimpíadas de 2000 em Sydney, na Austrália, e de 2004”.<sup>15</sup>

O que, em princípio, ditava uma proposta de divulgação e democratização da prática esportiva, demonstrou-se, também, uma estratégia plausível para preparação e selecionamento de possíveis talentos para o esporte de competição em níveis internacionais.

Obviamente, percebe-se que todo projeto tem a função primária de soar eficiente e viável para suprir necessidades e anseios de uma determinada parcela da comunidade. Entretanto, existem objetivos ou metas que não necessariamente são explícitos, ou seja, eles encontram-se diluídos nas, e pelas, entrelinhas das propostas. A magnitude dos objetivos explicitados pelo coordenador do projeto Rexona, um dos principais mentores da parceria, torna-se mais proeminente ao analisarmos as

---

<sup>13</sup> NUZMAN, Carlos Arthur. A importância do *marketing* esportivo no Esporte. In: SEMINÁRIO INDESP DE MARKETING ESPORTIVO. Ouro Preto, 26 a 29 out. 1996. Brasília: Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto, 1996. p. 14.

<sup>14</sup> GAZETA DO POVO. Curitiba, 19 jun. 1997; e entrevista com Maria Auxiliadora Castanheira (coordenadora geral dos núcleos do Centro de Excelência Rexona), realizada em 14 de maio de 1999.

<sup>15</sup> Id. *ibid.*

condições nas quais eram ofertadas a prática para os iniciantes do Voleibol na década de 80 no Paraná.

Com exceção da prática escolar, que posteriormente terceirizou-se, a modalidade era desenvolvida em clubes representantes das elites. Estes clubes voltavam sua atenção para os anseios dos associados no que tange ao aprendizado de um esporte e, também, para a provável formação de equipes competitivas de baixo custo.<sup>16</sup> A ordem pretérita do Voleibol em Curitiba, assim como em grande parte do Brasil, reforçou um conjunto de procedimentos e atitudes balizadas na citada estrutura elitista e amadorística ou romântica do esporte.

Em contrapartida, no final da década de 90 ocorreu uma composição de forças em torno da modalidade, que permitiu, logo no seu primeiro ano de existência, obter o recorde de público nos jogos da equipe do Rexona, durante a Super Liga Feminina de Voleibol 97/98 – da ordem de 3.285 torcedores por jogo, em média.<sup>17</sup> A esse dado somou-se a conquista do primeiro título brasileiro na história do Voleibol paranaense.<sup>18</sup>

Potencialmente, reflete-se nas comparações desse exemplo o avanço na oportunidade de participação, de aprendizagem e na qualidade dos espetáculos de Voleibol proporcionados para a população. Não obstante, considera-se também o surgimento de um mercado consumidor do esporte associado aos produtos decorrentes da representação simbólica instalada.

Filtrando as constatações empíricas e fixando um modelo de análise nas indagações iniciais, temos que a grande questão ou o problema central do estudo encontra-se na percepção de que hoje o Voleibol – e a maioria dos esportes que percorreram o caminho da espetacularização – talvez não esteja sendo trabalhado com a perspectiva de estimular a criação de um contingente populacional de

---

<sup>16</sup> Cf. **Esporte e Ação**, Curitiba, v. 1, n. 3, p. 8-11, 1985; e, depoimentos colhidos em entrevistas com Sérgio Tadeu Meggetto (ex-atleta de Voleibol, treinador das seleções paranaenses, professor da Universidade Federal do Paraná e do CEFET, atual superintendente do Ginásio de Esportes do Tarumã/Curitiba) em 13 de maio de 1999 e Marilena Barehik Lunkmoss (funcionária mais antiga da Federação Paranaense de Volleyball, responsável pela secretaria e administração da entidade) em 24 de junho de 1999.

<sup>17</sup> O ESTADO DO PARANÁ. Curitiba, 30 mar. 1998.

<sup>18</sup> As grandes marcas de assistentes não ficaram restritas à cidade de Curitiba. Podemos apontar a participação do público em Maringá, registrado no jogo entre Cocamar (posterior Telepar) e Banespa, com mais de 7.500 torcedores no ginásio Chico Neto. O ESTADO DO PARANÁ. Curitiba, 23 out. 1993.

praticantes da modalidade, conforme objetivos explicitados em projetos, propostas e planejamentos. O sentido da massificação não é mais exclusivamente a prática esportiva. Os esportes estão sendo direcionados para a criação de espectadores apaixonados, fanáticos, em suma, consumidores em potencial dos símbolos e signos sociais que determinadas modalidades são capazes de oferecer. Nessa linha de raciocínio, a estruturação das manifestações contemporâneas do esporte está pautada em princípios que regem as concepções do mercado de bens, serviços e entretenimento.<sup>19</sup> E, no nosso ponto de vista, o desenvolvimento do Voleibol brasileiro nas últimas três décadas pode ser um exemplo para confirmação dessa hipótese.

Antes da mercantilização e espetacularização do Voleibol, as propostas de desenvolvimento do esporte estavam voltadas para o incentivo e estímulo de constituir no cidadão a efígie de um praticante, embora elitizado. Com a incorporação da estrutura mercantil nas relações sociais esportivas e a intervenção dos meios de comunicação de massas na divulgação da modalidade, a partir dos anos 80, a imagem que se tem é a do espectador “letrado”, possivelmente portador do perfil de um consumidor irrestrito do Voleibol, que corresponde a uma faixa etária específica e a uma fatia socioeconômica mais ampla da sociedade, se comparada com a elite praticante das décadas de 60 e 70.

Hipoteticamente, a consolidação da sociedade de consumo, aliada ao processo de mercantilização e espetacularização dos esportes, reestruturou o sentido da oferta e a lógica da demanda do Voleibol, marcando assim momentos de rupturas e transições na história da modalidade no Brasil.

Ao utilizar a narrativa inicial da nossa experiência esportiva, tentamos aproximar e ilustrar, minimamente, a transição ocorrida na modalidade, que passou da fase “romântica”, ou amadora, para o estágio atual de mercadoria rentável, *business*, profissão, espetáculo. Identificar como e por que ocorreu essa metamorfose no Voleibol, os efeitos inerentes e decorrentes dessa trajetória e as interdependências e relações estabelecidas e redimensionar a história desse processo de maturação ou resignificação do Voleibol brasileiro é o que traçamos como objetivos no estudo. Para

---

<sup>19</sup> Essas três esferas de análise do mercado na estruturação do esporte foram explicitadas em PRONI, Marcelo Weishaupt. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa...**, p. 58.

tanto, realizamos a análise da modalidade durante o período que compreende o intervalo das décadas de 70 a 90, verificando as categorias que compuseram esse quadro de evolução e transformações.

Como referencial teórico-metodológico, buscamos na teoria dos campos de Pierre Bourdieu um instrumental capaz de explicitar as relações que se estabelecem no contexto socioeconômico contemporâneo, aplicando-o numa leitura do desenvolvimento histórico do Voleibol. Assim sendo, utilizamos, principalmente, os conceitos de praxiologia, campo, representação social, *habitus*, poder simbólico, agentes sociais, disposições, estruturas, capital, oferta, demanda e distinção social.

Não obstante, convém destacar que mesmo tendo extrema pertinência com a problematização da tese, além de notoriedade para o estudo das manifestações culturais modernas, as categorias analíticas de Bourdieu não se apresentam de forma restritiva no texto. Pelo contrário, a análise pretendida permite a associação com outros autores que, em determinados momentos de suas obras, destinaram esforços no intento de reconhecer e explicitar os fenômenos constitutivos da sociedade. E o esporte, fazendo parte desse contingente, foi objeto de estudo em vários teóricos.

Nesse sentido, respeitando os pressupostos de Bourdieu como linha central da análise, a contribuição de Norbert Elias foi introduzida – mesmo reconhecendo os inevitáveis riscos ou polêmicas decorrentes dessa aproximação –, na perspectiva da leitura do fenômeno esportivo pela interdependência que se configura nas relações existentes nos jogos de competição. Também foram consideradas as manifestações de excitabilidade, emocionais ou miméticas, que são apresentadas nos esportes no momento da sua espetacularização. Esse conjunto de informações remete à observância do processo civilizacional estudado por Elias, principalmente se resgatarmos as arguições em torno do conceito de autocontrole.

Assim sendo, podemos evidenciar que o estudo, fundamentalmente, reporta-se à leitura da história do Voleibol, através do instrumental bourdiano, no que diz respeito à sua evolução de esporte amador para mercadoria espetacularizada no universo da sociedade de consumo, sem contudo desconsiderar a possibilidade de interpretação da configuração que traduz a emergência das relações competitivas, emocionais e miméticas no esporte. A esse propósito, a teoria do jogo de Elias, e

alguns de seus principais conceitos são inseridos na tese com o caráter complementar, ou melhor, com a perspectiva de ampliar e auxiliar a análise.

Tendo em vista essa explicitação teórico-metodológica, convém destacar que, ao desenvolvermos o trabalho, intencionamos realizar uma pesquisa histórica e descritiva do Voleibol, em aproximadamente três décadas recentes, associando-a a uma análise sociológica compatível com a leitura da sociedade nesse recorte temporal. Dito de outra forma, esse estudo trata-se de uma pesquisa sobre o desenvolvimento histórico de um esporte, balizada por uma análise de cunho sociológico, onde os atores e as estruturas sociais aparecem, circunstancialmente, de forma explícita ou implícita na descrição. Essa análise procurou respeitar o viés teórico de autores que possibilitaram a leitura e o entendimento das relações e interdependências estabelecidas na sociedade contemporânea.

Para tanto, dividimos a tese em quatro capítulos. No capítulo 1, fazemos uma retomada das possíveis formas de leitura da história dos esportes modernos. Passamos pela exposição das considerações de Eric Hobsbawm, Richard HOLT, Allen Guttmann e, preliminarmente, Norbert Elias e Pierre Bourdieu. Na seqüência, aprofundamos na nossa opção teórico-metodológica de análise, justificando sua pertinência e os motivos relativos à sua escolha. Ainda nesse capítulo, detalhamos os principais conceitos do modelo de análise sociológica de Pierre Bourdieu, além da teoria do jogo competitivo e algumas categorias fundamentais de Norbert Elias.

No capítulo 2, iniciamos a descrição histórica do Voleibol, procurando evidenciar a invenção da modalidade, o contexto de sua origem, suas vias de expansão ou divulgação internacional, as conseqüências desse processo e o surgimento das primeiras e principais instituições responsáveis pelo gerenciamento e administração da modalidade. Na segunda parte desse capítulo, apresentamos o momento de projeção internacional do Voleibol e sua inserção no Brasil, evidenciando locais e personagens. Nesse período, foi caracterizado o tratamento amador da modalidade, identificado como a fase “romântica” do Voleibol brasileiro.

No capítulo 3, descrevemos a tentativa de superação dessa versão amadora do Voleibol e a busca da profissionalização e modernização do esporte no Brasil. Nessa esteira, são destacadas as principais inter-relações estabelecidas no campo esportivo, tais como a incursão das empresas e da mídia na modalidade. O conjunto dessas

relações confirmaram a “primeira virada” no Voleibol brasileiro. Relatamos, no subcapítulo seqüente, o desenvolvimento da profissionalização do esporte, confirmada pela mercantilização do Voleibol através das modernas estratégias de *marketing* esportivo, que balizou o processo de espetacularização da modalidade. No decorrer dessa fase, foi delineada a “segunda virada” no Voleibol e as conseqüências advindas dessa transição até o final de 2000.

Ressaltamos que, tanto no capítulo 2 quanto no 3, existem várias descrições passíveis de teorizações ou incursões teóricas na narrativa, embora nem sempre realizadas. Estas somente foram efetuadas quando percebidas, no nosso ponto de vista, de extrema viabilidade ou pertinência.

No último capítulo, recuperamos do referencial teórico, das questões norteadoras, da hipótese inicial de trabalho e dos exemplos empíricos da descrição histórica subsídios e elementos para arrematar a análise sociológica, evidenciar nossas conclusões e apresentar possíveis expectativas para o Voleibol brasileiro e, talvez, o mundial.

## CAPÍTULO 1 - PARA ANÁLISE DO CAMPO ESPORTIVO

Ao discutirmos o esporte, torna-se indispensável o reconhecimento das principais leituras teóricas desse fenômeno e o processo de constituição do esporte moderno. Importante destacar que a modernidade para o esporte é algo recente, ou melhor, encontra-se em formação, delineando rupturas e continuidades que remontam meados do século 18. Respeitando essa jovialidade histórica, destacamos alguns autores que contornaram traços identificadores do fenômeno.

Eric Hobsbawm proporciona momentos de reflexão sobre a origem do esporte moderno. Para esse autor, é fundamental associar a história dos esportes ao desenvolvimento da sociedade burguesa na Inglaterra, principalmente, por levar em conta a hegemonia da referida nação em diversos setores.

A sociedade burguesa, na análise de Hobsbawm, ao constituir-se economicamente através dos possuidores de capital ou empresários na busca de lucros, homens de negócio, proprietários, profissionais liberais e altos funcionários administrativos, apresentava uma ética social responsável pela atribuição de um *status* social diferenciador na sociedade que aproximava os “burgueses ou classe média” ao estilo de vida da aristocracia.<sup>1</sup> Desse comportamento, o mais enfático seria a capacidade da família burguesa em exibir gastos sem a necessidade de controle econômico.<sup>2</sup>

Ideologicamente, a burguesia associou-se ao modo liberal de conduzir suas vidas e ambições, ambas centradas na crença ao capitalismo, na empresa privada competitiva, na ciência e na razão.<sup>3</sup> Paralelamente, pode-se relacionar nesse período o desenvolvimento urbano e industrial. Nesse sentido, a sociedade burguesa além de apresentar-se detentora de um potencial emergente de diferenciação socioeconômica

---

<sup>1</sup> Cf. HOBBSAWM, Eric. **A era do capital**: 1848-1875. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. cap. 13.

<sup>2</sup> Hobsbawm considera extremamente apropriada a definição de Thorstein B. Veblen sobre o consumo conspícuo da classe ociosa burguesa em sua obra **A teoria da classe ociosa**. São Paulo: Pioneira, 1965.

<sup>3</sup> Sobre a origem do capitalismo e as restrições impostas à associação mecânica do regime ao desenvolvimento do esporte moderno, consultar PRONI, Marcelo Weishaupt. O império da concorrência: uma perspectiva histórica das origens e expansão do capitalismo. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 92, set./dez. 1997.

e política, firmou-se também por uma proposta moral e ideológica reveladora de um novo conjunto de práticas culturais. Esse período de ascensão da classe foi considerado como a *belle époque* e estendeu-se até 1914, na cronologia hobsbawniana.<sup>4</sup>

Essas práticas culturais tinham em essência a função de expressar e traduzir a posição social de seu “consumidor”, sendo que elas expandiram suas fronteiras abarcando novas condutas que vão dos locais de moradia ao sistema educacional. Nesse percurso, os esportes surgiram como um dos componentes diferenciadores. Hobsbawm alinha a definição de esporte e classe social da seguinte forma:

A segregação residencial – mais que provável, num subúrbio elegante – era um modo de estruturar essas massas endinheiradas como grupamento social. A educação, como vimos, era outro. Ambos conjugavam-se numa prática que se institucionalizou, essencialmente, durante o último quartel do velho século: o esporte. Formalizado em torno desta época na Inglaterra, que lhe ofereceu o modelo e o vocabulário, alastrou-se como um incêndio aos demais países. Em seu início, sua forma moderna foi associada especialmente à classe média e não necessariamente à classe alta. Os jovens aristocratas poderiam experimentar, como na Inglaterra, qualquer forma de proeza física, mas o campo em que se especializavam era o dos exercícios ligados à equitação e à matança, ou pelo menos ao ataque aos animais e às pessoas: a caça, o tiro, a pesca, as corridas de cavalos, a esgrima e coisas semelhantes. Efetivamente, na Inglaterra, a palavra “esporte” era originalmente restrita a tais atividades, sendo os jogos e competições físicas (hoje chamados “esporte”), classificados como “passatempo”.<sup>5</sup>

A instituição dos esportes nesse quadro tornou sua prática um elemento distintivo e indicador de pertencimento social, ou seja, determinadas classes sociais praticavam determinadas modalidades esportivas, e certos esportes eram destinados a praticantes detentores de características sociais específicas. Para Hobsbawm, o esporte veio associar-se a um estilo de vida, a uma cultura de classe média e à educação formal no conjunto de critérios responsáveis pela identificação dos graus de pertencimento na classe.<sup>6</sup>

No bojo dessa prática esportiva, encontram-se duas formas de polarização entre os seus praticantes. São as manifestações do amadorismo e do profissionalismo que, posteriormente, seriam associadas às contradições de uma sociedade estruturada

---

<sup>4</sup> HOBBSWAM, Eric. **A era dos impérios: 1875-1914**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. cap. 7, p. 234.

<sup>5</sup> HOBBSAWM. **A era dos impérios...**, p. 255-256.

<sup>6</sup> Id. *ibid.*, p. 245.

em classes representativas do operariado e das elites. Na associação classe-prática, atribuía-se a quantidade de tempo disponível para o efetivo exercício de determinada modalidade. Nesse contexto, o espírito olímpico de Pierre de Coubertin, ao idealizar os jogos olímpicos da era moderna, foi prescrito como a essência do amadorismo burguês para o esporte.

Com a perspectiva de desenvolvimento dessa polarização no esporte, Hobsbawm indica para o amadorismo e para o profissionalismo, no sentido da construção de uma tradição cultural esportiva capaz de relacionar as interfaces dos aspectos político e social. Para o autor, os esportes de massa foram uma das manifestações no processo de invenções das tradições do final do século 19 e início do 20.<sup>7</sup>

De fato, a extraordinária rapidez com que todas as formas de esporte organizado conquistaram a sociedade burguesa, entre 1870 e os primeiros anos de 1900, sugere que o esporte preenchia uma necessidade social consideravelmente maior que a de exercícios ao ar livre. Paradoxalmente, pelo menos na Inglaterra, um proletariado industrial e uma nova burguesia, ou classe média, emergiam ao mesmo tempo como grupos autoconscientes, que se definiam um contra o outro por meio de maneiras e estilos de vida e ação coletiva. O esporte, criação da classe média transformada em duas alas com óbvia identificação de classe, constituía um dos modos mais importantes de realizar aquela definição.<sup>8</sup>

Preliminarmente, podemos abstrair a argumentação hobsbawniana de que a maioria dos esportes atuais tiveram origem na Inglaterra, considerando-se as necessidades e anseios dos aristocratas e, em grande parte, da alta e média burguesia.<sup>9</sup> Os esportes foram desenvolvidos nas escolas secundárias de elite, sendo posteriormente transformados. Os preceitos da classe média que revestiam as práticas amadoras foram substituídos no transcorrer do processo de proletarização dos esportes, consubstanciado, na seqüência, pela manifestação do profissionalismo.

O momento inicial propiciou ao *sport* facetas elitistas que, em determinadas modalidades, haveriam de ser rompidas pela profissionalização e popularização de sua prática nas camadas operárias da sociedade inglesa. O Futebol e o Boxe são bons

---

<sup>7</sup> Cf. HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. cap. 7.

<sup>8</sup> HOBSBAWM, E. **A era dos impérios...**, p. 257-258.

<sup>9</sup> Uma leitura introdutória para a discussão da obra de Hobsbawm em suas relações com o esporte pode ser encontrada no artigo PILATTI, Luiz Alberto. A interpretação do esporte na obra de Eric Hobsbawm. **Conexões: educação, esporte, lazer**, Campinas, v. 1, n. 2, p. 7-24, jun. 1999.

exemplos para elucidar essa passagem. Entretanto, alguns esportes conservaram a representação de símbolos e signos de distinção social. É o caso do Tênis, do Rugby e do Golfe, entre outros.

Não obstante o reconhecimento dessa polarização e das fases atribuídas no desenvolvimento histórico do esporte, quais seriam efetivamente os fatores distintivos do esporte moderno?

A grande questão atrás disso tudo é, se os novos esportes são essencialmente uma inovação da classe média baseada nos novos valores de competitividade e administração racional ou se um modelo fundado nas noções aristocráticas de honra e cavalheirismo é mais adequado [...]? Ou uma mistura dos dois?<sup>10</sup>

Para Allen Guttmann, a idéia de integrar o desenvolvimento dos esportes aos pressupostos do capitalismo industrial é contestada e, sob certos aspectos, refutada. O autor postula a necessidade de entendimento do esporte pelas matrizes antropológicas e culturais do jogo. Como contribuição teórica, apresenta uma conceituação para *play* (atividade lúdica), *game* (organização do jogo) e *sport* (competição com regras oficializadas).<sup>11</sup>

Em sua análise, o que identifica os esportes modernos são as respostas dadas às necessidades e características da sociedade em que eles estão inseridos. Por aproximação aos conceitos weberianos de tipo ideal e racionalidade organizacional, Guttmann associa o perfil dos esportes aos aríetes da modernidade e ressalta que uma nova forma de organização é dada, diferente das estipuladas na Antigüidade e Idade Média.

Dito de outra forma, os esportes modernos, considerado um microcosmo, refletem as estruturas constituintes da sociedade moderna ou macrocosmo. Para esse autor, existem sete categorias que manifestam-se na constituição do fenômeno

---

<sup>10</sup> HOLT, Richard. Sport and History: the state of the subject in Britain. **STADION: International Journal of the History of Sport**, ano 18, n. 2. p. 290, 1992. "The big question behind all this is whether the new sports were essentially a middle class innovation based on new values of competitiveness and rational administration or whether a model founded on aristocratic notions of honour and chivalry is more suitable [...]? Or an intriguing amalgamation of the two?" (Tradução de WMJr.)

<sup>11</sup> Para o estudo, destacamos apenas essas três manifestações, entretanto, o autor ramifica os conceitos em sua obra. GUTTMANN, Allen. **From ritual to record: the nature of modern sports**. New York: Columbia University Press, 1978. cap. 1.

esportivo, quais sejam, o secularismo, a equidade, a especialização, o racionalismo, a organização burocrática, a quantificação e a busca pelos recordes.<sup>12</sup>

Nas argumentações de Guttmann, fica evidente a particularidade de apresentar o esporte como um dos elementos representadores da transição das sociedades tradicionais para as modernas sociedades ocidentais.<sup>13</sup>

Outra interpretação para o esporte moderno pode ser apresentada ao recuperarmos os estudos de Norbert Elias. Baseado no princípio de que as sociedades revelam meios compensatórios para aliviar as tensões do estresse provocado pelo constante esforço de autocontrolar suas emoções, especificamente a violência, Elias percebe no esporte moderno uma possibilidade de excitação e resposta a esse tipo de situação. O esporte responderia de maneira catártica e controlada à emoção mimética das relações, riscos e tensões do cotidiano, tentando aproximar o máximo possível o nível dessas emoções à condição de excitação libertadora controlada. Esse mimetismo das atividades esportivas inscreve-se em seus estudos, sendo possível identificar o patamar de civilidade que determinadas sociedades humanas apresentam.<sup>14</sup>

A principal característica que identifica o desenvolvimento de um esporte é a sua capacidade de manter na prática um equilíbrio entre as tensões, as emoções miméticas e os limites da violência ou dos danos possíveis a seus participantes sem, contudo, perder a sensação prazerosa da disputa. Esse é considerado um nível de maturidade esportiva refletido pela condição do processo de civilização de determinada sociedade.

Dentro dos parâmetros de análise de Elias, sobre a maturidade e pertinência quanto às necessidades e atribuições de uma modalidade esportiva, é possível uma incursão do Voleibol ao vermos nas palavras desse autor a importância da obtenção de um vencedor e de um constante ajuste das regras.

---

<sup>12</sup> Cf. GUTTMANN, op. cit., cap. 2.

<sup>13</sup> Não há neste tópico a intenção de levantar possíveis críticas às análises ou propostas dos autores citados, mas sim, apresentar formas de leitura sobre a historicidade dos esportes modernos. Em caso de suposto interesse na refutação do modelo e comparações de GUTTMANN, consultar PRONI, Marcelo Weishaupt. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. Campinas, 1998. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas.

<sup>14</sup> Cf. ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **Deporte y ocio en el proceso de la civilización**. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

Se demasiadas partidas acabam com um empate, quer dizer, sem uma vitória que dê vazão à tensão, é necessário reajustar as regras do jogo. Do mesmo modo, qualquer jogo desportivo pode perder sua função se em demasiados casos se alcança a vitória com muita rapidez, pois então a tensão-emoção geradora de prazer se perde ou dura muito pouco.<sup>15</sup>

Para Elias, o surgimento do esporte moderno ocorreu por conta de sua associação ao processo de civilização ocidental desencadeador de uma série de transformações nos costumes e hábitos dos indivíduos. Especificamente na Inglaterra, no século 17, onde o *sport* era tido, inicialmente, como um termo para definir os passatempos aristocráticos, é que se constituíram as primeiras regras sociais e valores que delinearão as modalidades esportivas modernas. Sempre dentro dos princípios de adequação das tensões e controle das emoções. Elias destaca que, originariamente, os esportes foram atribuições das classes sociais elevadas, contudo, a partir da metade do século 19, as modalidades entraram numa fase de absorção da sua prática pelas classes médias e pelo operariado.<sup>16</sup>

Um dado interessante para a análise da história do Voleibol é encontrado nos escritos de Elias, quando este afirma que para entender o desenvolvimento da sociedade europeia, e do próprio esporte, é importante ter o conhecimento de que os primeiros esportes a serem adotados em outros países foram as corridas de cavalo, o boxe, a caça e passatempos similares, sendo que a difusão dos esportes modernos com bola ocorreu principalmente na primeira metade do século 20.<sup>17</sup>

Segundo Elias, o que caracterizou os esportes modernos foi o impulso civilizador no processo de esportivização dos passatempos lúdicos, apontando para um conjunto de regras a serem respeitadas e um nível de ordenamento e autodisciplina no controle da violência diante das atividades miméticas do esporte, antes concebidas como jogos de competição com exercícios físicos. Em suma, as

---

<sup>15</sup> ELIAS, Norbert. **Introducción**. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric, op. cit., p. 68-69.

<sup>16</sup> Cf. ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric, op. cit.; ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v. 1; ELIAS, Norbert. **Sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994; e GEBARA, Ademir. Anotações para a teoria do processo civilizador. **Comunicações**, Piracicaba, ano 5, n. 2, p. 140-150, nov. 1998.

<sup>17</sup> ELIAS, Norbert. La génesis del deporte como problema sociológico. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, op. cit., p. 187. Para um estudo mais aprofundado sobre a expansão dos esportes nos países europeus, consultar WEBER, Eugen. **França, fin de siècle**. São Paulo: Cia das Letras, 1988. cap. 11, p. 259-283.

competições físicas tradicionais foram civilizadas e os passatempos recreacionais, esportivizados.

Pierre Bourdieu preconiza uma forma particular de entender o esporte moderno. Para ele, as manifestações que compõem o fenômeno esportivo ocupam um espaço de práticas sociais chamado de campo, no qual atribuem-se posições compatíveis com o capital social, econômico ou cultural de cada componente. No interior desse espaço, existem formas de disputas, lutas e concorrência na busca pela hegemonia de determinadas práticas, além da distinção social das pessoas envolvidas, conforme o seu potencial de poder simbólico.<sup>18</sup>

Para o esporte moderno, Bourdieu reserva a caracterização de uma representação sociocultural, introjetada na formação da sociedade, que respeita os contornos da lógica mercantil estabelecida no universo das relações humanas. Nesse sentido, o autor define que o principal responsável pelo movimento dessa engrenagem é a relação construída entre a oferta e a demanda por determinadas práticas culturais. O conjunto dessas relações pode ser comparado, analogicamente, aos pressupostos e leis que regem o mercado de produtos e consumidores. Pode-se incluir nessa análise o estabelecimento de processos de concorrência nas configurações ou campos sociais.

Destarte, o esporte é tido como um produto que respeita e reflete as estratégias mercadológicas que a sociedade moderna define por conta das inúmeras formas de intervenção e inserção social. A dinâmica implementada nesse campo goza de certa autonomia, pois, segundo o autor, cada campo constrói as próprias leis funcionais, sua cronologia específica e seus objetos de disputa, que refletem posições sociais e estilos de vida.

Bourdieu entende que, para discutirmos o desenvolvimento das modalidades esportivas, temos que tê-las inseridas no processo de mercantilização, o qual determina as estruturas constituintes da sociedade e as relações que são estabelecidas no interior dos campos.<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> Explicações mais amplas sobre o tema são encontradas nas seguintes obras do autor: **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990; **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983; entre outras.

<sup>19</sup> Um exemplo de análise marxista sobre a mercantilização do Basquetebol é encontrado em SOUZA, Ana Márcia de. **Esporte espetáculo: a mercadorização do movimento corporal**. Florianópolis, 1991. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina.

Assim sendo, o surgimento, as transformações e a evolução dos esportes são estudados a partir de uma proposta de leitura da história estrutural das modalidades. A análise da constituição dos campos do esporte moderno deve estar associada, diretamente, ao espaço social em que as manifestações esportivas construíram suas estruturas. Sobre as transições e transformações do esporte, Bourdieu é enfático:

Parece indiscutível que a passagem do jogo ao esporte propriamente dito tenha se realizado nas grandes escolas reservadas às “elites” da sociedade burguesa, nas **public schools** inglesas, onde os filhos das famílias da aristocracia ou da grande burguesia retomaram alguns **jogos populares**, isto é, vulgares, impondo-lhes uma mudança de significado e de função muito parecida àquela que o campo da música erudita impôs às danças populares, **bourrées**, gavotas e sarabandas, para fazê-las assumir formas eruditas como a suíte.<sup>20</sup>

Objetivamente, podemos dizer que Bourdieu admite a constituição do campo esportivo a partir da evolução, ruptura e transformação dos antigos jogos populares em esportes modernos, estes detentores de especificidades mercantis e convergentes para um modelo estrutural de sociedade de consumo. Entretanto, esse processo de transição não é o único existente no estabelecimento das manifestações esportivas. Houve algumas modalidades que foram inventadas sem a necessidade de respeitar um processo evolutivo da forma primária do jogo popular ou passatempo aristocrático. Elas constituíram seus campos e sua história por conta da pertinência de sua criação com a representatividade e necessidade social existentes nas estruturas de origem.

Os esportes modernos, sejam eles invenção ou manifestação evolutiva de jogos populares, segundo Bourdieu, são práticas institucionais construídas para agentes sociais com variado e distintivo potencial de consumo, que é manifestado pelas demandas no interior do campo. Nessa esteira, o fenômeno esportivo passa a

---

<sup>20</sup> BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 139 (grifos no original). Nessa mesma linha de raciocínio, podemos destacar um trecho de Sevcenko que, analisando o esporte na sociedade paulista da década de 20, ilustra a compreensão sobre o alinhamento das potencialidades sociais contidas no fenômeno esportivo moderno e a representatividade do seu poder simbólico. “Porém, nessa sua versão moderna, ao contrário da suposta liturgia antiga, ele [o esporte] não subsume o transe à totalidade cósmica, mas a um alinhamento parcial, a uma comunidade em especial, ao conjunto de valores e modelos que os vitoriosos acenam com suas flâmulas, cores, dísticos e atitudes. Os conflitos sociais, as aspirações e aflições encontram sua expressão dentro desse teatro; ele os exalta e ritualiza.” SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu estático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frenéticos anos 20. São Paulo: Cia das Letras, 1992. p. 72.

ser regido pelas relações próprias da lógica do mercado, nas quais os esportes são conduzidos ao processo de espetacularização e mercantilização.<sup>21</sup>

Considerando as construções teóricas sobre a constituição do fenômeno esportivo na modernidade, confessamos maior identificação pela abordagem do sociólogo Pierre Bourdieu, com possíveis incursões no modelo de análise da sociedade a partir do jogo de regras e competições de Norbert Elias. Os autores e suas propostas possibilitam a amplitude e a visibilidade desejada para a interpretação das relações existentes entre o esporte e a sociedade, além de apresentarem extrema pertinência com o objeto de estudo da tese, principalmente quando consideram e ilustram o esporte no seu processo de criação, desenvolvimento histórico, mercantilização e espetacularização de sua prática. Assim sendo, buscamos, a seguir, um aprofundamento nas suas propostas analíticas e principais conceitos.

### 1.1 O modelo de análise sociológica dos campos de Pierre Bourdieu

Na atualidade, o esporte tem sido considerado uma das manifestações culturais que, marcadamente, mais tem apresentado evoluções e transformações, sejam elas de ordem técnica ou referentes à forma de exposição e absorção pela sociedade. Dessa consideração, emerge o entendimento do esporte como um fenômeno social em processo de constituição, ou seja, as práticas esportivas refletem, na análise de seu contexto histórico, continuidades e rupturas que caracterizam a expansão de suas fronteiras e as afirmam como objeto de estudo passível de interpretações à luz de diferentes teorias e propostas metodológicas.

Para a realidade brasileira, o Futebol e o Voleibol são esportes que apresentaram transformações significativas mais recentes, além de se firmarem como modalidades coletivas detentoras de hegemonia na preferência nacional.<sup>22</sup>

---

<sup>21</sup> Um estudo que apresenta novas posições teórico-metodológicas e objeções à maioria das formulações de autores que focaram as características da história e dos esportes modernos é o trabalho de HOLT, Richard. **Sport and the British: a modern history**. Oxford University Press, 1989, recentemente discutido em PRONI, Marcelo Weishaupt. A contribuição de Richard Holt para a história do esporte. VII CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE, LAZER E DANÇA. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2000, p. 331-336.

<sup>22</sup> Pesquisa realizada pela agência McCann-Erickson, ESPORTE é a alma do negócio. **Placar**, São Paulo, n. 795, p. 42-47, 16 ago. 1985.

Especificamente no caso do Voleibol, a produção acadêmica é ainda reduzida, relatando, invariavelmente, preocupações com *performances* técnicas, metodologias de aprendizagem dos fundamentos, estruturas táticas primárias e análises biomecânicas ou fisiológicas de determinados gestos motores.<sup>23</sup> Alguns avanços são notados se acompanharmos o processo de constituição de novas frentes de trabalho, tendo a modalidade como tema. Contudo, de forma geral, essa representação acadêmica também é limitada. Visualizando uma contribuição para ampliação desse quadro, a opção metodológica para o estudo recaiu nos escritos do sociólogo francês Pierre Bourdieu.

Considerado um “rebelde da elite intelectual”, Bourdieu primou nas primeiras publicações de impacto, nas décadas de 60 e 70 (**Os argelinos**, 1962; **Os herdeiros**, 1964; **Uma arte média**, 1965; **O amor da arte**, 1966, **A reprodução**, 1970; **Esboço de uma teoria da prática**, 1972; **A distinção**, 1979), pela construção dos objetos de investigação e, substancialmente, destacou-se devido à fecundidade de seus métodos de análise e à originalidade de seus conceitos operacionais destinados ao conhecimento dos processos de produção e consumo cultural.<sup>24</sup>

Nesse período, o autor foi implacável no combate às correntes das teorias da informação, das análises semiológicas, das estéticas formalistas, entre outras, as quais perpetuavam “verdades” sobre as qualidades intrínsecas e constitutivas dos textos, das obras de arte e de outros bens simbólicos capazes de balizar a análise e a interpretação dos seus respectivos contextos. Como prova dessa contraposição intelectual, decorre o investimento de Bourdieu na redefinição teórico-metodológica do conceito de contexto. As palavras de Miceli explicitam o pensamento de Bourdieu nessa questão:

Remando contra essas correntes de leitura “interna”, Bourdieu investiu numa redefinição teórica do que até então passara a ser execrado, o “contexto”, a realidade social abrangente. Em lugar de formatar um novo arrazoado teórico para o lugar e os efeitos do contexto no processo de determinação de qualquer produto cultural, ou

---

<sup>23</sup> Como comprovação dessa constatação, uma visita aos arquivos universitários e acervos bibliográficos nacionais nas seções referentes ao quadro de monografias de especialização, dissertações de mestrado e teses de doutorado que tratam das modalidades em questão pode, de maneira contundente, corroborar com a argumentação. Também o levantamento de pesquisas apresentadas em anais e coletâneas de congressos nacionais e internacionais respalda este pressuposto. Em especial, conferir as coletâneas do **Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física** e os anais do **Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**.

<sup>24</sup> Cf. MICELI, Sergio. Um intelectual do sentido. **Folha de S. Paulo**, 7. fev. 1999. Caderno Mais!

melhor, em vez de renomear, por exemplo, os ligamentos entre as obras de arte e os condicionantes de sua produção e recepção, preferiu qualificar os processos de constituição dos espaços sociais competitivos em que se movem os agentes produtores e consumidores desses produtos por intermédio do conceito-chave de “campo” e de toda uma constelação de noções auxiliares, “habitus”, “capital”, “competência”, “autoridade”, etc. [...] O contexto, em sua antiga acepção de sítio abrangente de ocorrências motivadas, se esvai em favor de um balizamento derivado da história interna de uma dada atividade social, tornando os interesses e as características dos profissionais do campo, a exemplo da proposta weberiana sobre a atividade religiosa, no principal efeito de arrastão em termos de compreensão e inteligibilidade.<sup>25</sup>

A riqueza e a força da análise bourdiana toma consistência teórica e impulsiona intelectuais no sentido da afirmação de uma tradição na construção de um objeto específico da sociologia da cultura pela reinvenção de temas e procedimentos, ou melhor, uma nova forma de manusear as propostas metodológicas das ciências mais próximas.

As análises das práticas de produção e consumo culturais mobilizaram procedimentos imaginativos e heterodoxos; [...] exploraram fontes documentais até então praticamente desconsideradas, como fotos, materiais publicitários, resultados de sondagens realizadas fora da universidade etc.; remapearam o terreno social de emergência das práticas culturais, a meio caminho entre afazeres cotidianos, reclamos éticos, exigências estéticas, ritmação afetiva e pontuação expressiva.<sup>26</sup>

Reportar o reconhecimento internacional da obra bourdiana no meio acadêmico ou enfatizar a qualidade da sua produção poderia soar como um discurso redundante e plenamente dispensável para aqueles que, minimamente, tem contato com as ciências sociais. Para o momento, basta a abstração da idéia pela qual o conjunto de considerações, aceitações e mesmo refutações garantem a Bourdieu notoriedade na discussão e aplicabilidade de seu modelo de análise e interpretação da realidade em estudos de diversas frentes de conhecimento da sociedade – assim foi feito com a literatura, a alta-costura, o jornalismo, a televisão e o esporte, por exemplo.<sup>27</sup>

---

<sup>25</sup> Cf. MICELI, Sergio. Um intelectual do sentido..., p. 6.

<sup>26</sup> Id. *ibid.*, p. 6.

<sup>27</sup> Miceli destaca a intenção de Bourdieu em transgredir as divisões disciplinares assiduamente. “Embora possa parecer aos desavisados um sociólogo de carteirinha, Bourdieu se mostrou transgressor dessas divisões disciplinares e temáticas, suscitando com frequência a reação indignada de literatos e críticos de várias confissões teóricas. Basta perguntar a muitos críticos literários o que acham de *As regras da arte* para se dar conta da fúria com que reagem aos parâmetros mobilizados pela análise empreendida acerca do romance **A educação sentimental**, de Gustave Flaubert.”

Por conta dessa inserção em diferentes manifestações socioculturais, de sua preocupação com a expansão intelectual crítica e da qualidade e coerência conceitual com que elabora suas arguições a respeito de cada tema pesquisado, Bourdieu é considerado um dos maiores sociólogos da atualidade.

Não obstante a dimensão desse cenário, podemos compartilhar algumas reflexões do comentador do conjunto da obra de Pierre Bourdieu, Afrânio Mendes Catani.

Em menção à palestra proferida na Universidade Estadual de Campinas<sup>28</sup>, Catani destaca que a aceitação ou a definição por uma determinada vertente teórica é consubstanciada de forma gradativa, como que por uma espécie de encantamento e identificação. Inicialmente, afirma que o primeiro sinal é a memorização de uma frase do autor a ser eleito. Constantes recuperações dessa frase contornam o desenho de uma ferramenta que viabiliza a “resolução” de questões cotidianas do universo acadêmico.

O passo seguinte seria uma resposta à ânsia por novas frases na perspectiva de investidas mais elaboradas diante das indagações formuladas. Nessa altura, o aprofundamento em um livro torna-se condição irremediável. A continuidade desse percurso determina uma simbiose entre leitor e autor que, inevitavelmente, concretizará a identificação e aceitação de uma proposta teórica. Essa conduta levará o estudioso a preservar o seu fôlego intelectual para a incorporação da obra completa do autor escolhido. Esse seria o terceiro momento desse processo descrito por Catani.<sup>29</sup>

---

MICELI, Sergio. A condição do trabalho intelectual (comentários). In: CATANI, Afrânio Mendes; MARTINEZ, Paulo Henrique (Orgs.). **Sete ensaios sobre o Collège de France**. São Paulo: Cortez, 1999. p. 118.

<sup>28</sup> Da participação no simpósio **Lazer e motricidade: contribuições contemporâneas para a reflexão sobre o corpo e o lúdico**, realizado em outubro de 1999 na Faculdade de Educação Física da Unicamp, Catani reestruturou sua fala para o capítulo “Pierre Bourdieu e a formulação de uma teoria social que procura revelar os fundamentos ocultos da dominação”, no livro BRUHNS, Heloísa Turini; GUTIERREZ, Gustavo Luis (Orgs.). **O corpo e o lúdico: ciclo de debates sobre lazer e motricidade**. Campinas: Autores Associados, 2000. p. 53-65.

<sup>29</sup> Bourdieu, em determinada instância, afirma que “de um lado existem pessoas que conhecem muito bem o esporte na forma prática, mas que não sabem falar dele, e, de outro, pessoas que conhecem muito mal o esporte na prática e que poderiam falar dele, mas não se dignam a fazê-lo, ou o fazem a torto e a direito”. BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In: \_\_\_\_\_. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 207. Diante desta afirmação, uma incômoda questão foi levantada. Se as pessoas que conhecem o esporte não estão aptas para discuti-lo e se, hipoteticamente, os dotados dessa aptidão não o fazem ou fazem com pouca rigorosidade, quem realmente será o

Aproveitando um pouco mais das intervenções de Catani, constatam-se as dificuldades apresentadas no percurso de aproximação e entendimento dos escritos bourdianos. Para o comentador, a leitura de Bourdieu é uma tarefa que demanda um elevado nível de dedicação e concentração, isso por conta da rigorosidade conceitual empreendida pelo autor na elaboração da sua obra. Esse perfil torna a produção de Bourdieu extremamente árida para leitores menos avisados. Nesse sentido, a tentativa de averiguar e absorver seus conceitos com a devida profundidade causa ininterruptos naufrágios, os quais remetem o leitor a duas situações distintas.

A primeira delas refere-se à postura criadora de resistência à leitura, a qual, invariavelmente, distancia o leitor da obra. Essa não é a vertente mais indicada. A outra remete e convida o leitor a um processo de enfrentamento, pelo qual a produção do conhecimento e o desenvolvimento intelectual tomam formas mais consistentes e maduras. Indubitavelmente, os naufrágios devem ser entendidos como dificuldades que naturalmente são postas nesse processo, não obstante, confirmada a posição de superação dos mesmos, esses possíveis momentos de dúvidas e incertezas consolidam-se, futuramente, de forma positiva no decurso da atitude de progressividade intelectual.

Corroborando com a opção metodológica, Ademir Gebara aponta para a possibilidade de utilização de diversos modelos de interpretação do esporte, enquanto fenômeno em construção, destacando a proeminência da sociologia figuracional de Norbert Elias e da teoria dos campos de Pierre Bourdieu nesse processo. O historiador afirma que são referências responsáveis pelo avanço que temos observado nas produções acerca da temática nos últimos anos. Ressalta, contudo, que leituras precipitadas, descuidadas e equivocadas podem obscurecer esses modelos de análise, dando lugar a um ecletismo perigoso.<sup>30</sup>

Nessa esteira de raciocínio, é importante conhecer criteriosamente o modelo de Pierre Bourdieu e perceber que este foi elaborado com a obstinação de identificar os mecanismos sociais que determinam e prescrevem leis de reprodução social. Prospectivamente, após essa identificação, o autor determina como função primordial

---

interlocutor dessa manifestação cultural e fenômeno universalmente reconhecido como esporte? O “desafio” estava lançado.

<sup>30</sup> GEBARA, Ademir. A cultura da modernidade e a história dos esportes. In: MOREIRA; Wagner Wey e SIMÕES, Regina (Orgs.). **Fenômeno esportivo no início de um novo milênio**. Piracicaba: Unimep, 2000. p. 99-110.

do sociólogo o evidenciar ou o revelar daquilo que chamou de fundamentos de dominação oculta.<sup>31</sup>

Dito de outra forma, Bourdieu está centrado no questionamento da reprodução – e suas leis –, que se efetiva nas relações estruturantes da sociedade. Por conta dessa intenção, o autor estuda sua constituição e os mecanismos que perpetuam essas formas de reprodução das desigualdades sociais e pretende torná-los inteligíveis, transparentes, de fácil assimilação e compreensão por parte das pessoas que estão inseridas nessa configuração.

Recusando-se a “pregar aos convertidos”, Bourdieu mergulha na sociologia do universo científico, perseguindo a “psicologia do espírito científico” preconizada por Bachelard, desvelando o invisível, o não dito, as censuras, a lógica dos determinantes sociais de exclusão, dos comitês de seleção, dos critérios de avaliação, das condições sociais de recrutamento e do comportamento dos administradores científicos etc. Ele vai dissecar a lógica inerente de um espaço social específico, quer dizer, o campo científico, situando o sociólogo em seu interior...<sup>32</sup>

Esses objetivos e preocupações constituíram-se nos pilares iniciais que aproximaram o modelo de análise de Bourdieu ao estudo da história recente do Voleibol. A intenção de trazer à luz as manifestações ocultas de dominação e as leis de reprodução social instauradas nos vários campos sociais faz do autor, no mínimo, uma referência compatível. Além disso, sua forma de abordar a constituição do campo esportivo, seja pelo processo de espetacularização dos esportes, pela incidência dos mecanismos estruturais da sociedade capitalista ou pela formação de *habitus* esportivos sociais, oferece possibilidades concretas de reflexão, análise e entendimento da realidade e das interdependências que se estabelecem no conjunto de relações existentes no desenvolvimento do esporte moderno. Na associação entre a teoria dos campos de Bourdieu e a peculiaridade da história do Voleibol, levamos em consideração os objetivos básicos e os principais conceitos que estruturaram a lógica de pensamento no modelo bourdiano.

Das intervenções de Catani, entendemos que para superar as barreiras que distanciam o discurso científico e os potenciais consumidores dessas informações é

---

<sup>31</sup> Cf. CATANI, Afrânio Mendes. Algumas lições da aula inaugural de Pierre Bourdieu. In: \_\_\_\_\_. **Sete ensaios sobre o Collège de France**. MARTINEZ, Paulo Henrique (Org.). São Paulo: Cortez, 1999. p. 97.

<sup>32</sup> NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 14.

necessário romper com algumas características, que, em princípio, potencializam a atitude de resistência à leitura frente à iminência de um possível “naufrágio teórico”.

Para Bourdieu, a referência desse argumento de resistência à leitura é construída com base na lentidão e complexidade de elaboração do conhecimento científico (o qual requer um capital cultural específico), na impessoalidade abstrata que compõe a informação e, principalmente, na distância impetrada entre as convicções primárias do leitor e as proposições teóricas do autor.<sup>33</sup>

Dado o rompimento com essas características, consolida-se uma posição que passa pelo compromisso de resgatar a capacidade e a autonomia no campo intelectual, possibilitando, em consonância, o engajamento crítico dos agentes sociais em seus respectivos espaços de intervenção.

Para tanto, como afirma Catani, temos que entender Bourdieu como um autor criador de pensamento original, crítico, e fazer dele uma “leitura de leitor”, que pretende apropriar-se desse referencial de análise. Pensar a partir do *modus operandi* do autor e não apenas no *opus operatum*.

Nesse sentido, a contribuição de Bourdieu pode ser realçada na perspectiva de análise das condições produtoras de esquemas dominantes nos diversos campos estudados em sua obra. Pelos seus próprios pressupostos, tais esquemas geradores ou estruturas tem a capacidade de se manifestar de forma estruturada e estruturante num mesmo campo de ação e, relativamente, num mesmo espaço temporal.

Tratando de pressupostos e composição conceitual, é necessário visualizarmos que são as disposições de pensar e ver o mundo social, representadas nas estruturas e no seu poder simbólico, as principais responsáveis pela arquitetura dos conceitos em Bourdieu. E é através deles que pretendemos analisar a história do Voleibol.

Quando trabalhamos com conceitos e modelos, adverte Bourdieu, é preciso levá-los a sério, apreendê-los, controlá-los e, sobretudo, utilizá-los de modo a evitar o equívoco de torná-los fossilizados ou fetichizados. Para o autor, “um bom conceito destrói muitos falsos problemas e faz surgir muitos outros, mais reais”.<sup>34</sup>

---

<sup>33</sup> BOURDIEU, Pierre. Prólogo. In: \_\_\_\_\_. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 8.

<sup>34</sup> BOURDIEU, Pierre. O mercado lingüístico. In: \_\_\_\_\_. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 95.

Bourdieu inscreve seus pressupostos teóricos em um modelo de análise que envolve agentes sociais, estruturas e disposições num constante processo de interação epistemológica.<sup>35</sup> Identificando os conceitos básicos da sua abordagem, detectamos que categorias interpretativas da realidade, desenvolvidas em outras áreas do conhecimento, são cabíveis no âmbito de análise das questões que permeiam as discussões do esporte.

Em princípio, a relação entre o modelo bourdiano e uma modalidade esportiva pode parecer um tanto deslocada, porém a discussão sobre o esporte tem encampado um conhecimento multi e interdisciplinar, que, no limite, amplia a possibilidade de estudos e o universo de entendimento acerca da sua composição. Em adição, ao escrever sobre a definição e relevância dos objetos de estudos e seus respectivos métodos científicos, Bourdieu discute essa relação no artigo de abertura da primeira edição do **Actes de la recherche en sciences sociales**, em janeiro de 1975.

Nele, o autor inicia ilustrando uma indagação de Parmênides a Sócrates, a qual objetiva colocá-lo em situação embaraçosa diante da admissão da existência ou não de formas ou objetos que poderiam ser qualificados como insignificantes. A partir dessa ilustração, Bourdieu concerne sua argumentação sobre a hierarquização de objetos legítimos, legitimáveis ou indignos e as mediações estabelecidas no sentido da reprodução, manutenção, censura ou mascaramento da realidade social.

A hierarquia dos domínios e dos objetos orienta os *investimentos* intelectuais pela mediação da estrutura das oportunidades (médias) de lucro material e simbólico que ela contribui para definir. O pesquisador participa sempre da importância e do valor que são comumente atribuídos ao seu objeto e é pouco provável que ele não leve em conta, consciente ou inconscientemente, na alocação de seus interesses intelectuais, o fato de que os trabalhos (cientificamente) mais importantes sobre os objetos mais “insignificantes” têm poucas oportunidades de ter, aos olhos daqueles que interiorizaram o sistema de classificação em vigor, tanto valor quanto os trabalhos mais insignificantes (cientificamente) sobre os objetos mais

---

<sup>35</sup> Para uma análise epistemológica mais aprofundada da metodologia do autor, conferir os seguintes trabalhos: BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **A profissão de sociólogo**: preliminares epistemológicas. Petrópolis: Vozes, 1999; BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc J. D. **An invitation to reflexive sociology**. Chicago: University of Chicago Press, 1992; BOURDIEU, Pierre. **O desencantamento do mundo**: estruturas econômicas e estruturas temporais. São Paulo: Perspectiva, 1979; DEFRANCE, J. La sociologie anthropologique de Pierre Bourdieu: Genèse, concepts, pertinence. **Revue des Sciences et Techniques des Activités Physiques et Sportives**, Paris, v. 15, n. 35, p. 29-39, oct. 1994; e PINTO, Louis. **Pierre Bourdieu e a teoria do mundo social**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

“importantes” que, com frequência, são igualmente os mais insignificantes, isto é, os mais anódinos.<sup>36</sup>

Quando da definição do Voleibol como objeto de estudo em interlocução com um modelo de análise sociológica, sentimos certa dose de receio, vislumbrando uma suposta e equivocada classificação da pesquisa, comparando-a com trabalhos, temas e objetos tradicionais das ciências sociais. Entretanto, levamos em consideração as interpretações bourdianas que identificam os diversos sistemas de dominação existentes na sociedade, inclusive no campo esportivo. Para Bourdieu, a ciência não contrapõe julgamento de valores, somente constata que uma hierarquia valorativa antagonica está objetivamente inscrita nas práticas e seus respectivos campos.<sup>37</sup> Estimulando nossa incursão, observamos outras considerações sobre critérios cabíveis na definição de objetos de pesquisa:

...o campo dos objetos de pesquisas possíveis tende sempre a organizar-se de acordo com duas dimensões independentes, isto é, segundo o grau de legitimidade e segundo o grau de prestígio no interior dos limites da definição. A oposição entre o prestigioso e o obscuro que pode dizer respeito a domínios dos gêneros, objetos e formas (mais ou menos “teóricos” ou “empíricos” de acordo com as taxionomias reinantes), é o produto da aplicação de critérios dominantes que determina graus de excelência no interior do universo das práticas legítimas. A oposição entre os objetos (ou os domínios, etc.) ortodoxos e os objetos com pretensão à consagração, que podem ser considerados de vanguarda ou heréticos, conforme se situem ao lado dos defensores da hierarquia estabelecida ou ao lado dos que tentam impor uma nova definição dos objetos legítimos, manifesta a polarização que se estabelece em todo campo entre instituições ou agentes que ocupam posições opostas na estrutura da distribuição do capital específico. Isto quer dizer, evidentemente, que os termos dessas oposições são relativos à *estrutura* do campo considerado, mesmo que o funcionamento de cada campo tenda a fazer com que eles não possam ser percebidos como tais e apareçam a todos aqueles que interiorizarem os sistemas de classificação que reproduzem as estruturas objetivas do campo como intrínseca, substancial e realmente importantes, interessantes, vulgares, chiques, obscuros ou prestigiosos.<sup>38</sup>

Confirmado o nosso objeto de estudo, encontramos no arcabouço teórico de Bourdieu, formulações epistemológicas essencialmente estruturadas na mediação entre o agente social e a sociedade – inclui-se nesse contexto as questões do campo

---

<sup>36</sup> BOURDIEU, Pierre. Método científico e hierarquia social dos objetos. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 36 (itálicos, parênteses e aspas no original).

<sup>37</sup> Id., p. 38.

<sup>38</sup> Id. *ibid.*, p. 36-37 (parênteses, aspas e itálico no original).

esportivo. Na apropriação do pensamento teórico bourdiano, selecionamos três aspectos centrais. São eles: a explicitação do conhecimento praxiológico, a noção de *habitus* e o conhecimento do campo.

Destacamos a conferência realizada na Universidade de San Diego, em março de 1986, na qual Bourdieu confirma uma caracterização para seus trabalhos.<sup>39</sup> Tecendo um comentário irônico sobre a tendência dos intelectuais de criarem rótulos para o conjunto de idéias de seus pares, Bourdieu retrata que se tivesse que lhe aplicar um desses rótulos, o mesmo falaria de um “construtivismo estruturalista” ou de um “estruturalismo construtivista”, tendo como fundamento para a palavra estruturalismo, o sentido a ela atribuído pela tradição lévi-straussiana.<sup>40</sup>

Pelas prerrogativas estruturalistas, o autor identifica no mundo social – e não apenas nos sistemas simbólicos (mitos, linguagem etc.) – a existência de estruturas objetivas autônomas das vontades e da consciência dos agentes sociais. Essas estruturas têm a capacidade de orientar as representações e as práticas de seus agentes. Também é ressaltado na observação das estruturas sociais o que Bourdieu chama particularmente de campos e grupos sociais.<sup>41</sup> No entendimento de construtivismo, é destacada a operância de uma gênese social dos esquemas de percepção, pensamento e ação, que são considerados como elementos constitutivos do conceito de *habitus*.

Abordando a problemática estruturalista, em termos gerais, Bourdieu afirma que para alguns intelectuais a Antropologia, a História e a Sociologia oscilam entre dois pólos ou métodos epistemológicos aparentemente incompatíveis, ou melhor, entre duas perspectivas aparentemente inconciliáveis e antagônicas, reconhecidas como objetivismo e subjetivismo. A primeira “constrói as relações objetivas que estruturam as práticas individuais”, e a segunda, “parte da experiência primeira do indivíduo”.<sup>42</sup> De um lado, trata-se dos fatos sociais como “coisas”, desconsiderando as atribuições de serem objetos de conhecimento ou desconhecimento na existência

---

<sup>39</sup> BOURDIEU, Pierre. Espaço social e poder simbólico. In: \_\_\_\_\_. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 149-168.

<sup>40</sup> Id. *ibid.*, p. 149.

<sup>41</sup> Sobre o tratamento dado ao conceito marxista de classes sociais, Bourdieu aborda-o de maneira crítica, procurando explicitar que a noção de grupos sociais e espaço social é mais apropriada para o estudo das relações existentes no interior da sociedade. Cf. BOURDIEU, **Espaço social e poder simbólico**..., p. 156.

<sup>42</sup> ORTIZ, Renato. Pierre Bourdieu. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994. p. 8.

social. Em contrapartida, reduz-se o mundo social às representações que os agentes sociais elaboram, produzindo assim o que o autor chama de *account of the accounts*.<sup>43</sup>

Essas perspectivas invariavelmente são postas de forma a destacar as oposições, ou seja, no objetivismo o conhecimento científico só é obtido frente à ruptura com as representações primeiras – prenoções para Durkheim e ideologias para Marx –, que caminham para causas inconscientes. Para o subjetivismo, a cientificidade apresenta uma contínua afirmação ou aceitação no conhecimento e derivações do senso comum. Bourdieu intencionou construir seu modelo superando a leitura dessas aparentes incompatibilidades entre as perspectivas objetivistas e subjetivistas. Como resolução da polêmica, emerge nas reflexões de Bourdieu o conhecimento que pretende articular dialeticamente objetivismo e subjetivismo, ator e estrutura social, o qual é chamado de praxiológico. Sintetiza o autor:

Embora com o risco de parecer muito obscuro, poderia resumir em uma frase toda a análise que estou propondo hoje: de um lado, as estruturas objetivas que o sociólogo constrói no momento objetivista, descartando as representações subjetivistas dos agentes, são o fundamento das representações subjetivas e constituem as coações estruturais que pesam nas interações; mas, de outro lado, essas representações também devem ser retidas, sobretudo se quisermos explicar as lutas cotidianas, individuais ou coletivas, que visam transformar ou conservar essas estruturas. Isso significa que os dois momentos, o objetivista e o subjetivista, estão numa relação dialética e que, por exemplo, mesmo se o momento subjetivista parece muito próximo quando o tomamos isoladamente nas análises interacionistas ou etnometodológicas, ele está separado do momento objetivista por uma diferença radical: os pontos de vista são apreendidos enquanto tal e relacionados a posições dos respectivos agentes na estrutura.<sup>44</sup>

Por conta do conhecimento praxiológico, a ação social não é mais considerada mera execução, mas sim um núcleo de significação do mundo. A sociedade não se sustenta enquanto totalidade, mas na intersubjetividade originária da ação do sujeito. Uma interpretação imediatista de tais referenciais poderia conduzir ao equívoco de imaginar-se Bourdieu como um teórico fundamentado nos preceitos weberianos, quando na verdade, a vertente – mesmo que subliminarmente – mais se aproxima dos constructos marxistas. Sobre a atitude ou tentativa de aproximação dos conceitos weberianos, marxistas ou durkheimianos, Bourdieu refuta

---

<sup>43</sup> Explicação das explicações. (Tradução de WMJr.)

tal possibilidade fazendo alusão ao fato de que o procedimento em nada acrescenta no desenvolvimento teórico, apenas induz uma ação classificatória, rotuladora e polêmica.<sup>45</sup> Renato Ortiz tece o seguinte comentário:

Muito embora sua abordagem se aproxime, algumas vezes, da sociologia dos atores de Weber ou das teorias sociológicas mais recentes como o interacionismo simbólico, delas se diferencia na medida em que, ao reintroduzir o agente social negligenciado pelo objetivismo, não reproduz simplesmente os argumentos desenvolvidos pela escola fenomenológica, mas vai além deles, no sentido de sua superação.<sup>46</sup>

Nesse processo de superação da oposição estabelecida entre as representações subjetivas e as estruturas objetivas, Bourdieu alerta sobre a importância do rompimento com o modo de pensamento substancialista, o qual conduz ao não reconhecimento de nenhuma outra forma de realidade além daquelas que são oferecidas através da intuição dos indivíduos ou grupos no cotidiano. O avanço proposto na abordagem estruturalista consiste em aplicar ao mundo social um modo de pensamento relacional que identifica o real e as suas relações.<sup>47</sup> Nele, a realidade social é tida como “um conjunto de relações invisíveis, aquelas mesmas relações que constituem um espaço de posições exteriores umas às outras, definidas umas em relação às outras, não só pela proximidade, pela vizinhança ou pela distância, mas, também pela posição relativa”.<sup>48</sup> Na interpretação de Louis Pinto,

...o modo de pensamento relacional obriga a explorar as possibilidades analíticas oferecidas pelas oposições num dos três espaços [posições, disposições, posicionamentos] considerados e pelas homologias entre esses espaços. Estes, porém, não poderiam ser colocados no mesmo plano. O espaço das posições é o único que pode ter prioridade analítica, visto que está do lado das estruturas objetivas e que, logicamente, a noção de posição envolve os outros dois: disposições e posicionamentos (e não o inverso). [...] A ordem das posições tem uma lógica interna que não pode ser reduzida a nenhuma outra: ela é que comanda as condições e as modalidades de seleção tanto dos agentes (disposições) quanto das opções

---

<sup>44</sup> BOURDIEU, Pierre. **Espaço social e poder simbólico...**, p. 152.

<sup>45</sup> Cf. BOURDIEU, Pierre. Fieldwork in Philosophy e Pontos de referência. In: \_\_\_\_\_. **Coisas ditas...**, p. 41, 65-66.

<sup>46</sup> ORTIZ, op. cit., p. 12-13.

<sup>47</sup> Cf. BOURDIEU, Pierre. Espaço social e espaço simbólico. In: \_\_\_\_\_. **Razões práticas: sobre a teoria da ação.** Campinas: Papirus, 1996. p. 13-33.

<sup>48</sup> BOURDIEU, **Espaço social e poder simbólico...**, p. 152.

legítimas (posicionamentos). Esse espaço, unidade de análise cujas fronteiras exprimem sua especificidade, vem a ser o campo.<sup>49</sup>

Decorre dessa leitura o papel das pesquisas na História Social e na Sociologia, qual seja, efetivar a análise das posições relativas e das relações objetivas na sociedade. Não obstante, é importante destacar que no universo social estabelecem-se relações simbólicas de manutenção e de reconhecimento das distâncias sociais, as quais são determinadas pela concorrência e apropriação de bens através do acúmulo das formas de capital econômico, social e cultural.<sup>50</sup>

A noção de capital social transcende o conjunto das propriedades individuais dos agentes. Ela reporta-se aos efeitos sociais consubstanciados nas relações efetivadas em um determinado segmento da sociedade, sendo nitidamente observável quando as diferenças desse capital manifestam-se nas condições de rendimento desiguais. Explicita Bourdieu:

O capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma *rede durável de relações* mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à *vinculação a um grupo*, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por *ligações* permanentes e úteis. Essas ligações são irredutíveis às relações objetivas de proximidade no espaço físico (geográfico) ou no espaço econômico e social porque são fundadas em trocas inseparavelmente materiais e simbólicas cuja instauração e perpetuação supõem o re-conhecimento dessa proximidade. O volume do capital social que um agente individual possui depende então da extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar e do volume do capital (econômico, cultural ou simbólico) que é posse exclusiva de cada um daqueles a quem está ligado. [...] o capital social não é jamais completamente independente deles [outras formas de capital] pelo fato de que as trocas que instituem o inter-reconhecimento supõem o reconhecimento de um mínimo de homogeneidade “objetiva” e de que ele exerce um efeito multiplicador sobre o capital possuído com exclusividade.<sup>51</sup>

Dito de outra forma, a rede de ligações que se estabelece em determinado *ethos* social não ocorre naturalmente, mas sim como o reflexo de estratégias

---

<sup>49</sup> PINTO, Louis. **Pierre Bourdieu e a teoria do mundo social**. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 83-84 (parênteses no original).

<sup>50</sup> Sobre a categorização das relações simbólicas, conferir BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998; BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996. BOURDIEU, Pierre. **O campo econômico: a dimensão simbólica da dominação**. Campinas: Papirus, 2000. BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

instauradoras e mantenedoras de investimento social voltadas para a produção e reprodução das relações duráveis e úteis, sempre com a perspectiva da geração de lucros materiais ou simbólicos. Para Bourdieu:

Os lucros que o pertencimento a um grupo proporciona estão na base da solidariedade que os torna possível. O que não significa que eles sejam conscientemente perseguidos como tais, mesmo no caso dos grupos que, como os clubes seletos, são expressamente arranjados com vistas a *concentrar o capital social* e obter assim o pleno benefício do efeito multiplicador implicado pela concentração e assegurar os lucros proporcionados pelo pertencimento – lucros materiais como todas as espécies de “serviços” assegurados por relações úteis, e lucros simbólicos tais como aqueles que estão associados à participação num grupo raro e prestigioso.<sup>52</sup>

Na análise das relações entre o capital cultural e o econômico, Bourdieu tece uma crítica ao economicismo das interpretações a respeito das aptidões humanas e o mito dos dons. Estudando o sistema escolar, o autor resgata os limites da argumentação que relaciona a equação entre os benefícios do investimento educacional e a produtividade ou rentabilidade advinda do retorno para a sociedade. O desconhecimento do poder simbólico de cada manifestação de capital e a ignorância das diferentes chances de lucro nos diversos segmentos da sociedade, por conta da variação de volume e estrutura de capital econômico, cultural e social, são os principais pontos de ataque na crítica bourdiana. Nessa esteira, destaca-se do sistema de reprodução social, o mais oculto dos investimentos educativos, a saber, “a transmissão doméstica do capital cultural” – podendo esta ser considerada uma forma “dissimulada da transmissão hereditária do capital”.<sup>53</sup>

O epicentro da discussão encontra-se na constatação de que o rendimento em uma determinada esfera (no caso, a escolar) depende umbilicalmente do capital cultural e econômico investido pela família, e também, que o rendimento social e econômico desse investimento está associado diretamente à herança social e ao capital simbólico que está à disposição. Esse quadro revela possibilidades de estados

---

<sup>51</sup> BOURDIEU, Pierre. O capital social: notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 67.

<sup>52</sup> BOURDIEU, Pierre. O capital social..., p. 67-68.

<sup>53</sup> Cf. BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes, op. cit., p. 71-79. Sobre a crítica ao economicismo, vale checar também o texto Os pesquisadores, a ciência econômica e o movimento social. In: BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 71-80.

e formas do capital cultural, os quais atribuem posições sociais e potenciais de dominação. Na apreciação da suposta classificação de capital cultural, tem-se que “os bens culturais podem ser objeto de uma apropriação material, que pressupõe o capital econômico, e de uma apropriação simbólica, que pressupõe o capital cultural.”<sup>54</sup> Na síntese de Maria Alice Nogueira e Afrânio Mendes Catani:

O capital cultural existe sob três formas, a saber: a) no *estado incorporado*, sob a forma de disposições duráveis do organismo. Sua acumulação está ligada ao corpo, exigindo incorporação, demanda tempo, pressupõe um trabalho de inculcação e assimilação. Esse tempo necessário deve ser investido pessoalmente pelo receptor – “tal como o bronzamento, essa incorporação não pode efetuar-se por *procuração*”; b) no *estado objetivado*, sob a forma de bens culturais (quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas), transmissíveis de maneira relativamente instantânea quanto à propriedade jurídica. Todavia, as condições de sua apropriação específica submetem-se às mesmas leis de transmissão do capital cultural em estado incorporado; c) no *estado institucionalizado*, consolidando-se nos títulos e certificados escolares que, da mesma maneira que o dinheiro, guardam relativa independência em relação ao portador do título.<sup>55</sup>

Da forma de pensamento relacional, e da análise dos capitais, direcionamos o foco teórico para a noção de *habitus*. Nesse conceito, Bourdieu deteve-se com profundidade em várias passagens de sua obra. Numa delas, o autor descreve que *habitus* pode ser considerado como “um sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores, é gerador de estratégias que podem ser objetivamente afins aos interesses objetivos de seus autores sem terem sido expressamente concebidas para este fim”.<sup>56</sup> Analogicamente, Bourdieu compara o conceito com a “gramática generativa de condutas” de Noam Chomsky, a qual encontra-se representada no sistema dos

---

<sup>54</sup> BOURDIEU, Pierre. **Os três estados do capital cultural...**, p. 77.

<sup>55</sup> NOGUEIRA; CATANI, op. cit., p. 9-10.

<sup>56</sup> BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 94. Constantemente utilizada em suas articulações conceituais, disposição é tratada da seguinte forma: “A palavra *disposição* parece particularmente apropriada para exprimir o que recobre o conceito de *habitus* (definido como sistema de disposições): com efeito, ela exprime, em primeiro lugar, o *resultado de uma ação organizadora*, apresentando então um sentido próximo ao de palavras tais como estrutura; designa, por outro lado, *uma maneira de ser, um estado habitual* (em particular do corpo) e, em particular, uma *predisposição*, uma *tendência*, uma *propensão* ou uma *inclinação*. BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, op. cit., p. 61.

esquemas interiorizados que permitem a geração de pensamentos, percepções e ações de uma cultura.<sup>57</sup> Segundo Sergio Miceli,

...entre as estruturas e as práticas, coloca-se o *habitus* enquanto sistema de estruturas interiorizadas e “condição de toda objetivação”. O *habitus* constitui a matriz que dá conta da série de estruturas e reestruturas por que passam as diversas modalidades de experiências diacronicamente determinadas dos agentes. Assim como o *habitus* adquirido através da inculcação familiar é condição primordial para a estruturação das experiências escolares, o *habitus* transformado pela ação escolar constitui o princípio de estruturação de todas as experiências ulteriores, incluindo desde a recepção das mensagens produzidas pela indústria cultural até as experiências profissionais. O objeto para análise não se restringe apenas às práticas dos grupos mas incide sobre os princípios de produção de que são o produto, vale dizer, o *habitus* de classe e os princípios de produção de tal *ethos*, a saber, as condições materiais de existência. Nesta direção, todo o problema consiste em captar o processo pelo qual as estruturas produzem os *habitus* tendentes a reproduzi-las, isto é, produzem agentes dotados de um sistema de disposições conducentes a estratégias tendentes por sua vez a reproduzir o sistema das relações entre os grupos e/ou as classes.<sup>58</sup>

Para a construção do conceito, Bourdieu evoca, em conferência realizada na Universidade de Genebra, em dezembro de 1978, a tradição da noção escolástica em Aristóteles, a **L’evolution pedagogique en France** em Durkheim e os estudos das técnicas sobre o corpo em Mauss.<sup>59</sup> Bourdieu afirma que o uso desta antiga palavra permite a aproximação ao que conhecemos por hábito, porém, diferenciando-o em um ponto considerado essencial. *Habitus* é algo adquirido e encarnado no corpo de forma durável e com o contorno de disposições permanentes. Podemos incluir no conceito a visão histórica, ou melhor, *habitus* estaria ligado à história individual, considerando que a noção pressupõe uma propriedade, um capital adquirido. Por outro lado, hábito é tido num sentido repetitivo, mecânico, automático e meramente reprodutivo. Bourdieu releva que:

---

<sup>57</sup> Cf. BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**..., p. 349; e BOURDIEU, Pierre. A gênese dos conceitos de *habitus* e campo. In: \_\_\_\_\_. **O poder simbólico**..., p. 59-73.

<sup>58</sup> MICELI, Sergio. A força do sentido. In: BOURDIEU. **A economia das trocas simbólicas**..., p. 47.

<sup>59</sup> BOURDIEU. **O mercado linguístico**..., p. 104-105. Sobre as possíveis aproximações dos trabalhos de Marcel Mauss, Pierre Bourdieu e Norbert Elias, na questão do estudo das técnicas sobre o corpo, consultar RODRIGUES, Rogério. **O pensamento antropológico de Marcel Mauss: uma leitura das “técnicas corporais”**. Campinas, 1997. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

Os “sujeitos” são, de fato, agentes que atuam e que sabem, dotados de um *senso prático* (título que dei ao livro no qual desenvolvo essa análise), de um sistema adquirido de preferências, de princípios de visão e de divisão (o que comumente chamamos de gosto), de estruturas cognitivas duradouras (que são essencialmente produto da incorporação de estruturas objetivas) e de esquemas de ação que orientam a percepção da situação e a resposta adequada. O *habitus* é essa espécie de senso prático do que se deve fazer em dada situação – o que chamamos, no esporte, o senso do jogo, arte de *antecipar* o futuro do jogo inscrito, em esboço, no estado atual do jogo.<sup>60</sup>

Para Bourdieu, *habitus* é um conceito que incorpora um enorme potencial gerador, é produzido pela história e, invariavelmente, apresenta dimensões do sistema de esquemas geradores de práticas e de percepção das práticas. Dito de outra forma,

...o *habitus* é um produto dos condicionamentos que tende a reproduzir a lógica objetiva dos condicionamentos mas introduzindo neles uma transformação; é uma espécie de máquina transformadora que faz com que nós “reproduzamos” as condições sociais de nossa própria produção, mas de uma maneira relativamente imprevisível, de uma maneira tal que não se pode passar simplesmente e mecanicamente do conhecimento das condições de produção ao conhecimento dos produtos.<sup>61</sup>

Levando-se em consideração o surgimento de determinadas ou imprevistas situações e a necessidade de respectivas adaptações, o *habitus* pode passar por processos de ajustamentos que lhe conferem transformações duráveis dentro de certos limites. Entre as razões decorrentes desse mecanismo está o fato do *habitus* definir a percepção da situação que o determina. Em outras palavras, a situação é, sob certos aspectos, a condição que viabiliza a efetivação do *habitus* mediante sua capacidade assimiladora. O conceito pode então ser entendido como uma “estrutura estruturada predisposta a funcionar como uma estrutura estruturante”. Sobre essa tendência, o autor afirma:

De fato, essas antecipações pré-perceptivas, espécie de induções práticas fundadas na experiência anterior, não são dadas a um sujeito puro, a uma consciência transcendental universal. Elas são criadas pelo *habitus* do sentido do jogo. Ter o sentido do jogo é ter o jogo na pele; é perceber no estado prático o futuro do jogo; é ter o senso histórico do jogo. Enquanto o mau jogador está sempre fora do tempo, sempre muito adiantado ou muito atrasado, o bom jogador é aquele que *antecipa*,

---

<sup>60</sup> BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996. p. 42.

<sup>61</sup> BOURDIEU. **O mercado lingüístico**..., p. 105.

que está adiante do jogo. Como pode ele antecipar o decorrer do jogo? Ele tem as tendências imanentes do jogo no corpo, incorporadas: ele se incorpora ao jogo. O *habitus* preenche uma função que, em uma outra filosofia, confiamos à consciência transcendental: é um corpo socializado, um corpo estruturado, um corpo que incorporou as estruturas imanentes de um mundo ou de um setor particular desse mundo, de um campo, e que estrutura tanto a percepção desse mundo como a ação nesse mundo.<sup>62</sup>

Bourdieu estabelece a teoria dos campos considerando o ator social em função das relações objetivas que regem a estruturação da sociedade, ou seja, uma relação dialética entre situação e *habitus*. Essa situação particular do ator social encontra-se objetivamente estruturada e sua adequação ao *habitus* permite considerar tanto as necessidades dos agentes quanto a objetividade da sociedade.

Com a construção da teoria, Bourdieu introduz a dimensão escolástica do conceito de *habitus*, a concepção de *modus operandi*, ou seja, uma disposição estável para atuar numa dada direção – considerada, em decorrência da naturalidade existente entre sujeito e objeto, como segunda dimensão ou natureza do homem. O passo seguinte à incorporação do conceito foi sua reinterpretação no interior do embate objetivismo-subjetivismo, no qual *habitus*, sendo produto das relações sociais, indica um processo de conformação e orientação da ação, tendendo a assegurar a reprodução dessas relações que o constroem. Para Bourdieu, conceitualmente, o *habitus* compõe-se em um

...sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura as práticas e as representações que podem ser objetivamente “regulamentadas” e “reguladas” sem que por isso sejam o produto de obediência de regras, objetivamente adaptadas a um fim, sem que se tenha necessidade da projeção consciente deste fim ou do domínio das operações para atingi-lo, mas sendo, ao mesmo tempo, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação organizadora de um maestro.<sup>63</sup>

O *habitus* apresenta-se como social e individual, não obstante, ele sustenta e reporta um sistema de classificação. No sentido que classificações são evidenciadas pelas posições sociais e que a estrutura objetiva de distribuição dos bens materiais e simbólicos na sociedade ocorre fundada em parâmetros de desigualdade, toda

---

<sup>62</sup> BOURDIEU. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação..., p. 144.

<sup>63</sup> BOURDIEU apud ORTIZ, op. cit., p. 15 (aspas no original).

classificação, esquema gerador ou atribuição social tende a reproduzir relações tatuadas por um processo de desequilíbrio e dominação social.

Entendidos esses pilares do modelo de análise, podemos passar à explicitação da noção de campo (constituída posteriormente ao conceito de *habitus*), que foi concebida por Bourdieu com a expectativa de finalizar o dilema teórico entre o estruturalismo de Levi-Strauss e Michel Foucault e o marxismo de Lukács e da escola de Frankfurt, na explicação dos produtos culturais.<sup>64</sup> Particularmente, Louis Pinto constata que

...um campo de produção simbólica (religioso, cultural, etc.) não pode ser visto nem à maneira do estruturalismo como universo submetido a uma lógica imanente ao conhecimento e à comunicação, nem à maneira do marxismo, como instrumento a serviço da dominação de classes: os interesses que estão em jogo são interesses específicos, sobretudo os dos especialistas que se enfrentam para impor uma definição dos bens, dos problemas doutrinários, da excelência humana etc. ajustada à sua posição e à visão do campo daí decorrente. A estrutura do campo coincide com a das posições características que se definem sempre relacionalmente.<sup>65</sup>

Em exposição a um grupo de filólogos e historiadores da literatura na École Normale Supérieure de France, em novembro de 1976, Bourdieu aborda o conceito de campos como sendo “espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes (em parte determinadas por elas)”.<sup>66</sup> Em adição, pode ser entendido como o espaço em que ocorre a interposição social, no qual as posições dos agentes são *a priori* fixadas, ou seja, “o campo se define como o *locus* onde se trava uma luta concorrencial entre os atores em torno de interesses específicos que caracterizam a área em questão”.<sup>67</sup>

Para Bourdieu, o campo não é resultado das ações individuais. Nele é permitido estudar as relações existentes em um *locus* determinado e as estratégias dos agentes que compõem o esquema de transformação ou conservação da sociedade. Na leitura de Ortiz, “o campo se particulariza, pois, como um espaço onde se manifestam relações de poder, o que implica afirmar que ele se estrutura a partir

---

<sup>64</sup> Cf. PINTO, Louis. A teoria dos campos. In: **Pierre Bourdieu e a teoria do mundo social...**, p. 65-89.

<sup>65</sup> Id. *ibid.*, p. 80.

<sup>66</sup> BOURDIEU. **Algumas propriedades dos campos...**, p. 89.

<sup>67</sup> ORTIZ, op. cit., p. 19.

da distribuição desigual de um *quantum* social que determina a posição que um agente específico ocupa em seu seio”.<sup>68</sup>

Na constituição do conceito, surgem leis gerais, dentre as quais destaca-se que campos distintos possuem normas de funcionamento invariantes, o que torna possível a utilização do aprendizado de um estudo de determinado campo, na interrogação e interpretação de outros. Nesse processo, propriedades específicas de um campo particular são descobertas, podendo fazer avançar o conhecimento dos mecanismos de funcionamento universais dos campos, mesmo com pertinência secundária em determinados momentos e circunstâncias. Para tanto,

...a paciência das aplicações práticas repetidas deste método [homologias estruturais e funcionais dos campos] é uma das vias possíveis (para mim a mais acessível e a mais aceitável) da “ascensão semântica” (no sentido de Quine) permitindo levar a um nível de generalidade e de formalização mais elevado os princípios teóricos envolvidos no estudo empírico de universos diferentes e as leis invariantes da estrutura e da história dos diferentes campos. Estes, em consequência das particularidades das suas funções e do seu funcionamento (ou, mais simplesmente, das fontes de informação respectivas), denunciam de maneira mais ou menos clara propriedades comuns a todos os campos: assim, o campo da alta-costura levou, mais directamente do que qualquer outro universo, a uma das propriedades mais importantes de todos os campos de produção cultural, que é a lógica propriamente mágica da produção do produtor e do produto como feitiços.<sup>69</sup>

Dentro da particularidade de cada campo, há formas de disputas, lutas e competições, sendo que vislumbramos em cada uma delas a especificidade das relações entre o “novo” – que tenta garantir o direito de participação – e o dominante – que defende o monopólio objetivando excluir a concorrência. Sobre essa característica, Bourdieu relata:

A estrutura do campo é um **estado** da relação de força entre os agentes ou as instituições engajadas na luta ou, se preferirmos, da distribuição do capital específico que, acumulado no curso das lutas anteriores, orienta as estratégias ulteriores. Esta estrutura, que está na origem das estratégias destinadas a transformá-la, também está sempre em jogo: as lutas cujo espaço é o campo têm por objeto o monopólio da violência legítima (autoridade específica) que é característica do campo considerado, isto é, em definitivo, a conservação ou a subversão da estrutura da distribuição do capital específico. (Falar em capital específico é dizer que o capital vale **em relação**

---

<sup>68</sup> ORTIZ, op. cit., p. 21.

<sup>69</sup> BOURDIEU, Pierre. A gênese dos conceitos de *habitus* e campo. In: \_\_\_\_\_. **O poder simbólico...**, p. 67.

a um certo campo, portanto dentro dos limites deste campo, e que ele só é convertível em outra espécie de capital sob certas condições.)<sup>70</sup>

Um campo é identificado na constituição e na definição dos seus objetos de disputa e interesses específicos. Mesmo havendo a perspectiva da universalização de funcionamento dos campos, eles são irreduzíveis às peculiaridades de outros campos, e também imperceptíveis aos olhos das pessoas que não foram formadas no interior de determinado campo. Para garantir o funcionamento de um campo, é necessário que existam, além dos objetos de interesse e de disputa, pessoas dotadas de *habitus* que identifiquem e legitimem as leis imanentes do “jogo” de relações que se instaura.

Outra lei geral ou propriedade, porém menos visível, detecta que todas as pessoas envolvidas num campo têm em comum um certo número de interesses fundamentais, do que decorre uma cumplicidade subjacente aos antagonismos existentes no interior deste. Nessa perspectiva, os pressupostos constitutivos dos campos são aceitos, conscientemente ou não, dado o fato do agente social estar inserido ou inserindo-se no “jogo”. Os participantes das disputas garantem a reprodução do “jogo” e contribuem para a produção de valor no que está sendo disputado. Considera-se, no estudo dessa propriedade, a existência da relação entre *habitus* e campo, a qual é orientada objetivamente em relação a fins.

Um ponto que chama a atenção nesse contexto é a suposta convivência na estruturação do campo social entre ortodoxos e heterodoxos. Nela instala-se um processo de consenso proveniente do “desconhecimento” de que o mundo social é um espaço de conflito e de concorrência entre grupos com interesses distintos, ou, como referencia Renato Ortiz, “a história do campo é a história que se faz através da luta entre os concorrentes no interior do campo”.<sup>71</sup>

Partindo desse ponto, surge a crítica ao conceito de *habitus* na medida em que ele reflete uma tendência à reprodução social, que, no limite, inviabilizaria um movimento de transformação. Porém, decorre da crítica o conceito de autonomia que implica na existência de relativa independência dos campos em relação às transformações político-econômicas que ocorrem na sociedade.<sup>72</sup> Dessa relativa

---

<sup>70</sup> BOURDIEU. **Algumas propriedades dos campos...**, p. 90. Grifo no original.

<sup>71</sup> ORTIZ, op. cit., p. 27.

<sup>72</sup> Uma análise desse conceito pode ser encontrada na pesquisa de Bourdieu sobre o campo literário, em que a intervenção de Baudelaire e Flaubert foram decisivas para a constituição da história

autonomia, encontramos um indício metodológico sobre o reconhecimento da história dos campos e das disposições que caracterizam os agentes sociais, com uma vinculação que permite dominar e traduzir as especificidades existentes nesse espaço social. Uma vez mais, percebemos a viabilidade e a pertinência do referencial de Bourdieu na pesquisa da história do Voleibol, analisando o desenvolvimento de sua prática e a respectiva intervenção dos agentes sociais nesse campo. Segundo Louis Pinto,

...a noção de campo permite compreender as relações entre o que lhe é interno e o que lhe é externo, sem que seja preciso absolutizar ou reduzir nenhum dos termos. Um campo de produção cumpre funções sociais externas, especialmente de legitimação de uma ordem social, pelo simples fato de obedecer a uma lógica própria. Os dominantes não têm necessidade de intervir expressa e continuamente para modificar a seu favor o funcionamento do campo, uma vez que, pela simples virtude imanente a esse funcionamento, as divisões externas do mundo social (dominante/dominados) se acham reconhecidas e ignoradas: a autonomia do campo é a própria condição de sua eficácia simbólica. Por último, a teoria dos campos não faz supor uma espécie de harmonia preestabelecida entre universos diferentes. A lógica imanente a um campo, embora contribua globalmente para reproduzir as divisões do mundo social, pode também entrar em conflito, pelo menos até certo ponto, com as forças baseadas em outros princípios de legitimidade. Basta ver as relações entre o poder temporal (Estado, administração etc.) e o poder espiritual (Igreja, artistas etc.) para compreender que a autonomia não é uma situação para sempre garantida juridicamente, e sim o resultado de lutas que se inserem na história.<sup>73</sup>

Transportando os conceitos bourdianos para o fenômeno esportivo, temos que para a compreensão das relações estruturadas na história de uma modalidade esportiva, é necessário reconhecer qual é a posição ocupada no determinado campo. Também é importante relacionar esse espaço esportivo com o espaço social das suas representações, tendo a dimensão que é dessa relação que se definem as propriedades pertinentes de cada esporte. Nesse contexto, devemos estar conscientes dos cuidados a serem tomados no intuito de evitar a tendência de reduzir toda a explicação da relação entre campo e *habitus*, de forma mecânica e direta, à origem social balizada nos discursos genealógicos e rotinas de pesquisas.<sup>74</sup>

---

estrutural da literatura francesa e para a formalização da teoria da arte pela arte. BOURDIEU, Pierre. A conquista da autonomia: a fase crítica da emergência do campo. In: \_\_\_\_\_. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

<sup>73</sup> PINTO, op. cit., p. 81-82.

<sup>74</sup> BOURDIEU. **A conquista da autonomia**: a fase crítica da emergência do campo..., p. 103.

No prisma de Bourdieu, “a história do esporte é uma história relativamente autônoma que, mesmo sendo articulada com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica”.<sup>75</sup> A história das práticas esportivas só pode ser uma história estrutural considerando-se todas as transformações sistemáticas provenientes do surgimento de um novo esporte ou da difusão de um já existente.

Evidencia o autor que o espaço dos esportes não é um universo fechado em si mesmo. Ele está inserido em um sistema de práticas e consumos.<sup>76</sup> Dessa argumentação, temos que um programa de práticas esportivas não é o mesmo no decorrer de diferentes décadas, ou seja, ele é marcado, na sua objetividade e nas suas representações, pelas apropriações de que foi objeto e pelas especificidades impostas nas disposições dos agentes sociais. Seguindo o raciocínio, Bourdieu afirma:

Esse efeito de apropriação social faz com que, a todo momento, cada uma das “realidades” oferecidas sob o nome de esporte seja marcada, na objetividade, por um conjunto de propriedades que não estão inscritas na definição puramente técnica, que podem até ser oficialmente excluídas dela, e que orientam as práticas e as escolhas...<sup>77</sup>

Substancialmente, o diferencial no processo de apropriação das práticas esportivas é o estabelecimento de relações entre o espaço da oferta – delimitado historicamente para as práticas possíveis – e da procura – espaço destinado às disposições para as práticas. Em outras palavras, na oferta encontra-se um espaço para os programas esportivos, no qual caracterizam-se as propriedades intrínsecas e técnicas do esporte. Na procura, destaca-se o espaço das disposições esportivas – entendidas como *habitus* marcados pelas respectivas posições sociais – que, em determinada instância, são definidas pela particularidade do estado atual da oferta.

Nessa perspectiva, é possível admitir que os limites dos usos sociais de um determinado esporte, mesmo respeitando suas propriedades intrínsecas, podem ser

---

<sup>75</sup> BOURDIEU. Como é possível ser esportivo? In: \_\_\_\_\_. **Questões de sociologia...**, p. 137.

<sup>76</sup> Cf. BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In: \_\_\_\_\_. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 207-220; e, CLÉMENT, J. P. Les apportes del sociologie de Pierre Bourdieu à la sociologie des sports. **Revue des Sciences et Techniques des Activités Physiques et Sportives**, Paris, v. 15, n. 35, p. 41-49, oct. 1994.

<sup>77</sup> BOURDIEU. Programa para uma sociologia do esporte..., p. 213.

extrapolados na sua objetividade inicial, ou seja, “uma prática esportiva que, em sua definição técnica, ‘intrínseca’, sempre apresenta uma grande elasticidade, logo, oferece uma grande disponibilidade para usos totalmente diferentes, até opostos, também pode mudar de sentido”.<sup>78</sup>

De acordo com esse pressuposto, o esporte, segundo Bourdieu, pode declarar duas distintas formas de leitura. Uma forma sincrônica, na qual uma modalidade está ligada diretamente às disposições evidenciadas nos agentes de uma determinada posição social. Outra, de forma diacrônica, onde o esporte oferecido pode ser apropriado por agentes de disposições variadas, ou seja, os programas esportivos têm a possibilidade de atender os mais diferentes grupos sociais, assim como uma determinada disposição pode apropriar-se de qualquer prática.<sup>79</sup>

Para entender a dinâmica e a lógica do esporte moderno, Bourdieu afirma que é necessário o reconhecimento da posição que determinada modalidade ocupa no espaço dos esportes. Esse espaço, ou campo, é identificado por um conjunto de indicadores, como: a distribuição dos praticantes segundo sua posição social; as diferentes federações; o número de praticantes, sua riqueza; as características sociais dos dirigentes; e o tipo de relação com o corpo que determinados esportes exigem (de contato ou de interposição com a bola). O passo seguinte é relacionar no campo esportivo a manifestação do seu espaço social, representado em seus elementos de distinção e “gostos de classe”. Para tanto, o autor considera a possibilidade de estudos de um “subespaço” no interior de um espaço, de um subcampo em um campo ou de uma modalidade no universo dos esportes. Em outras palavras, ele aponta para a confirmação de um método que instaure a dialética entre o global e o particular, superando o antagonismo entre as visões macro e microssociológicas.<sup>80</sup>

Paralelamente a essa versão de leitura do esporte, Bourdieu destaca como dado relevante no campo esportivo a consolidação progressiva de profissionais na produção de bens, serviços e espetáculos esportivos, marcados por interesses específicos, concorrência e relações de força. Esse fato tem levado a um considerável distanciamento entre profissionais e amadores, esporte-espetáculo e “esporte-

---

<sup>78</sup> BOURDIEU. Programa para uma sociologia do esporte..., p. 215.

<sup>79</sup> Id. *ibid.*, p. 216.

<sup>80</sup> Cf. BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, **Pierre Bourdieu**..., p. 82-121; BOURDIEU, A metamorfose dos gostos. In: \_\_\_\_\_. **Questões de sociologia**..., p. 127-135; e BOURDIEU. Programa para uma sociologia do esporte..., p. 208-213.

comum”, caracterizando, entre outros, a desposseção e o aspecto limitado de compreensão destinado ao público espectador e a evolução da prática e lógica do esporte pelos praticantes profissionais. Esse distanciamento, independentemente das suas dimensões, é inaceitável na perspectiva bourdiana de autonomia e princípios democráticos dos campos.<sup>81</sup> O autor é contundente nesta questão, quando faz o seguinte relato:

Em matéria de esporte, estamos freqüentemente, na melhor das hipóteses, no estágio da dança do século XIX, com profissionais que se apresentam para amadores que ainda praticam ou praticaram; mas a difusão favorecida pela televisão introduz cada vez mais espectadores desprovidos de qualquer competência prática e atentos a aspectos extrínsecos da prática, como o resultado, a vitória. O que acarreta efeitos, por intermédio da sanção (financeira ou outra) dada pelo público, no próprio funcionamento do campo de profissionais (como a busca de vitória a qualquer preço e, com ela, entre outras coisas, o aumento da violência).<sup>82</sup>

Novamente detectamos a convergência entre a análise de Bourdieu sobre os esportes modernos e a problematização evidenciada no início da tese. O autor referencia a atual condição de despreparo do espectador comum no entendimento e prática dos esportes em processo de contínua evolução e transformação. Entretanto, Bourdieu atribui à intervenção televisiva responsabilidade, não exclusividade, por esse distanciamento entre o praticante e o profissional.

O autor refuta o conjunto de representações manipuladas pela televisão, nas quais os agentes sociais, no caso os “amadores”, não visualizam espaços nem condições para um envolvimento social na tentativa de entender e intervir na ordem das estruturas estabelecidas no campo. Sobre esta tendência, Bourdieu aponta:

O sentimento de que o mundo, tal como o apresenta a televisão, não oferece ponto de apoio ao comum dos mortais conjuga-se com a impressão de que, um pouco à maneira do esporte de alto nível que suscita uma ruptura semelhante entre os praticantes e os espectadores, o jogo político é um assunto de profissionais, para encorajar, sobretudo nos menos politizados, um desengajamento fatalista evidentemente favorável à manutenção da ordem estabelecida.<sup>83</sup>

---

<sup>81</sup> Cf. BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p. 114; e BOURDIEU, Programa para uma sociologia do esporte..., p. 216-217.

<sup>82</sup> BOURDIEU, Programa para uma sociologia do esporte..., p. 218.

<sup>83</sup> BOURDIEU, **Sobre a televisão**..., p. 142.

O desencadeamento dessa divisão social entre amadores e profissionais, espectadores e praticantes, consumidores e produtores, além de obter sustentação nas estruturas televisivas ou aparelhos ideológicos, expressa sobretudo o poder simbólico existente nas relações do campo esportivo.

O simbólico, para Bourdieu, é por excelência uma manifestação para consagrar ou constituir grupos, sejam eles já estabelecidos ou por se estabelecer. Em essência, o poder simbólico está baseado em duas condições. Primeira, na forma performática, em que o poder deve estar concentrado na posse de um capital específico, em outras palavras, “...o poder de impor às outras mentes uma visão, antiga ou nova, das divisões sociais depende da autoridade social adquirida nas lutas anteriores. O capital simbólico é um crédito, é o poder atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para ter condição de impor o reconhecimento.” E segunda, na dependência do grau em que essa visão estiver alicerçada na realidade.<sup>84</sup>

No contexto definido para o nosso estudo, o Voleibol explicita sobremaneira essas duas condições de existência do poder simbólico, principalmente se observarmos o delineamento do processo de espetacularização na sua história. Como argumento comprovador, quando elaboramos nossa hipótese, consideramos que o desenvolvimento do Voleibol nas últimas décadas não foi direcionado a um processo exclusivo de massificação para a formação de praticantes da modalidade, mas sim – em respeito às características, disposições e estruturas da sociedade capitalista –, voltado e estruturado para o recrutamento de um exército de potenciais consumidores de símbolos e signos sociais que o Voleibol, enquanto esporte-espetáculo, tem a capacidade de atrair ou criar.

Com relação a esse processo, destacamos nas palavras de Bourdieu sua preocupação com as atuais funções e manifestações esportivas espetacularizadas:

Não estou seguro de que se possa conceder ao esporte-espetáculo a capacidade de integrar, mesmo simbolicamente, uma sociedade ameaçada pela segregação. Creio, ao contrário, que a prática do esporte, em particular a do futebol, nos pequenos clubes amadores, preencha, e continua a fazê-lo, mas cada vez com mais dificuldade, essa função de integração, especialmente pela oferta de uma via de ascensão social de substituição aos que, na falta de capital cultural herdado, não estão capacitados para tomar a via real proposta pela escola.

---

<sup>84</sup> Cf. BOURDIEU, Pierre. Espaço social e poder simbólico. In: \_\_\_\_\_. **Coisas ditas...**, p. 166.

Mas, conforme mostrei num trabalho recente, a submissão crescente do esporte à lógica do comércio, por meio da comercialização do espetáculo esportivo televisionado, tende a cortar a ligação orgânica entre o esporte de alto nível e a prática esportiva de base; ou, de maneira mais precisa, no caso do futebol, entre os grandes clubes profissionais, cada vez mais transformados em empresas capitalistas, por vezes cotadas em Bolsa, e os pequenos clubes amadores, direcionados para objetivos pedagógicos e sustentados em grande parte por uma devoção militante. Assim, o verdadeiro percurso que poderia conduzir o garoto das favelas ou da periferia, desde a pequena equipe local ou da escolinha de futebol do clube grande, até a equipe nacional e a carreira internacional está cada vez mais ameaçado, tanto na realidade quanto nas representações.<sup>85</sup>

Acrescentando mais elementos para análise do processo de espetacularização das práticas sociais, Guy Debord ressalta que o espetáculo apresenta-se como a própria sociedade, numa relação social mediada por imagens, sem contudo ser entendido como produto de técnicas de difusão de imagens. É uma visão do mundo que se objetivou. A manifestação espetacular é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção dominante existente na sociedade. A “realidade surge no espetáculo e o espetáculo é real”, sendo essa reciprocidade a base e a essência da sociedade.<sup>86</sup>

Analisando o fenômeno, Debord afirmou que o espetáculo domina os homens no momento em que a economia já os dominou. Dito de outra forma, o espetáculo é a economia desenvolvendo-se por si mesma. Na forma inicial de dominação do fator econômico sobre a vida social, ocorre uma degradação do *ser* para o *ter* e, posteriormente, um deslizamento do *ter* para o *parecer*, momento em que deve ser extraído seu prestígio imediato e sua função última, qual seja, “como indispensável adorno dos objetos produzidos agora, como demonstração geral da racionalidade do sistema, e como setor econômico avançado que molda diretamente uma multidão crescente de imagens-objetos, o espetáculo é a *principal produção* da sociedade atual”.<sup>87</sup>

Segundo Debord, o espetáculo representa na sociedade a acumulação de um capital que corresponde à produção concreta de alienação. É a alienação imposta pelo

---

<sup>85</sup> Pierre Bourdieu, em entrevista concedida ao escritor e sociólogo Juremir Machado da Silva, publicada no jornal **Folha de S. Paulo** do dia 7 fev. 1999, com o título *A ciência do real*. (Caderno Mais!, p. 4-5).

<sup>86</sup> Cf. DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

<sup>87</sup> Id. *ibid.*, p. 17.

consumo da mercadoria que ocupou espaço na vida social. Chamado de “segunda revolução industrial”, o consumo alienado tornou-se para a sociedade um dever suplementar à produção alienada. Em suma,

...o espetáculo é a ideologia por excelência, porque expõe e manifesta em sua plenitude a essência de todo sistema ideológico: o empobrecimento, a sujeição e a negação da vida real. O espetáculo é, materialmente, “a expressão da separação e do afastamento entre o homem e o homem”. A “nova *força* de embuste” que nele se concentrou tem por base essa produção, pela qual “com a massa de objetos cresce [...] o novo domínio dos seres estranhos a quem o homem fica sujeito”. É o estágio supremo de uma expansão que fez com que a necessidade se oponha à vida.<sup>88</sup>

Na análise do esporte moderno e do seu processo de espetacularização – considerando o conjunto de práticas e consumo esportivo oferecido aos agentes sociais como uma oferta destinada a uma certa demanda social –, Bourdieu indaga como se efetiva a demanda a determinados “produtos esportivos”; por que pessoas adquirem mais “gosto” por um esporte específico do que por outro – seja ele na sua prática ou na manifestação enquanto espetáculo –; em conformidade com quais princípios os agentes optam entre as diferentes práticas e consumos que lhes são oferecidos.<sup>89</sup>

Conjuntamente, o autor prioriza o estudo das condições históricas e sociais que tornaram possível a existência de um sistema de instituições e de um conjunto de agentes ligados, direta ou indiretamente, ao universo de práticas e consumo. Esses agentes são encontrados e representam desde os clubes até os produtores e vendedores de bens esportivos (equipamentos, roupas etc.), serviços especializados (técnicos, professores, jornalistas esportivos etc.) e espetáculos esportivos (interfaces da mercantilização e profissionalização). No refinamento de suas questões, encontramos:

Como foi se constituindo, progressivamente, este corpo de especialistas que vive diretamente ou indiretamente do esporte? [...] E mais precisamente, quando foi que este sistema de agentes e de instituições começou a funcionar como um **campo de concorrência** onde se defrontam agentes com interesses específicos, ligados às posições que aí ocupam?<sup>90</sup>

---

<sup>88</sup> Cf. DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo...**, p. 138.

<sup>89</sup> Cf. BOURDIEU, Como é possível ser esportivo?..., p. 136-153.

<sup>90</sup> Id. Ibid., p. 137 (negrito no original).

Bourdieu destaca que, ao desenvolver a genealogia histórica do objeto de estudo, como uma realidade específica, estaríamos cumprindo com a tarefa de interpretação e entendimento dessas questões. Contudo, o autor acrescenta que nessa empreitada, não podemos perder de vista que o campo esportivo é o espaço de lutas nas quais se disputam o “monopólio de imposição da definição legítima da prática esportiva e da função legítima da atividade esportiva”. Nesse contexto, ocorrem as discussões entre o amadorismo e o profissionalismo, o esporte-prática e o esporte-espetáculo, o esporte distintivo (de elite) e o esporte popular (de massas).<sup>91</sup>

Em resposta aos seus questionamentos, Bourdieu aborda os interesses por determinados esportes, relacionando-os aos “lucros de distinção” social. A variabilidade na escolha de uma prática esportiva leva em consideração os custos econômicos e culturais, mas também o tempo livre, a afinidade entre as disposições éticas e estéticas e a percepção e apreciação dos prováveis lucros, imediatos ou futuros, que essa modalidade pode proporcionar. De acordo com a sua leitura,

Os lucros distintivos são dobrados quando a distinção entre as práticas distintas e distintivas, como os esportes “chiques”, e as práticas que se tornaram “vulgares”, devido à divulgação de vários esportes originalmente reservados à “elite”, como o futebol (e em menor grau, o *rugby*, que ainda guardará por algum tempo um duplo estatuto e um duplo recrutamento social) é acrescida da oposição, mais marcada ainda, entre a prática do esporte e o simples consumo de espetáculos esportivos.<sup>92</sup>

Na valoração desta dicotomia entre o praticante e o consumidor, ocorre um redirecionamento na leitura do espetáculo esportivo – devido à superficialidade de percepção das sutilezas que o envolve – no sentido da busca do sensacional, da proeza, do performático, da virtuosidade visível e, principalmente, de novas dimensões de suspense e ansiedade pelo resultado. Em adição,

O esporte-espetáculo apareceria mais claramente como uma mercadoria de massa e a organização de espetáculos esportivos como um ramo entre outros do **show business**, se o valor coletivamente reconhecido à prática de esportes (principalmente depois que as competições esportivas se tornaram uma das medidas da força relativa das nações, ou seja, uma disputa política) não contribuísse para mascarar o divórcio entre a prática e o consumo e, ao mesmo tempo, as funções do simples consumo.<sup>93</sup>

---

<sup>91</sup> Cf. BOURDIEU, Como é possível ser esportivo?..., p. 142.

<sup>92</sup> Id. *ibid.*, p. 143.

<sup>93</sup> Id. *ibid.*, p. 144 (negrito no original).

Há na análise bourdiana um pressuposto de que o campo esportivo contribui para produzir a necessidade de seus próprios produtos, entretanto ela não desconsidera a lógica da prática esportiva inscrita pela unidade de disposições pertinentes à uma fração de classe. Assim sendo, percebemos que no campo esportivo são estabelecidas relações estruturantes entre disposições sociais e a composição da oferta e demanda de um esporte. Acrescenta-se a esse contexto a efetivação das transformações ocorridas nas modalidades no decorrer da sua história. Bourdieu redigiu sobre essa questão, considerando

...que o princípio das transformações das práticas e dos consumos esportivos deve ser buscado na relação entre as transformações da oferta e as transformações da demanda: as transformações da oferta (invenção ou importação de esportes ou de equipamentos novos, reinterpretação dos esportes ou jogos antigos, etc.) são engendradas nas lutas de concorrência pela imposição da prática esportiva legítima e pela conquista da clientela dos praticantes comuns (proselitismo esportivo), lutas entre diferentes esportes e, no interior de cada esporte, entre as diferentes escolas ou tradições (por exemplo, esqui de pista, fora da pista, de fundo, etc.), lutas entre as diferentes categorias de agentes engajados nesta concorrência (esportistas de alto nível, treinadores, professores de ginástica, fabricante de equipamentos, etc.); as transformações da demanda são uma dimensão da transformação dos estilos de vida e obedecem, portanto, às leis gerais desta transformação.<sup>94</sup>

Após a inserção dos principais conceitos do modelo bourdiano, aplicáveis e compatíveis com o estudo da história do Voleibol, prosseguimos resgatando uma das análises de Norbert Elias, na qual ele interpreta a sociedade através das competições e regras existentes na manifestação do jogo. Esta proposta auxilia e permite estudar o campo esportivo considerando o pensamento relacional suscitado por Bourdieu.

## 1.2 A teoria do jogo competitivo de Norbert Elias

Estudando a teoria do jogo competitivo proposta por Norbert Elias no livro **Introdução à sociologia**, assim como o conceito de interdependências sociais, intencionamos realizar uma aproximação e uma incursão no campo esportivo. A tentativa de aproximação e análise dos pressupostos conceituais de Pierre Bourdieu e

---

<sup>94</sup> BOURDIEU, Como é possível ser esportivo?..., p. 152.

de Norbert Elias não é inédita, nem tampouco isenta de polêmicas, entretanto, inúmeras serão as descobertas e os avanços teóricos alcançados cada vez que o contato com as respectivas produções ocorrer.<sup>95</sup> Bourdieu, ao ser indagado sobre uma possível comparação conceitual elisiana no que diz respeito aos matizes comportamentais sociais, comentou:

Sinto-me mais próximo de Norbert Elias, mas por outras razões. Não tenho em mente o Elias das grandes tendências históricas, do “processo de civilização” etc., mas, antes, aquele que, como em *La société de cour*, capta mecanismos ocultos, invisíveis, baseados na existência de relações objetivas entre os indivíduos ou as instituições. A corte, tal como Elias a descreve, é um belíssimo exemplo do que chamo um campo em que, como num campo gravitacional, os diferentes agentes são arrastados por forças insuperáveis, inevitáveis, num movimento perpétuo, necessário para manter as hierarquias, as distâncias, os afastamentos.<sup>96</sup>

No decorrer dessa tentativa de aproximação, surgiram distinções entre os autores quando a observação foi direcionada para as sistematizações empregadas na elaboração de seus estudos. Bourdieu empreendeu uma composição conceitual, fruto de constantes inquietações e revisões de sua obra. Elias apresentou uma unidade orgânica teórica, porém, talvez por decorrência da própria história de vida, não se deu ao mesmo trabalho de sistematização de Bourdieu. Desse envolvimento com os modelos teóricos, conceitos como representação, *habitus* e campo destacaram-se apresentando contornos peculiares e viáveis para o tipo de análise pretendida no estudo do Voleibol. Jurandir Malerba discutiu as definições e o contexto destes conceitos na obra dos autores da seguinte forma:

...o *habitus* tem a ver com fluido, o vago. Essa espontaneidade geradora, que se afirma na confrontação improvisada das situações que não cessam de renovar, que definem “*le rapport ordinaire au monde*”, guarda uma afinidade conceitual íntima

---

<sup>95</sup> Exemplos dessas tentativas podem ser encontrados nos seguintes trabalhos: GEBARA, Ademir. Norbert Elias & Pierre Bourdieu: novas abordagens, novos temas. VI CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA. *Coletânea...* Rio de Janeiro: UGF, 1998. p. 75-81; MICELI, Sergio. Sociologia. *Folha de S. Paulo*, 13 abr. 1997. (Caderno Mais!, p. 11); MALERBA, Jurandir. Entre la sociología y la historia. Pensar la sociología figurativa en el contexto de la América portuguesa. *Revista Mexicana de Sociología*, Instituto de Investigaciones Sociales, v. 61, n. 2, p. 77-105, abr./jun. 1999; MALERBA, Jurandir. **Conhecimento, linguagem e representações sob a ótica da teoria simbólica elisiana** (no prelo); e BRANDÃO, Carlos da Fonseca. **A teoria dos processo de civilização de Norbert Elias: o controle das emoções no contexto da psicogênese e da sociogênese**. Marília, 2000. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual de São Paulo.

<sup>96</sup> BOURDIEU, Pierre. **O campo econômico: a dimensão simbólica da dominação...**, p. 48.

com o conceito de *habitus* e de configuração social (sua matriz geradora) em Norbert Elias.

Assim como as representações não são “projeções”, reflexos de uma realidade material, o conceito de *habitus* em Bourdieu evidencia suas capacidades “criadoras”, formadoras, mas não no sentido de uma razão universal ou espírito absoluto. Ao contrário, o *habitus* talvez melhor se defina como os limites de ação, das soluções ao alcance do indivíduo em uma determinada situação concreta. É, portanto, um produto da história que produz práticas individuais e coletivas e que estabelece os limites dentro dos quais os indivíduos são “livres” para optar entre diferentes estratégias de ação. [...]

É no *habitus* que assenta outro princípio fundamental da hierarquia social. Enquanto princípio gerador e unificador que configura as características intrínsecas de uma posição social em um estilo de vida homogêneo, é ele que instaura a distinção social. O conceito de *habitus* em Elias não se apresenta explicitamente definido como em Bourdieu, mas constrói-se a partir de sua teoria do processo civilizador. A civilização é um devir no qual um conjunto de interações forma um sistema não-planejado e se estrutura progressivamente: as relações entre unidades ou grupos sociais são em realidade as relações de força que ligam, opõem e, dessa forma, inscrevem os indivíduos em estruturas hierarquizadas, que presumem “campos de forças”, “tensão”, “equilíbrio”, “competição”. Neste sentido, a “configuração” de Elias é muito próxima do conceito de campo de Bourdieu, o qual traduz a idéia de um espaço estruturado de posições onde se desenvolvem as relações de luta. [...] Para ele [Elias] a transformação do *habitus* não resulta inelutavelmente de uma modificação na hierarquia das posições dos agentes no campo, como para Bourdieu [...], seu conceito de campo é mais flexível que o de Bourdieu: trata-se de uma rede de relações estruturadas em espaço de posições, mas aberta e constantemente trabalhada pelas contingências históricas, que fazem agora funções de variáveis exógenas e que, por certo, transforma a hierarquia das posições.<sup>97</sup>

Para Sergio Miceli, os autores estão preocupados em conhecer os impactos exercidos pelos sistemas simbólicos na modelagem do mundo social. Para tanto, o conceito bourdiano de *habitus* e a interdependência elisiana “fariam as vezes de mediações entre os determinismos sistêmicos e os comportamentos individuais”<sup>98</sup>, oportunizando uma familiarização – independentemente da posição estabelecida na hierarquia social – com os símbolos e representações constituintes da sociedade.

Roger Chartier também analisou com profundidade a formação conceitual de Elias<sup>99</sup> no livro **A sociedade de corte**, contudo, encontramos no estudo comparativo realizado por Jean-Hugues Déchaux uma síntese mais adequada entre as possibilidades de “aproximação e distanciamento” dos referenciais dos autores no que tange à questão da historicidade para ambos.

<sup>97</sup> MALERBA, Jurandir. **Conhecimento, linguagem e representações sob a ótica da teoria simbólica elisiana...**, p. 14-15.

<sup>98</sup> MICELI, Sergio. **Sociologia...**, p. 11.

<sup>99</sup> CHARTIER, Roger. Formação social e “habitus”: uma leitura de Norbert Elias. In: \_\_\_\_\_. **A história cultural: entre práticas e representações...**, p. 91-119.

...ambos reconhecem a noção de *habitus*, mas não lhe atribuem o mesmo lugar na análise. Bourdieu desconsidera a contingência histórica – diferentemente de Elias, cujo objeto é claramente histórico, genético;

o *habitus*, por ser “estrutura estruturante e estruturada” para Bourdieu, faz com que nele se conceda um papel, senão ausente, meramente marginal à historicidade. Norbert Elias trabalha uma teoria da civilização; uma vez estabelecido e descrito o processo, a pergunta que se coloca é: porque os *habitus* evoluem e se transformam? A orientação da sua sociologia é claramente genética: compreender e explicar a gênese do *habitus* humano. Para Bourdieu, ao contrário, não se trata de explicar o *habitus*. Mais precisamente, seu objetivo é, uma vez identificado, explicar a imutabilidade das estruturas sociais, e mais ainda a lógica, o “senso prático” das ações que concernem a tal imutabilidade;

assim os dois autores se referem a quadros de análise próximos, mas para fins opostos: Bourdieu privilegia as estruturas sociais, dando ênfase ao campo e marginalizando as contingências históricas. Ao contrário, Elias se interessa pela gênese do *habitus* e as razões de sua evolução.<sup>100</sup>

Considerando essas abordagens avaliativas do *corpus* conceitual dos autores, procuramos localizar onde poderia ser encontrada uma referência de análise comum para o estudo do Voleibol, e a mesma evidenciou-se, primariamente, na interpretação das relações estabelecidas em situações de jogo. Essas relações tiveram um crivo teórico no modelo elisiano. Em alguns momentos de sua reflexão, Bourdieu recorreu ao exemplo dos jogos e à ação dos jogadores para evidenciar a incursão de seus preceitos analíticos.

A imagem do jogo certamente é a menos ruim para evocar as coisas sociais. [...] Pode-se falar de jogo para dizer que um conjunto de pessoas participa de uma atividade regrada, uma atividade que, sem ser necessariamente produto da obediência à regra, *obedece a certas regularidades*. O jogo é o lugar de uma necessidade imanente, que é ao mesmo tempo uma lógica imanente. Nele não se faz qualquer coisa impunemente. E o sentido do jogo, que contribui para essa necessidade e essa lógica, é uma forma de conhecimento dessa necessidade e dessa lógica. Quem quiser ganhar nesse jogo, apropriar-se do que está em jogo, apanhar a bola, ou seja, por exemplo, um bom partido e as vantagens a ele associadas, deve ter o sentido do jogo. [...] Para construir um modelo do jogo que não seja nem o simples registro das normas explícitas, nem o enunciado das regularidades, mas que integre umas e outras, é preciso refletir sobre *os modos de existência diferentes* dos princípios de regulação e regularidade das práticas: há, naturalmente, o *habitus*, essa disposição regrada para gerar condutas regradas e regulares, à margem de qualquer referência a regras; e, nas sociedades onde o trabalho de *codificação* não é muito avançado, o *habitus* é o princípio da maior parte das práticas.<sup>101</sup>

<sup>100</sup> DÉCHAUX, Jean-Hugues. N. Elias et P. Bourdieu: analyse conceptuelle comparée. Apud MALERBA, Jurandir. Conhecimento, linguagem e representações sob a ótica da teoria simbólica elisiana... p. 16.

<sup>101</sup> BOURDIEU, Pierre. Da Regra às Estratégias. In: \_\_\_\_\_. **Coisas ditas...**, p. 83-84.

As considerações sobre as proximidades e distinções conceituais dos referidos autores são substanciais e, em certo sentido, indispensáveis para a opção metodológica. Como afirmado anteriormente, o referencial de Pierre Bourdieu foi o que se aproximou com mais afinidade e pertinência no nosso estudo, entretanto, o modelo de análise da sociedade a partir das regras do jogo competitivo de Norbert Elias tem um valor auxiliar no processo de compreensão do desenvolvimento histórico do Voleibol e do seu atual estado mercantilizado e performático, principalmente se levarmos em consideração os conceitos de autocontrole e de *mimesis* social relacionados à “explosão” de emoções no esporte moderno. Empenhados nesta incursão, buscamos o aprofundamento nos estudos de Norbert Elias.

Adentrando no universo da sociologia configuracional de Elias, encontramos a categorização que trata da análise da sociedade, sua constituição e as relações existentes na sua configuração. Esse material foi desenvolvido em **What is Sociology?**, publicado pela primeira vez em 1970 e traduzido para o português como **Introdução à sociologia**. Sendo uma obra que respeita uma certa defasagem cronológica em relação aos primeiros escritos de Elias, a mesma justifica-se quando deparamos com a seguinte afirmação: “Toda a teoria tardia se desenvolve simultaneamente como continuação de teorias anteriores e como ponto de partida crítico decorrente destas”.<sup>102</sup> Essa argumentação foi integrada aos postulados de Elias, no momento em que ele recebeu críticas ao descrever uma teoria sociológica algumas décadas depois da elaboração de textos notórios, como **O processo civilizador** e **A sociedade de corte**.

No livro **Introdução à sociologia**, Elias aborda de maneira crítica aspectos de história política, psicologia e sociologia, repensando temas fundamentais como o indivíduo e o grupo. Versa, essencialmente, sobre os padrões mutáveis de interdependência relativo às relações de poder entre os homens em sociedade. No entendimento de sua abordagem, alguns pressupostos são colocados para uma reflexão crítica. O primeiro deles é o modo de alguns estudiosos tratarem a sociedade como objeto de estudo da sociologia, não tendo, contudo, a sensibilidade de perceber que os problemas e a sociedade são formadas por nós e pelos outros. Daí decorre o

---

<sup>102</sup> ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1980. p. 11.

equivoco de visualizar o objeto distanciado do pesquisador, ou seja, o que está sendo estudado não faz parte da realidade de quem o estuda.

Tal constatação demonstra um modelo construído em conformidade com uma visão egocêntrica da sociedade, na qual ela é transformada em uma estrutura hierarquizada pela reificação das relações sociais existentes de forma exterior ao indivíduo. Observamos que para estudarmos o processo social a longo prazo, na evolução do pensamento e do conhecimento, é necessária “a substituição da pessoa individual, enquanto sujeito do conhecimento, pela sociedade”.<sup>103</sup>

Assim sendo, Elias demonstra que para compreendermos a problemática sociológica é preciso um trabalho de reorientação da compreensão do termo sociedade. Temos que diluir a idéia de que a sociedade é composta por estruturas que nos são exteriores – nas quais os indivíduos estão rodeados – , e avançar para o conceito de teias de interdependências ou configurações, que, no limite, nos encaminha para uma visão mais realista das disposições e inclinações das pessoas em suas variadas maneiras de relação.<sup>104</sup>

Na apropriação dessa nova interpretação da sociedade, é preciso entender que as relações, ou melhor, que as teias de interdependências ou configurações são orientadas por forças sociais tidas como forças compulsivas e, como tais, exercidas pelas, sobre e entre as pessoas.

Em Elias, percebemos o intuito de obter caminhos e esclarecimentos, por meio de estudos sociológicos, para encontrar o significado dessas forças compulsivas de modo que elas se tornem menos destruidoras de vidas e recursos. Aqui se inscreve o primeiro ponto de convergência com os objetivos das análises sociológicas de Bourdieu, ou seja, a intenção de tornar explícitas as forças ocultas de dominação.

Aliados a esse objetivo, encontramos não só a necessidade da interpretação das forças que atuam sobre as pessoas nos grupos de observação empírica da sociedade, mas também como podemos libertar o discurso e o pensamento sociológico relativos à compulsividade dos modelos heterônomos, remanescentes do egocentrismo ingênuo ou do antropomorfismo social primário.

---

<sup>103</sup> ELIAS, *Introdução à sociologia...*, p. 40.

<sup>104</sup> Sobre as transições ocorridas nas ciências sociais, conferir o livro que discute o relatório da comissão Gulbenkian. WALLERSTEIN, Immanuel et al. **Para abrir as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 1996.

Na transição do conceito de sociedade, podemos focar a concepção filosófica do conhecimento científico estático, em que encontramos uma inadequação dos modelos explicativos das ciências naturais, tentando subordinar a interpretação e a explicação de processos sociais de longa duração através de uma “cientifização” do pensamento.

Diante dessa concepção, os acontecimentos da natureza passaram a ser quantificados e explicados por teorias e leis que se tornaram superadoras da outrora definição religiosa e até mesmo mística ou ritualística. Esse era o combate das ciências naturais, desmistificar o mágico, o religioso e o metafísico. Para tanto, o tratamento estático do conhecimento foi fundamental para as ciências naturais, não podendo, entretanto, ser considerado de mesma eficácia para explicação dos fenômenos sociais de longa duração, os quais não são estáticos.<sup>105</sup> Para Elias,

Demasiadas vezes falamos e pensamos como se não só as montanhas, nuvens e tempestades, mas também as aldeias e estados, a economia e a política, os factores de produção e o avanço técnico, as ciências e a indústria, entre inúmeras outras estruturas sociais, fossem entidades extra-humanas, com as suas leis próprias e, por conseguinte, totalmente independentes da acção ou da inacção humanas.<sup>106</sup>

Investigando os constructos teóricos de Elias, encontramos conceitos gerais para o campo das relações humanas – identificado como sociedade. Essas relações, num primeiro momento, apresentam-se respaldadas em acontecimentos com certos graus de interdependência. Observamos que as mudanças nessa configuração social, para se definir sociologicamente, não devem se dar de forma prematura, principalmente quando os conceitos gerais e as formas de controle que regem a sociedade não se apresentam de maneira explícita ou inteligível.

No sentido de que as transformações conceituais e a inovação da interpretação dos fenômenos sociais são posturas a serem tomadas na emergência de um modelo sociológico – diferenciado das análises estáticas das ciências naturais –, Elias detém-se no argumento de que as transições sociais consolidam-se com o desenvolvimento de várias gerações, por isso a pertinência do conceito de longo

---

<sup>105</sup> Cf. ELIAS, **Introdução à sociologia**.

<sup>106</sup> Id. *ibid.*, p. 20-21.

prazo associado ao pensamento de muitas pessoas interdependentes no interior de uma sociedade.

O conceito de autocontrole também é um dos componentes necessários para a transição social e para o “estágio” de autoconsciência e conhecimento do pensamento sociológico da realidade, haja vista que o desenvolvimento dos conflitos sociais e as tentativas de resoluções pragmáticas, dadas em momentos de crise, por vezes não são suficientemente delineadas dentro de um processo de efetiva racionalização.<sup>107</sup>

Basicamente, nesse contexto, apresentou-se o ponto de partida do modelo de análise de Elias. Mostrar como e por que a interpenetração de indivíduos interdependentes forma um nível de integração em que a organização, estrutura e processos não se explicam pelo reducionismo teórico dos modelos de investigação das ciências naturais. Para esse autor:

Torna-se necessário não só explorar uma unidade compósita em termos das suas partes componentes, como também explorar o modo como esses componentes individuais se ligam uns aos outros, de modo a formarem uma unidade. O estudo da configuração das partes unitárias ou, por outras palavras, a estrutura da unidade compósita, torna-se um estudo de direito próprio. Esta é a razão pela qual a sociologia não se pode reduzir à psicologia, à biologia ou à física: o seu campo de estudo – as configurações de seres humanos interdependentes – não se pode explicar se estudarmos os seres humanos isolados.<sup>108</sup>

Para atuarmos com problemas dessa magnitude, segundo Elias, é importante a efetivação de um tipo de cientista especializado em processos sociais de longo curso.<sup>109</sup> O responsável por esta tarefa deve ser – por meio do processo de observação fatural – uma espécie de destruidor de mitos, superador das idéias religiosas, das especulações metafísicas e das teorias quantificáveis. Com ele se

---

<sup>107</sup> O autocontrole na representação emotiva do esporte espetacularizado pode ser um conceito extremamente pertinente para o estudo da *mimesis* social incorporada na demanda e oferta do esporte moderno, em especial, no Voleibol. Cf. ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **Deporto y ócio...**; e, ELIAS, Norbert. **Processo civilizador...**, v. 1.

<sup>108</sup> ELIAS, **Introdução à sociologia...**, p. 78-79.

<sup>109</sup> Stephen Mennel, em conferência realizada no IV Simpósio Internacional do Processo Civilizador: Corporeidade (8-9 nov. 1999. Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas), destacou que o conceito de longa duração se traduz pelo conjunto de fatos históricos que compõem um processo de transição e transformação social, não se restringindo meramente a uma representação cronológica, ou seja, é a natureza do processo que define a longa duração. Essa posição foi confirmada, posteriormente, por GOUDSBLOM, Johan. Notes towards a theory of civilizing processe in human history. In: V SIMPÓSIO INTERNACIONAL DO PROCESSO CIVILIZADOR. Curitiba, 15-17 nov. 2000. **Anais...** Curitiba: UFPR, 2000. p. 9.

romperia o absolutismo filosófico e o relativismo sociológico. Talvez, o apocalipse da idéia quimérica de uma única ciência e de um único método estaria consolidando-se.

Elias destaca que uma das características do processo de transição do pré-científico ao científico, na produção de conhecimento, é a necessidade do instrumental conceitual utilizado passar gradativamente do conceito de ação para o conceito de função, enfatizando que as interconexões funcionais na sociedade são distintas das interconexões representadas pela natureza física no seu nível de integração.

O autor alerta que o conceito de função não deve ser interpretado como uma expressão de desempenho de uma ação unitária – que omite a reciprocidade, a bipolaridade ou a multipolaridade – mas sim, como um termo que deve ser compreendido de forma relacional, principalmente com o poder. Assim, é possível discutirmos funções sociais quando nos referimos às interdependências que constroem as pessoas, independentemente do grau de intensidade.

Nesse deslocamento conceitual, é referenciada a autonomia relativa da sociologia com ênfase em três aspectos: a) a autonomia relativa do objeto de uma ciência no interior do universo das outras ciências; b) a autonomia da teoria científica em relação ao objeto; e c) a autonomia de uma ciência frente à academia na orientação do ensino e da investigação. Essa perspectiva, no ponto de vista do autor, compõe a definição social científica das propriedades estruturais de uma ciência.

Com a industrialização ocorrida nos séculos 19 e 20, as lutas sociais em torno de princípios impessoais e de certas crenças sociais como religião, comunismo e capitalismo, entre outras, auxiliou na organização das pessoas e suas vidas em sociedade, que em determinada instância facilitou a identificação do objeto inicial de investigação da sociologia. Essas relações entre as pessoas apresentaram especificidades nas esferas econômica, política e social. Entretanto, se tomarmos essas relações pessoais como relações funcionais de pessoas interdependentes, perceberemos que essa é uma divisão conceitual.

Fruto do desenvolvimento e das transformações na sociedade, logo manifestou-se uma alteração do equilíbrio interno de poder. Esse sintoma foi percebido em determinadas relações e que ocorreu uma redução das diferenças de

poder entre os estratos sociais, por exemplo entre governantes e governados. O aparecimento das organizações de massa de caráter partidário, nesse período, foi uma forma apresentada dessa redistribuição de poder.<sup>110</sup> Diante dessa constatação, Elias afirma que:

...só por estes factos se vê bem como um aumento de interdependência acarreta uma transformação do pensamento sobre a sociedade e a formação de programas relativamente impessoais para a melhoria das condições sociais, também conduz, conseqüentemente, à percepção das sociedades como relações funcionais de pessoas interdependentes.<sup>111</sup>

Paralela à oscilação de potencial de poder, ocorre uma transformação das relações sociais no sentido de um maior grau de dependência multipolar recíproca, ou seja, os indivíduos ou grupos de uma sociedade tornam-se cada vez mais, funcionalmente, dependentes de um número crescente de pessoas. Essas cadeias de interdependências aumentam e diferenciam-se, tornando-as de limitada transparência e controle por parte de individualidades ou grupos isolados. Pierre Bourdieu – idealizando a aproximação conceitual – tece considerações sobre a existência dessa rede de relações ou ligações que se estabelece no desenvolvimento dos campos sociais da seguinte forma:

...a rede de ligações é o produto de estratégias de investimento social consciente ou inconscientemente orientadas para a instituição ou a reprodução de relações sociais diretamente utilizáveis, a curto ou longo prazo, isto é, orientadas para a transformação de relações contingentes, como as relações de vizinhança, de trabalho ou mesmo de parentesco, em relações ao mesmo tempo, necessárias e eletivas, que implicam obrigações duráveis subjetivamente sentidas (sentimentos de reconhecimento, de respeito, de amizade, etc.) ou institucionalmente garantidas (direitos). E isso graças à alquimia da troca (de palavras, de presentes, de mulheres, etc.) como comunicação que supõe e produz o conhecimento e o reconhecimento mútuos. [...] Cada membro do grupo encontra-se assim instituído como guardião dos limites do grupo: pelo fato de que a definição de critérios de entrada no grupo está em jogo em cada nova inclusão, um novo membro poderia modificar o grupo mudando os limites da troca legítima por uma forma qualquer de “casamento desigual”.<sup>112</sup>

---

<sup>110</sup> Estudos sobre o conceito de multidão e massas podem ser encontrados em COHN, Gabriel. **Adorno**. São Paulo: Ática, 1986; ORTIZ, Renato. **Um outro território**. São Paulo: Olho D'água, 1996; e LIMA, Luiz Costa (Org.). **Teoria da cultura de massas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

<sup>111</sup> ELIAS, **Introdução à sociologia...**, p. 71.

<sup>112</sup> BOURDIEU, Pierre. O capital social: notas provisórias. In: NOGUEIRA; CATANI, op. cit., p. 68.

O termo poder, para Elias, vem travestido, invariavelmente, de um caráter representativo de desigualdade no processo de desenvolvimento das sociedades humanas. A busca pelo equilíbrio de poder constitui-se em um elemento integral de todas as relações humanas e, como tal, apresenta-se de maneira bipolar ou, usualmente, multipolar. Dito de outra forma, a tendência ao equilíbrio de poder sempre está presente onde estiver havendo uma interdependência funcional entre pessoas.

Resquício do ideário mágico-mítico é a percepção de que poder é algo que possa ser detido de forma pessoal, individualizada. Ele é, como destacado anteriormente, uma característica estrutural das relações humanas, que, em princípio, torna o modelo do jogo e da competição uma pertinente e compatível alegoria explicativa da sociedade.

Recuperando o objetivo a que se propôs Norbert Elias, ou seja, reivindicar um domínio próprio para a sociologia “libertando-a” da biologia, da psicologia, da história e de outros grupos de especialistas, encontramos o modelo de análise que toma a competição, realizada segundo as regras de um jogo, como um processo interpretativo e explicativo das interdependências funcionais na sociedade. O autor pressupõe que:

Os modelos de jogo ajudam a mostrar como os problemas sociológicos se tornam mais claros e como é mais fácil lidar com eles se os reorganizarmos em termos de equilíbrio, mais que em termos reificantes. Conceitos de equilíbrio são muito mais adequados ao que pode ser realmente observado quando se investigam as relações funcionais que os seres humanos interdependentes mantêm uns com os outros, do que os conceitos modelados em objectos imóveis.<sup>113</sup>

O primeiro modelo de competição identificado na análise de Elias é chamado de “primário e sem regras”. Ele representa uma situação básica, a qual encontramos sempre que os indivíduos relacionam-se uns com os outros. É um elemento constitutivo normal de todas as relações humanas e, invariavelmente, associa-se a provas de mensuração de forças, fato que nas sociedades primitivas condicionava os confrontos pela sobrevivência.

---

<sup>113</sup> ELIAS, *Introdução à sociologia...*, p. 81.

Nesse caso, um antagonismo relativamente estável apresenta-se na estrutura de uma interdependência funcional. As ações dependem das respectivas iniciativas e os oponentes consolidam uma função recíproca baseada na coação. Desmistificando, podemos dizer que a interdependência desses grupos, devido à hostilidade, não é menor que a existente entre grupos de amigos unidos pela divisão do trabalho.

O desencadeador de tensões e conflitos, manifestados tanto nas sociedades tribais quanto nas sociedades modernas, prende-se à condição do potencial de retenção recíproca de necessidades ser geralmente desigual, indicando um poder coercivo maior de um determinado lado das relações. Em decorrência desse desequilíbrio, mudanças podem perspectivar formas violentas na distribuição do poder, sendo permitida sua expressão de forma latente durante longos períodos. Para Elias:

Os inimigos desempenham uma função recíproca, pois uma vez que se tornam interdependentes têm o poder de possuir reciprocamente necessidades elementares, como por exemplo a de conservação da sua integridade física e social e, em última instância, a da sua sobrevivência. [...] A Competição Primária apresenta-se como um caso de fronteira. Nela, um dos lados tem como fim privar o outro, não só das suas funções sociais com também da sua própria vida.<sup>114</sup>

Segundo Elias, os modelos sociológicos devem analisar as interpenetrações como representações de pessoas que estão ligadas umas às outras no tempo e no espaço. Esse conjunto de relações é compreendido e explicado em termos da dinâmica imanente das suas interdependências. Nesse sentido, decorre outra aproximação com a análise dos campos de Bourdieu, na qual encontramos uma sistematização do pensamento sociológico que auxilia no entendimento de como e por que ocorreu um processo evolutivo e contínuo de transições e rupturas no Voleibol nacional.

O próximo modelo de jogo para Elias é o “processo de interpenetração com normas” e suas subdivisões. Essa proposta demonstra como as teias de relações humanas mudam conforme a distribuição do poder.

A primeira abordagem trata dos “jogos entre duas pessoas”. O fator determinante nesse tipo de configuração mutável é a proporção de poder existente

---

<sup>114</sup> ELIAS, *Introdução à sociologia...*, p. 85-86.

entre os componentes. Esse poder qualifica o controle exercido por determinado jogador e, também, como decorre o curso do jogo.

Outra forma de jogo é a composta de “muitas pessoas a um só nível”. Trata-se de um limitado número de relações independentes que uma pessoa pode realizar simultaneamente. A ordem estabelecida na configuração é dada na perspectiva de que a ação de cada participante não é considerada como exclusiva de sua parte. Antes, deverá ser visualizada como a continuação do processo de interpenetração da ação realizada anteriormente, a qual lhe subsidia a ação futura.

Seguindo, temos os “jogos multipessoais a vários níveis”. É uma configuração que se estabelece entre jogadores interdependentes e as estruturas para cada uma das jogadas individuais. Existe um limite para a expansão da teia de interdependência, pela qual o jogador pode orientar adequadamente seu planejamento e estratégia para uma série de jogadas. Com o acréscimo de jogadores na configuração, torna-se cada vez mais improvável a execução de jogadas adequadas e pensadas a partir da posição individual estabelecida na totalidade. Dessa maneira, o desenvolver das interdependências funcionais demonstrará a impossibilidade de compreensão e controle do jogo.

O subsequente é o “jogo de dois níveis do tipo oligárquico”. Essa abordagem pode decorrer da pressão exercida por conta do aumento no número de jogadores individuais na configuração. A desintegração pode formar dois níveis de jogadores que se mantêm interdependentes, mas já não atuam diretamente uns contra os outros. Somente no nível secundário é que se estabelece o confronto com os adversários. Tal configuração de jogo e jogadores exprime um grau de complexidade que inviabiliza o indivíduo a orientar sua decisão por conta da superioridade ou da manifestação dos seus anseios e interesses. As ações são concretizadas tanto para fora como para dentro da teia de interdependência. Percebemos aqui a formação e a existência de alianças, rivalidades e cooperação nos diferentes níveis de interpenetração.

Nesse nível de jogo, Elias destaca que o equilíbrio do poder pendendo para o nível mais elevado – mesmo sendo um número mais reduzido de jogadores do que do nível mais baixo – é muito desproporcional, rígido e estável. Entretanto, a interdependência dos dois níveis na configuração impõe limitações aos seus componentes.

Finalmente, temos o “jogo a dois níveis do tipo democrático crescentemente simplificado”. O modelo é evidenciado pela aproximação dos jogadores das camadas mais baixas, que efetivam o crescimento do seu potencial de poder. Esse traço pode ser detectado a partir da vigilância e da rede de precaução tecida pelo nível mais elevado na busca da manutenção do controle. Elias enfatiza:

Enquanto as diferenças de poder forem grandes, parecerá às pessoas de nível superior que todo o jogo e, particularmente, os jogadores de nível inferior estão lá para os beneficiarem. À medida que o equilíbrio de poder se altera, muda este estado de coisas. Cada vez mais parece a todos os participantes que os jogadores de nível mais alto estão no jogo para benefício dos jogadores de nível mais baixo. Os primeiros tornam-se gradualmente, de uma forma mais aberta e precisa, funcionários, porta-vozes ou representantes de um ou outro grupo de nível mais baixo.<sup>115</sup>

Nessa forma de jogar, cada indivíduo apresenta-se mais limitado e constrangido pelo número de jogos simultaneamente interdependentes que se vê obrigado a realizar com um grupo de jogadores que estão cada vez menos inferiores socialmente. Os grupos de jogadores, de ambos os níveis, tendem a reunir-se e organizar-se de modo que a configuração permita ao indivíduo manter um certo equilíbrio entre grupos interdependentes e rivais. O decurso do jogo pelas ações individuais se enfraquece e o entendimento dessa incapacidade de controlá-lo deriva da dependência mútua das posições que os jogadores ocupam e das tensões e conflitos inerentes da teia que os entrelaçam.

Em síntese, destacamos que a elaboração do modelo de análise sociológica de Elias partiu da tarefa de identificar formas de conquista da autonomia de uma ciência e desbloquear ou transparecer os níveis de poder (característica estrutural de uma relação, conceito não estático e sim processual) existentes nas interpenetrações mutáveis das teias de interdependências sociais.

O modelo oferece uma proposta e ajuda a interpretar a sociedade pela interdependência de pessoas enquanto participantes de um jogo específico. As forças coercivas são analisadas, superando, em última instância, o reducionismo pretérito das metodologias unilineares pautadas na relação causa-efeito.

---

<sup>115</sup> ELIAS, *Introdução à sociologia...*, p. 97.

Amparados nos modelos explicitados, procuramos nos capítulos seguintes adentrar no campo histórico esportivo. Levamos em consideração a história das práticas esportivas como uma história estrutural que considera as transformações sistemáticas ocorridas no seu desenvolvimento. Nessa linha de raciocínio, cabe a tarefa de visualizarmos, nas representações inscritas na história do Voleibol, o seguinte: a) as condições históricas e sociais na constituição da oferta do esporte, b) os princípios que levaram os agentes sociais a criarem, no sentido bourdiano, a procura pelos símbolos e signos da prática esportiva; e c) a lógica dotada no processo de desenvolvimento, mercantilização e espetacularização do esporte.

## CAPÍTULO 2 - DELIMITANDO O CAMPO ESPORTIVO: O VOLEIBOL

Bourdieu, ao falar do princípio da ação histórica, estabelece a relação entre dois estados do social, a saber, entre a história objetivada nas coisas (sob a forma de instituições) e a história encarnada nos corpos (sob a forma de disposições duráveis – *habitus*) [...]. É necessário estabelecer a relação constituída entre esses dois modos de existência do social, o *habitus* e o campo, isto é, “a história feita corpo e a história feita coisa”.

(CATANI, Afrânio Mendes. **Sete ensaios sobre o Collège de France**, p. 99.)

Os estudos atuais sobre os esportes, como dito anteriormente, apresentam várias frentes de análise, diferentes metodologias e diferenciados referenciais teóricos. Contudo, revela-se uma carência de abordagens que favoreçam a interpretação das relações e interdependências dos objetos de estudo diante da realidade social. No sentido da superação desse quadro, adentramos no campo esportivo considerando a história das práticas como uma história, relativamente autônoma, que revela as transformações sistemáticas ocorridas desde o surgimento de determinada prática até o seu estado atual. Para tanto, tivemos a preocupação de identificar e evidenciar o campo esportivo e suas respectivas disposições. Nesse momento, destacamos “como tudo começou”.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> As principais fontes de consulta histórica para a redação do tópico foram **Coaches manual 1**, FIVB; **Volibol**, Moacir Daiuto; **Volibol moderno**, W. T. Odeneal et al.; **Vôlei** – Caderno Especial da **Folha de S. Paulo**; *site* da **Confederação Brasileira de Voleibol**; A década do vôlei, **Jornal do Brasil**, Mariucha Morenó e Paulo Cesar Vasconcellos; **Manual del entrenadores**, CIE; História: quase 100 anos de disputas, **O Estado de S. Paulo**; Volibol: aprendizagem e treinamento, um desafio constante, José Roberto Borsari; **Caderno didático-técnico**: voleibol moderno, MEC; **Manual do treinador**, CBV; **Manual de volibol**, M. A. Carmeloço; **Evolução dos desportos através dos tempos**, Adolfo Schermann; **Fundamentos do vôlei**, José Carlos Brunoro; **Voleibol à beira da quadra**, Adolfo Guilherme; **Voleibol**: treinar jogando, Gerhard Dürrwachter; Túnel do tempo: faustball à primeira sacada, revista **Volleyball**; **Pallavolo dentro il movimento**, Carmelo Pittera e Dario Riva Violetta; **Escola de voleibol**, Berthold Fröhner; **Voleibol**: 1.000 exercícios, Oto Morávia de Carvalho; **Curso técnico de voleibol**, Josenildo de Carvalho; **Curso para treinadores de voleibol**, Wadson de Lima; **Oficina de voleibol**, Percy Oncken; **Las cinco etapas del voleibol**, Raymond Cassagnol; **Steps to success**: Volleyball, B. J. Ferguson; **Vitória**, Cida Santos e Nicolau Radamés Creti; **History of sport and physical activity in the United States**, Betty Spears e Richard A. Swanson; **History of physical education**, C. W. Hackensmith; **History of physical education and sport**, Earle F. Zeigler (Org.).

## 2.1 A invenção da modalidade: sua difusão e instituições

O Voleibol teve origem nos Estados Unidos da América em 1895, na cidade de Holyoke, Massachusetts, com o nome de *Minonette*. Seu idealizador foi o diretor de Educação Física da Associação Cristã de Moços (ACM) local, William George Morgan.<sup>2</sup> O surgimento do esporte ocorreu diante da necessidade de motivação dos associados – os exercícios calistênicos não eram suficientemente aprazíveis – da faixa etária compreendida entre 40 e 50 anos, conhecidos como “homens de negócios”.<sup>3</sup> Também foi considerado a improvisação de uma atividade mais suave, que fosse desenvolvida na forma de um jogo de quadra, porém sem o contato físico do Basquetebol.<sup>4</sup>

O Basquetebol havia sido instituído há poucos anos no período do inverno (no outono e na primavera os esportes preferidos eram, respectivamente, o Futebol americano e o Beisebol), mais precisamente em dezembro de 1891, por James Naismith (ex-professor de Morgan), e difundira-se rapidamente dado sua prática ser efetuada em ginásios cobertos e fechados. Era o esporte dominante da época, porém considerado muito cansativo e de enérgicos contatos para homens de idade mais

---

<sup>2</sup> Nascido em 1870, na cidade de Lockport - Nova York, William George Morgan formou-se professor de Educação Física no curso regular da Young Men Christian Association em Holyoke, Massachusetts. Morgan faleceu aos 72 anos de idade, em 27 de dezembro de 1942, na sua cidade natal.

<sup>3</sup> Cf. MATTHIESEN, Sara Quenzer. Um estudo sobre o voleibol: em busca de elementos para sua compreensão, publicado na **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Santa Maria, v. 15, n. 2, p. 195-199, jan./abr. 1994. Este artigo retrata a relação da origem do Voleibol na ACM de Holyoke nos Estados Unidos com o surgimento e o desenvolvimento da burguesia pós-Revolução Industrial da Inglaterra no final do século 18. Para a autora, os “homens de negócios” representam o estereótipo perfeito da burguesia americana ascendente, associada à evolução da maquinaria industrial e à “sofisticação” da exploração da mão-de-obra.

<sup>4</sup> No processo de reconstituição do histórico do Voleibol, encontramos como contraponto um artigo do jornalista Sílvio Lancellotti, que defende a origem do Voleibol na Alemanha no final do século passado entre os militares, os quais já sonhavam com a nação tedesca no domínio da Europa. Segundo Lancellotti, o esporte inicial tratava de cuidar da pontaria e da agilidade. Para tanto, demarcou-se um espaço retangular na areia ou na grama e levantou-se uma corda no sentido horizontal, postando-se duas equipes de dois até nove jogadores de cada lado, onde os contendores cuidavam de atirar uma pelota com os punhos ou com os braços para a quadra adversária. Esses movimentos eram realizados com alguma graça e precisão. Os confrontos não previam tempo para o término da disputa. Os germânicos interessavam-se mais pelo esforço físico e pela concentração do que pelo resultado que apontasse um vencedor. Como regra, era permitido o toque da bola no solo por duas vezes. A atividade recebeu o nome de *Faustball* (*faust* no idioma alemão significa punho). O artigo relata ainda que apenas nos Estados Unidos da América o jogo seria transformado em modalidade competitiva através da “criação” de Morgan – que foi interpretada com a finalidade de “promover os fracos e oprimidos”. LANCELOTTI, Sílvio. Faustball, a primeira sacada. **Volleyball**, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 16-17. abr. 1994.

avançada. Diante disso, e da sugestão do pastor Lawrence Rinder, Morgan preconizou um jogo de menor valência física para os associados mais antigos da ACM.

Em sua estrutura original, o jogo era disputado em 9 pontos e uma quadra era dividida por uma rede semelhante à do Tênis, com uma altura aproximada de 1,90 metros, sobre a qual rebatia-se uma câmara de bola de Basquetebol. A primeira bola de Basquetebol utilizada era considerada muito pesada e somente a câmara, com o tempo, tornou-se muito leve. Morgan solicitou à firma A. G. Spalding & Brothers a produção de uma bola específica para o esporte emergente, que só foi aprovada após várias experiências em busca de um equipamento satisfatório.

O surgimento do esporte foi originariamente narrado por Morgan da seguinte forma:

Em 1895 assumi a direção do departamento físico da A. C. M. de Holyoke, Massashusetts, e como o trabalho da classe dos homens de negócios se fazia cada vez mais intenso e exaustivo, senti a necessidade de alguma forma de recreação para eles. O basquetebol poderia responder plenamente às exigências dos jovens, porém, era necessário algo para os mais idosos, que não fosse tão rude e fatigante. Pensando num jogo adequado, ocorreu-me o tênis, mas o tênis requeria raquetas, bolas, rês e outros apetrechos, de sorte que foi pôsto de lado, conquanto parecesse aproveitável a idéia de rêde. Elevamo-la a cêrca 1,90 m do solo – justo acima da cabeça dum homem de estatura mediana. Precisávamos de uma bola, e entre as que experimentamos estava a câmara-de-ar de uma bola de cestobol, porém verificamos ser ela muito leve e não tomar velocidade; depois experimentamos uma pelota de basquetebol que se evidenciou demasiadamente pesada e muito grande. Finalmente, concluimos que precisávamos de uma pelota nas condições da atual bola de volibol, que encomendamos a A. G. Spalding & Brothers e verificamos ser satisfatória. Com o tempo, sofreu o jogo muitas modificações, mas a idéia original da rêde entre os dois quadros opostos ficou de pé. Realizou-se por êsse tempo uma conferência de diretores físicos no Y. M. C. A. College of Springfield, perante a qual fomos convidados a fazer uma exibição do jogo. Formei dois quadros, compostos cada um de cinco homens, respectivamente capitaneados pelo sr. J. J. Currane e o sr. John Lynch, e fizemos uma exibição no ginásio do colégio, a qual acredito a todos agradou. A seguir submetemos carta branca para alterá-las [as regras] como bem entendesse. Prevendo que essas regras ensejariam a realização de muitas conferências, que se incumbiram de seu aperfeiçoamento, pusemos de lado a regulamentação do jogo e dedicamo-nos, entrementes, ao treinamento físico. Entre os que auxiliaram materialmente o desenvolvimento do jogo estavam o dr. Frank Wood e o sr. John Lynch, aos quais muito deve o volibol.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> MORGAN, William George. Apud DAIUTO, Moacyr. **Volibol**. São Paulo: Cia. Brasil, 1967. p. 6.

Inicialmente, a prática do *Minonette* limitou-se à cidade de Holyoke e aos associados da ACM. Contudo, após a citada conferência de Morgan na Escola dos Operários Cristãos, atual Universidade de Springfield, para os diretores de Educação Física dos Estados Unidos e a demonstração do jogo por duas equipes de Holyoke, o *Minonette* difundiu-se nas demais cidades de Massachusetts e Nova Inglaterra. Também foram observadas a instalação de quadras nas praias, estações de veraneio e *playgrounds*. Esse fato aumentou significativamente o número de praticantes e sua popularidade. Foi em Springfield, após constantes análises sobre as formas e o objetivo do jogo, que o Dr. A. T. Halstead sugeriu a mudança do nome *Minonette* para *Volleyball*.

Nesse primeiro levantamento sobre a criação do Voleibol, podemos destacar algumas peculiaridades diferenciais comparando-o com o surgimento de outras modalidades esportivas. Assim como o Basquetebol, o Voleibol não foi uma prática que com o passar do tempo apresentou um processo de desportivização. Em outras palavras, a modalidade foi inventada como um jogo portador de um conjunto de regras e características que o inseriu no universo dos esportes. Ele certamente não evoluiu de nenhuma manifestação cultural de jogo, passatempo ou qualquer outra atividade esportiva. O Voleibol é um esporte que foi inventado nos Estados Unidos, distante e diferentemente do perfil e expectativas das práticas desportivizadas européias, como o Futebol na Inglaterra. Nessa linha de raciocínio, detectamos a possibilidade da existência de uma nova via de criação esportiva que não exclusivamente a eurocêntrica. Dito de outra forma, é aceitável a hipótese de que a constituição dos campos esportivos, especificamente nos países da América Latina<sup>6</sup>, tenha respeitado não só, mas também, modelos distintos daqueles vindos dos esportes batizados em países como Inglaterra, França, Itália e Alemanha.

Pela origem do Voleibol e palavras de Morgan referentes aos objetivos e ao público a ser atingido pela modalidade, percebemos fundamentalmente que o esporte nasceu respeitando as necessidades de uma elite, qual seja, a elite clubística cristã.

---

<sup>6</sup> Estudos recentes sobre a influência européia e norte-americana na emergência e difusão dos esportes modernos nos países da América Latina podem ser encontrados nos Anais do **VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**. Porto Alegre: UFRGS, 2000. Mais especificamente, nos artigos dos professores J. A. Mangan, da Universidade de Strathclyde, Reino Unido; Joseph L. Arbena, da Clemson Universidade, Estados Unidos; e Lamartine P. da Costa, da Universidade Gama Filho, Brasil.

Em momento algum encontramos nos escritos de Morgan alguma menção à popularização do esporte ou que o Voleibol fosse uma prática desenvolvida além-clubes. Esse processo ocorreu posteriormente, não se sabe se em concordância com os preceitos iniciais de seu criador. O que vale registrar é que a burguesia emergente americana necessitava de uma atividade que poupasse os “homens de negócios” dos contatos mais rípidos e das oscilações climáticas do inverno americano. Nesse ponto, a contribuição de Bourdieu pode ser levantada a partir da análise de que, na determinação do campo esportivo, um conjunto de disposições eram exigidas pela estrutura que se formava para a modalidade, ou seja, para estar inserido nesse campo, das pessoas envolvidas eram cobradas determinadas representações sociais. Era uma modalidade para os sócios da Associação Cristão de Moços, preferencialmente profissionais liberais com aproximação aos dogmas presbiterianos. Em termos bourdianos, os primeiros traços para a constituição de um *habitus* esportivo social manifestavam-se com essa caracterização.

O Vôlei obriga à prática constante de sentimentos superiores sob a pena, de quem não o fizer, de ser excluído como elemento desnecessário e mesmo prejudicial; naturalmente repellido pelos demais companheiros, interessados no sucesso do quadro. Sob o ponto de vista social é uma recreação agradável e um processo poderoso de aproximação e de estímulo, incentivando em todos, como esporte coletivo que é, o espírito de corporação imprescindível à consistência de toda a organização social. Agrada, diverte e beneficia o indivíduo e a coletividade...<sup>7</sup>

A essas características formativas do *habitus*, podemos associar outras linhas delimitadoras. Percebe-se que, para ser um participante desse universo esportivo, o jogador tinha que apresentar um capital social e cultural específico balizado pela “prática constante de sentimentos superiores”, pois se assim não o fosse, fatalmente seria considerado como “um elemento desnecessário e mesmo prejudicial” para o bom andamento da modalidade. A pergunta é que tipo de “sentimento superior” seria exigido por Morgan? Pelo modelo de análise de Bourdieu, inferimos que tais sentimentos são determinações e especificidades sociais para composição e delimitação de um grupo social que possui no bojo da sociedade americana o poder econômico e, portanto, decisório nos rumos de seus agentes sociais. Dessa forma, o

---

<sup>7</sup> MORGAN, William George. Apud História: quase 100 anos de disputas. **O Estado de S. Paulo**, 28 out. 1984. Caderno Especial, p. 8.

Voleibol passa a exigir um perfil, ou melhor, um capital cultural, social e econômico específico que reflete uma disposição, inicialmente estável, à qual Bourdieu chamou de *habitus*. De início, a modalidade apresenta-se como uma estrutura estruturada respeitadora de normas constitucionais, porém, com sua aceitação e propagação de um *status* social específico, ela alinha-se como uma estrutura que passa a ser estruturante dos comportamentos e da ação social de seus componentes.

Como Bourdieu afirma, a constituição de um *habitus* social implica numa distinção de classes, e assim sendo, podemos ler na origem do Voleibol uma via para a efetivação dessa premissa sociológica. Morgan apontou o Voleibol como um “processo poderoso de aproximação” que, primando pelas características dos esportes coletivos, incentiva “o espírito de corporação imprescindível à consistência de toda a organização social”. No início da tese, tivemos o cuidado e a insistência de deixar explícitos os objetivos do modelo bourdiano, dentre os quais proclamar de forma acessível os mecanismos que repercutem a reprodução social e as principais formas de dominação ocultas. Aproximando tais objetivos e as palavras de Morgan, podemos discutir o viés ideológico que o Voleibol assumiu através das preposições de seu idealizador. Qual a preocupação básica ao criar-se uma modalidade esportiva que possui como característica a aproximação de seus componentes, com o intuito de garantir a corporação e a consistência organizacional de uma sociedade capitalista em ascensão?

Aqui, deparamos com um foco de análise que permite, por intermédio da teoria dos campos de Bourdieu, alcançar um dos objetivos traçados inicialmente, ou seja, transparecer em uma modalidade esportiva as leis estruturais que delimitam um campo, além de reproduzir a dominação social através do perfil exigido de seus praticantes. Provavelmente, a preocupação com as características exigidas para o desenvolvimento da nova modalidade estava direcionada para a consolidação de um grupo dominante, representado na prática e estruturação do Voleibol. *A priori*, podemos considerar que o Voleibol é um esporte que foi inventado a partir dos interesses de uma elite cristã americana – representação de uma classe burguesa emergente – e contrastante com os moldes e anseios europeus. Essa elite forjou agentes de divulgação nas mais diversas formas de intervenção com a perspectiva de

que as estruturas, eventualmente estabelecidas no campo esportivo, fossem capazes de compor e perpetuar uma representação social.

Prosseguindo, temos que a primeira publicação sobre o Voleibol surgiu na composição do artigo intitulado “The Original Sport of Volley Ball”, de 1896, exemplar de julho da revista **Physical Education**, no qual o autor J. Y. Cameron, diretor de atividades físicas da ACM de Búfalo, Nova York, tratou o esporte da seguinte maneira:

...o voleibol é um novo jogo, exatamente apropriado para o ginásio ou quadra coberta, mas que pode, também, ser praticado ao ar livre. Qualquer número de pessoas pode praticá-lo. O jogo consiste em conservar uma bola em movimento sobre uma rede alta, de um lado para o outro, e apresenta, assim, as características dos outros jogos, como o tênis e o handebol.<sup>8</sup>

Para efeito de conhecimento das primeiras especificações do Voleibol, destacamos que o número de participantes não era limitado, mas deveria haver a mesma quantidade dos dois lados. Os jogadores faziam um rodízio de forma a garantir passagem de todos pela zona do saque, onde o fundamento deveria ser efetuado, com um dos pés sobre a linha de fundo da quadra, sempre que uma equipe cometesse uma falta. A primeira quadra media 15,35 metros de comprimento e 7,625 metros de largura. A rede possuía 0,61 metro de largura por 8,235 metros de comprimento, tendo uma altura do solo até a borda superior de 1,98 metros. A bola era confeccionada de uma câmara de borracha coberta de couro ou lona clara, portando uma circunferência de 67,5 centímetros e um peso variando entre 255 a 340 gramas. Em 1900, por conta da experiência de W. E. Day da ACM de Dayton, Estado de Ohio, os diretores levantaram a rede para 2,13 metros, padronizaram a bola e determinaram 21 pontos na composição de um *set*. No ano de 1912, a quadra passou a medir 18,18 metros de comprimento por 10,16 metros de largura, sendo divididos dois campos de 9,9 metros e a rede estabeleceu 2,28 metros de altura. Também ficou determinada a formação para o rodízio e cada partida com a disputa de dois *sets*.<sup>9</sup>

Em 1917, ficou estabelecida a altura de 2,43 metros para a rede e os *sets* de 15 pontos. No ano seguinte, determinou-se o número máximo de seis jogadores por

---

<sup>8</sup> Site <<http://www.volei.com/historia.htm>> Acesso em 20 jun. 1999.

quadra e, durante os primeiros anos da década de 1920, sob a liderança de A. P. Idell, as dimensões da quadra foram definidas em 18 metros de comprimento por 9 metros de largura.<sup>10</sup> Em 1922, os três toques por equipe foram regulamentados, mesmo ano em que realizou-se o primeiro Campeonato Nacional das ACMs dos Estados Unidos da América, mais precisamente em 28 de abril, com a participação de 23 equipes de onze Estados, incluindo Canadá. O campeonato foi realizado no Brooklyn, Nova York, e a ACM de Pittsburgh foi a equipe vencedora. Sobre o desenvolvimento do esporte nas décadas seguintes, W. T. Odeneal, H. E. Wilson e M. F. Kellam destacam os seguintes aspectos:

Durante os anos 30, os desportos recreativos progrediram muito; através da Administração Progressiva dos Trabalhos, cerca de 500 milhões de dólares foram gastos em 3.700 edifícios recreativos, 888 parques, 1.500 campos de atletismo e muitos outros melhoramentos. As escolas aprenderam o valor da recreação; em pouco tempo, a maioria das escolas e diretores de recreação concordaram que o vólibol era um dos mais populares esportes. [...]

Durante os anos 40, aumentou mais o interesse pelo vólibol. No ano de seu cinquentenário, 1945, foram publicados mais artigos sobre o vólibol do que em qualquer outro ano de toda sua história. [...] Também em 1946, num estudo do ano recreativo, informou-se que o vólibol se colocara em quinto lugar entre os desportos de equipe mais fomentados. [...] Em 1955, deu-se à USVBA (Associação de Vólibol dos Estados Unidos) jurisdição oficial sobre a prática do jogo nos Estados Unidos para os jogos Pan-Americanos e, em 1958, para os Jogos Olímpicos. [...] O vólibol está em terceiro lugar no mundo como desporto recreativo de equipe e em pelo menos vinte e cinco países é considerado o primeiro desporto competitivo. Em 1956, o Campeonato Mundial de Vólibol, em Paris, deslocou times de vinte e cinco países e em muitas ocasiões chegou a lotar o *Palais des Sports* com 25 mil pessoas. No Japão e na Rússia, é comum ver-se 40 mil pessoas assistindo a campeonatos de vólibol. Nas Olimpíadas de 1968, na cidade do México, os 5 mil lugares do Ginásio Olímpico ficaram tomados durante as sessões matutinas e vespertinas nos nove dias da competição.<sup>11</sup>

As autoridades educacionais americanas, reconhecendo o valor do Voleibol como esporte de equipe, recomendaram sua inclusão nos programas de Educação Física escolar, ao lado do Basquetebol e Beisebol, no ano de 1915. Ainda nesse período, sob a direção do professor George J. Fisher, integrantes da ACM

---

<sup>9</sup> Site <<http://www.volei.com/historia.htm>> Acesso em 20 jun. 1999.

<sup>10</sup> Atualmente, tratando-se de medidas oficiais, temos a quadra com 18 metros de comprimento e 9 metros de largura e a rede fixada para as equipes adultas femininas e masculinas respectivamente a 2,24 metros e 2,43 metros do solo.

<sup>11</sup> ODENEAL, W. T.; WILSON, H. E.; KELLAM, M. F. **Vólibol moderno**. São Paulo: Difel, 1975. p. 12-13.

introduziram o Voleibol nas forças armadas americanas, durante a 1.<sup>a</sup> Guerra Mundial. A novidade foi muito bem recebida entre os soldados, tendo sido adotada como uma prática regular após o final da guerra.<sup>12</sup>

Muitos desconsideram esse acontecimento para a história do Voleibol e associam o seu desenvolvimento à extensa atuação internacional das ACMs. Mas o fato é que não podemos ignorar a importância histórica da aceitação do jogo pelas milícias, que, aliadas à ACM, tornaram-se sustentáculo para a difusão do Voleibol. Também foi de extrema importância para o esporte o momento em que a juventude americana passou a vê-lo como uma prática passível de ser realizada ao ar livre e que, não necessariamente, o jogo deveria manter características de movimentos lentos e suaves. O grau de dificuldade na execução desses movimentos poderia ser compatível com o nível do acervo de habilidades motoras de seus participantes, possibilitando assim ações mais velozes e mais vigorosas ao esporte. Essas adaptações em muito influenciaram a aceitação e divulgação do Voleibol pelo mundo.<sup>13</sup>

Após a consolidação do Voleibol na sociedade americana, leia-se clubes, a preocupação passou a ser com a ampliação e a incorporação de outras instituições. Para Bourdieu, esse fenômeno ocorre por conta da extinção ou do encampamento de novas fronteiras. Ao notarem que a modalidade representava determinado perfil formativo social, as autoridades educacionais americanas não tardaram em incluir o Voleibol nos programas de Educação Física das escolas, além de incentivar a prática em outras instâncias públicas – manifesta-se então a introdução do esporte no uso do tempo livre. Esse poder simbólico do Voleibol na escolarização americana difere, por exemplo, da representação do Futebol nas escolas secundárias das elites estudantis inglesas ou *public schools*. Pode-se inferir que o Voleibol nasceu respeitando os anseios de uma burguesia capitalista emergente, enquanto o Futebol foi balizado no

---

<sup>12</sup> Cf. DAIUTO, op. cit.; e BAACKE, Horst. **Coaches Manual 1: Development and Status of Volleyball**. FIVB, cap. 2.

<sup>13</sup> O Voleibol, como esporte de competição, começa a adquirir *status* a partir da década de 30 nos países da Europa e da Ásia, locais onde ocorreu o aperfeiçoamento das regras, assim como o registro de um maior número de participantes. Cf. História: quase 100 anos de disputa. **O Estado de S. Paulo**, 28 out. 1984. Caderno Especial, p. 9; e BAACKE, Horst. **Coaches Manual 1: Development and Status of Volleyball**. FIVB. cap. 2, p. 37-38.

refinamento de uma prática desportivizada escolar para os filhos da aristocracia inglesa.<sup>14</sup>

Sobre o processo de expansão do Voleibol, do clube para as escolas e demais praças esportivas, o que chama a atenção é a inserção nas forças armadas americanas. Como dito anteriormente, essa instituição foi uma das principais responsáveis pela disseminação da modalidade em termos internacionais. Reportando-se a Bourdieu, podemos interpretar esses dados na perspectiva de que uma nação, simbolicamente vitoriosa, tem a capacidade, a intenção ou a autoridade de reproduzir seu potencial de poder através de inúmeras manifestações (educacionais, esportivas, literárias, cinematográficas, entre outras) emergidas no seio de sua sociedade, servindo assim de modelo ou estereótipo para outros países. Por conta desse raciocínio, temos que o exército e a escola são vias respeitáveis ao pensarmos o processo de divulgação e perpetuação de determinado modelo de sociedade e disposições de seus agentes.

Os primeiros países a receber o Voleibol, com a expansão das fronteiras americanas para o esporte, foram o Canadá em 1900, Cuba em 1905, Filipinas e Japão em 1908, Porto Rico em 1909, Uruguai em 1912 e Brasil e México em 1916/17. Nos países europeus, como citado anteriormente, o esporte foi inicialmente inserido pelas tropas norte-americanas por ocasião da 1.<sup>a</sup> Guerra Mundial. A modalidade foi introduzida oficialmente na América do Sul no ano de 1910, tendo como porta de entrada o Peru.

Após a constatação de que os programas de Educação Física careciam de jogos e com base no objetivo de reestruturar e organizar a instrução primária naquele país, o governo peruano contratou uma missão composta pelos professores Joseph B. Lochee e José A. Macknight para atender às suas necessidades. Os primeiros jogos ensinados foram o Basquetebol, o Voleibol e o Handebol, sendo que apenas em 1912, na cidade de Montevideú, com a apresentação do Voleibol pelos membros da ACM, o jogo teve aceitação e iniciou seu trajeto.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> Trabalhos de maior consistência e fôlego histórico sobre as questões pertinentes à origem do Futebol e dos esportes modernos podem ser encontrados nas seguintes obras: HOBSBAWM, Eric. **A era dos impérios**; HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence. **A invenção das tradições**; ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**.

<sup>15</sup> Cf. DAIUTO, op. cit.

No Brasil, há indícios de que a modalidade foi praticada pela primeira vez no ano de 1915, no Colégio Marista de Recife-Pernambuco<sup>16</sup>, mas fontes oficiais indicam que o Voleibol foi introduzido no Brasil em torno de 1916/1917 na Associação Cristão de Moços de São Paulo.<sup>17</sup>

Chegando em território nacional, após mais de vinte anos da sua criação, o Voleibol não foi de imediato um esporte que teve grande difusão. Registros evidenciam o Fluminense F.C. como uma das poucas instituições esportivas que buscaram ofertar aos seus associados oportunidades de vivenciarem a modalidade em torneios para os clubes filiados à então Liga Metropolitana de Desportos Terrestres.<sup>18</sup> No Rio de Janeiro, em 1924, ocorreram os primeiros torneios oficiais de Voleibol por iniciativa e criação do Departamento de Voleibol da Associação Metropolitana de Esportes Atléticos.<sup>19</sup>

Com o passar dos anos e o efetivo processo de expansão e incursão, temos que em 1970, segundo um levantamento estatístico feito pelo Comitê Olímpico Internacional, o Voleibol e o Basquetebol estavam tecnicamente empatados com o número de 65 milhões de jogadores registrados em cada modalidade.<sup>20</sup> Analisando a difusão da modalidade, podemos considerar o argumento de José Roberto Borsari<sup>21</sup>, quando afirma que, pelo fato de ter sido criado dentro dos critérios de “simplicidade e participação igualitária”, o Voleibol obteve uma rápida aceitação e assimilação de sua prática por povos de várias regiões continentais.<sup>22</sup> Não obstante, evidencia-se um processo de desenvolvimento das capacidades e habilidades táticas e técnicas para o

---

<sup>16</sup> LANDULFO, Gerardo. Almanaque do vôlei. **Placar**, São Paulo, 1986. Suplemento especial, n 853.

<sup>17</sup> DAIUTO, op. cit.

<sup>18</sup> Id. *ibid.*, p. 10.

<sup>19</sup> Informação obtida junto ao *site* <<http://www.cbv.com.br/historia/brasilnovolei.htm>> da Confederação Brasileira de Voleibol. (Acesso em: 25 ago. 1999).

<sup>20</sup> O quadro do Comitê Olímpico Internacional indica que o Voleibol, no ano de 1970, possuía 65 milhões de inscritos e 127 federações; o Basquetebol, também 65 milhões de inscritos e 110 federações; o Futebol, 25,8 milhões de inscritos e 135 federações; o Atletismo, 19,5 milhões de inscritos e 143 federações; e, finalmente, a Natação, com 10,5 milhões de inscritos e 98 federações. BAACKER, H. et al. **Manual do Treinador - FIVB**. Rio de Janeiro: Palestra, 1971. p. 1.01-1.02.

<sup>21</sup> BORSARI, José Roberto. **Volibol: aprendizagem e treinamento** – Um desafio constante. São Paulo: EPU, 1989.

<sup>22</sup> Por exemplo, o Voleibol ocupa um lugar de extrema importância nos programas de Educação Física na região da ex-URSS, além de possuir um programa independente para estudantes a partir dos oito anos e para o ensino secundário. Nos departamentos esportivos escolares, mais de 70.000 pessoas praticam a Educação Física e 12.850.000 jovens desportistas aperfeiçoam seus conhecimentos nos centros de esportes nacional. Cf. SUVOROV, Y. P.; GRISHIN, O. N. **Voleibol: iniciação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1998. v. 1, Introdução.

Voleibol, frente à constatação e definição das particularidades culturais, especificidades e características físicas de cada nação.

Esse processo veio, posteriormente, classificar as escolas de Voleibol, podendo ser citada com destaque e reconhecimento internacional a escola européia e os países socialistas, os quais praticavam um Voleibol baseado na eficiência técnica e no alto nível de seus atletas. Ficou reconhecida como a escola do Voleibol-força. Seus principais representantes foram a URSS, a Polônia, a Bulgária, a Checoslováquia, a Alemanha Oriental e a Romênia.

Outros exemplos podem ser apresentados. A homogeneidade do conjunto, a variação de ataques, a determinação e a movimentação defensiva dos países asiáticos, representados especialmente pelas equipes do Japão, China e Coreia do Sul. A criatividade ofensiva e o envolvimento emocional dos países latino-americanos como Cuba, Brasil e, recentemente, Argentina, Venezuela e República Dominicana. Atualmente, podemos dizer que há um estilo mesclado entre a velocidade dos asiáticos, a força dos europeus e a versatilidade dos latinos. Como portadoras desse estilo, destacaríamos as seleções da Itália, da Iugoslávia, do Brasil, dos Estados Unidos, da Holanda e da Espanha.

Com a efetivação do intercâmbio internacional de competições, essas escolas puderam ser mais estudadas e seus métodos de treinamentos disseminados por países de características físicas e filosofias de trabalhos distintas, sendo possível, assim, a assimilação das qualidades de cada modelo, seja ele asiático, europeu ou latino-americano.

Um dado que corrobora o sucesso desse intercâmbio pode ser evidenciado quando da realização do Campeonato Mundial de Praga, em 1966, onde apenas os japoneses e os chineses utilizavam-se de ataques em velocidade. Em Munique, 1972, algumas equipes participantes já apresentavam algum tipo de jogada ou movimentação combinada.<sup>23</sup>

Após serem responsabilizados pela passagem do esporte recreacional ao esporte competitivo e pelo trabalho de divulgação internacional do Voleibol, aos Estados Unidos foi concedido legitimidade e jurisdição no campo, o que reforçou sua disposição social esportiva para outros países. Nesse sentido, o norte-americano

---

<sup>23</sup> BAACKE, H. et al., op. cit., p. 1.02.

assumiu o papel de “doutrinador esportivo”, comprovadamente se lembrarmos as missões das ACMs que percorreram as “colônias”, difundindo novos programas de Educação Física e novos conteúdos esportivos.

Das pioneiras frentes da modalidade, pautadas nas estruturas estruturadas dos modelos sociais norte-americanos, perpetuava-se um esporte que assumiu a condição e as características de estrutura estruturante nas diversas nações que o acolhia. Assim, assistimos a um exemplo de manifestação da dominação oculta destacada por Bourdieu. É bem verdade que em alguns países foram respeitadas as disposições locais, embora em outros, desconsiderando posturas xenofóbicas, o modelo representativo norte-americano imperou durante certo tempo.

No caso brasileiro, independentemente do local preciso de sua primeira incursão, pode-se incluir o Voleibol enquanto uma reprodução do modelo norte-americano, haja vista que a elite carioca do Fluminense representava a mais pura manifestação seletiva social clubística, assumindo esse *habitus* esportivo e respeitando as necessidades e características sociais para a devida incursão nesse seletivo campo. Sobre essa reprodução de capital social, Bourdieu destaca:

É por isso que a reprodução do capital social é tributária, por um lado, de todas as instituições que visam a favorecer as trocas legítimas e a excluir as trocas ilegítimas, produzindo ocasiões (*rallies*, cruzeiros, caçadas, saraus, recepções, etc.), lugares (bairros chiques, escolas seletas, clubes, etc.) ou práticas (esportes chiques, jogos de sociedade, cerimônias culturais, etc.) que reúnem, de maneira aparentemente fortuita, indivíduos tão homogêneos quanto possível, sob todos os aspectos pertinentes do ponto de vista da existência e da persistência do grupo.<sup>24</sup>

O Voleibol no Brasil, com períodos de mais ou menos aceitação, foi conduzido ao cenário esportivo nacional firmando-se como o esporte mais jogado no país depois do Futebol, sendo que nas cidades de Belo Horizonte e Brasília o Futebol ocupava o segundo posto.<sup>25</sup>

Outro dado representativo é que, assim como a seleção nacional de Futebol nas Copas do Mundo, o Brasil é único país que disputou todos os Jogos Olímpicos com sua equipe masculina desde a sua implantação em Tóquio, 1964. Entretanto, resultados convincentes surgiram apenas nas duas últimas décadas, a saber: sétimo

---

<sup>24</sup> BOURDIEU, O capital social: notas provisórias..., p. 68.

<sup>25</sup> Site <<http://www.cbv.com.br/historia/brasilnovolei.htm>> Acesso em: 25 ago. 1999.

em Tóquio; nono na cidade do México, 1968; oitavo em Munique, 1972; sétimo em Montreal, 1976; quinto em Moscou, 1980; segundo em Los Angeles, 1984; quarto em Seul, 1988; primeiro em Barcelona, 1992; quinto em Atlanta, 1996<sup>26</sup>; e sexto em Sydney, 2000.

O principal problema que explica os resultados pouco expressivos do Brasil nas décadas de 60 e 70 concentra-se na ausência de intercâmbio e experiência internacional com equipes de alto nível.<sup>27</sup> Essa lacuna era justificada pela posição geográfica do país em relação aos grandes centros esportivos mundiais. Porém, a deficiência não era gerada apenas pela dificuldade geográfica. O esporte amador nacional não dispunha de recursos para investimentos em modalidades e federações.

Reforçando a informação, podemos analisar a participação ínfima dos clubes nos campeonatos regionais, no início da década de 80, em quatro centros de Voleibol do Brasil. Em Belo Horizonte e no Recife, realizava-se um campeonato estadual com a participação de três clubes; no Rio de Janeiro, oito clubes; e em São Paulo, dez clubes.<sup>28</sup>

O desporto escolar também apresentou dificuldades em seu desenvolvimento. Nesse período, os trabalhos do Departamento de Desportos do Ministério da Educação e Cultura (DED-MEC) não atingiram as raias do pretendido “tradicionalismo esportivo”. Foi possível perceber que, em competições como os Jogos Estudantis, um grande número de participantes encorpavam os registros da modalidade Voleibol, entretanto, após o término dessas competições, os alunos não permaneciam em processo de treinamento. Aqueles que manifestassem algum interesse em continuar a prática esportiva teriam que buscar os clubes, que nem sempre ofereciam livre acesso e, como vimos anteriormente, não apresentavam um grau significativo e constante de participação em torneios oficiais.<sup>29</sup>

Uma leitura precipitada da história do Voleibol brasileiro pode render exclusividade na equalização dos seus problemas, ao considerar que o momento da

---

<sup>26</sup> Site <<http://www.uol.com.br/olimpiadas/volei/histbrasil.shl>> Acesso em: 8 ago. 2000.

<sup>27</sup> Como exemplo dessa discrepância, encontramos jogadores de nível de seleção nacional na Europa realizando de 200 a 300 jogos internacionais na carreira, enquanto um dos nossos atletas de maior potencial nesse período, Antonio Carlos Moreno, teve relativa experiência internacional. QUASE 100 anos de disputa: História..., p. 11.

<sup>28</sup> Site <<http://www.cbv.com.br/historia/brasilnovolei.htm>> Acesso em: 25. ago. 1999.

<sup>29</sup> CARVALHO, Oto Morávia de. Caderno técnico-didático do voleibol moderno. Brasília: MEC, 1980. p. 13.

“grande virada” na modalidade ocorreu no ano de 1975. Nesse ano, Carlos Arthur Nuzman assumiu a presidência da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) com o discurso inovador de remodelação da organização administrativa e incorporação de estratégias de marketing no esporte. Nuzman teve seus méritos, mas não foi o único responsável.<sup>30</sup>

Com essa proposta de associação e gerenciamento, o dirigente em pouco tempo chamou a atenção das empresas para a modalidade. A CBV candidatou-se e conseguiu sediar de imediato os Jogos Mundiais Juvenis, em 1977. O ápice de seu projeto aconteceu com o surgimento de uma infra-estrutura esportiva que culminou com a profissionalização dos atletas e serviu de modelo administrativo e gerenciamento para outros esportes coletivos no país.

Em decorrência desse trabalho, a primeira conquista expressiva internacional do Voleibol brasileiro veio com o vice-campeonato mundial de seleções na Argentina, em 1982. Em 1984, a equipe do Clube Atlético Pirelli conseguiu conquistar o título de campeão mundial de clubes e o selecionado nacional masculino obteve a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Los Angeles. Na seqüência, registrou-se a conquista do primeiro lugar nos Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992, e no ano de 1993 o Brasil venceu pela primeira vez a Liga Mundial de Voleibol, quebrando a hegemonia e supremacia italiana no torneio.

Mais recentemente, destacamos a medalha de bronze da equipe feminina nas Olimpíadas de Sydney, 2000, e Atlanta, 1996, além da conquista do ouro em Winnipeg, nos Jogos Pan-Americanos de 1999.<sup>31</sup> Convém salientar que foram

---

<sup>30</sup> Como registro, cabe o nome do professor Adolfo Guilherme, exemplo de abnegação e dedicação ao Voleibol, considerado por muitos treinadores da elite nacional o “técnico dos técnicos”. Um dos inúmeros destaques que poderíamos atribuir ao professor Guilherme (então técnico da seleção brasileira) fica por conta da introdução revolucionária do sistema de jogo de ataques rápidos combinados, de origem asiática, nas suas equipes de Belo Horizonte, na década de 60, quando da realização da fase classificatória para o IV Campeonato Mundial de Voleibol. Outro marco para a história do Voleibol nacional foi a estada do professor Yasutaka Matsudaira (técnico da equipe japonesa masculina campeã dos Jogos Olímpicos de 1972, Munique) no Rio de Janeiro, em 1974, ministrando cursos e definindo um novo conceito para o jogo, além de registrar uma nova etapa do Voleibol carioca e nacional. A prova disso foi a introdução do jogo fintado pelo professor carioca Célio Cordeiro, técnico da seleção brasileira que disputou o Mundial do México no mesmo ano. CARVALHO, op. cit., p. 13.

<sup>31</sup> A equipe feminina começou a disputar os Jogos Olímpicos em 1980, Moscou, ficando em sétimo lugar; repetiu a posição em Los Angeles, 1984; foi para sexto em Seul, 1988; e quarto em Barcelona, 1992. Site <<http://www.uolcom.br/olimpiadas/volei/histbrasil.shl>> Acesso em: 8 ago. 2000.

obtidos outros títulos significativos, como os mundiais masculinos na categoria infanto-juvenil e também os mundiais masculinos e femininos na categoria juvenil.<sup>32</sup>

Seria tautológico e de pouca originalidade apresentar no *corpus* da tese um relato cronológico sobre as conquistas e o desenvolvimento histórico do Voleibol, portanto, optamos em organizar o Anexo 1, que poderá suprir tanto a curiosidade quanto a pertinência acadêmica. Entretanto, entendemos ser plausível destacar algumas datas e acontecimentos que, no nosso ponto de vista, podem ser relevantes.

Por exemplo, lembramos que no ano de 1944 aconteceu o primeiro Campeonato Brasileiro com a participação das equipes masculinas dos Estados do Paraná, de São Paulo, de Minas Gerais, do Rio Grande do Sul, do Distrito Federal (Guanabara), da Bahia, de Santa Catarina e de Pernambuco. Na versão feminina, estiveram presentes as representações do Paraná, de São Paulo, de Minas Gerais, do Rio Grande do Sul e do Distrito Federal. O Estado de Minas Gerais foi o campeão feminino e São Paulo, o masculino.

O primeiro Campeonato Sul-Americano de Voleibol masculino e feminino, que teve o Brasil como campeão nas duas versões, foi realizado na cidade do Rio de Janeiro, especificamente no ginásio do Fluminense F.C. no período de 12 a 22 de setembro de 1951, tendo como patrocinador a entidade responsável pela modalidade na época, ou seja, a Confederação Brasileira de Desportos.

Em 1949, foi realizado o primeiro Campeonato Mundial em Praga, no qual sagrou-se campeã a equipe masculina da Checoslováquia.<sup>33</sup> No Congresso de Sofia, em setembro de 1957, o Voleibol passou a ser considerado esporte olímpico e sua

---

<sup>32</sup> Destacamos o feito histórico no Voleibol de Praia em Atlanta, 1996, quando o esporte fazia sua estréia olímpica e o Brasil mandou ao pódio o primeiro e o segundo colocados na categoria feminina. A propósito, cabe a confirmação de que o Voleibol de Praia teve sua inserção no Brasil na década de 50 com torneios amadores espalhados pelas praias do Rio de Janeiro. Inicialmente, a modalidade era praticada por duplas mistas. Hoje, já existe a variação da participação dos trios e quartetos. O esporte teve uma aceitação muito forte nas cidades litorâneas e, em 1986, realizava-se o primeiro torneio oficial no Brasil, chamado Hollywood Volley. Em 1987, o Beach Volley é oficializado pela Federação Internacional de Voleibol e é realizado o primeiro Campeonato Mundial no Brasil na praia de Ipanema, Rio de Janeiro. Em 1989, instaura-se o Circuito Mundial de Vôlei de Praia Masculino, sendo que as mulheres, posteriormente, passam a competir em seus respectivos circuitos. O Brasil tem sede nas etapas dos dois eventos, tendo inclusive o próprio circuito nacional patrocinado pelo Banco do Brasil. *Site* <<http://www.geocities.com/Colosseum/Arena/2363/histara.htm>> Acesso em: 12 nov. 1999.

<sup>33</sup> Ressaltamos que em algumas fontes consultadas encontramos a menção da conquista do primeiro título mundial pela equipe da URSS. Fica o registro dessa contradição. Optamos por seguir o relato oficial que consta no Manual do Treinador da FIVB. É possível que esteja sendo confundindo o primeiro Campeonato Mundial com o primeiro Campeonato Europeu ou primeira Olimpíada.

primeira aparição concretizou-se por ocasião dos Jogos Olímpicos de Tóquio, em outubro de 1964, sendo a única modalidade coletiva no programa olímpico que previa a participação de homens e mulheres.<sup>34</sup> Esse evento contou com a participação de dez países no masculino (Japão, Romênia, URSS, Checoslováquia, Bulgária, Hungria, Holanda, Estados Unidos da América, Coreia do Sul e Brasil). O primeiro campeão olímpico foi a URSS, o vice-campeão foi a Checoslováquia e o terceiro colocado foi o Japão. No feminino, a equipe japonesa conseguiu a primeira colocação, seguida da URSS e da Polônia.

Em 1977, como já citado, ocorreram as disputas do primeiro Campeonato Mundial Juvenil, sediado no Rio de Janeiro, e os campeões masculinos foram os componentes da equipe da URSS. No feminino, as norte-coreanas foram as campeãs da competição.

Desse contexto histórico inicial do Voleibol, é importante ressaltar o surgimento dos órgãos de sustentação institucional e legal que amparam a modalidade no que diz respeito ao seu gerenciamento, ou seja, às suas formas de organização e administração. Para tanto, buscamos conhecer as principais entidades que deram o devido destaque, e marcaram posições, no desenvolvimento do Voleibol nacional e internacional.

Não seguimos uma linha cronológica de acontecimentos, mas sim procuramos avançar de acordo com o grau de importância detectado no transcórre da história da modalidade. Obviamente, sentimentos regionalizados podem ser aflorados no afã de inserir determinadas instituições no âmbito da discussão, porém policiamos a pesquisa no sentido de evitar envolvimento dessa natureza, principalmente ao evidenciarmos fatos singulares ou isolados que não constituem ou não configuram representações fidedignas dos trabalhos desenvolvidos por essa ou aquela entidade. Iniciaremos com a Federação Internacional de Voleibol.

Em 1934, ocorreu a primeira tentativa de criar-se uma organização internacional para o Voleibol, com a instalação de uma comissão especial no Congresso Técnico da Federação Internacional de Handebol, em Estocolmo. Muitas atividades foram desenvolvidas em torno do estabelecimento da federação durante os

---

<sup>34</sup> Também essa data demonstra ser contraditória, pois há registros de que o Congresso de Sofia que decidiu sobre a inclusão do Voleibol nos Jogos Olímpicos foi realizado no ano de 1962.

Jogos Olímpicos de 1936, porém as iniciativas foram interrompidas por conta da 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial. Em 1946, representantes da Checoslováquia, da Polônia e da França reuniram-se em Praga e acordaram organizar um Congresso em Paris, no dia 20 de abril de 1947. Nessa data, foi fundada a Federação Internacional de Voleibol, com a filiação das seguintes federações: Bélgica, Brasil, Checoslováquia, Egito, França, Holanda, Hungria, Itália, Polônia, Portugal, Romênia, Uruguai, Estados Unidos da América e Iugoslávia.

O francês Paul Libaud foi o primeiro presidente da FIVB e permaneceu à sua frente durante 37 anos, trabalhando em prol do desenvolvimento, da organização, da divulgação e da popularização do esporte.

Após a fundação da FIVB, o Voleibol difundiu-se muito com o estabelecimento e a unificação das regras, além da emergente organização de campeonatos internacionais. A FIVB iniciou suas funções representando quatorze federações nacionais, sendo que após o Congresso Técnico de 1968, no México, já registrava o número de 103 associados e na Olimpíada de Seul, em 1988, as federações compunham um quadro de 177 associados, estimando um número de 150 milhões de jogadores registrados ativos de Voleibol.<sup>35</sup>

Analisando as posições relativas no interior desse campo esportivo e interpretando as relações objetivas que compõem tal espaço social estruturado, percebemos alguns indicativos que vão além da representatividade administrativa. Recuperando a argumentação teórica de Bourdieu, temos que para a constituição de um campo é necessária a existência e a definição de objetos de interesse, os quais, dotados de valores, tornam-se objetos de disputa, que, por sua vez, definem o campo como um espaço de lutas, concorrência e busca de poder. A essas características soma-se a construção de um *habitus* que se encarrega de delimitar as fronteiras desse determinado campo e selecionar a introdução de novos agentes sociais.

Transferindo esses conceitos para o caso da criação da FIVB, de imediato salta aos olhos um mandato institucional internacional esportivo de 37 anos. A manutenção de um dirigente durante um período tão extenso, seguindo o raciocínio bourdiano, permite inferir que as estruturas autônomas desenvolvidas nessa entidade foram fruto dos esquemas de percepção da realidade do Voleibol mundial,

---

<sup>35</sup> Dados obtidos no **Coaches Manual of Federation International of Volleyball**, cap. 2, p. 38.

associados às disposições dos agentes sociais que compuseram e legitimaram o crescimento desse campo. Somente dessa forma é possível aceitar-se a permanência de uma única pessoa, sem oposição, à frente da Federação Internacional de Voleibol. Em outras palavras, reconhecida a expansão e as possibilidades de penetração social da modalidade, estruturou-se o campo esportivo de forma que seus componentes pudessem manter o domínio sobre as deliberações oficiais do esporte. Nesse aspecto, Bourdieu é enfático:

Por outro lado, a reprodução do capital social também é tributária do trabalho de sociabilidade, série contínua de trocas onde se afirma e se reafirma incessantemente o reconhecimento e que supõe, além de uma competência específica (conhecimento das relações genealógicas e das ligações reais e arte de utilizá-las, etc.) e de uma disposição adquirida para obter e manter essa competência, um dispêndio constante de tempo e esforços (que têm seu equivalente em capital econômico) e também, muito freqüentemente, de capital econômico.<sup>36</sup>

Contudo, o nível das relações que se estabelece na distribuição de poder internacional não é tão simples assim. Há interesses, disputas e valoração. No campo, ficam estabelecidas condutas e vias de interdependências, um conjunto de relações compatíveis com a análises do sistema oligárquico em diferentes níveis de Norbert Elias. Essa teia ou rede de relações é refletida no número de federações nacionais que buscaram associar-se à FIVB, 89 novas filiações, garantindo sobremaneira a legitimidade e representatividade da instituição no campo esportivo.

Balizado pela decisão de otimizar o desenvolvimento do Voleibol – medida essa retirada no Congresso Técnico de Long Beach, em Los Angeles, no dia 26 de julho de 1984 –, assumiu a presidência da FIVB o mexicano Ruben Acosta, que permanece no cargo até o presente momento. Um longo programa foi adotado e uma nova estrutura de órgãos foi estabelecida. O Secretariado da FIVB transferiu-se de Paris para Lausanne, na Suíça, onde recursos humanos profissionalizados e atualizados foram implementados com a perspectiva de operacionalizar uma nova forma de organização e administração para a instituição.

Objetivamente, selecionamos as principais metas traçadas pela instituição visando o desenvolvimento do Voleibol mundial. Elas foram sintetizadas na seguinte ordem: a) servir e satisfazer as necessidades das Federações Nacionais; b) obter uma

---

<sup>36</sup> BOURDIEU, O capital social: notas provisórias..., p. 68.

participação efetiva e eficiente das Federações Nacionais; c) estabelecer de maneira clara e prática, condições financeiras, organizacionais e técnicas para as competições da FIVB; d) unificar anualmente um planejamento de competições, dando prioridade para competições de interesse financeiro e/ou promocional; e) promover o Voleibol como uma atividade de massa; e, finalmente, f) promover o Voleibol como um esporte-show.<sup>37</sup>

A FIVB representa os interesses gerais do Voleibol. As federações nacionais são as células básicas representativas da FIVB em seus países, sendo detentoras de personalidade legal e reconhecidas pelas leis locais. Como um órgão legal, cada federação nacional tem a autoridade de firmar contratos, realizar eventos e adquirir direitos dentro dos limites definidos pela legislação nacional, embora respeitando e reconhecendo as regras dos estatutos e suas obrigações para com a entidade maior, no caso, a Federação Internacional de Voleibol. A estrutura administrativa da FIVB é composta de órgãos que são descritos e estabelecidos pelo estatuto da instituição. Nessa estrutura, as decisões são subordinadas aos chamados Board of Administration e Executive Committee.

---

<sup>37</sup> Tradução de WMJr. Desses objetivos, alíneas de três deles nos chamaram a atenção de uma forma especial. Transcrevemos a seguir sua versão original para evitarmos perdas no processo de tradução: 4. Certain competitions must be sources of financial revenue through a scheme which is attractive to sponsors, the mass media, participants and the general public. 4.b. Other competitions must constitute a form of promotion and development of interest in Volleyball, as well as being a means to raise the technical level of developing teams by confronting them with more experienced teams. 4.c. A third category of competition must offer opportunities to countries with a lower standard, either through demonstrations by top-class teams, or by their participation in regional competitions of their own level. 5.a. Through a school program, to convince schools that Volleyball is the best education option, i. e., Mini-Volley. The latter ensures a complete physical education system, providing the psychomotor coordination necessary to the child's integral development without having to resort to expensive apparatus or equipment no endangering the physical integrity. 5.b. To motivate participation and encourage school competitions on a national level through international recognition. 5.c. To produce animation material and printed boards which will create an interest in Volleyball on the part of children. 5.d. To create Beach Volleyball competitions in order to promote easily assimilated athletic activities and to adapt them to holiday-makers through simple, practical and flexible rules, to enable competition between teams of two, three or four players, either men, women or mixed. 5.e. To aim at high level Beach Volleyball events that are sponsored and professionally organized on the best know beaches of the world. 6.a. To establish closer contacts with the mass media, sponsors and international sports bodies in order to bring vitality and practical content to the FIVB official magazine. 6.b. To begin the publication of a modern sports brochure, both flexible and timely, which will be distributed through correspondents nominated by the Federations. 6.c. To establish a Mass Media Commission with possible relations with AIPS and other bodies. 6.d. To make the publicity regulations imposed on team uniforms less rigid in order to give clubs and national teams the possibility of financial revenue which will enable them to train intensively under better conditions and reach a level high enough to attract spectators. 6.e. To encourage the most spectacular game actions, facilitate the mass adhesion of players of a high standard in their respective countries and obtain the direct broadcasting of complete matches by the commercial and state television channels, maintaining of course the spirit of the game. ACOSTA, Ruben. **Coaches Manual of Federation of Volleyball...**, Introduction. p. 26-27.

Em termos estruturais, e pelos seus objetivos, podemos acentuar que a FIVB nasceu com propósitos bem definidos e coerentemente articulados, tendo em vista as previsíveis interdependências impostas nesse campo.

A entidade preocupou-se em levantar três frentes básicas para o desenvolvimento da modalidade, a saber: a inserção do Voleibol nos sistemas educacionais, a qual denominamos **escolarização da prática**; a divulgação do Voleibol nas mais diversas esferas da sociedade, entendida como **processo de massificação**; e, estrategicamente, o envolvimento do esporte com as possíveis instâncias de suporte financeiro e promocional, ou seja, a incursão da mídia e suas interpenetrações, denominado **espetacularização do esporte**. Nesse sentido, todas as ações empreendidas pela FIVB primaram por relacionar e viabilizar os passos ou etapas a serem superados no processo de expansão de fronteiras e afirmação do Voleibol.

Analisando as três formas destacadas de manifestação e intervenção da federação, podemos perceber, em consonância com a nossa hipótese, que a frente da espetacularização do esporte recebeu maior ênfase durante a história do Voleibol. Provavelmente, isso ocorreu por decorrência da superposição de interesses de ordem financeira que viabilizaram a mercantilização e a capitalização das imagens e do universo simbólico que compõe a modalidade esportiva espetacularizada.

Nitidamente, os objetivos – em maior ou menor escala – foram atingidos de forma satisfatória pela instituição. Entretanto, essa notoriedade teve seu preço. O campo político constituído na federação foi estruturado de tal maneira a garantir, assim como no caso de seu antecessor, um mandato aparentemente vitalício para o presidente. Essa configuração e as articulações estabelecidas no seu interior remeteram autoridade à instituição, na medida em que se instaurou uma dominação explícita sobre a liberdade ou autonomia de seus afiliados, as federações nacionais.

Essas federações, por sua vez, não puderam gerenciar a modalidade, em seus respectivos países, de acordo com suas especificidades ou desrespeitando as diretrizes tutelares de seu superior. Norbert Elias definiu esse tipo de relação e as conseqüências das condições emergentes de potenciais distintos de poder. É a manifestação das relações sociais do modelo oligárquico de competição entre indivíduos com potencial de poder hierarquicamente distribuído interferindo na condução administrativa do Voleibol.

Nos momentos de tomada de decisões, a representação da FIVB, por meio do capital político e econômico adquirido, faz sucumbir ou minimiza as disputas pelo espaço de poder simbólico existente na estrutura. Assim sendo, reporta-se à desigualdade de condições nas lutas pelas posições e pelos interesses no interior deste campo. A comprovação deste indicativo pode ser encontrada ao analisarmos as instituições subalternas à FIVB.

No nível continental, as formas de organização reportam-se às Confederações, as quais operam sob a supervisão do Conselho de Administração da FIVB. As Confederações Continentais são subdivididas geograficamente, correspondendo à África, à Ásia, à Europa, à América do Sul e, por fim, ao conglomerado da América do Norte, América Central e Caribe (Norceca).

A Confederação Sul-Americana foi fundada em 12 de fevereiro de 1946, no Brasil, e o seu primeiro presidente foi o brasileiro Célio Negreiro de Barros. A atuação da instituição é de pouca expressividade internacional, haja vista que sua intervenção resume-se à articulação dos campeonatos continentais, que, no limite, tanto na categoria feminina quanto na masculina, apresentam disputas entre, invariavelmente, apenas dois selecionados nacionais. Sua sede encontra-se na Argentina e seus filiados são Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai e Venezuela.<sup>38</sup>

A Confederação Brasileira de Voleibol é uma entidade federal de administração esportiva, fundada em 9 de agosto de 1954, sendo filiada ao Comitê Olímpico Brasileiro e à Federação Internacional de Voleibol. Seu primeiro presidente foi Dennis Rupert Hathaway, eleito em 15 de janeiro de 1955, que respondeu pela instituição no período de 14 de março de 1955 a 15 de fevereiro de 1957.

Na ordem bianual de sucessão presidencial, encontramos mais cinco nomes que se dedicaram ao desenvolvimento do Voleibol. O primeiro sucessor foi eleito em 31 de janeiro de 1957 e exerceu suas funções durante o período de 15 de fevereiro de 1957 a 13 de fevereiro de 1959. Foi o mandato de Antonio Jaber. Posteriormente, eleito em 31 de janeiro de 1959, Paulo Monteiro Mendes respondeu pelo mandato de 13 de fevereiro de 1959 a 9 de fevereiro de 1961.<sup>39</sup>

---

<sup>38</sup> Cf. **Coaches Manual of Federation International of Volleyball...**, cap. 2.

<sup>39</sup> Site <<http://www.cbv.com.br/historia>> Acesso em: 8 nov. 1999.

Após esse período de experiências iniciais na administração da Confederação Brasileira, a história da entidade foi marcada por aquilo que podemos chamar de “eras” – representação decorrente das estruturas estruturadas atuando como estruturas estruturantes da FIVB –, nas quais processos de reeleições acusaram estilos de gerenciamento que imprimiram uma nova dinâmica ao esporte e, por que não dizer, estabeleceu uma nova configuração de inter-relações inéditas para o Voleibol.

O marco desse processo pode ser identificado com a eleição em 31 de janeiro de 1961 de Roberto Moreira Calçada. Reeleito por seis vezes consecutivas, Calçada adquiriu o direito de presidir a CBV de 9 de fevereiro de 1961 a 18 de janeiro de 1975, perfazendo um mandato de quatorze anos.

Pela eleição do dia 18 de janeiro de 1975, Carlos Arthur Nuzman assumiu o cargo. Sustentado também por seis reeleições, o dirigente respondeu pelo período referente aos mandatos de 18 de fevereiro de 1975 a 7 de janeiro de 1997. À frente da CBV, provavelmente, a “era Nuzman” foi a que mais marcadamente destacou o processo de transição do Voleibol. Ao assumir a presidência do Comitê Olímpico Brasileiro, em 1995, Nuzman foi sucedido, oficialmente, pelo seu último vice-presidente, Ary da Silva Graça Filho, em processo eletivo do dia 7 de janeiro de 1997 que lhe atribui um mandato inicial de quatro anos, correspondente ao período de 7 de janeiro de 1997 até 7 de janeiro de 2001.<sup>40</sup>

Convém lembrar que a CBV, a exemplo da FIVB, sempre manteve e defendeu a atribuição de ser a instância responsável pela difusão, coordenação e normatização da prática do Voleibol em todo o território nacional. Até o final do ano de 2000, ela contava com 27 federações estaduais filiadas (Anexo 2), 64.789 atletas *indoor* registrados e 1.408 atletas de *beach-volley*. A estrutura administrativa da CBV, sua capacidade de organização e a profissionalização de seus setores administrativo e técnico foram reconhecidas internacionalmente e renderam-lhe o prêmio de destaque da FIVB.<sup>41</sup>

A Confederação Brasileira organiza Campeonatos Brasileiros, Superligas, Circuito Banco do Brasil de Vôlei de Praia e as atividades das seleções nacionais

---

<sup>40</sup> Site <<http://www.cbv.com.br/historia.histcbv.htm>> Acesso em 8 nov. 1999 e Relatório da CBV de Presidentes, Eleições e Mandatos. CBV, Rio de Janeiro, 28 maio 1999, p. 8.

<sup>41</sup> Site <<http://www.cbv.com.br/historia.histcbv.htm>> Acesso em: 8 nov. 1999.

masculinas e femininas. Dentre suas iniciativas, destacam-se a implantação de exame *anti-doping* nos períodos de treinamento das seleções, o “repatriamento” de atletas brasileiros que atuavam no exterior e, nos últimos anos, a tentativa de implantação da seleção permanente feminina. Em seu plano estratégico de ações futuras, figura a concentração de esforços na ampliação da base de praticantes, que, segundo previsão de seus dirigentes, consolidará a presença do Voleibol em todo o território nacional, estimulando a criação de novas atividades na área de iniciação esportiva.<sup>42</sup>

Dando continuidade no estudo da representação hierárquica administrativa, e ao conjunto de disposições que a cercam e definem seu *modus operandi*, pesquisamos as federações regionais e percebemos que determinados Estados da União tiveram importância vital no processo de introdução do Voleibol no Brasil. Destacamos dois. Um deles, o pioneiro a incentivar a prática federativa da modalidade entre os associados dos clubes da capital, foi o Estado do Rio de Janeiro.

A Federação Metropolitana de Volley-Ball foi fundada como Liga de Volley-Ball do Rio de Janeiro, em 14 de setembro de 1938, por conta do impulso dado pelos clubes América Football Club, Botafogo Football Club, Clube Internacional de Regatas, Clube de Regatas Botafogo, Clube de Regatas Flamengo, Clube de Regatas Vasco da Gama, Clube dos Tabajaras, Clube Universitário do Rio de Janeiro, Grajaú Tênis Clube, Santa Heloísa Football, São Cristóvão Atlético Clube, Tijuca Tênis Clube e Vila Isabel Football Clube.<sup>43</sup>

A Federação Fluminense de Desportos dirigia e supervisionava os esportes amadores e profissionais do Estado do Rio de Janeiro. Ela foi fundada em 7 de janeiro de 1925 pela fusão da Associação Fluminense de Esportes Atlético e Federação Fluminense de Esportes.<sup>44</sup>

A atual Federação de Volley-Ball do Estado do Rio de Janeiro (Feverj) é o resultado da união da Federação Metropolitana de Volley-Ball e dos filiados ao Departamento de Volley-Ball da Federação Fluminense de Desportos. Sua fundação reporta a 23 de junho de 1976, com a Lei estadual n. 6.251/75. A Feverj apresenta nos seus estatutos as seguintes finalidades:

---

<sup>42</sup> Site <<http://www.cbv.com.br/historia.histcbv.htm>> Acesso em: 8 nov. 1999.

<sup>43</sup> Informações no site <<http://www.voleirio.com.br/vohis.htm>> Acesso em 23 jun. 1999.

<sup>44</sup> Id. *ibid.*

- a) Dirigir, superintender e incrementar, por intermédio das Associações e das Ligas Municipais que lhe são filiadas, o Voleibol, promovendo as medidas necessárias ao seu aperfeiçoamento;
- b) Promover a realização de campeonatos, torneios e competições de Voleibol;
- c) Cumprir e fazer cumprir as leis, regulamentos, deliberações e demais atos dos poderes ou órgão de hierarquia superior, aplicável ao Voleibol;
- d) Expedir regulamentos, avisos, portarias, notas oficiais e instruções às Ligas e Associações filiadas;
- e) Regular a transferência e inscrição de atletas, nos termos da lei;
- f) Ter sob controle técnico e científico o Voleibol do Estado do Rio de Janeiro, bem como representar oficialmente o Voleibol deste Estado;
- g) Defender os interesses das Associações filiadas e atletas, nas suas relações com os poderes públicos;
- h) Organizar cursos de Voleibol;
- i) Procurar fortalecer a união entre as Ligas e Associações filiadas, zelando pela harmonia desportiva do Estado do Rio de Janeiro.<sup>45</sup>

Carlos Reinaldo Pereira Souto é o atual presidente da Feverj, tendo sido eleito em 3 de fevereiro de 1992 e reeleito em 3 de fevereiro de 1997, com mandato até o ano de 2001.

A despeito dos principais indícios e fontes apontarem o Estado de São Paulo como o primeiro a praticar o Voleibol, a fundação da Federação Paulista data de 1942, mais precisamente no dia 6 de novembro, quando da reunião de dezesseis clubes para oficializar a criação de uma entidade especializada no esporte.<sup>46</sup> Foram eles: Clube Atlético Paulistano, Associação Desportiva Floresta (Esperia), Clube de Regatas Tiête, Esporte Clube Pinheiros, Sociedade Esportiva Palmeiras, Esporte Clube Corinthians Paulista, Clube Esportivo da Penha, Associação Atlética São Paulo, Tênis Clube Paulista, Liga Santista de Voleibol, Associação Cristã de Moços, Associação Cultura Física, Esporte Clube Banespa, São Paulo Futebol Clube, Sociedade Harmonia de Tênis e Santos Football Clube.<sup>47</sup>

O Voleibol paulista apresenta um fato comum aos arquivos da Associação Cristã de Moços de Holyoke. Ambos tiveram incêndios em suas sedes, perdendo

---

<sup>45</sup> Informações obtidas junto ao *site* da Federação de Volley-Ball do Estado do Rio de Janeiro: <<http://www.voleirio.com.br/vohis.htm>> Acesso em 23 jun. 1999.

<sup>46</sup> Além dos registros pioneiros apresentados pela Associação Cristã de Moços de São Paulo na década de 1910, temos, a título de ilustração, numa época onde as competições acadêmicas começaram a ganhar destaque, a fundação da Federação Universitária Paulista de Esportes (FUPE), em 18 de setembro de 1934, através da ação de estudantes como Cásper Líbero, Constâncio Vaz Guimarães, dentre outros, e das faculdades de Direito, Engenharia, Medicina, Veterinária, Farmácia e Bioquímica da USP, Escola Paulista de Medicina e Engenharia Mackenzie. Cf. *site* <[www.fupe.org.br/historia.htm](http://www.fupe.org.br/historia.htm)> Acesso em: 15 abr. 2000.

<sup>47</sup> *Site* <[www.fpv.dialdata.com.br](http://www.fpv.dialdata.com.br)> Acesso em: 15 abr. 2000.

grande parte documental de sua história. Em Holyoke, as perdas chegaram ao ponto de não existir sequer uma foto do idealizador do Voleibol. Uma reprodução do arquivo pessoal do professor da Universidade de São Paulo, José Frascino, foi encaminhada à Holyoke com a epígrafe “*made in São Paulo, Brazil*”. No prédio que o Governo do Estado de São Paulo construiu para as federações e entidades esportivas amadoras, os estragos não foram menores. A Federação Paulista de Volleyball só possui arquivos datados a partir do ano de 1976. De 1942 até essa data, nada foi preservado.<sup>48</sup> Essa é uma triste realidade para a memória esportiva.

Ao evidenciar a Federação Paulista de Volleyball como uma das principais entidades responsáveis pela introdução, divulgação e desenvolvimento do Voleibol, encontramos nas palavras do então presidente da Confederação Brasileira de Volleyball, Carlos Arthur Nuzman, a constatação dessa importância.

Estamos certos de que o sucesso que ora o voleibol desfruta no Brasil se deve, em muito, ao incansável trabalho realizado no voleibol paulista. A força do nosso esporte em São Paulo está na mesma proporção da importância e grandeza que o Estado representa para o País. Por isso, não poderíamos deixar de mencionar o esforço exemplar que a FPV vem exercendo ao longo dos últimos anos, no intuito de apoiar e manter no voleibol a participação das maiores empresas nacionais e multinacionais. Podemos afirmar que, nesses 50 anos de história, o voleibol de São Paulo se constituiu num dos principais alicerces deste esporte no Brasil. Ao comemorarmos este cinquentenário, é importante destacar um momento especial para nós, brasileiros, e que resume a intensa participação de São Paulo em todo o processo de evolução do voleibol no Brasil – a conquista da Liga Mundial pela Seleção Masculina Adulta em julho de 1993, foi um marco na história do esporte nacional. Mais do que o inédito título, aquela foi a primeira conquista em nosso país depois da campanha que culminou com a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Barcelona. O incentivo do público paulista, que lotou o Ginásio do Ibirapuera em todos os jogos da Seleção, foi contagiante e, ao mesmo tempo, a maior prova da força do voleibol no Estado.<sup>49</sup>

O Voleibol paulista vangloria-se das inúmeras conquistas que obteve ao longo da história, além de ter em alto relevo os vários atletas que serviram os selecionados nacionais nas competições às quais o Brasil se fez presente. A Federação Paulista de Volleyball – desde sua instalação em um pequeno espaço no

---

<sup>48</sup> Cf. Edição Comemorativa do Cinquentenário da Federação Paulista de Volleyball. FRASCINO, José. **Anuário 92/93 da Federação Paulista de Volleyball**. São Paulo: Promoplan, 1994.

<sup>49</sup> Mensagem do presidente da Confederação Brasileira de Volleyball para a Edição Comemorativa do Cinquentenário da Federação Paulista de Volleyball. FRASCINO, José. **Anuário 92/93 da Federação Paulista de Volleyball...**, p. 1.

prédio da antiga Diretoria de Esportes da rua Guaianases, passando pelo Prédio das Federações do Conjunto Desportivo Baby Barioni, na rua Germaine Burchard, até chegar à sede atual na rua Abílio Soares – apresenta uma peculiaridade que a distingue da FIVB e da CBV sob certos aspectos. A ausência de mandatos extensos que caracterizaram “eras” administrativas ou “proprietários” da entidade.<sup>50</sup>

Como evidência, podemos apresentar um relato das passagens presidenciais pela FPV. Octávio Carlos Gonçalves (1942-1951), Antônio Rennó Ribeiro (1951-1953), Jorge de Almeida Bello (1953-1955), Aldo Daprà (1955-1958), Raphael Chacur (1958-1960), José Antônio Rogê Ferreira (1960-1962), Mário Salles de O. Malta (1962-1969), Constantino Soares Vieira (1969-1971), Waldir Ferreira Martins (1971-1972), Waldemar J. dos Santos Jr. (1972-1976), Werner Buff (1976-1978), Renato Pera (1978-1986), Antônio Amchite (1986-1989) e Renato Pera (1989-1993).<sup>51</sup>

Analisando a Feverj e a FPV, depara-se com um modelo administrativo e um conjunto de objetivos a serem perseguidos pouco distintos das instituições hierarquicamente superiores. Tais propósitos apenas confirmam a argumentação de que a estruturação do campo político e econômico na FIVB constituiu-se em uma espécie de modelo ou regra de funcionamento esportivo, de tal modo que os *habitus* construídos e exigidos para a inserção nessa configuração perpetuaram-se em níveis continentais, nacionais, estaduais e assim por diante. Os verbos *cumprir*, *dirigir*, *superintender*, *expedir*, *regular*, *zelar* e *ter sob controle*, por exemplo, dão o tom e a dimensão dessa interferência no gerenciamento do esporte.

Após essa apresentação da composição histórica inicial do Voleibol, sua *performance* internacional, seu processo de expansão e a observância do surgimento das principais entidades administrativas, podemos analisar o período estabelecido para o estudo das transições na modalidade.

---

<sup>50</sup> Cabe destacar que o presidente atual da FPV, Renato Pera, está consolidando uma trajetória administrativa dentro da entidade que pode ser equiparada aos dirigentes que perfilarão durante um longo período à frente de suas federações ou confederações. Esse pode ser um indicativo de incorporação da representação administrativa superior.

<sup>51</sup> FRASCINO, op. cit., p. 10.

## 2.2 A projeção e o “romantismo” do Voleibol nos anos 70

Superado o período de criação e expansão do Voleibol, além do surgimento das entidades responsáveis pela sua administração e desenvolvimento, destacamos as décadas de 60 e 70, consideradas marcantes em termos de transformações e transições histórico-sociais no Brasil. Para iniciar a discussão sobre a projeção do Voleibol, apresentamos o clássico exemplo do Japão, do revolucionário Yasutaka Matsudaira e o seu “circo de voadores”.<sup>52</sup>

Logo após ter sido indicado para técnico da equipe masculina do Japão, eu tive consciência de que meu trabalho seria enorme. Tornar meu país vitorioso era um desafio. Eu não podia recusar. [...] Cada nação luta pela vitória! Esta é a história da equipe japonesa masculina e de como eles conquistaram a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de 1972.<sup>53</sup>

O percurso vitorioso de Matsudaira iniciou-se em 1961, quando a equipe japonesa realizou uma excursão à Europa Oriental pela primeira vez em sua história esportiva. Como o próprio técnico expressou, “o Japão perdeu miseravelmente todos os seus 22 jogos”, sendo que, na maioria das partidas, as equipes enfrentadas não eram as seleções nacionais e sim clubes locais.

Diante desses resultados, nem o mais otimista dos técnicos poderia prever um futuro de conquistas. Assim sendo, Matsudaira e sua equipe pormenorizaram uma avaliação dos motivos desencadeadores das derrotas e as diferenças entre o Voleibol europeu e o asiático. No processo de avaliação, inseriu a análise da importância do esporte, sua popularidade, o meio de interação e os dirigentes da modalidade, além da história, cultura social, forma de governo, línguas e a situação política dos países concorrentes. Esse trabalho, obviamente, foi somado ao desenvolvimento dos componentes técnicos, táticos, físicos e psicológicos específicos para os atletas.

O passo seguinte foi a efetivação de uma auto-avaliação, onde ficou comprovado ser muito difícil vencer equipes européias usando métodos comuns de treinamento, tendo para si uma desvantagem em estatura e força. Outro fator

---

<sup>52</sup> MATSUDAIRA, Yasutaka. **Manual del Entrenadores Internacionales - FIVB**. Madrid: CIE, 1976. p. 11.1-11.8.

<sup>53</sup> Id. *ibid.*, p. 11.1.

negativo era a realização dos campeonatos da Associação Japonesa de Voleibol com regras distintas dos torneios internacionais. Por exemplo, permitia-se nove jogadores em cada equipe, a quadra era um pouco maior e a altura da rede era um pouco menor.<sup>54</sup>

No ano seguinte à realização dos Jogos Olímpicos de Tóquio, foi organizado um plano de trabalho para oito anos, com o objetivo de conquistar a medalha de ouro em Munique, 1972. Convicto que em matéria de organização e administração esportiva a crença vem depois dos resultados, Matsudaira tentou convencer os dirigentes nacionais sobre a pertinência de sua proposta. O técnico relatou que no primeiro ano de trabalho ele foi ridicularizado de tal forma que chegou a duvidar da própria sanidade mental e, em determinados momentos, perder a autoconfiança. A conquista da segunda colocação nas Olimpíadas do México, em 1968, garantiu a continuidade do projeto.

A primeira medida visando o desenvolvimento de sua proposta concretizou-se com a composição de uma comissão técnica, na qual encontramos Matsudaira como técnico, Ikeda como preparador tático e Saito como treinador. No programa de trabalho, foram determinadas as seguintes metas:

- a) Implantação de uma liderança consistente com um líder absoluto para dirigir o programa durante 8 anos.
- b) Recrutamento e desenvolvimento de uma equipe de estatura elevada.
- c) Seleção de jogadores fazendo o melhor uso de suas peculiaridades e tradições características do povo japonês.
- d) Desenvolvimento de novas táticas adequadas ao Japão e não praticadas na Europa.
- e) Atingir 70% do plano por ocasião das Olimpíadas do México em 1968 e os 30% restantes 4 anos depois, em Munique.<sup>55</sup>

Matsudaira acreditava que, para obter os resultados desejados, sua equipe deveria concentrar esforços em torno do desenvolvimento da força física (habilidade física e atlética), da técnica e tática (habilidade individual e estratégia), da experiência (competições nacionais e internacionais), do aprimoramento do poder mental (perseverança sólida tanto imediata quanto a longo prazo), do trabalho de grupo (partilhar uma meta comum) e da habilidade e capacidade profissional dos

---

<sup>54</sup> BAACKE, op. cit., p. 1.01.

<sup>55</sup> MATSUDAIRA, op. cit., p. 11.2.

técnicos (estímulos). Em cima desses aríetes e dos conhecimentos acerca das outras equipes internacionais, o técnico traçou o perfil da “equipe ideal”, na qual destacou “a força dos soviéticos, a margem mínima de erros da Alemanha Oriental, a habilidade dos tchecos, a emotividade dos romenos, a velocidade dos coreanos, o trabalho de equipe do Japão, a impulsão dos cubanos e o poderio da Bulgária”.<sup>56</sup>

Para o desenvolvimento do trabalho, Matsudaira arquitetou novas estratégias táticas e psicológicas, em consonância com as características dos jogadores que foram selecionados. A base surgiu da aplicação tática, do envolvimento e da credibilidade dos atletas. Cada integrante deveria saber o porquê de estar ali e, o principal, o que conquistar. Esse procedimento criou uma atmosfera na equipe, onde cada membro tinha sua função claramente definida e reconhecia a importância da mesma para o engrandecimento do grupo.

Os esportes, de uma maneira geral, apresentam várias formas de representações simbólicas, porém os representantes do selecionado japonês adquiriram homogeneidade na opção e na meta a ser atingida. Em outras palavras, a resposta ao “por que queremos jogar” e “por que queremos vencer” foi incorporada pela equipe e, em determinadas circunstâncias, recuperada para a superação das dificuldades encontradas. Para Matsudaira,

A despeito de sermos basicamente animais, a diferença está em podermos lutar por um auto-conhecimento. Como seres humanos devemos aceitar o desafio e criarmos soluções positivas. Os animais nascem com a chance de viver sem nenhuma razão particular. No início da vida os seres humanos vivem do mesmo modo, quando adultos, cada um deve viver sua vida de acordo com sua própria vontade. Conseguir uma vitória no esporte depende de treinamento. Uma pessoa pode hoje fazer uma coisa que ontem seria incapaz de fazer. Entre todas as pessoas que jogam vôleibol atualmente, a metade joga como animal e a outra metade como gente. O vôleibol quando é imposto a um jogador é praticado como por um animal. Um jogador que participa do vôleibol por escolha própria, joga como um ser humano.<sup>57</sup>

Na seqüência, foi introduzido no Japão o revolucionário sistema de ataque combinado com velocidade, que não permitia um posicionamento imediato e correto do bloqueio e a armação da base da defesa adversária. Essa prática culminou com a

---

<sup>56</sup> MATSUDAIRA, op. cit., p. 11.4.

<sup>57</sup> Id. *ibid.*, p. 11.5.

conquista do almejado ouro olímpico em Munique, 1972, diante da equipe da Alemanha Oriental.

Do modelo de organização e reestruturação do Voleibol japonês, ficaram algumas lições que foram disseminadas pelo mundo e, algumas, serviram de exemplos na elaboração de novas propostas. A de maior ênfase, respeitando a filosofia oriental, poderia ser resumida na pressuposição de que o “aperfeiçoamento das habilidades humanas exigem algo mais que a mera participação, esta melhora implica na determinação de metas e no prazer que se obtém quando conquistamos uma delas”. E ainda, afirmou o próprio Matsudaira, “seja um louco pelo volleyball e não seja um louco do volleyball”.<sup>58</sup>

Paralelo ao êxito da revolução implementada e difundida pelo Japão, podemos destacar um dado que apontou para outras transformações na modalidade. Nesse período, o Voleibol destacou-se pela sua popularidade mundial, tanto entre jogadores quanto entre espectadores. Basta mencionarmos a realização dos campeonatos internacionais na Europa, que chegaram a colocar de 30 mil a 60 mil pessoas em seus ginásios durante as competições.<sup>59</sup>

Contudo, em meados da década de 70, o quadro apresentou indicativos de uma sensível baixa na popularidade do esporte. Esse fato foi explicado devido a algumas características restritivas identificadas na prática do Voleibol. Uma citação, um tanto longa, mas de suma importância para o entendimento dessa situação torna-se necessária e elucidativa, principalmente pela pertinência à problematização e hipótese da nossa pesquisa. Essa citação foi extraída do **Manual de Treinadores da Federação Internacional de Voleibol**, publicado no Brasil no ano de 1971, e redigida pelo presidente da Comissão de Treinadores da FIVB, Horst Baacke, da Alemanha Oriental.

As grandes equipes desejam mostrar sua melhor forma e jogar o volleyball com bastante sucesso. As equipes e os jogadores usam as regras do jogo para alcançar uma performance vitoriosa, tanto quanto possível. Contudo, encontramos uma contradição entre um jogo de diversão de massa e um jogo de sucesso e vitória. As regras atuais não promovem adequadamente as competições de recreação popular. De acordo com recentes estatísticas, dão vantagem ao time que está atacando, com uma porcentagem mínima de oportunidade ao time que está defendendo.

---

<sup>58</sup> MATSUDAIRA, op. cit., p. 11.9.

<sup>59</sup> BAACKE, op. cit., p. 1.04.

Aproximadamente, de 45 a 50% (homens) e 40 a 45% (mulheres) dos ataques são bem sucedidos, com aproximadamente 10 a 15% dos ataques resultando em erro direto. No entanto, a oportunidade de defesa (o mais espetacular elemento do volleyball) não é superior a 30% em todo o jogo. Isto significa que, entre 60 a 75% dos pontos são marcados no primeiro ataque, ficando a vantagem com o time atacante. No entanto, usando-se as regras atuais de muitas vantagens, poucos pontos são ganhos por cada equipe, e muito do jogo é pouco interessante, tanto para os jogadores, como para os espectadores. Estatísticas também indicam que é necessário o uso de 3 ou 4 saques para se ganhar cada ponto, com média de 9 segundos de duração para o tempo de bola em jogo. [...] Há uma média de apenas 3 ou 4 contatos com a bola por jogada (“rally”) em cada time, antes da vantagem ou ponto serem marcados. Com “rallies” curtos, já muitas vantagens e poucos pontos porque o time atacante, no ataque inicial, marca o ponto. Equipes que se equivalem jogam, frequentemente, durante muito tempo, com apenas vantagens sendo contadas. Este é o motivo pelo qual as partidas têm quase sempre duração de 2 ou 3 horas. [...] Esta duração traz dificuldades para os Comitês Organizadores devido à qualidade da partida, quando os times ficam cansados e a competição desencoraja a cobertura pela TV e pelo rádio, devido à não-previsão da duração. A FIVB está estudando vários meios de aumentar o interesse do público pelo volleyball. A Comissão de Regras e Leis de Jogo está estudando uma maneira de equilibrar o ataque e a defesa e também limitar a duração do jogo.<sup>60</sup>

Essa citação ressalta sobremaneira a emergência e a “necessidade” do futuro processo de espetacularização que se instalou no campo esportivo após a modalidade ser profissionalizada. No sentido lato, percebe-se o movimento da mídia e da indústria cultural no direcionamento, reestruturação e condução do Voleibol. Essa peculiaridade da espetacularização do Voleibol aproxima e referencia o modelo de Bourdieu na análise do desenvolvimento histórico da modalidade.

A compreensão do processo de espetacularização do esporte, segundo o autor, passa pelo entendimento das exigências e alterações na modalidade para confirmação de sua inserção no universo da comunicação de massas e da sociedade de consumo. É o esporte sendo espetacularizado e metamorfoseado por conta das disposições e estruturas sociais.

A superação imposta por Matsudaira no Voleibol japonês corroborou com a argumentação de que a modalidade apresentou possibilidades de ruptura com o modelo socialista que, inevitavelmente, sucumbiu a uma proposta nacionalista oriental. O Japão, nos anos 60, tentava superar as conseqüências do ataque atômico firmando-se enquanto uma potência mundial. Nesse contexto, o Voleibol pôde se

---

<sup>60</sup> BAACKE, op. cit., p.1.04.

desenvolver em conformidade com as divergências e regionalidades das culturas nacionais.

O Voleibol nasceu nos Estados Unidos, entretanto desenvolveu-se inicialmente no Leste Europeu, revolucionou-se no continente asiático e espetacularizou-se no mundo industrial e midiático ocidental. Esse processo, nitidamente, não corresponde aos fundamentos explicativos da história dos esportes de origem européia. Há no Voleibol a viabilidade da leitura sociológica das continuidades e, principalmente, das rupturas provenientes da história relativamente autônoma da modalidade, como categorizou Bourdieu.

Paralelamente, podemos indagar se o modelo oriental serviu de exemplo e elemento motivador para o emergente gerenciamento do Voleibol brasileiro, porém pretendemos retomar essa questão mais adiante. Para o momento, procuramos delinear o desenvolvimento da modalidade no Brasil.

A década de 70 registrou para a história nacional da modalidade um período frutífero em transições, rupturas e aspirações, que marcaram um percurso com início na proposta de escolarização e massificação da modalidade, chegando posteriormente à profissionalização da prática inserida na sociedade de consumo. Também notamos pelo quadro de resultados internacionais que, tanto no Voleibol masculino quanto no feminino, tivemos pouca expressividade até a década de 80. (Cf. Anexo 3).

Para entender essa configuração, temos que definir a existência de um espaço social para o Voleibol que representa ou apresenta a realidade da modalidade em processo de contínuo desenvolvimento.

Ao pesquisarmos os principais exponenciais da modalidade no campo competitivo nacional, nos idos de 1960, identificamos duas equipes que conquistaram supremacia em termos de títulos, condições para realização de treinamentos, revelação de jogadores (que posteriormente seriam selecionados para representar o país em competições internacionais) e infra-estrutura para o aperfeiçoamento de seus atletas. Tal como guiado pelo sucesso no Futebol, falamos do Santos Futebol Clube e do Botafogo de Futebol e Regatas. Objetivamente, destaca-se uma característica fundamental dos esportes modernos, qual seja, a interconexão existente entre modalidades e locais de sua prática.

Dessa constatação, resgatamos a percepção do local de origem do Voleibol, ou seja, o clube. Nesse sentido, reafirmamos que a via de inserção da modalidade no Brasil não foi a escola, e sim a reprodução de um sistema de representações existentes nas estruturas que compõe um clube. Essa instituição possui em seu quadro de associados agentes dotados de determinado perfil social, composto e construído à base do respectivo potencial de capital social, econômico e cultural, capaz de enfatizar posições e distinções de classe.

Clubes, quando apóiam a incursão de determinadas modalidades em seus quadros de esportes competitivos, nitidamente o fazem na perspectiva da obtenção de resultados e na composição de equipes de rendimento. Raramente observam-se processos de massificação ou popularização dos esportes a partir das iniciativas clubísticas.

O modelo de difusão, as representações e as relações inerentes dessa prática esportiva foram copiosamente importadas da estrutura estruturada norte-americana. A incursão do Voleibol não ocorreu de forma aleatória ou em um clube qualquer. Respeitando o *habitus* configurado pelo praticante da ACM de Holyoke, o Voleibol constituiu o seu campo social em clubes que se destacavam pela sua capacidade de arregimentar as elites e os virtuais pólos diretivos da sociedade. Assim sendo, não por coincidência, a modalidade circunscreveu-se inicialmente em clubes do porte do Fluminense, do Botafogo, do Flamengo, do Paulistano, do Pinheiros, do São Paulo, entre outros.

Um detalhe que corrobora com a linha de raciocínio é a condição vitoriosa hegemônica e de competitividade instalada nas equipes de Futebol do Santos e do Botafogo na década de 60. É notório o registro de conquistas, a presença de grandes ídolos e personagens que construíram a história dos clubes e, por que não dizer, da modalidade no Brasil. E o Voleibol, inserido nessa estrutura formadora do *habitus* competitivo, registrou suas primeiras conquistas expressivas justamente nos clubes que detinham essa disposição e representação social junto ao público espectador de outra modalidade esportiva. Dessa análise, podem decorrer percepções iniciais sobre a problematização construída em torno do sentido diferenciado que o processo de massificação esportiva assume diante da estruturação da sociedade.

Também no Voleibol, as equipes do Santos e do Botafogo forjaram momentos de glória, mesmo realizando trabalhos sob os auspícios de planejamentos precários ou contando com jogadores impossibilitados de dedicarem-se exclusivamente ao esporte. Essa foi a fase considerada por aqueles que a viveram, ou posteriormente a estudaram, como a fase da abnegação e da pura paixão pelo esporte. Esse seria o sentido maior para sua incursão em um processo “romântico” de desenvolvimento. Carlos Arthur Nuzman resumiu o período com o seguinte depoimento:

Era um trabalho sem seqüência, já que não era complementado na Seleção Brasileira. Dificilmente os jogadores podiam se dedicar aos exercícios dias seguidos, preocupados com o colégio, a faculdade ou o emprego. A improvisação, comum a todos os esportes amadores, contaminava os dirigentes, que não tinham dinheiro nem para organizar um calendário. As competições limitavam-se aos torneios regionais e Campeonato Brasileiro de Seleções, este último vencido quase sempre pelos paulistas.<sup>61</sup>

Dos clubes para a seleção, em 1964, o Voleibol brasileiro fazia sua estréia nos Jogos Olímpicos de Tóquio com uma delegação composta de dez atletas, dois a menos que o normal, sendo que um adoeceu e outro contundiu-se durante as competições. Em síntese, o Brasil iniciou sua trajetória olímpica com o sétimo lugar e uma equipe que chegou ao final das disputas com apenas oito jogadores.<sup>62</sup>

Uma evolução foi apresentada na preparação para os Jogos Olímpicos de 1968, no México, quando o professor Célio Cordeiro Filho, no comando técnico – exerceu a função de 1966 a 1974 –, convocou os atletas, em número completo, para ficarem treinando e concentrados em Campos do Jordão até a data do embarque. Essa era entendida como a oportunidade de recuperação, ou melhor, construção do prestígio esportivo internacional, contando com a determinação e qualidade dos novos valores que compunham aquele grupo. Tamanho foi o engodo. Os jogadores recusaram-se a obedecer às orientações do técnico e os atletas veteranos não se entrosaram com os mais jovens. O conjunto desses fatos resultou em uma trágica

---

<sup>61</sup> NUZMAN, Carlos Arthur. Apud O BRASIL pede passagem. **Saque**, São Paulo, n. 1, p. 14, jul. 1985.

<sup>62</sup> Depoimento de Samy Melinsky, técnico da seleção brasileira adulta masculina de Voleibol no período de 1956 a 1965. Apud EVOLUÇÃO: a longa jornada de Quaresma a Bernard. **Vôlei Brasil**, Rio de Janeiro, Rio Gráfica, p. 43-49, 1984.

apresentação, que somou derrotas consecutivas para a Bélgica, a União Soviética, os Estados Unidos, a Checoslováquia, a Bulgária, a Polônia, a Alemanha Oriental e o Japão. O último posto não ficou com o Brasil em virtude de uma isolada vitória sobre a modesta equipe mexicana.<sup>63</sup>

O fracasso no México serviu de advertência aos dirigentes da época, haja vista que iniciaram timidamente um intercâmbio, porém insuficiente para grandes aspirações no cenário internacional. Em Munique, Jogos Olímpicos de 1972, o assassinato de atletas israelenses por terroristas da Organização para Libertação da Palestina (OLP) e a inesperada cirurgia do levantador titular – Paulo Roberto de Freitas (Bebeto) – desgastou emocionalmente a seleção. Mesmo assim, a oitava colocação foi conseguida. Para o Mundial de 1974, no México, a seleção ficou concentrada durante um mês na Escola de Educação Física do Exército do Rio de Janeiro, mas novamente problemas administrativos e técnicos impediram um melhor desempenho da equipe.

O ano de 1975 é reconhecido como o início da “idade de ouro” do Voleibol brasileiro. O rótulo é fruto do trabalho de superação das dificuldades apresentadas no decorrer da história do Voleibol nacional e das vivências de um dirigente esportivo, hoje enaltecido como um dos maiores responsáveis pela reciclagem e revolução implementada na modalidade. Trata-se de Carlos Arthur Nuzman.

Neto de imigrantes russos, filho de advogado, nascido no Méier (zona norte da cidade do Rio de Janeiro) e formado em Direito, Nuzman iniciou sua independência financeira como incorporador imobiliário, condição que lhe permitiu, durante seu período de presidência na CBV, passar as manhãs em seu escritório de advocacia – trabalhando em contendas de Direito de Família – e as tardes-noites no prédio da Confederação, instalado estrategicamente em um edifício de frente ao Fórum, no centro do Rio de Janeiro.<sup>64</sup> Condições bastante similares às que Bourdieu definiu para a obtenção e ampliação de capital social herdado.<sup>65</sup>

---

<sup>63</sup> EVOLUÇÃO: a longa jornada de Quaresma a Bernard..., p. 14.

<sup>64</sup> PINTO, Guilherme Cunha. Carlos Arthur Nuzman – A receita do vôlei: o dirigente que revolucionou o esporte amador brasileiro aponta as saídas para um país que é pobre também em medalhas olímpicas. **Veja**, São Paulo, p. 5-8, 22 fev. 1984.

<sup>65</sup> Cf. BOURDIEU, O capital social: notas provisórias...

Antes de conhecermos detalhadamente suas intervenções no Voleibol, cabe uma citação onde Nuzman retrata fielmente o sentimento, o momento histórico e a trajetória administrativa da modalidade:

Nostalgia é sinônimo de piada no voleibol brasileiro. Ou alguém ainda tem saudade da época em que o jogador era obrigado a secar o uniforme em cima do abajur para não ficar sem roupa na próxima partida? Dos tempos da improvisação à era dos títulos, nosso vôlei transfigurou-se para melhor com uma receita infalível que inclui organização, craques, patrocínio e muito trabalho.<sup>66</sup>

Ao estudarmos a revolução efetivada no gerenciamento administrativo da modalidade, inevitavelmente temos que passar pela história desse ícone do Voleibol nacional. Nuzman teve seus primeiros contatos com o Voleibol em 1957, aos quinze anos de idade, no Colégio Mello e Souza da cidade do Rio de Janeiro. Sua vocação para o Voleibol ocorreu por conta dos companheiros de colégio, os quais, na sua maioria, eram componentes do selecionado estadual. Também praticou outros esportes como Tênis, Basquete, Natação e Futebol – modalidade em que exercia a função de goleiro do Botafogo<sup>67</sup>, clube da zona sul do Rio.<sup>68</sup>

Destarte, por conta dessa interferência escolar e preferência paterna (seu pai não assinou sua ficha de filiação no Botafogo), Nuzman dedicou-se ao Voleibol. Paulo Matta, seu técnico, influenciou sobremaneira na opção pelo esporte ao informar-lhe que, para atingir a excelência em determinada modalidade, não é possível dedicar-se a várias delas, em outras palavras, “para fazer bem, faça uma só!”.

Reconhecido como um atleta voluntarioso, destacou-se como jogador de defesa – credita-se essa qualidade a uma possível transferência de habilidades motoras desenvolvidas como goleiro de Futebol – não tardando a ser convocado para a seleção juvenil carioca aos dezessete anos de idade. Como atleta, defendeu o Clube

---

<sup>66</sup> NUZMAN, Carlos Arthur. Apud O BRASIL pede passagem..., p. 14.

<sup>67</sup> Em entrevista à revista **Veja**, Nuzman declara que seu sonho era suceder o lendário goleiro Manga do Botafogo e que, após três meses de treinamento, quando convidado a profissionalizar-se – com 17 anos de idade – seu pai intercedeu com o seguinte parecer: “Filho meu não vai ser jogador de futebol.” Cf. PINTO, op. cit., p. 5.

<sup>68</sup> Local onde posteriormente, entre uma “mesa e outra” de amigos, o futuro dirigente descrevia seus sonhos – por muitos considerados fantasiosos – com a convicção e clareza de que o “boom” do Voleibol seria viável e possível. LEITÃO, Sérgio Sá. O ponto futuro: apóstolo da profissionalização do esporte amador, Carlos Nuzman assume o comando do COB de olho na direção do vôlei mundial. **Carta Capital**, Rio de Janeiro, n. 12, p. 67, jul. 1995.

Israelita Brasileiro (CIB), a Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), o Fluminense e o Botafogo. Viveu uma época em que os espectadores de uma partida de Voleibol resumiam-se, em suas próprias palavras, “na namorada, os parentes e os amigos de fé que iam de vez em quando”.<sup>69</sup>

Seu auge foi no Botafogo, mas a primeira convocação para um selecionado nacional ocorreu em 1967, quando defendia o CIB. Sua vocação para liderança já era notada desde então, uma vez que se tornou, naturalmente, o porta-voz dos jogadores em todas as equipes nas quais atuou. Portador de um temperamento forte e personalidade marcante, Nuzman respondeu a uma indagação formulada pelos editores de um periódico especializado sobre o momento que decidiu deixar as quadras para tornar-se dirigente com o seguinte relato:

Eu sempre quis parar por cima. Mas aí era uma situação muito diferente, uma questão, parar bem. Eu não estava na seleção, mas mesmo em clube a gente quer ter o prazer de parar bem. Ocorre que eu fui afastado da Seleção, e fui por dizer às vezes coisas que eu pensava e também por reivindicar determinadas correções em favor dos atletas, e o que ocorria é que nós não tínhamos direito a nada, absolutamente nada. Isso me revoltou. Só pra te dar um exemplo: o tênis era nosso, a sunga, a toalha, o sabonete, o reforço, e alimentação [...]. Então eu comecei a reivindicar para pelo menos dar uma melhoria. A comida era uma coisa horrorosa, ninguém agüentava. E aí aconteceu em 66, foi uma viagem no Mundial que nós fomos com visto coletivo e eu não sabia. Depois eles nos davam a passagem pra ir onde quiséssemos, como ocorre aqui em algumas competições, não em todas. Mas aí eu descobri que o chefe da delegação ia para uma cidade e nós íamos pra outra. [...] Nós assinamos um documento pelo qual 24 horas após estávamos desligados da delegação. O que me preocupou é que nós estávamos desligados num país sem relações com o Brasil como na época era o caso da Tchecoslováquia. [...] Então eu fui ao chefe da delegação e disse a ele: “Olha, eu acho que devia desmembrar esse visto coletivo pra vistos individuais”. [...] Daí ele me disse o seguinte: “Você veio para jogar então sua preocupação deveria ser só jogar”. Faltando cinco dias pra terminar o Mundial eu voltei a ele e perguntei o que tinha resolvido. Ele disse: “Eu não te disse que o problema era seu, que você tinha vindo aqui só jogar?”. Eu falei: “Pois é, eu vim justamente lhe comunicar que já resolvi o problema. Você tem cinco dias pra me dar o visto. Se você não der eu vou à Embaixada do Brasil e te denuncio por abandono de delegação no Exterior. Eu tenho um documento assinado.” Isso custou o meu afastamento da Seleção, nunca mais me convocaram.<sup>70</sup>

Esse, segundo o próprio Nuzman, foi o desencadeador de suas pretensões em tornar-se um dirigente esportivo. Acreditava, no âmago de sua revolta, que teria capacidade suficiente de oferecer melhores condições aos atletas e que, em

---

<sup>69</sup> NUZMAN, Carlos. Apud O PAI da matéria..., p. 12.

<sup>70</sup> Id. *ibid.*, p. 12-13.

decorrência dessa postura, a *performance* e os resultados internacionais seriam obtidos. Decorridos alguns anos desse episódio, especificamente dezembro de 1972, Nuzman decidiu abandonar as quadras.

Aproximadamente um mês após sua decisão, janeiro de 1973, o ex-atleta assumiu a presidência da Federação Carioca de Voleibol por conta de um convite do então presidente José Freuberg, da insistência de Célio Cordeiro Filho e da experiência obtida enquanto diretor do Clube Hebraica.

Para Nuzman, ser dirigente é estar sendo alvo de constantes desafios, e nesse sentido, o detentor desse espaço administrativo tem que estar se policiando para evitar os possíveis esmorecimentos advindos das dificuldades encontradas em suas atividades. As palavras *desafio* e *motivação* são de ordem prioritária ao administrador e “...não é só estar bem preparado e ganhar, é necessário que isso gere um retorno. [...] o dirigente tem que se dar condições e criar”.<sup>71</sup>

Durante dois anos ficou à frente da Federação Carioca. Precisamente, no dia 18 de janeiro de 1975, Nuzman, aos 32 anos de idade, ganhou o direito de assumir a presidência da Confederação Brasileira de Voleibol ao vencer por doze votos a oito, em eleição histórica nos meios esportivos, aquele que o presidiu durante seus dias de atleta. Em pouco tempo, destacou-se por ser possuidor de um vocabulário inusitado, suas intervenções eram próximas às de um investidor da bolsa de valores ou de um executivo sintonizado com os modelos avançados de gestão administrativa. Constantemente, observavam-se colocações do tipo “profissionalizar o esporte, enxugar a máquina da CBV, levar as partidas de vôlei à televisão, criar seleções permanentes e atrair empresas”.<sup>72</sup>

A vitória de Nuzman pode ser creditada também à intervenção de um dirigente esportivo que esteve na presidência da Federação Paulista de Volleyball de 1962 a 1969, quando posteriormente foi prestar serviços ao Clube Paulistano. Trata-se do empresário Mário de Sales de Oliveira Malta. Tendo sua formação esportiva no Tênis Clube Paulista, clube que o projetou, Malta procurou desde cedo implementar mudanças estratégicas na prática e na administração do Voleibol para que a modalidade pudesse gozar de prestígio nacional e internacional.

---

<sup>71</sup> NUZMAN, Carlos. Apud O PAI da matéria..., p. 13.

<sup>72</sup> NUZMAN, Carlos Arthur. Apud LEITÃO, op. cit., p. 67.

A aposta em Nuzman foi uma delas, e um episódio foi marcante nessa eleição. O presidente anterior a Nuzman foi Roberto Moreira Calçada, com o qual Malta travava constantes discussões com vistas ao desenvolvimento do Voleibol. Sempre em alto nível, ressalta o empresário. Porém, quando do período das eleições na CBV, Calçada teve uma investida equivocada ao procurar desmoralizar Malta através da imprensa, mais especificamente no jornal **O Estado de S. Paulo**. Malta era considerado pelos presidentes das demais Federações como o candidato ideal para fazer a sucessão de Calçada. Mas, segundo suas próprias palavras, não tinha interesse no cargo e, além disso, acreditava no expoente potencial administrativo de Nuzman. Mário Malta relembra:

Eram 11 horas da noite, eu já estava deitado e o telefone tocou. Era o Paulinho Silveira, do Estado de São Paulo. Ele me disse então que havia recebido uma entrevista do Rio de Janeiro, onde o Calçada, saindo do Comitê Olímpico, declarava uma série de coisas contra mim. O Paulinho me disse: “Eu vou ter que publicar, é uma matéria que eu recebi e eu vou ter que publicar. Você tem alguma coisa a dizer?” Então respondi: “Nada a dizer, pode publicar que eu vou ver o que eu faço depois.” No outro dia a manchete era a seguinte: “Calçada diz que Malta é sujo e subversivo.” Peguei o jornal, fui ao meu advogado, um ex-juiz de direito e falei: “Meu amigo, Lei de imprensa em cima do Estado de São Paulo e em cima do Calçada.” Nas audiências o Calçada tratou de desmentir tudo o que havia dito e eu acabei ganhando a questão. O Estado de São Paulo publicou então, na mesma página, com o mesmo destaque, a retratação do Calçada. Daí eu fiz algumas pastinhas com cópias dos dois jornais e enviei para cada Federação. Isso ainda antes das eleições. E o Nuzman acabou vitorioso.<sup>73</sup>

Desde então, Malta passou a ser o vice-presidente das relações exteriores da CBV, recebendo por conta de seus feitos e do destaque internacional adquirido a comenda da Ordem do Mérito Esportivo de 5.º grau, concedida pelo governo do Japão.

Considerado um leitor assíduo dos trabalhos de Roberto Campos sobre a modernização do capitalismo brasileiro, Nuzman, ao assumir a confederação, projetou um novo estilo administrativo que lhe rendeu algumas comparações, dentre as quais a mais inusitada foi ser referenciado pela saga do “soberbo, vaidoso e implacável” rei babilônico que desafiava os deuses, o épico Gilgamesh.<sup>74</sup>

---

<sup>73</sup> MALTA, Mário. Precisamos urgentemente reduzir o tempo dos jogos de vôlei. **Saque**, São Paulo, n. 6, p. 56-57, 1985. Entrevista.

<sup>74</sup> LEITÃO, op. cit., p. 67-69.

Essa correlação teve seus motivos. Talvez tenha sido ele o único dirigente brasileiro, dentro ou fora do Estado, a não apresentar uma oposição visível. Não encontrava-se um só dirigente de clube ou federação disposto a paternalizar críticas à conduta administrativa de Nuzman. Seu “cartel” de realizações e sua capacidade de arregimentar aliados são algumas de suas virtudes pessoais que geraram uma espécie de temor e respeito ao perspectivar-se um confronto público com o dirigente.

Nesse ponto, destaca-se com evidência a composição, ou melhor, o perfil da base de apoio sobre a qual Nuzman construiu-se a partir de 1975. Politicamente, o capital administrativo do dirigente estava associado a um empresário que, supostamente, seria o futuro presidente da CBV. O “desinteresse” desse empresário pelo cargo, o discurso de inovação e a atitude de retaliação ou provocação do virtual adversário conduziu Malta a um investimento na emergente posição distintiva de Nuzman.

Esse conjunto de informações remete à análise da representatividade social imposta a um empresário e a um dirigente no campo esportivo. Quando relatamos que a criação do Voleibol o distinguiu de outros jogos, que posteriormente foram desportivizados na Europa, estávamos reafirmando a tese do esporte que foi inventado e que, diante do seu processo de expansão ou exportação, refletia na composição do seu campo esportivo, em diferenciados países, a estruturação das relações estabelecidas pela sociedade norte-americana, mais especificamente as interconexões e disposições construídas pelos clubes de elites.

Possivelmente, Calçada não seria a melhor representação de uma classe dirigente, detentora de suficiente capital social e cultural, para consubstanciar um gerenciamento esportivo voltado à emergente estrutura econômica capitalista da sociedade nos anos 70. Nesse sentido, o poder simbólico das relações empresariais estabelecidas por uma burguesia elitista recaiu na figura do novo e bem apadrinhado dirigente, portador de uma suposta gestão inovadora para a administração do Voleibol nacional.

O campo esportivo passa a desenvolver-se, então, evoluindo da forma de estrutura estruturada para uma estrutura estruturante, exigindo de seus integrantes disposições sociais e econômicas compatíveis com as suas representações de origem. Inicia-se a composição e a definição do *habitus* social esportivo do Voleibol.

Intelectualmente, Nuzman recebeu um aporte considerável da ótica de Roberto Campos sobre os problemas e as formas de administração da sociedade brasileira. Provavelmente, pode-se admitir que, por esse aparato teórico, ao dirigente foi facultada a possibilidade de visualizar novas formas para gerenciar o esporte. Dito de outra forma, Nuzman conseguiu antecipar procedimentos, enxergou antes o que outros administradores esportivos ou adversários não vislumbraram. Entretanto, o conjunto de suas ações absolutamente não o qualifica como um “herói”, embora em determinados posicionamentos precipitados a ênfase é dada nessa direção.

Nuzman entendia na época que o governo militar estava modernizando o capitalismo brasileiro. Para ele, os novos ventos não demorariam a chegar ao esporte, encarado como trampolim por dirigentes ineficientes, quando não corruptos, e como paixão por atletas abnegados. Enxergava na parceria com a TV uma chance de catapultar o vôlei ao estrelato; nas quadras e nos uniformes, via *outdoors* virgens, à espera de logomarcas. O vôlei tinha, segundo sua cartilha, condições de rivalizar com o futebol na condição de principal fonte de entretenimento dos jovens brasileiros. E deveria, pois, ser gerido como os norte-americanos gerem a sua imensa indústria de diversão.<sup>75</sup>

Essa constatação leva a crer que o dirigente esportivo implementou uma estratégia de gerenciamento na CBV no mínimo compatível com as diretrizes e conceitos desenvolvidos pelo economista supracitado. Nitidamente, Campos assumiu posições conservadoras, em certa medida consideradas reacionárias por seus críticos mais ferrenhos, quando fez a leitura do desenvolvimento do capitalismo e suas implicações para o Brasil.

Nessa linha de raciocínio, podemos deduzir que as interdependências e as inter-relações que foram estabelecidas e que deram os contornos iniciais ao campo esportivo do Voleibol nacional em muito aproximaram-se das disposições existentes no campo político dos anos 70, mais especificamente das representações de um conjunto de agentes detentores do poder e manipuladores das condutas sociais.

Para alcançar o nível desejado, o vôlei contou com ajuda de Nei Braga, ministro da educação, e do brigadeiro Jerônimo Bastos, presidente do Conselho Nacional de Desportos, que exerceram estes cargos no governo do general Ernesto Geisel. “Sem a ajuda deles, seria muito difícil ter começado”, recorda Nuzman, ex-candidato a deputado pela Arena na mesma época do governo Geisel. Além deles, o dirigente lembra de outra pessoa “muito importante”: o general César Montagna, sucessor do

---

<sup>75</sup> LEITÃO, op. cit., p. 68.

brigadeiro Jerônimo Bastos na presidência do CND. “Ele foi o voto de minerva a nosso favor na reunião que decidiu pela liberação do uso da publicidade nos uniformes. Foi quando começou a arrancada do esporte.”<sup>76</sup>

Assim sendo, visualizamos uma administração esportiva centralizadora, ditatorial e voltada para a construção de símbolos e signos representativos de um *status* nacional e internacional distintivo, compatível com os interesses governamentais e fórmulas gerenciadoras empresariais.

Decorre dessa análise algumas dúvidas. Estaria a gestão de Nuzman fadada a caracterizar-se, nesse primeiro momento, como um processo efetivo de modernização e ruptura do estado em que se encontrava a administração da modalidade ou seria simplesmente uma das inúmeras formas de manifestação da perpetuação e continuidade das interdependências que são estabelecidas em determinados campos pela consolidação dos *habitus* de seus agentes sociais? Na composição do campo esportivo do Voleibol, as relações de dominação foram definidas a partir dos seus elementos e disposições internas ou externas?

*A priori*, não parece ser inviável afirmar que, em compatibilidade com o pressuposto de que o Voleibol foi “importado”, ele trouxe consigo um conjunto de representações norte-americanas que reproduziram as manifestações elitistas dos clubes de origem. A modalidade assumiu, na escala diretiva e administrativa, um capital simbólico capaz de vislumbrar elementos de distinção no campo esportivo, além de constituir *habitus* e representações pertinentes ao modelo dominante das relações estabelecidas em outros campos da sociedade. Bourdieu discursou sobre esse procedimento enfatizando a existência de mecanismos universais dos campos, não desconsiderando as especificidades de cada um deles.<sup>77</sup>

Dessa forma, a figura e as inevitáveis comparações épicas ao dirigente tiveram sentido por conta do estilo de gerenciamento prescrito pelo modelo do Estado político-capitalista e conservador, mesmo considerando o processo de oxigenação implantado por Nuzman às anteriores administrações esportivas patriarcais, militares, nepotistas, e assim por diante.

---

<sup>76</sup> MORENO, Mariúcha; VASCONCELLOS, Paulo Cesar. A década do vôlei. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 31 dez. 1989.

<sup>77</sup> Cf. BOURDIEU, Algumas propriedades dos campos...

Ciente da situação econômica e política do país, Nuzman percebeu que a capacidade de investimentos do Estado nos anos 70 parecia ilimitada. Contudo, vislumbrou que o esporte não seria uma das prioridades administrativas em caso de um estrangulamento da economia nacional.<sup>78</sup> Pautado nessa consideração, o dirigente iniciou sua plataforma de trabalho traçando algumas iniciativas que visaram a efetivação de seus planos para o Voleibol.

Primeiramente, Nuzman tratou de montar e organizar internamente a confederação, procurando construir uma base administrativa. Demitiu funcionários inoperantes, organizou arquivos e canalizou recursos. Em sua empreitada inicial, profissionalizou serviços como a superintendência administrativa e a superintendência técnica, algo inédito até então em termos de confederações amadoras.

Concomitantemente, elaborou um plano de modificações nas comissões técnicas das seleções. Em seu ponto de vista, essas equipes de trabalho deveriam sofrer um aumento quantitativo e, principalmente, qualitativo nos seus encargos. Nesse sentido, o dirigente viabilizou a formação das seleções masculina e feminina dando-lhes uma primeira pincelada do profissionalismo pretendido (bolas, uniformes, concentração e ajuda de custos), com o intuito de obter vitórias, chamar a atenção do público e, talvez, da televisão.<sup>79</sup>

Da reforma administrativa na CBV, destacamos a efetivação de Paulo Márcio Nunes da Costa para a superintendência técnica, homem de inteira confiança de Nuzman e que permaneceu no cargo durante todos os seus mandatos. Em sua primeira tarefa, Costa foi designado para um estágio no Japão, com o objetivo de aglutinar informações sobre a estrutura, a organização e as condições de treinamento da escola japonesa.<sup>80</sup> No relatório sobre a viagem, foram apresentadas as seguintes sugestões:

---

<sup>78</sup> Em Brasília, o governo militar elevava o investimento interno anual para 25,7% do Produto Interno Bruto (PIB), marca registrada como um recorde nacional. Cf. LEITÃO, op. cit., p. 67.

<sup>79</sup> A confirmação desse feito materializa-se no exemplo da implantação do “casarão” de Belo Horizonte, onde atletas como Isabel, Jaqueline, Helga, Elaine, Heloísa e Ivonete passaram a residir e serem treinadas em regime integral de concentração no ano de 1977. O VÔLEI, do velho casarão ao resultado histórico. **Folha de S. Paulo**, 04 abr. 1982.

<sup>80</sup> NUZMAN, Carlos Arthur (Depoimento pessoal). Apud PINHEIRO, Ana Beatriz Latorre de Faria. **O marketing no voleibol brasileiro masculino no período de 1980 a 1994**. Rio de Janeiro: 1995. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Educação Física e Desporto.

...(a) incentivar a prática nas escolas e universidades através de torneios e campeonatos, sendo que os das categorias mirim e infantil seriam disputados por equipes escolares; (b) estimular a pesquisa científica, com a formação de uma equipe especializada que pudesse elaborar os seus próprios métodos de trabalho; (c) dar maior estímulo aos campeonatos nacionais que aos estaduais; (d) procurar patrocinadores para os campeonatos de forma a resolver o problema da falta de verbas, incrementando a publicidade no sentido de atrair um maior público; (e) facilitar e incentivar o aumento do número de pessoas nos eventos de voleibol, além de estudar a possibilidade de publicação de revistas especializadas com linguagem fácil e atraente; (f) elaborar um histórico, onde seriam levantadas informações relativas às atuações dos jogadores em competições e (g) promover durante os treinamentos das seleções, ensinamentos de educação esportiva, com o intuito de estimular o desenvolvimento de uma disciplina consciente.<sup>81</sup>

De posse desse relatório e de conhecimentos anteriores sobre outras formas de administração do esporte, Nuzman seguiu certa lógica de raciocínio e conduta. O modelo socialista de gerenciamento do Voleibol não seria compatível com as características dos atletas e dirigentes brasileiros. A experiência do Japão demonstrava equipes como empresas, tendo em seus atletas funcionários exclusivos do sistema fabril. Ainda não seria esse o modelo mais adequado para a realidade nacional, embora apresentasse algumas potencialidades a serem absorvidas no Brasil.<sup>82</sup>

Entre os países filiados ao Comitê Internacional Olímpico vigoram, hoje, três modelos básicos de promoção do esporte amador. O da Itália – assimilado pela maioria dos países ocidentais – está solidamente alicerçado na iniciativa privada: praticamente todos os times pertencem diretamente a empresas ou são por elas financiados, através de contratos de publicidade. Nos países socialistas, o Estado controla o esporte e os atletas são funcionários públicos, militares ou universitários. Nos Estados Unidos, uma tradição iniciada no final do século passado proíbe que os atletas amadores recebam qualquer remuneração. Em compensação, eles são convocados pelas universidades do país, que lhes fornecem oportunidades de estudar de graça, moradia, alimentação, cuidados médicos e excelentes técnicos.<sup>83</sup>

Tendo sido convidado a ser um dos integrantes da diretoria da FIVB, logo em seu primeiro ano de mandato frente à CBV, Nuzman habituou-se a participar de reuniões internacionais e, numa dessas, mais especificamente na Alemanha, teve seu

---

<sup>81</sup> COSTA, Paulo Márcio Nunes da. **Viagem de observação do voleibol japonês, 1975 - CBV**. In: PINHEIRO, op. cit., p. 35-36.

<sup>82</sup> NUZMAN, Carlos. O PAI da matéria..., op. cit., p. 38.

<sup>83</sup> AMADORISMO em três versões. **Veja**, São Paulo, p. 54, 30 mar. 1983.

primeiro contato com a idéia de patrocínio por conta da iniciativa de uma empresa de material esportivo, a Adidas.<sup>84</sup>

Essas informações, contatos e experiências podem ter acarretado um dos primeiros *insights* para o direcionamento das propostas de desenvolvimento do Voleibol nacional, qual seja, o dirigente vislumbrou coerência e viabilidade na melhor forma de trabalhar o esporte moderno: sua manifestação enquanto produto, mercadoria.

A expressão amadora soava aos ouvidos do dirigente como algo a ser superado, principalmente no momento em que melhores condições e conduções para o esporte eram metas almejadas. Com o decorrer dos anos, o amadorismo parecia-lhe uma forma “hipócrita e condenada de administração”.<sup>85</sup> Assim sendo, teve início uma peregrinação na busca de novas formas de gerenciamento do esporte, as quais cuidassem de subsidiar melhores condições de participação e treinamento para as seleções e clubes brasileiros.

Em projeto entregue ao governo federal, em 1979, Nuzman propôs a criação de um modelo esportivo pelo qual os atletas teriam acesso à algumas facilidades, como tarifas especiais em transportes terrestres, aéreos, hospedagem e alimentação, além do abono de faltas e provas em períodos escolares ou universitários, liberação do emprego sem perdas salariais e incentivos fiscais para empresas que pagassem salários de atletas. Esse projeto não teve prosseguimento.<sup>86</sup>

Porém, uma das convicções de Nuzman remete ao reconhecimento do principal equívoco de um administrador esportivo: o fato de ele não possuir coragem suficiente para arriscar e persistir naquilo que postula como correto.<sup>87</sup> Obviamente, essa persistência ou obsessão em atingir determinados objetivos faz parte de um projeto político pessoal do dirigente que viabiliza a associação da sua imagem a um discurso de modernização e poder.

---

<sup>84</sup> NUZMAN, Carlos. O PAI da matéria..., op. cit., p. 38.

<sup>85</sup> NUZMAN, Carlos Arthur. Apud. PINTO, op. cit., p. 8.

<sup>86</sup> Cf. PINHEIRO, op. cit., p. 36-37.

<sup>87</sup> Uma declaração de Nuzman dá um colorido especial à sua convicção: “Não sou o dono da verdade e nem quero servir de exemplo para outras confederações. Uma coisa, entretanto, posso garantir: o presidente de uma confederação tem que ser, antes de tudo, atuante. Ele tem que assumir diretamente o comando da operação. Tem que ser um como Napoleão Bonaparte, que não dirigia suas tropas de dentro de um castelo. Ia guerrear como seus soldados.” Apud A GRANDE jogada do vôlei. **O Globo**, Rio de Janeiro, 23. jan. 1983.

Nuzman, em meio à inexorável busca por um modelo ideal de administração para o Voleibol, confirmava a hipótese de espelhar seus futuros projetos em exemplos positivos que outros países ofereciam. E veio da Itália, especificamente no Mundial de 1978, a idéia de aproveitar a publicidade nas camisas dos jogadores, as empresas como clubes e as empresas patrocinando os clubes. Entretanto, por conta da legislação desportiva e do nacionalismo desenvolvimentista, atletas de esportes amadores eram proibidos de receber salários e exibir propagandas em seus uniformes de competição.<sup>88</sup>

Esse era o prenúncio da “batalha” a ser travada pela profissionalização do Voleibol, superando o amadorismo ou o período romântico do esporte, da qual trataremos no capítulo seguinte.

---

<sup>88</sup> BRASIL. Conselho Nacional do Desportos. **Decreto n. 80.228/77, art. 182**, que regulamenta a **Lei n. 6.251/75**.

### **CAPÍTULO 3 - DO ALL LÁTEX AO ASICS TIGER: O PROCESSO DE RESIGNIFICAÇÃO DO VOLEIBOL**

Americanização, globalização, imperialismo cultural, modernidade e espetacularização, são questões centrais colocadas no sentido de compreender a dimensão e o significado assumido pelo esporte nos dias de hoje. Estamos falando de continuidades e rupturas de um fenômeno, talvez único, que nos últimos cem anos tem se expandido constante e, talvez, irremediavelmente.”  
(GEBARA, Ademir. **Esportes**: cem anos de história, p. 126)

Segundo os pressupostos históricos apresentados até aqui, o Voleibol delineou um caminho em que a superação do amadorismo era tida como condição *sine qua non* para o desenvolvimento e modernização da modalidade, tanto em seus aspectos administrativos quanto competitivos. A fase da abnegação e do romantismo do esporte deveria ser deixada para trás por conta de um emergente processo de profissionalização que se instaurava no Voleibol.

Nesse capítulo, estaremos tratando desse processo que iniciou a caracterização das **viradas** no Voleibol, assim como suas conseqüências e relações com a indústria do esporte, o *marketing* esportivo e a espetacularização da modalidade.

#### **3.1 As estruturas da profissionalização do Voleibol na década de 80**

Um fato marcante, confirmando a convicção e persistência de Nuzman na profissionalização do Voleibol, aconteceu nas Olimpíadas de Moscou, em 1980, quando da realização do jogo entre Brasil e Polônia (campeã olímpica em Montreal, 1976).

A equipe brasileira perdia por 2 *sets* a zero, sendo que após uma surpreendente reação o Brasil conseguiu vencer a equipe polonesa por 3 *sets* a 2. Um detalhe, todos os *sets* dessa partida foram decididos na diferença de dois pontos e, internacionalmente, foi o jogo que revelou o jogador Renan Dal Zotto, eleito um dos cinco melhores atletas de Voleibol do século. Essa partida é considerada por Nuzman como “um dos jogos mais importantes para a história do Voleibol brasileiro”.<sup>1</sup>

Para entender o destaque e a conseqüente importância desse momento para o Voleibol nacional, convém lembrarmos o conceito de função em Norbert Elias, no que diz respeito às interconexões de integração na sociedade. As funções estabelecidas nas relações sociais não são expressões unitárias que omitem a reciprocidade, a bipolaridade ou a multipolaridade, pelo contrário, elas devem ser compreendidas pelo componente relacional que é esquadrihado no potencial de poder dos indivíduos.<sup>2</sup>

Decorre dessa leitura o entendimento da base de apoio de Nuzman ser construída e direcionada, politicamente, por empresários e, intelectualmente, por economistas detentores de convicções conservadoras. No sentido elisiano, quando ocorrerem tensões no interior do campo esportivo, essas serão administradas respeitando o equilíbrio e o desequilíbrio de poder apresentado por cada grupo no conjunto das relações configuradas. Constituiu-se, no caso do Voleibol, uma configuração que estabelece relações de poder permeadas por interesses e capitais específicos entre as esferas esportivas e empresariais.

Assistindo o referido jogo, ao lado do dirigente, estava Antônio Carlos de Almeida Braga (Braguinha), amante do esporte e executivo da companhia de seguros Atlântica/Boavista. Emocionado, ele perguntou a Nuzman por que aqueles atletas estavam jogando na Itália e o que faltava para o Brasil possuir equipes e seleções capazes de manter aquele nível de *performance*, fato que inevitavelmente levaria a grandes conquistas no cenário internacional.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> NUZMAN, Carlos **O pai da matéria...**, p. 39.

<sup>2</sup> Cf. ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia...**

<sup>3</sup> No final da década de 70 e início da de 80, uma legião de jogadores com nível de seleção brasileira sucumbiram a melhores ofertas (salários, bolsas de estudos, treinamentos sistematizados, qualidade de vida) para atuarem no Voleibol da Itália e dos Estados Unidos. Para o técnico Paulo Roberto de Freitas (Bebeto), que viveu a experiência de jogar em outro país, os atletas estavam em busca de melhores condições financeiras e possibilidades de ascensão cultural. BENTES, Mara.

Habilmente, percebendo que aquela era uma oportunidade singular, Nuzman respondeu ao empresário com a seguinte argumentação: “Se você topar, posso propor ao CND a entrada das empresas no vôlei assim como ocorre na Itália, Espanha, Alemanha, Japão, Coréia”.<sup>4</sup>

Assim, projetou-se uma “batalha” com o Conselho Nacional de Desportos que durou cerca de um ano – por sinal a mais árdua no currículo do dirigente. Em 1981, foi deliberado o fim da proibição de empresas patrocinarem clubes ou entidades desportivas<sup>5</sup> e exibirem em seus uniformes, como forma de propaganda, as marcas de seus patrocinadores.<sup>6</sup>

Dessa maneira, surgiram as primeiras Associações Desportivas Classistas, que garantiram salários e a permanência dos atletas no país, além, obviamente, de possibilitar melhores estruturas e disponibilidade para os treinamentos. Esse processo culminou com a participação dessas equipes em competições destinadas ao Desporto Comunitário.<sup>7</sup>

As solicitações de Nuzman foram aprovadas por quatro votos a três, sendo também incluída no projeto a deliberação que proibia a saída de jogadores para outros países.<sup>8</sup> Essa medida tinha o intuito de preservar a solução de continuidade e o potencial desenvolvimento de atletas nacionais.<sup>9</sup>

Indubitavelmente, foi dado um salto qualitativo de tamanha grandeza para o Voleibol nacional. Não obstante, surgiram algumas restrições e possíveis contravenções em torno da legislação. Uma circular do então presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, major Sylvio de Magalhães Padilha, pode ilustrar com mais propriedade o cerne dessa questão.

Apesar de nossas circulares anteriores sobre o assunto, tem notado este Comitê que as regras relativas à propaganda e publicidade não estão sendo observadas por

---

Bernard e Fernando buscam nos EUA o que é difícil aqui. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 4 maio 1978.

<sup>4</sup> NUZMAN, Carlos Arthur. Apud PINTO, op. cit., p. 8.

<sup>5</sup> BRASIL. Conselho Nacional de Desportos. Deliberação n. 3/80. **Diário Oficial**, 06 jun. 1980.

<sup>6</sup> BRASIL. Conselho Nacional de Desportos. **Deliberação n. 09/81**. Diário Oficial, 10 jun. 1981 e BRASIL. Conselho Nacional de Desportos. **Deliberação n. 14/81**. Diário Oficial, 10 ago. 1981.

<sup>7</sup> BRASIL. Conselho Nacional de Desportos. **Deliberação n. 10/83**. Diário Oficial, 22 ago. 1983.

<sup>8</sup> BRASIL. Conselho Nacional de Desportos. **Deliberação n. 12/80**. Diário Oficial, 23 out. 1980.

<sup>9</sup> NUZMAN, Carlos Arthur (Depoimento pessoal). Apud PINHEIRO, op. cit., p. 37.

alguns dirigentes e atletas, nos termos do que dispõem a Carta Olímpica e as decisões do Egrégio Conselho Nacional de Desportos.

Assim é que se tem tornado público o fato de entrega de prêmios em dinheiro, objetos de valor, celebração de “contratos”, uso de propaganda em uniforme, tudo envolvendo atletas amadores, em flagrante violação da legislação esportiva. [...]

De outra forma, este Comitê seria obrigado muito a contra gosto a adotar medidas pertinentes para considerar inelegíveis os atletas envolvidos nos fatos objeto desta Circular, e, conforme o caso, excluir da participação nos Jogos Olímpicos, Pan-Americanos e Cruz del Sur aqueles que, a seu critério, estejam dando margem a que seja comprometido o bom nome do olimpismo.<sup>10</sup>

Vários atletas repudiaram a legislação proibitiva referente à “exportação” de jogadores, sentindo-se tolhidos do direito de optar por melhores salários e condições para desenvolver um trabalho mais apurado física e tecnicamente em outros países.<sup>11</sup>

Sobre essa questão, Nuzman contra-argumentou no sentido de que o êxodo dos atletas para as quadras italianas e norte-americanas comprometeria o sucesso da empreitada que se estabelecia no Brasil, em termos de retorno aos investidores e aceitação popular dos espetáculos proporcionados pelas competições de Voleibol. Associou à refutação o caso de atletas que chegaram para os Jogos Olímpicos de Moscou em péssimas condições físicas, quando não lesionados por decorrência da imensa carga de jogos e treinamentos realizados durante a temporada da Liga Italiana. Outro exemplo que lhe serviu de sustentação foi a dissolução do Campeonato Argentino em virtude da transferência de nada mais que quarenta atletas, entre homens e mulheres, para o Voleibol italiano.<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> BRASIL. Comitê Olímpico Brasileiro. **Ofício Circular n. 331/82**. Rio de Janeiro, 22 abr. 1982.

<sup>11</sup> Houve casos entre atletas e o presidente da CBV que mancharam o seu perfil de dedicação, benevolência e unanimidade esportiva, implicando num protótipo ditatorial e autoritário na imagem do dirigente. Podemos destacar o episódio do jogador Antonio Carlos Ribeiro (Badalhoca), que foi suspenso por três meses pela Federação Internacional de Volleyball por buscar amparo na justiça comum brasileira para efetivar sua transferência para o clube italiano Edizione Panini, da cidade de Modena. Critica o atleta: “Ele tem seus méritos na evolução do vôlei, mas não o perdôo por interferir na minha vida [...] ele está se sentindo o dono do vôlei brasileiro com essa atitude arbitrária.” VÔLEI suspende Badá por entrar na Justiça. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 19 nov. 1982. Outro caso de divergência que teve repercussão nacional foi o desentendimento entre Nuzman e a então levantadora da seleção, Jacqueline Louise Cruz Silva. A recusa da atleta em utilizar uniformes com a logomarca dos patrocinadores (vestiu-os pelo avesso) sem receber nenhuma compensação financeira e a queixa pelo não recebimento dos seus direitos de arena nas transmissões televisivas das partidas do Brasil resultaram na sua dispensa definitiva do selecionado nacional. SILVA, Jacqueline Louise Cruz. **Vida de vôlei**. Rio de Janeiro: Casa do Escritor, 1985. p. 87-99.

<sup>12</sup> Cf. PINTO, op. cit., p. 6.

Nesse contexto, foram esboçados indícios do processo de modernização e profissionalização do Voleibol, fruto da persistência e obsessão de um dirigente esportivo que creditava a viabilidade do esporte na associação com a iniciativa privada.<sup>13</sup>

Considerando a seqüência de acontecimentos, as dúvidas sobre a interferência e escolha por modelos estrangeiros de administração, questões levantadas no capítulo anterior, parecem receber contornos mais inteligíveis para análise. Efetivamente, Nuzman visualizou a necessidade de absorção de propostas administrativas externas que determinassem resultados positivos para o Voleibol nacional. O fato de destaque, foi a rejeição do exemplo socialista e as similaridades ou aproximações aos modelos asiático e norte-americano.

Em outras palavras, na interpretação do dirigente o Estado não deveria ser o gerenciador exclusivo do esporte, nem tampouco subordinar a população esportiva do país às regras e determinações impostas pela estrutura governamental. A idéia da iniciativa privada assumir plenamente os poderes administrativos das equipes, tornando-se proprietários de clubes ou associações, soava melhor, porém o Brasil não apresentava uma cultura esportiva adequada para suportar ou investir de imediato nessa nova estrutura.

A decisão de enviar um superintendente para estudar o modelo japonês e superestimar as condições norte-americanas de desenvolvimento de sua indústria de entretenimento são atitudes comprobatórias acerca do processo de perpetuação e continuidade instalado na nova proposta de administração do Voleibol. A ruptura, se assim podemos chamar, ocorreu no desvencilhamento das atitudes descompromissadas diante dos resultados e das condições oferecidas para a evolução e superação do quadro caótico em que se encontrava o esporte amador, de uma maneira geral, no Brasil.

---

<sup>13</sup> Importante destacar que quando falamos em profissionalismo no Voleibol estamos nos reportando à uma estrutura na qual atleta não é uma profissão regulamentada por lei. Os mesmos são empregados a partir de contratos de prestação de serviços para autônomos ou acordos firmados através de prefeituras, sob a legislação da CLT. Na maioria dos casos, dos atletas são subtraídos os direitos do seguro desemprego, férias, 13.º salário e outros benefícios existentes para os trabalhadores. Nesse sentido, o eufemismo da expressão “profissionalismo amador” tem extrema pertinência. Cf. PAIVA, Fernanda Simone Lopes de. Vitórias e derrotas no voleibol nacional: uma abordagem crítica do desporto no período de 78 a 88. **Motrivivência**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 81-86, jun. 1989.

Respeitando essa ruptura com as antigas formas de gerenciamento, nitidamente constata-se que a roupagem progressista assumida pelo Voleibol foi diretamente vinculada a um processo referente à importação de estratégias administrativas pertinentes, inicialmente, ao modelo fabril oriental e, posteriormente, às regras do mercado da sociedade capitalista norte-americana. Isso, minimamente, relaciona-se com um relatório de sugestões ou com um espectador de uma partida olímpica. Esses fatos servem apenas como registros das evidências.

O modelo nasceu de forma mais estruturada, ou seja, reportou-se às determinações estruturantes de um campo dotado de regras e representações que definem disposições e capitais. O desenvolvimento do modelo brasileiro de gestão do Voleibol ocorreu, em princípio, por conta da interconexão estabelecida entre empresa, mercado e esporte.

Assim sendo, podemos afirmar que, coerentemente, Nuzman tratou de solidificar sua base de apoio no meio político-conservador e empresarial, buscando estratégias que propiciassem uma lógica na forma de administração da instituição esportiva de sua responsabilidade. A ordem estabelecida remetia a um posicionamento fabril, profissional e lucrativo. Esses podem ser delineados como os aríetes dos primeiros anos da sua gestão.

Obviamente, a transfusão dos modelos externos não aconteceu de modo simplista ou mecânico. Adaptações foram necessárias, e um período de assimilação e aceitação dos possíveis procedimentos foi essencial. Assim aconteceu com o Voleibol brasileiro. A fase do romantismo ou do amadorismo estava com seus dias contados, em favorecimento a uma versão inusitada do profissionalismo esportivo, em termos de administração e participação.

Nuzman, reportando-se aos modelos norte-americano e japonês, assumiu e evidenciou problemas de ordem interna e externa, ou seja, a revolução ou as rupturas deveriam ocorrer dentro das quadras, mas também fora delas.

Internamente, o dirigente instrumentalizou sua mão-de-obra através das novas formas de treinamento esportivo oriental, dado que o ápice desse trabalho foi atingido em Munique, 1972. Nesse sentido, pressupomos que Nuzman intencionou realizar a seqüência de Yasutaka Matsudaira, favorecendo e possibilitando a

aplicação e adaptação dos métodos de treinamento, conforme as características dos atletas brasileiros.

Externamente, Nuzman esteve às voltas com propostas inovadoras em termos de associar empresas, clubes, atletas e mídia. Sistemáticamente, como ele próprio já havia mencionado, a importação de modelos de outros países que obtiveram bons resultados com suas estratégias de gerenciamento em nada depreciava o desenvolvimento de uma política esportiva nacional, pelo contrário, a intenção seria “copiar o que deu certo”. Nesse sentido, as primeiras investidas referentes ao apoio de patrocinadores, no modelo italiano, e a gestão administrativa empresarial norte-americana fizeram-se presentes na forma de dirigir a CBV, não obstante os percalços iniciais existentes na legislação nacional.

Pautado nesse modelo de gerenciamento, lembramos novamente as prováveis interferências e intervenções que são estabelecidas no campo esportivo quando da importação de uma prática esportiva, ou seja, a reprodução, no bojo da configuração clubística, das representações sociais e políticas das estruturas de origem, em sua maioria disseminadoras de *habitus* sociais e esportivos distintivos.

O passo seguinte, nessa lógica de raciocínio, seria a reflexão sobre quem estaria sustentando, praticando e consumindo o Voleibol. Cabe destacar, *a priori*, que a solução de continuidade dos projetos de Nuzman foi habilmente garantida quando o dirigente associou-se a modelos esportivos e administrativos estrangeiros vencedores, a ideologias políticas conservadoras e a executivos ou empresários que forneceram sustentação nos momentos de entraves diretivos e legislativos, além de subsidiar financeiramente suas iniciativas no cenário esportivo.

Diante da vitória política de Nuzman – aprovação legislativa para a operacionalização do plano de desenvolvimento do Voleibol nacional –, a primeira proposta, em termos de montagem de estrutura esportiva competitiva, partiu do incentivador e amigo pessoal Braguinha – Atlântica/Boavista de Seguros do Rio de Janeiro.

A iniciativa do executivo despertou interesse e resultou na possibilidade de profissionalização das seleções, além da criação de duas ligas nacionais para os times patrocinados. À ação pioneira somaram-se as intervenções do Banco Bradesco do

Rio de Janeiro, da Fábrica de Pneus Pirelli de Santo André e do Banco do Estado de São Paulo – Banespa.<sup>14</sup> Segundo Nuzman:

O vôlei saiu na frente, e poderá contribuir para o desenvolvimento dos outros esportes. As associações classistas estão se formando e trazendo novas perspectivas para o vôlei. [...] o processo de transição que se sente no mundo fará dos anos 80 a “década da indústria do esporte”, assim como aconteceu, em épocas passadas, com outras atividades. Assim foi com o teatro, o cinema, as artes e política. Hoje em dia não se concebe mais, por exemplo, um político que não seja profissional, e isso não o desmerece em nada. Por que os esportes, principalmente os denominados amadores, não podem sofrer mudanças? [...] Essa mudança não só é inevitável como também poderá acontecer bem antes do que se imagina. O esporte alcançou seus limites em termos de amadorismo, e a tendência é a de descobrir outros objetivos e alcançar conquistas cada vez mais relevantes. Isso é parte de uma evolução, e o reconhecimento oficial é uma questão de tempo. Naturalmente que conhecendo tudo isso, o vôlei brasileiro não poderia ficar restrito aos espaços superados, e caminhamos para a profissionalização dentro e fora das quadras.<sup>15</sup>

Esse processo de patrocínio das empresas às equipes de Voleibol, em um curto espaço de tempo, trouxe aos investidores um considerável retorno publicitário, com suas marcas sendo veiculadas fartamente em jornais, revistas e na televisão. Acrescenta-se ainda o enorme contingente de torcedores que associavam a sua paixão pelos clubes e ídolos aos produtos ou empresas que esses defendiam em disputas nos ginásios, quase sempre lotados, do Ibirapuera, em São Paulo, ou no Maracanãzinho, Rio de Janeiro.<sup>16</sup>

Também os atletas sentiram-se beneficiados com essa iniciativa, pois os treinamentos noturnos, após a jornada laborial diária, e a escassez ou obsolência do material para a prática esportiva cederam espaço para a viabilização da nova estrutura esportiva. Nela estavam previstas a dedicação exclusiva aos treinamentos, a remuneração compatível com a prestação desses serviços à empresa e, em determinados casos, assistência médica, odontológica e nutricional.<sup>17</sup>

---

<sup>14</sup> Cf. LEITÃO, op. cit.

<sup>15</sup> Declaração de Carlos Arthur Nuzman. In: COM CORAGEM, o vôlei muda de estrutura. **Folha de S. Paulo**, 28 fev. 1983.

<sup>16</sup> VÔLEI compensa falta de verba com publicidade. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 21 out. 1982.

<sup>17</sup> FONSECA, Divino. Uma nova força nas quadras. **Placar**, Rio de Janeiro, p. 56-58, 28 set. 1984. ATLETAS sempre. Corretores, só de vez em quando. **O Globo**, Rio de Janeiro, 23 jan. 1983.

Quanto às formas iniciais de intervenção das empresas no processo de profissionalização do Voleibol, Pinheiro destaca que existiram duas modalidades de atuação. Uma, onde a formação das equipes era fruto do apoio integral de determinada empresa, e outra, que apresentava o apoio financeiro de determinada empresa a um determinado clube esportivo tradicional.

Como exemplo do primeiro grupo, nesse período, a autora menciona: Pirelli, Atlântica-Boavista (posteriormente Bradesco-Atlântica), Sul-Brasileiro, Sadia, Frangosul, Olimpikus/Telesp, Cocamar/Cyanamid, Copagás, Lojicred, Sândalo e Hering. Para o segundo grupo, foram elencadas as equipes do Fiat/Minas, Flamengo/Petrobrás, Palmeiras/Parmalat, Grajaú/Refricentro, Náutico/Paraty, Paulistano/Transbrasil, União Suzano/Hoechst<sup>18</sup> e, acrescentamos, o XV de Piracicaba/Dedini.

A criação da equipe da Atlântica-Boavista, em 1980, que evitou a transferência de vários atletas para a Itália, é considerada fundamental para essa fase do Voleibol, pois, entre outras intervenções esportivas, criou no mercado de trabalho brasileiro um tipo peculiar de emprego. Segundo Hélio Andrade, diretor de esportes da empresa, surgiram os “assistentes de produção na área de *marketing*”.<sup>19</sup>

O mentor da equipe, Antônio Carlos de Almeida Braga, assegurou de início para a Atlântica-Boavista seis atletas da seleção brasileira, além do técnico Bebeto de Freitas. Na sua perspectiva, independentemente do enorme retorno das aplicações feitas no esporte, o principal interesse da empresa continuava sendo o mesmo desde 1969, qual seja, o de contribuir com o aprimoramento do esporte brasileiro.

Reconhecido pela sua paixão pelos esportes, Braga não desconsiderou as conveniências desse tipo de investimento. Esse dado foi analisado em entrevista especial do empresário na revista **Veja** da seguinte forma:

Enfim, é também com o raciocínio de um homem de negócios que Braga relaciona sua atividade no campo dos seguros com o patrocínio dos esportes. Quem divulga o esporte, observa, está contribuindo para que as pessoas se exercitem mais, morram

---

<sup>18</sup> PINHEIRO, op. cit., p. 42-43.

<sup>19</sup> ANDRADE, Hélio. Apud ATLÂNTICA: dos tempos do idealismo à época do negócio lucrativo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 23 jan. 1983.

menos e dêem mais lucro às seguradoras. Precisamente por isso as verbas distribuídas por Braga não alcançaram até agora o pugilismo.<sup>20</sup>

O apoio financeiro de Braga não se restringiu apenas ao Voleibol. Modalidades como Atletismo, Iatismo, Tênis, Golfe, Futebol de Salão, Basquete, Hipismo, Natação e Automobilismo receberam contribuições diretas ou indiretas. Emerson Fittipaldi, Cássio Motta e Djan Madruga, somados às escolas desportivas da empresa, são exemplos precursores destas ações. A associação com a Fundação Roberto Marinho foi também uma investida para a criação de um Projeto Olímpico, com objetivos de descobrir novos talentos esportivos e propiciar-lhes melhores condições de treinamento.<sup>21</sup>

Em janeiro de 1983, Braga associou os investimentos esportivos da seguradora a um banco privado que tinha como presidente seu amigo pessoal, Amador Aguiar. A partir de então, figurou no cenário do Voleibol brasileiro a equipe da Bradesco-Atlântica. Esse tipo de iniciativa foi revolucionária para o desenvolvimento do esporte brasileiro em sentido lato, e Braga assim a definiu:

Isso não é novidade. Fiz uma adaptação. Abasileirei uma coisa que é feita no exterior, porque eu gosto e para a companhia é muito útil. A companhia já era bastante conhecida e com isso se tornou muito mais conhecida. Qualquer estatística pode comprovar esse fato. A gente lança uma pedra fundamental, o que não é nada, apenas uma pedra que tá lá, e a repercussão é enorme.<sup>22</sup>

Contudo, o modelo apresentou, posteriormente, alguns obstáculos no que se refere aos valores exigidos para a manutenção e continuidade do investimento. Após a conquista de títulos expressivos, de ter sido peça importante no processo de desenvolvimento de atletas e do Voleibol nacional, além de ter obtido retorno publicitário e financeiro, a Bradesco Seguradora decidiu, em 1987, encerrar as atividades de patrocínio às equipes de Voleibol.

Uma das principais alegações para justificar essa medida foi a de que a verba referente aos salários dos atletas estaria sendo redestinada para uma fundação

---

<sup>20</sup> ALMEIDA Braga E. C. **Veja**, São Paulo, p. 67, 23 maio 1984.

<sup>21</sup> Cf. A LONGA jornada de Quaresma a Bernard. **Vôlei Brasil...**, p. 44; e MACIEL, Eloir. Bradesco-Atlântica faz sucesso com escolinhas. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 11 set. 1983.

<sup>22</sup> BRAGA, Antônio Carlos de Almeida. É burrice investir só no vôlei. Revista **Saque**, São Paulo, n. 2, p. 16, ago. 1985.

mantida pelo banco, responsável pela escolarização de jovens carentes do Brasil. A saída de Braga da presidência do conselho administrativo da Bradesco Seguradora, em fevereiro de 1986, também foi um fator relevante para o fim do patrocínio ao Voleibol.<sup>23</sup>

Nesse período, a principal equipe concorrente da Atlântica-Boavista, posteriormente Bradesco-Atlântica, foi o Clube Atlético Pirelli de Santo André, da Grande São Paulo.

A história dessa equipe confunde-se, inevitavelmente, com a história do Voleibol na cidade. A modalidade sempre teve grande tradição em Santo André. Na década de 60, a equipe do Randi, pequena empresa do ramo têxtil, era considerada uma das melhores do Brasil, sendo responsável pela conquista do primeiro título sul-americano interclubes. Com o passar dos anos, houve um distanciamento da empresa com o Voleibol e a equipe passou a procurar outras instituições que subsidiassem suas participações. A primeira empresa subsequente a apoiar a equipe foi a São Justo, da qual se registrou uma rápida passagem. A investida seguinte foi o Clube Aramaçã, no qual a equipe conquistou vários títulos até ser desativado o departamento de Voleibol. Até 1976, o Esporte Clube Santo André foi a entidade responsável pelas atuações dos jogadores da cidade.<sup>24</sup>

Nesse mesmo ano, José Carlos Brunoro e Vicenzo Roma (antigos jogadores do Aramaçã e, posteriormente, técnico e assistente-técnico da Pirelli) procuraram Emanuelle Sessarego e Roosevelt do Brazil Kail (diretores da Pirelli no Brasil e, respectivamente, presidente e vice do clube da empresa), propondo a criação de um departamento de Voleibol dentro da multinacional.<sup>25</sup>

---

<sup>23</sup> Cf. PINHEIRO, Ana Beatriz Latorre de Faria. **O marketing no voleibol brasileiro masculino no período de 1980 a 1994...**, p. 51-52.

<sup>24</sup> Cf. SESSAREGO, Emanuelle; KAIL, Roosevelt do Brazil. A Pirelli é uma verdadeira família, não tem nada de hierarquia. (Entrevista). **Saque**, São Paulo, n. 4, p. 11-13 e 41, out. 1985; e SILVEIRA, Geraldo José da. Pirelli Vôlei Clube (ou uma maneira inteligente de se formar campeões). **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 17, 12 jan. 1983.

<sup>25</sup> A empresa italiana de pneus e cabos elétricos Pirelli instalou-se no Brasil em 1929 e, em 13 de maio de 1947, criou o Clube Atlético Pirelli, com a finalidade de atender, exclusivamente, os funcionários da empresa e seus familiares no que diz respeito a suas necessidades esportivas, recreativas e de integração. Cf. ALMEIDA, Orlando de. Pirelli vai investir 110 milhões em 83. **Folha de S. Paulo**, 23 jan. 1983; e SESSAREGO, op. cit., p. 12.

A proposta de Brunoro e Roma foi aceita e, em 1977, nasceu a equipe competitiva de Voleibol da Pirelli. Segundo Sessarego<sup>26</sup>, o objetivo inicial da empresa com essa realização, similar ao de Braga, não era somente o retorno publicitário, mas, principalmente, incentivar os esportes no Brasil e, de uma maneira mais específica, o Voleibol para os funcionários e seus filhos. A empresa patrocinou várias modalidades esportivas, sendo as de maior destaque o Voleibol, o Ciclismo, o Boxe e o Basquetebol.

Por conta de uma adequação à legislação desportiva classista nacional, o Clube Atlético Pirelli mudou para Associação Desportiva Classista Pirelli, em 1975. Porém, diante das imposições da Deliberação do Conselho Nacional de Desportos n. 10/83, o clube voltou a ter o nome original em 1984.<sup>27</sup>

Inicialmente, os dirigentes trataram de estruturar a equipe de Voleibol registrando seus atletas como funcionários da empresa e da prefeitura municipal. Nesse contexto, eles tornaram-se professores das escolas de iniciação esportiva nas categorias menores. Essas categorias registraram, no ano de 1989, mais de 700 atletas federados e aproximadamente 300 crianças sem idade para o esporte de competição.<sup>28</sup>

O sucesso dessa parceria não tardou a aparecer. As principais conquistas da equipe podem corroborar com a argumentação: campeão oito vezes do campeonato paulista, quatro títulos brasileiros, três sul-americanos, bicampeão da Copa Intercontinental de Clubes 83-84 e campeão do Mundialito de Clubes em 1984.<sup>29</sup>

Curiosamente, em vários depoimentos da direção da empresa, não foi demonstrado, explicitamente, um interesse objetivo em aproveitar esse *boom* do Voleibol, na década de 80, para veicular a imagem de seus principais atletas à venda dos produtos da Pirelli. Pelo contrário, foi até desaconselhado associar as atividades comerciais às esportivas. O depoimento de Marcos Cohen, assessor de propagandas e relações públicas da empresa, pode confirmar:

---

<sup>26</sup> SESSAREGO, Emanuelle; KAIL, Roosevelt do Brazil. A Pirelli é uma verdadeira família, não tem nada de hierarquia. **Saque**, São Paulo, n. 4, out. 1985. Entrevista.

<sup>27</sup> Cf. PINHEIRO, op. cit., p. 45; e LIMA, Daniel. Pirelli. **O Estado de S. Paulo**, 28 out. 1984.

<sup>28</sup> FONSECA, Ricardo. Pirelli, uma indústria que fabrica atletas há 32 anos. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 16 abr. 1989.

<sup>29</sup> FRASCINO, José. **Edição Comemorativa do Cinquentenário da Federação Paulista de Volleyball...**, p. 85.

...a Pirelli não vai usar o sucesso de seus jogadores para promover a venda de pneus, cabos elétricos ou qualquer outro produto. A empresa acredita que seria antipático usar a imagem de William, Xandó, Montanaro ou qualquer outro ídolo do vôlei para vender o que quer que seja. [...] Para nós, foi apenas uma coincidência ocorrer o “boom” de um esporte que está entre os que mais apoiamos. A Pirelli vai continuar apoiando o vôlei mesmo que saia de moda amanhã.<sup>30</sup>

Não obstante, o sucesso do Voleibol atingiu sobremaneira o faturamento e a aceitação da marca junto ao público consumidor. Uma pesquisa de mercado entre diversas lojas de artigos esportivos, realizada pela equipe editorial da revista **Saque**, revelou que a camisa da Pirelli estava sendo mais comercializada que as camisas do Corinthians, do Flamengo e da Seleção Brasileira.<sup>31</sup> Outro registro dessa bem sucedida associação ficou demonstrado no depoimento de Sessarego:

É um investimento institucional que deu certo, muito mais certo do que poderia sonhar qualquer gerente de marketing se eu lhe propusesse investir promocionalmente em esporte. [...] Nosso clube, hoje, absorve uma verba anual de US\$ 2 milhões, mas o retorno é incomensurável. Como medir em cruzados ou em dólares as horas seguidas de transmissão pela televisão, as pessoas por todo o país gritando “Pirelli”, com o mesmo entusiasmo da torcida do Corinthians (sic) ou a do Flamengo?<sup>32</sup>

Entretanto, a partir dos planos econômicos do início da década de 90 e da elevação dos salários dos principais jogadores, a empresa foi obrigada a rever seus investimentos no esporte e, drasticamente, cortar 35% das verbas destinadas ao clube. Em fevereiro de 1992, pressionada ainda mais pela situação econômica do país, a empresa optou por manter o clube apenas para o lazer dos funcionários, abandonando assim as principais competições esportivas. Posteriormente, cerca de dois meses, por um acordo firmado com a multinacional francesa de produtos químicos Rhodia, a equipe voltou a participar dos torneios com atletas remanescentes do Clube Atlético Pirelli.<sup>33</sup>

Nessa parceria, a equipe conseguiu o vice-campeonato da Liga Nacional de 92/93. Demonstrando uma brusca diminuição nos investimentos, perdeu vários

---

<sup>30</sup> COHEN, Marcos. Apud PIRELLI: um retorno publicitário de fazer inveja a qualquer um. **O Globo**, Rio de Janeiro, 23 jan. 1983.

<sup>31</sup> **Saque**, São Paulo, n. 4, p. 41, out. 1985.

<sup>32</sup> SESSAREGO, Emanuelle. O gerente da fábrica de vitórias. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 16 abr. 1989.

jogadores para a temporada 93/94 e foi eliminada da competição já nas quartas de final. Em 24 de março de 1994, a empresa anunciou em nota oficial o término do contrato de co-patrocínio da Rhodia e o encerramento definitivo de sua participação em competições de Voleibol.<sup>34</sup>

Outra equipe de expressão nacional e internacional que pode ser incluída nessa fase é a do Esporte Clube Banespa. O clube iniciou sua participação em competições do Voleibol no ano de 1984. O projeto, elaborado pelos diretores do banco, previa uma administração mercadológica para a equipe de competição com a utilização da infra-estrutura existente no clube dos funcionários e o apoio de uma comissão técnica de alto nível. Com o desenvolvimento da proposta, foram conquistados títulos estaduais (89, 90, 91), nacionais (87, 89, 90, 91), sul-americanos (88, 89, 90, 91, 92, 93) e internacionais (vice-campeão mundial interclubes 90, 91).<sup>35</sup>

Respeitando as peculiaridades desse investimento efetuado por um banco estadual, diferentemente da situação das empresas privadas citadas anteriormente, a equipe de Voleibol do Esporte Clube Banespa não apresentou sinais objetivos de “quebra” diante das propostas de estabilização econômica do Plano Collor, no início da década de 90.<sup>36</sup> O que houve foi uma reciclagem no seu quadro de jogadores, considerando-se os altos custos para manutenção de uma equipe competitiva de padrão internacional. Isso, numa visão precipitada, poderia incorrer na desvinculação da imagem vencedora da equipe. De acordo com as perspectivas da direção do banco, apenas se registrou uma “desaceleração” no número de efetivas e expressivas conquistas, sendo que esse processo renovou as equipes de competição, readequando sua presença nos pódios.

Entretanto, o sucesso das equipes de Voleibol do Banespa reporta-se também às estruturas criadas para o desenvolvimento das categorias inferiores no clube. Segundo Frascino<sup>37</sup>, a “peneira” do ano de 1993 apresentou 2.200 jovens

---

<sup>33</sup> Cf. PINHEIRO, op. cit., p. 47-48.

<sup>34</sup> É o fim do vôlei da Pirelli. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 25 mar. 1994.

<sup>35</sup> LOPES JR., D. Banespa: uma máquina de colecionar títulos. **Banco Essencial**, São Paulo, p. 12-13, ago./out. 1992.

<sup>36</sup> PINHEIRO, op. cit., p. 53-56.

<sup>37</sup> FRASCINO, José. **Edição Comemorativa do Cinquentenário da Federação Paulista de Volleyball...**

concorrentes, de quinze diferentes estados do Brasil, para as 25 vagas oferecidas pelo clube.

Esse tipo de estruturação e administração esportiva tem permitido ao Esporte Clube Banespa sustentar-se durante anos no cenário nacional com equipes de ponta e, relativamente, menos dispendiosas se comparadas com as demais equipes colocadas nas primeiras posições do *ranking* brasileiro.

Como último exemplo, sem desconsiderar outras associações, temos a equipe do Minas Tênis Clube de Belo Horizonte. O clube sempre foi referência e tradição na manifestação do esporte amador em várias modalidades. Segundo Pinheiro<sup>38</sup>, a inserção no Voleibol ocorreu por conta da observação da diretoria do clube sobre a existência de excelentes jogadores no Estado de Minas Gerais. A partir de 1984, os dirigentes do departamento de Voleibol firmaram um acordo com a Fiat Automóveis que possibilitou a contratação de jogadores que atuavam no Clube Atlético Mineiro e no Clube Olímpico, ambos de Belo Horizonte.

Para a composição desse time, foi concretizada a vinda do técnico coreano Yong Whan Sohn, que estava na direção da seleção argentina. Sohn conseguiu projetar internacionalmente o Voleibol da Argentina durante o período em que trabalhou nesse país. Indubitavelmente, sua contratação e seus revolucionários métodos de treinamento foram fundamentais para que a equipe mineira conquistasse, por três vezes consecutivas (1984/85/86), o título brasileiro de Voleibol nos anos em que a supremacia era das equipes da Pirelli e da Atlântica-Boavista/Bradesco.

O apoio financeiro prestado pela empresa, aliado à qualidade técnica da equipe e comissão, garantiu ao Minas a segurança necessária para o desenvolvimento de seus projetos esportivos. Contudo, quando no ano de 1985 a Fiat Automóveis decidiu arcar com 80% das despesas da equipe de Voleibol, o clube teve que abrir uma concessão ao patrocinador e passar a ser referenciado no meio competitivo e midiático como Fiat/Minas<sup>39</sup>.

Embora tenha se efetivado uma parceria de sucesso, o Fiat/Minas também sofreu com as medidas econômicas do início dos anos 90. O apoio da empresa foi

---

<sup>38</sup> PINHEIRO, op. cit., p. 62-63.

<sup>39</sup> Id. *ibid.*

retirado, porém o clube manteve suas equipes, em certos momentos modestamente, participando das principais competições nacionais.

Com a entrada do patrocínio das empresas na estruturação dos programas de desenvolvimento das equipes competitivas, ficaram consideravelmente resolvidas as dificuldades pertinentes aos aspectos de manutenção dos atletas no Brasil, divulgação da modalidade para a população e dedicação exclusiva dos jogadores aos treinamentos, os quais se tornaram, invariavelmente, diários e em dois períodos.

Nesse contexto, os atletas passaram a ser remunerados para dedicar-se integralmente ao Voleibol.<sup>40</sup> As eventuais ajudas de custos fornecidas pelos clubes foram superadas e deram lugar aos expressivos salários advindos das empresas.<sup>41</sup> Carreiras profissionais em outras áreas foram abandonadas, mesmo que temporariamente, por conta dessa nova oferta de trabalho. Atletas tornaram-se funcionários das empresas, dedicando suas jornadas laboriais aos treinamentos e, em alguns casos, vendendo seguros ou administrando empresas e bancos.<sup>42</sup> Como exemplo, temos:

O Transbrasil E. C., atual campeão paulista, contratou o técnico Inaldo Manta, assistente na equipe olímpica feminina que esteve em Los Angeles, e seis jogadores para sua equipe principal [...]. Continuará também com o time masculino e, a exemplo do ano passado, a maioria dos seus atletas será funcionário da empresa, com registro em carteira. Alguns são até pilotos e comissários.<sup>43</sup>

Com a efetivação desses novos “funcionários das quadras”, o termo *amador* passou a ser intensamente questionado, chegando os atletas ao ponto de buscar

---

<sup>40</sup> RUSSEL, Luís. Ascensão de vôlei faz do atleta um profissional. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 1 fev. 1982; NO RIO, 14 atletas já conseguem viver do esporte amador. **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 jan. 1981.

<sup>41</sup> Cf. O ESPORTE ficou mais rico: as empresas entram no jogo e os atletas do país começam a lucrar dentro e fora de campo. **Veja**, São Paulo, p. 52-59, 30 mar. 1983; MERCADO em alta: a ciranda do vôlei premia os bons jogadores. **Veja**, São Paulo, p. 65, 13 fev. 1985; MIRÁS, Denise. As milionárias (?) estrela do vôlei: com a valorização do vôlei brasileiro, clubes e empresas passaram a procurar as melhores jogadoras com propostas “milionárias”. **O Estado de S. Paulo**, 30 jan. 1984; MORENO, Mariúcha. Quase meninas, mas já realizadas e bem remuneradas. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 7 fev. 1988.

<sup>42</sup> “À exceção de Bernard, corretor de seguros, e de Bernardino, estagiário de Economia, os jogadores ainda não estão trabalhando na empresa mas já recebem os salários registrados na carteira profissional. Isso acontece porque a maioria ainda não concluiu a faculdade e alguns nem a iniciaram”. NO RIO, 14 atletas já conseguem viver do esporte amador. **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 jan. 1981.

<sup>43</sup> INVESTIMENTOS de 40 bilhões. **Gazeta Esportiva**, São Paulo, 24 fev. 1986.

amparo na Consolidação das Leis Trabalhistas. Através de uma Deliberação do Conselho Nacional do Desporto, ficou instituído que todo atleta classista deveria possuir um vínculo empregatício e ser funcionário de determinada empresa durante um ano, no mínimo.<sup>44</sup>

Importante destacar nesse cenário que empresas, quando decidem investir em determinados setores ou projetos, resguardam intenções objetivas ao destinar somas consideráveis à formação de equipes ou ao apoio a seleções nacionais. Em alguns casos, considerados desbravadores da saga empresarial no Voleibol, determinados empresários destinaram recursos para as equipes meramente por simpatia, afinidade pessoal ou familiar com a modalidade.

Tinha-se a idéia de que o movimento dessa ciranda econômica era ditado pelo empresário que admirava alguma modalidade esportiva, quando na verdade o essencial seria o envolvimento empresarial com o esporte.<sup>45</sup> Sobre essa questão, José Carlos Brunoro afirmou que “...era o empresário quem gostava de esportes, e não a empresa. [...] Nós temos que fazer importante o esporte dentro da empresa. Se muda a pessoa que trabalha na empresa, o esporte continua solidificado dentro dela.”<sup>46</sup>

Entretanto, o movimento impulsionador para que o empresariado associasse o seu capital econômico ao Voleibol centrou-se nas virtuais garantias de retorno dos seus investimentos. A modalidade, segundo Nuzman apresentava, entre outras qualidades, um calendário esportivo anual com a participação das estrelas nacionais nos campeonatos, fato que asseguraria a realização de grandes espetáculos e grandes assistências.<sup>47</sup>

De forma mais elaborada, Diniz e Cesar, da agência de publicidade Tops Sports Ventures, afirmam que o Voleibol apresenta uma situação estratégica para um esporte que tem a pretensão de inserir-se no campo dos negócios. Eles apontam quatro “atraentes” características básicas da modalidade. São elas: a “popularidade,

---

<sup>44</sup> BRASIL. Conselho Nacional de Desportos. Deliberação n. 3/80, art. 13.º. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 6 jun. 1980.

<sup>45</sup> Exemplo típico desse envolvimento passional com o esporte pode ser encontrado nas intervenções do próprio presidente da Companhia Atlântica-Bradesco de Seguros, Antonio Carlos de Almeida BRAGA, ou do proprietário da empresa de aviação Transbrasil, Omar Fontana, assíduo jogador de Voleibol no Esporte Clube Pinheiros.

<sup>46</sup> BRUNORO, José Carlos. Case Parmalat/Palmeiras. In: SEMINÁRIO INDESP DE MARKETING ESPORTIVO..., p. 91.

<sup>47</sup> NUZMAN, Carlos Arthur. O PAI da matéria..., p. 39.

garantindo público consumidor”, a “adaptabilidade à transmissões televisivas”, o “bom desempenho do Brasil em competições internacionais” e a “estrutura do esporte organizada”.<sup>48</sup> Para Souza:

Nesses últimos três anos o vôlei vem colhendo em termos de comunicação de massa, o resultado do trabalho paciente que sua nova organização propiciou, desde 1975-76, transformando a equipe brasileira em disputante efetiva dos grandes títulos internacionais. Esse fato quebrou a inércia comunicativa, gerou notícia e deu início a um novo ciclo, altamente positivo, porque carregado de energia própria, plenamente capaz de se auto-sustentar no noticiário dos meios de comunicação.<sup>49</sup>

Com base nessas características intrínsecas e em pesquisas publicitárias<sup>50</sup>, o Voleibol passou a ser a modalidade mais adequada para a veiculação de anúncios e ofertas de produtos e marcas. Essas informações foram absorvidas por empresários atentos aos movimentos da publicidade e do mercado. Também dirigentes esportivos, embora timidamente, acenaram positivamente para a tendência, direcionando esforços na busca de recrutar empresas para patrocinar seus clubes, suas equipes e seus campeonatos.

Dessa forma, foram dados os primeiros passos na direção da fusão de clubes e empresas, o que resultou na formação de novas equipes, na remodelação do campeonato brasileiro, na consolidação de uma interdependência com a mídia, na estruturação dos preparativos das seleções e, finalmente, no processo de profissionalização e espetacularização do Voleibol nacional.

Não obstante essa evolução, o quadro apresenta algumas peculiaridades. Ao percorrermos os compêndios dos primeiros campeonatos brasileiros, fica evidente que a estrutura profissionalizante do Voleibol não atingiu de imediato a maioria dos

---

<sup>48</sup> DINIZ, Edgar Chagas; CESAR, Leonardo Lenz. O potencial do vôlei como negócio no Brasil. **Conjuntura Econômica**, São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, v. 54, n. 2, p. 52, fev. 2000.

<sup>49</sup> SOUZA, Nelson Mello. O fenômeno do vôlei no Brasil: uma explicação teórica. **Sprint**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 7, p. 20, 1983.

<sup>50</sup> Um exemplo foi o estudo realizado, em 1985, pela agência publicitária McCann-Erickson para saber, entre o público consumidor, quais eram as práticas esportivas de maior preferência nacional. O resultado da pesquisa apontou em primeiro lugar com 57% dos votos entre jovens de 15 e 24 anos o Futebol, seguido pelo Voleibol com 55% e o Basquetebol na terceira opção com 43%. URT, N. Esporte é a alma do negócio. **Placar**, São Paulo, n. 795, p. 42-47, 16 ago. 1985.

clubes participantes. Vários clubes ainda se mantinham apoiados na estrutura amadora ou romântica do esporte.<sup>51</sup>

Esse fato ressaltou sobremaneira a desigualdade entre os participantes e espelhou uma hegemonia que, durante a década de 80, resumiu-se nos confrontos entre as equipes da Pirelli, Atlântica-Boavista, o híbrido Fiat-Minas Tênis Clube e o Banespa. O quadro hegemônico é fruto da incorporação do desporto classista nas competições, inicialmente destinadas aos clubes ou desporto comunitário.

Essa inovadora estrutura empresarial para o Voleibol brasileiro fortaleceu, inevitavelmente, os campeonatos nacionais no que diz respeito à receptividade popular aos espetáculos esportivos e à exposição de um novo produto no mercado televisivo com expressividade em competições internacionais. Contudo, esse avanço teve o seu preço.

O êxodo dos atletas brasileiros para as equipes estrangeiras, *a priori*, parecia ter sido contido. Porém, um novo fluxo, agora de ordem interna, consolidava-se diante da eminente profissionalização do Voleibol. Os clubes, que durante muito tempo formaram a base para selecionados estaduais e nacionais, viram-se desestimulados em prosseguir os trabalhos com as equipes de competição, tendo em vista que os seus atletas de maior destaque eram procurados e assediados com propostas das empresas impossíveis de serem cobertas.

Esse fato, invariavelmente, acarretou um contínuo desfalque nos clubes que fomentavam projetos de iniciação e aperfeiçoamento esportivo. A equipe de Voleibol do Clube de Regatas do Flamengo, por exemplo, encerrou suas atividades na categoria masculina, em 1981, em virtude de vários de seus atletas terem aceitado a oferta salarial da Atlântica-Boavista.<sup>52</sup>

---

<sup>51</sup> Campeões brasileiros de Voleibol masculino adulto: 1980 - Pirelli; 1981 - Atlântica-Boavista; 1982 - Pirelli; 1983 - Pirelli; 1984 - Minas Tênis Clube; 1985 - Minas Tênis Clube; 1986 - Minas Tênis Clube; 1987 - Banespa; 1988/89 - Pirelli; 1989/90 - Banespa; 1990/91 - Banespa. **Relatórios anuais de CBV**, Rio de Janeiro; e **Placar**, apud PINHEIRO, op. cit., p. 71.

<sup>52</sup> Cf. **Veja**, São Paulo, 23 fev. 1983. As equipes adultas do Flamengo retornam expressivamente no ano de 1987 com o patrocínio da Petrobras, associado à extinção das equipes do Bradesco. **O Globo**, Rio de Janeiro, 10 nov. 1987. Outros exemplos que se seguiram foram o da extinção da equipe tetracampeã estadual e vice-campeã brasileira adulta feminina do Fluminense, ao ter suas principais atletas contratadas pela Supergasbrás, e da equipe masculina adulta do Clube Atlético Mineiro, ao sentir a impossibilidade de concorrência com as empresas. FLU condena as empresas e abandona o vôlei. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 28 dez. 1983. NUNES, João Pedro. Com a Supergasbrás, início de uma nova fase. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 13 fev. 1983.

O Conselho Nacional de Desportos e a Confederação Brasileira de Voleibol, ouvindo o apelo de vários clubes, intercederam nessa celeuma tentando controlar a intervenção hegemônica das empresas, principalmente no que se refere ao “aliciamento” (termo utilizado pelos dirigentes) de atletas.<sup>53</sup>

O processo de inserção e apoio da iniciativa privada, considerado pelo presidente da CBV como o caminho da excelência para o esporte brasileiro, não poderia ser refreado, mas sim ajustado conforme fossem surgindo eventuais distúrbios. Nesse sentido, Nuzman contemporizou a polêmica adotando algumas medidas que visaram possibilitar um menor prejuízo aos clubes. Uma delas foi a determinação de que as equipes classistas teriam que filiar e participar, obrigatoriamente, das competições oficiais de suas federações na categoria juvenil.<sup>54</sup>

A carta liberatória<sup>55</sup> e o estágio de um ano, em caso de transferência, foram outras providências tomadas no sentido de garantir, pelo menos por um determinado período, o vínculo e a permanência do atleta no clube de origem antes de este enveredar para uma equipe classista.

Outra medida para o pacífico convívio entre as partes envolvidas na profissionalização do Voleibol foi a filiação de clubes sendo patrocinados pelas empresas. Essa fusão viabilizou a obtenção de capital da iniciativa privada para a manutenção de equipes de alto nível em treinamento, por exemplo, e a utilização da infra-estrutura física, administrativa e médica dos clubes.

Diante da estrutura arquitetada e do iminente sucesso que a parceria esporte-empresa apontava, surgiram combinações que se apresentaram como fundamentais e, por que não dizer, alicerces no processo de ascensão do Voleibol. Uma delas, se não a de maior expressão, foi a incursão e a propulsão do Voleibol nos meios televisivos.

O papel da televisão foi decisivo e singular para o sucesso do Voleibol. Brunoro destaca que alguns países como os Estados Unidos mostram claramente a

---

<sup>53</sup> CND quer limitar ação das empresas no vôlei. **Folha de S. Paulo**. 11 fev. 1983.

<sup>54</sup> BRASIL. Conselho Nacional de Desportos. Deliberação n. 10/83, cap. 2, art. 10, **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 22 ago. 1983.

<sup>55</sup> BRASIL. Conselho Nacional de Desportos. Deliberação n. 10/83, cap. 5, art. 18, §§ 2.º e 3.º **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 22 ago. 1983.

visão do público em relação à televisão, em que cerca de 50 a 60% das pessoas que querem ver televisão, hoje, querem ver esportes.<sup>56</sup>

A capacidade desse meio de comunicação de aglutinar um elevado número de pessoas, das mais diversas regiões e classes sociais, em torno da transmissão de um evento esportivo foi responsável pelo redirecionamento e ascensão dos investimentos da iniciativa privada na modalidade. Outra característica era a garantia de retorno publicitário crescente e menos dispendioso ao erário das empresas, principalmente se comparado aos custos das propagandas convencionais.<sup>57</sup>

Essa constatação pode ser entendida como um fator revolucionário para o esporte na sociedade moderna. Relações comerciais e políticas esportivas, para além das representações simbólicas que compõem as suas existências, foram se compondo enquanto pilares na determinação do perfil de eventos esportivos. Muito provavelmente, o Voleibol não registraria um acentuado processo de expansão em termos de aceitação, popularidade e conquistas se essa interdependência com a iniciativa privada não se concretizasse.

A intervenção da mídia consubstanciou ou materializou o sucesso da modalidade, que, posteriormente, apresentou-se como um negócio financeiro viável de duplo sentido, ou seja, o Voleibol e as empresas precisam da mídia assim como a mídia precisa dos espetáculos esportivos de qualidade para a demanda de seu público. No dizer de Nuzman, fica evidenciada a importância dessa relação quando o dirigente preconiza que a “...mídia foi fundamental. Sem ela o voleibol não seria o que é. A parceria com o voleibol foi um dos pontos altos da ascensão. A mídia

---

<sup>56</sup> BRUNORO, op. cit., p. 81.

<sup>57</sup> Um bom exemplo dessa lógica de raciocínio é o caso do investimento de aproximadamente US\$ 60 mil do Banco Sul-Brasileiro, em 1982, na campanha publicitária realizada pela dupla de cantores Kleiton e Kledir. Em 1983, o banco direcionou a soma de aproximadamente US\$ 50 mil para patrocinar uma equipe de Voleibol masculina, obtendo um retorno em publicidade gratuita bem maior que o investimento anterior. Com a contratação do jogador Renan, o banco economizou cerca de US\$ 100 mil, valor calculado pelo número de vezes que a logomarca da empresa foi veiculada em jornais, televisão, rádios e publicidade de uma maneira geral. Essa soma equivale ao triplo do valor gasto com a manutenção do atleta na equipe. Cf. JAPIASSU, Moacir. Chega de amadorismo. **Placar**, Rio de Janeiro, n. 733, p. 23-26, abr. 1984; e PINHEIRO, Ana Beatriz Latorre de Faria. A mídia no voleibol brasileiro masculino. In: X CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. **Anais...** Goiânia, CBCE, 1997, v. 1, p. 537-543.

apresentou os noivos voleibol e marketing para o casamento.”<sup>58</sup> E continua, acrescentando:

A união esporte-televisão não poderia ter sido mais feliz. Desta união, resultaram a popularização do esporte, a difusão de seu caráter educativo e social, a inserção do esporte na vida cotidiana das pessoas através da ampla cobertura deste meio e maior promoção dos eventos a partir da garantia de retorno ao patrocinador. Contudo, também, a televisão é forçada a adaptar-se às exigentes demandas por parte do público. Bom para todos. A utilização de novas tecnologias e a maior sofisticação dos programas gera por parte das entidades que dirigem diversas modalidades esportivas a necessidade de produzirem melhores espetáculos e, portanto, se profissionalizarem.<sup>59</sup>

Comumente, à mídia é atribuída a função de aproximar os leitores e telespectadores dos eventos esportivos aos principais personagens que compõem o espetáculo esportivo, ou seja, os atletas. Esses, por sua vez, transformam-se rapidamente em ídolos e transmissores de mensagens e estereótipos, dotados de um potencial de consumo enraizado na cultura esportiva de massas. Essa potencialidade, aliada às imagens e *performances* vitoriosas do Voleibol, foi circunstancialmente percebida pelas agências especializadas em *marketing*.<sup>60</sup>

O *marketing* esportivo, conceito tecido por publicitários norte-americanos em torno de 1978, desenvolveu-se, segundo Ernani Contursi, em duas vertentes. Uma delas, por meio da divulgação de produtos e serviços esportivos, reconhecida como *marketing do esporte*. A outra, pelas atividades ou produtos generalizados que se

---

<sup>58</sup> NUZMAN, Carlos Arthur (depoimento pessoal). Apud PINHEIRO, Ana Beatriz Latorre de Faria. A mídia no voleibol brasileiro masculino..., p. 539.

<sup>59</sup> NUZMAN, Carlos Arthur. O marketing esportivo e a aliança com a televisão. **Vôlei Técnico**, Rio de Janeiro, CBV, ano 2, n. 6, p. 9, 1995.

<sup>60</sup> À guisa de esclarecimento, utilizamos as definições da American Marketing Association para os conceitos de: 1) *marketing*: é a execução de atividades ou negócios que encaminham o fluxo de mercadorias do produtor até o consumidor; 2) *merchandising*: no esporte, é a exploração todos os espaços disponíveis, do uniforme do atleta às faixas e módulos nos locais dos eventos; e 3) propaganda: é toda forma de apresentação e promoção não pessoal de idéias, produtos ou serviços, levada a efeito por um patrocinador identificado. MELO NETO, F. **Marketing no esporte**. Rio de Janeiro: Incentive, 1986. Também consideramos a definição de *marketing* esportivo de Cocco, qual seja, “a utilização das técnicas do *marketing*, na industrialização e comercialização de produtos, eventos e serviços inerentes à indústria do esporte.” COCCO, José Estevão. As agências de marketing esportivo. Transcrição da palestra proferida no **Seminário Marketing Esportivo**, realizado em 17 de maio de 1999 na Faculdade Cândido Mendes, Rio de Janeiro.

utilizaram do esporte como elemento promocional. Essa é a vertente do *marketing através* do esporte.<sup>61</sup>

O conjunto de relações estabelecidas no marketing esportivo evidenciam, segundo José Estevão Cocco, benefícios para as várias frentes envolvidas nesse processo.

O *marketing* esportivo é a alavanca de uma indústria extraordinariamente grande, que atinge e permeia praticamente todos os segmentos da sociedade. As fábricas propriamente ditas e os setores de comércio e serviços têm, no esporte, a grande oportunidade de mercados mais desenvolvidos, com mais chances de crescimento e maior economia de escala. Isso levando em consideração apenas itens como roupas, acessórios, equipamentos, academias, estádios, bebidas, alimentos, transportes, literatura etc. etc.

Já patrocinadores e anunciantes têm no esporte um excelente instrumento de *marketing*, comunicação, ampliação do *share* e diferenciação.

Atletas, técnicos e dirigentes têm um mercado de trabalho que possibilita o desenvolvimento técnico e de carreira.

Clubes, ligas, federações, confederações obtêm recursos além da bilheteria e contribuição de sócios, enfim, mais desenvolvimento para o próprio esporte.

A população é contemplada com melhores espetáculos, entretenimento e mais oportunidades de prática desportiva.

O governo, que tem como uma de suas atribuições oferecer e manter acesso a atividades de lazer e esporte para a sociedade, mais arrecadação, maior economia assistencial em saúde, empregos e imagem internacional.

E para a mídia, mais opções de programação atingindo mais telespectadores, leitores e anunciantes.

Como todo mercado, como todo produto, enfim, como tudo o que é trabalhado pelo *marketing*, no *marketing* esportivo nós também temos dois elementos básicos: o produto e o mercado.<sup>62</sup>

Nos campeonatos nacionais da década de 80, o que se percebeu foi uma torrencial divulgação de marcas e produtos naquilo que podemos chamar de “pioneira vitrine comercial” do esporte brasileiro. Estava aberta a “temporada de caça” das empresas aos clubes e vice-versa, na qual as cifras variavam conforme o “fôlego financeiro” do investidor e a capacidade de divulgação do patrocinador em espetáculos esportivos e na mídia.

Nesse percurso, temos que ressaltar a peculiaridade da existência de uma característica autopropulsora no processo de comunicação de massas. No momento em que é gerada uma notícia, automaticamente instala-se um desencadeamento de

---

<sup>61</sup> Cf. CONTURSI, E. B. *Marketing esportivo*. Rio de Janeiro: Sprint, 1996.

<sup>62</sup> COCCO, op. cit., p. 2-3.

outras novas informações e novas fontes geradoras que, em determinados casos, nem sempre são especializadas ou tem por objetivo a divulgação prioritária do campo esportivo.

A revista **Veja** e a **IstoÉ**, por exemplo, podem corroborar com o argumento. Esses periódicos eventualmente destinam algumas linhas, quando muito uma página, para a cobertura do noticiário semanal esportivo. Em determinadas circunstâncias, sejam elas publicitárias ou referentes a conquistas expressivas internacionais, em nome da notícia pública e da comoção nacional, abrem matérias de primeira página ou cadernos especiais para atender às expectativas provenientes de uma demanda popular.

Como afirma Souza, a exposição na mídia, além de ser catalizadora, conduz à sua própria dialética, ou seja, pelo fato de ser “notícia produz mais notícias”. Assim sendo:

...dirigentes aproveitaram o momento para organização de “shows” especiais de televisão em competições especialmente programadas. O vôlei abriu o seu próprio espaço a partir daí e as repercussões em termos de novas equipes inscritas, principalmente do enorme impulso massificador através de colégios, equipes de bairros, de ruas etc... organizadas para disputa do esporte e das competições em seu nível próprio, é significativo do crescimento popular do esporte.<sup>63</sup>

O ciclo parecia estar completo. A inclusão da mídia no esporte estava associada ao processo de organização e ascensão do Voleibol. Oferecendo aos seus patrocinadores maiores retornos publicitários com menores ônus para as empresas, a modalidade garantiu substanciais recursos financeiros para o aprimoramento de suas equipes. Progressivamente, foram sendo registrados altos índices de popularidade do esporte, fruto de conquistas nacionais e internacionais significativas, proporcionando assim inevitável interesse pelas transmissões e coberturas televisivas.

Parafraseando Diniz e Cesar, esse círculo vicioso, ou virtuoso, recrutou uma participação mais efetiva do mercado empresarial, o que deu ao campo esportivo certa rotatividade e expressividade no processo de surgimento e extinção de equipes de competição.

---

<sup>63</sup> SOUZA, op. cit., p. 20.

Em artigo de Molina Neto, encontramos os pressupostos de Arpad Molnar, vice-presidente da Lufkin E. C. (equipe mantida pela Cooper Group do Brasil), onde a relação entre esporte e mídia apresenta-se como uma profícua interdependência por conta de determinadas características. Por exemplo: 1) a audiência esportiva é atingida em momentos de descontração do telespectador; 2) o esporte não se constitui em um processo repetitivo de comunicação; 3) os objetivos empresariais são diluídos de forma sutil, porém não destituídos das imagens; e, finalmente, 4) a opinião crítica e a polêmica são vetores de amplificação da ação publicitária.<sup>64</sup>

Esse conjunto de relações do esporte e o envolvimento da mídia com as transmissões, vendas e concessões dos espetáculos esportivos transformaram-se em fator imperativo frente às decisões acerca do Voleibol nacional, chegando ao ponto do presidente da CBV declarar: “Eu prefiro um ginásio vazio com transmissão da televisão a um ginásio cheio, sem televisão. O vazio atinge milhões de telespectadores em todo o país. No ginásio cheio, sem televisão, apenas 10 mil ou 20 mil. Número reduzido para quem quer conquistar patrocinadores, popularidade, resultados e novos adeptos.”<sup>65</sup>

A afirmação de Nuzman tinha procedência na iminente independência financeira que a aliança, com a iniciativa privada e com as televisões, proporcionou à Confederação Brasileira de Voleibol. Embasado na “salubridade” econômica da instituição, o dirigente ofereceu as seleções brasileiras como veículo de publicidade no exterior – uma excursão ao Kuwait chegou a ser ventilada. Além disso, estrategicamente, planejou desenvolver projetos de curta, média e longa duração, visando a mais adequada preparação das equipes feminina e masculina para representar o Brasil nas Olimpíadas de 1992.<sup>66</sup>

Analisando as relações e as interdependências estabelecidas no Voleibol, podemos recuperar nas críticas bourdianas, impostas ao jornalismo e à televisão, considerações a respeito das funções e atribuições constituídas por esses instrumentos de suposta democracia direta – isso quando conservam a independência

---

<sup>64</sup> MOLNAR, Arpad. Apud MOLINA NETO, Vicente. *Marketing esportivo*. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 13, n. 3, p. 357-364, 1992.

<sup>65</sup> NUZMAN, Carlos Arthur. Apud PINHEIRO, O marketing no voleibol brasileiro..., p. 109.

<sup>66</sup> MARTINS, Sérgio. Profissionalismo no vôlei é uma questão de tempo. **Folha de S. Paulo**. 24 fev. 1983.

de seus códigos de comunicação, pois, caso contrário, ocorre a conversão em instrumentos de opressão simbólica.<sup>67</sup>

Para Bourdieu, a televisão está articulada em torno de um espaço de exibição narcísica em que seus interlocutores tendem a minimizar a criticidade dos espectadores. Nesse sentido, vislumbram-se posturas nem sempre compatíveis com os discursos e questionamentos acadêmicos na exposição das imagens ou debates televisivos. Segundo o autor:

Com a televisão, estamos diante de um instrumento que, teoricamente, possibilita atingir todo mundo. Daí certo número de questões prévias: o que tenho a dizer está destinado a atingir todo mundo? Estou disposto a fazer de modo que meu discurso, por sua forma, possa ser entendido por todo mundo? Será que ele merece ser entendido por todo mundo? Pode-se mesmo ir mais longe: ele deve ser entendido por todo mundo?<sup>68</sup>

Atualmente, os vários campos de produção cultural têm sofrido limitações estruturais decorrentes da composição de forças do campo jornalístico, sendo que essas limitações sinalizam efeitos sistemáticos da lógica comercial. Nela, os produtores culturais precisam de ouvintes, leitores e espectadores, os quais potencializam o consumo de produtos, além de viabilizarem futuras investidas mercadológicas.

Bourdieu reporta à tendência da mídia em agir no sentido do “toma-lá-dá-cá”, o que gera dois usos sociológicos opostos, a saber: um cínico (servindo do conhecimento das leis do campo para ter sucesso nas suas estratégias) e outro clínico (usando do mesmo conhecimento para combater a tendência).<sup>69</sup> Para Bourdieu:

A televisão dos anos 50 pretendia-se cultural e de certa maneira servia-se de seu monopólio para impor a todo mundo produtos com pretensão cultural (documentários, adaptações de obras clássicas, debates culturais etc.) e formar os gostos do grande público; a televisão dos anos 90 visa explorar e a lisonjear esses gostos para atingir a mais ampla audiência, oferecendo aos telespectadores produtos brutos, cujo paradigma é o *talk-show*, fatias de vida, exposições cruas de experiências vividas, freqüentemente extremas e capazes de satisfazer uma forma de voyeurismo e de exibicionismo (aliás, como os jogos televisionados dos quais se deseja

---

<sup>67</sup> BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

<sup>68</sup> Id. *ibid.*, p. 18.

<sup>69</sup> Id. *ibid.*, p. 80-85.

ardentemente participar, mesmo como simples espectador, para ter acesso a um instante de visibilidade).<sup>70</sup>

Seguindo a linha de raciocínio bourdiana, percebemos que na televisão instala-se uma censura invisível com relativa perda da autonomia. Essa perda refere-se à imposição de condições para a efetivação do processo de comunicação. Internamente, o grau de autonomia de uma emissora pode ser aferido pelas receitas vindas da publicidade, subvenções estatais e pelo índice de concentração de anunciantes.

Essa configuração, entendida como um forma de “corrupção estrutural”, pode ser evidenciada pelo estabelecimento de relações tendenciosas entre os proprietários das redes, o Estado e a qualidade das informações transmitidas. “Essas são coisas tão grossas e grosseiras que a crítica mais elementar as percebe, mas ocultam os mecanismos anônimos, invisíveis, através dos quais se exercem as censuras de toda ordem que fazem da televisão um formidável instrumento de manutenção da ordem simbólica.”<sup>71</sup> A esse movimento, Bourdieu relata a aplicação da chamada Lei de Jdanov:

...quanto mais um produtor cultural é autônomo, rico em capital específico e exclusivamente voltado para o mercado restrito no qual se tem por cliente apenas seus próprios concorrentes, mais ele estará inclinado à resistência. Ao contrário, quanto mais ele destina seus produtos ao mercado de grande produção [...], mais está inclinado a colaborar com os poderes externos, Estado, Igreja, Partido e, hoje, jornalismo e televisão, a submeter-se às suas exigências ou às suas encomendas.<sup>72</sup>

Discutindo os mecanismos ocultos da televisão, Bourdieu relata que em inúmeras situações esse instrumento de comunicação exerce uma forma particularmente perniciosa de violência simbólica. Essa é uma manifestação de violência que estabelece uma cumplicidade tácita entre os que a sofrem e, com frequência, os que a produzem, levando em consideração a medida relativa do grau de inconsciência de ambos.<sup>73</sup>

---

<sup>70</sup> BOURDIEU, **Sobre a televisão**....., p. 68.

<sup>71</sup> Id. *ibid.*, p. 20.

<sup>72</sup> Id. *ibid.*, p. 90.

<sup>73</sup> Umberto Eco, ao analisar o desenvolvimento da televisão, encaminha uma crítica no sentido de revelar a privação do direito de transparência e de contato com o mundo exterior. Para ele, a televisão

Nesse sentido, Bourdieu destaca que a televisão produz dois efeitos observáveis. Um, ao “nivelar por baixo” o direito de entrada nos campos específicos (sociológicos, filosóficos etc.) dos portadores de, quando muito, restrito capital cultural. Outro, revela a condição de atingir as majorias, sendo injustificável essa forma de facilitar o acesso aos campos intelectuais.<sup>74</sup> Sobre essa questão, complementa o autor:

Em outros termos, é preciso defender as condições de produção que são necessárias para fazer progredir o universal e, ao mesmo tempo, é preciso trabalhar para generalizar as condições de acesso ao universal, para fazer de maneira que cada vez mais pessoas preencham as condições necessária para apropriar-se do universal. [...] Para superar a dificuldade, é preciso que os produtores que estão em sua pequena cidadela saibam sair dela e lutar, coletivamente, para ter boas condições de difusão, para ter a propriedade de seus meios de difusão; lutar também, em união com os docentes, com os sindicatos, as associações etc., para que os receptores recebam uma educação visando a elevar seu nível de recepção.<sup>75</sup>

Um princípio a ser destacado na seleção da programação televisiva é a busca do sensacional, do espetacular. Nessa elaboração, invariavelmente, são empregadas futilidades para conquistar índices de audiência. Entretanto, essas futilidades ocultam e subtraem momentos preciosos para outros assuntos, que poderiam se tornar mais importantes.

---

respeita a antiga definição de ser “uma janela aberta sobre um mundo fechado”. O ensaísta italiano retrata dois momentos desse meio de comunicação de massas: a Paleotevê e a Neotevê. A primeira exercia suas funções na direção de uma construção imaginária do universal. Já a segunda aponta seu escopo para si própria e para o indivíduo, é um “olhar com o binóculo de cabeça para baixo”. Suas principais críticas recaem sobre o simulacro da enunciação que é criado em torno dos eventos televisivos. Tanto os programas de informação quanto os de ficção são conduzidos conforme a produção de sentido e encenação, ou seja, a televisão prepara e atribui valorização no que deve ser transmitido e assimilado pelos espectadores. Um exemplo utilizado por Eco para corroborar com sua argumentação foi a transmissão e as intervenções fisiológicas equíneas nas núpcias reais britânicas entre o Rainier de Mônaco e Grace Kelly. “Não se tinha podido fugir a essa lei durante o Royal Wedding. Mas quem o acompanhou pela tevê notou que aquele esterco equino não era nem escuro nem desigual, mas apresentava sempre e em todo lugar uma cor igualmente pastel, entre o bege e amarelo, muito luminosa, de maneira a não chamar atenção e a harmonizar-se com as cores suaves das roupas femininas. Leu-se, em seguida (mas nem precisava de muito esforço para imaginá-lo), que os cavalos da realeza tinham sido tratados durante uma semana inteira com pílulas especiais, de tal modo que seu esterco ficasse com uma cor telegênica. Nada podia ser confiado ao acaso, tudo era dominado pela transmissão da tevê”. ECO, Umberto. *Teve: a transparência perdida*. In: \_\_\_\_\_. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 199.

<sup>74</sup> Cf. BOURDIEU, **Sobre a televisão...**, p. 94.

<sup>75</sup> Id. *ibid.*, p. 95-96.

Instaura-se então o privilégio do “*fast-food* cultural” como exigência dos *fast-thinkers*. Esses últimos absorvem informações e conceitos pré-digeridos ou pré-pensados, são as “idéias feitas” que consomem e são consumidas pelo telespectador em resposta à contraposição ou contradição entre pensamento e tempo.<sup>76</sup>

Esse tipo de contradição é levada ao extremo pela televisão na medida em que ela sofre, mais acentuadamente se comparada a outros campos de produção cultural, a pressão do mercado e do comércio manifestada nos índices de audiência. Segundo Bourdieu:

O índice de audiência é a sanção do mercado, da economia, isto é, de uma legalidade externa e puramente comercial, e a submissão às exigências desse instrumento de *marketing* é o equivalente exato em matéria de cultura do que é a demagogia orientada pelas pesquisas de opinião em matéria de política. A televisão regida pelo índice de audiência contribui para exercer sobre o consumidor supostamente livre e esclarecido as pressões do mercado, que não têm nada da expressão democrática de uma opinião coletiva esclarecida, racional, de uma razão pública, como querem fazer crer os demagogos cínicos.<sup>77</sup>

Os objetos de consumo lançados pela televisão são construídos conforme os níveis e categorias de percepção apresentados pelos seus receptores. Esses receptores, invariavelmente, são conduzidos a reportar disposições que evidenciam marcas de distinção social. Nesse sentido,

Nossos apresentadores de jornais televisivos, nossos animadores de debates, nossos comentaristas esportivos tornaram-se pequenos diretores de consciência que se fazem, sem ter de forçar muito, os porta-vozes de uma moral tipicamente pequeno-burguesa, que dizem “o que se deve pensar” sobre o que chamam de “os problemas de sociedade”, as agressões nos subúrbios ou a violência na escola. A mesma coisa é verdade no domínio da arte e da literatura: os mais conhecidos dos programas ditos literários servem – e de maneira cada vez mais servil – aos valores estabelecidos, ao conformismo e ao academicismo, ou aos valores do mercado.<sup>78</sup>

A televisão determina uma construção social da realidade, portadora de capacidade social mobilizadora ou desmobilizadora. Em certo aspecto, torna-se

---

<sup>76</sup> BOURDIEU, **Sobre a televisão...**, p. 39-41.

<sup>77</sup> Id. *Ibid.*, p. 96-97.

<sup>78</sup> Id. *ibid.*, p. 65.

arbitrária quanto ao acesso à existência social ou política.<sup>79</sup> Esse procedimento Bourdieu chamou, paradoxalmente, de “ocultar mostrando”. “Em intenção da mídia fazem-se alguns truques que vão impressioná-la: uma fantasia, máscaras, e se obtém, pela televisão, um efeito que pode não estar longe do que seria obtido por uma manifestação de 50.000 pessoas.”<sup>80</sup>

Nuzman parecia ter consciência destas características da televisão, principalmente quando aproximamos as intervenções do dirigente a algumas críticas pontuais de Bourdieu. Por exemplo: “É preciso cada vez mais produzir manifestações para a televisão, isso é, manifestações que sejam de natureza a interessar a pessoas de televisão, dadas as suas categorias de percepção, e que, retomadas, amplificadas por elas, obterão plena eficácia.”<sup>81</sup>

Sobre as relações estabelecidas entre o Voleibol e o meio de comunicação, podemos ressaltar uma propensão a veicular o esporte a uma fonte de recursos capaz de garantir retorno relativamente imediato, sem contudo estabelecer as prováveis perdas decorrentes desse processo. Em outras palavras,

...o reforço da influência de um campo jornalístico, ele próprio cada vez mais sujeito à dominação direta ou indireta da lógica comercial, tende a ameaçar a autonomia dos diferentes campos de produção cultural, reforçando, no interior de cada um deles, os agentes ou empresas que estão mais propensos a ceder à sedução dos lucros

---

<sup>79</sup> Refletindo sobre o modo como são transmitidos o espírito cívico e a cultura, como se impõe e consolida o Estado de direito e como funciona a democracia, o filósofo vienense Karl Popper faz uma análise crítica da história da televisão, elucidando uma proposta para melhor utilização educacional desse meio de comunicação. Para Popper, a televisão produz violência e a introduz nos lares, antes mesmo de conhecermos suas formas explícitas ou mecanismos de manifestação social. Diante desse processo, depara-se com a “educação das crianças para a violência” e o convívio com formas ditatoriais de poder. A proposta de Popper remete à criação de um dispositivo institucional que regulamente e fiscalize a produção e atuação dos responsáveis pelos canais de televisão. Esse órgão é diferente da censura tradicional. É uma espécie de ordem que emitiria licenças para funcionamento e, em casos específicos, as caçaria em conformidade com o estatuto ético da televisão. Haveriam cursos de formação para as pessoas que trabalham nesse campo, com o objetivo de capacitá-las e esclarecê-las sobre a dimensão e a importância da sua intervenção na democracia e no processo educacional. Para o autor, “...a televisão adquiriu um poder demasiado vasto no seio da democracia. [...] A televisão não existia no tempo de Hitler, ainda que a sua propaganda fosse organizada sistematicamente com um poderio quase comparável. Com ela, um novo Hitler disporia de um poder sem limites. [...] De facto, os próprios inimigos da democracia apenas possuem uma débil consciência desse poder. Quando tiverem compreendido verdadeiramente o que podem fazer com ele, utilizá-lo-ão de todas as formas, inclusivamente nas situações mais perigosas.” POPPER, Karl. Uma lei para a televisão. In: \_\_\_\_\_; CONDRY, John. **Televisão: um perigo para a democracia**. Lisboa: Gradiva, 1995. p. 30.

<sup>80</sup> Cf. BOURDIEU, Sobre a televisão..., p. 29.

<sup>81</sup> Id. *ibid.*, p. 30.

“externos” porque são menos ricos em capital específico [...] e estão menos seguros dos lucros específicos que o campo lhes garante imediatamente ou em prazo mais ou menos longo.<sup>82</sup>

Assim sendo, o Voleibol e a televisão caminharam juntos na perspectiva de atingirem objetivos específicos constituídos, mutuamente, a partir do estabelecimento de interdependências no campo esportivo. Sobre as conseqüências desse tipo de relação, Bourdieu afirma:

Há, hoje, uma “mentalidade-índice-de-audiência” nas salas de redação, nas editoras, etc. Por toda parte, pensa-se em termos de sucesso comercial. Há apenas uns trinta anos, e isso desde meados do século XIX, desde Baudelaire, Flaubert, etc., no círculo dos escritores de vanguarda, dos escritores para escritores, reconhecidos pelos escritores, ou, da mesma maneira, entre os artistas reconhecidos pelos artistas, o sucesso comercial imediato era suspeito: via-se nele um sinal de comprometimento com o século, com o dinheiro... Ao passo que hoje, cada vez mais, o mercado é reconhecido como instância legítima de legitimação. [...] há objetos que são impostos aos telespectadores porque se impõem aos produtores; e se impõem aos produtores porque são impostos pela concorrência com outros produtores. Essa espécie de pressão cruzada que os jornalistas exercem uns sobre os outros é geradora de toda uma série de conseqüências que se retraduzem por escolhas, por ausências e presenças.<sup>83</sup>

Para entender a devida importância do comercial e do campo jornalístico, especificamente a televisão no campo esportivo, temos que ter a percepção de que os campos organizam-se segundo estruturas homólogas nas quais as relações de mercado, comércio e lucros evidenciam-se majoritariamente.

Por exemplo, os Jogos Olímpicos, considerados por Bourdieu um processo de transmutação simbólica, são representações da construção social planetarizada e universalizada de um espetáculo esportivo, na medida exata da relação entre a lógica de mercado e a amplitude da demanda cultural do público atingido.<sup>84</sup>

Entretanto, assim como na produção artística, as atividades esportivas diretamente visíveis mascaram as ações dos agentes, que produzem o sentido e o

---

<sup>82</sup> BOURDIEU, **Sobre a televisão...**, p. 110.

<sup>83</sup> Id. *ibid.*, p. 37-39.

<sup>84</sup> Cf. BOURDIEU. Os Jogos Olímpicos. In: \_\_\_\_\_, **Sobre a televisão...**, p. 123-128; e BOURDIEU, Pierre. Bourdieu desafia a mídia internacional. Trad. Luiz Roberto Mendes Gonçalves. **Folha de S. Paulo**, 17 out. 1999. Caderno Mais!, p. 5. Um estudo sobre as relações empresariais constituídas nos Jogos Olímpicos pode ser constatado em SIMSON, Vyv; JENNINGS, Andrew. **Os**

valor da prática, e do praticante, que estão no fundamento do jogo. Segundo Bourdieu,

...no jogo esportivo, o campeão, corredor de cem metros ou atleta do declato, é apenas o sujeito aparente de um espetáculo que é produzido de certa maneira duas vezes: uma primeira vez por todo um conjunto de agentes, atletas, treinadores, médicos, organizadores, juízes, cronometristas, encenadores de todo o cerimonial, que concorrem para o bom transcurso da competição esportiva no estádio; uma segunda vez por todos aqueles que produzem a reprodução em imagens e em discursos desse espetáculo, no mais das vezes sob a pressão da concorrência e de todo o sistema das pressões exercidas sobre eles pela rede de relações objetivas na qual estão inseridos.<sup>85</sup>

Sobre as interdependências estabelecidas entre o Voleibol e a televisão, um jornalista tem o nome diretamente veiculado a esse processo que marcou o país na década de 80.<sup>86</sup> A referência é ao narrador esportivo Luciano do Valle.<sup>87</sup>

Fã incondicional da narração emotiva de Braga Júnior (Rádio Bandeirantes), Luciano do Valle iniciou a realização do sonho de se tornar locutor esportivo trabalhando, inicialmente, na Rádio Piratininga de São Paulo e, posteriormente, no departamento amador da Rádio Educadora de Campinas, cobrindo ausências dos colegas responsáveis pelas transmissões do Futebol.<sup>88</sup>

Com ousadia e talento, em pouco tempo seu trabalho foi reconhecido, passando ele então a narrar eventos esportivos na Rádio Gazeta. Na seqüência, transferiu-se para a extinta Rádio Nacional de São Paulo, hoje Rádio Globo. Nessa

**senhores dos anéis:** poder, dinheiro e drogas nas Olimpíadas Modernas. São Paulo: Best Sellers, 1992.

<sup>85</sup> BOURDIEU, Pierre. Os Jogos Olímpicos. In: \_\_\_\_\_. **Sobre a televisão...**, p. 127.

<sup>86</sup> Nitidamente, nomes surgiram como exponenciais no processo de consolidação da imagem comercial do Voleibol nesse contexto. Por exemplo, o empresário José Estevão Cocco, co-promotor de eventos de porte histórico como o Campeonato Sul-Americano de 1981, realizado na cidade de Santo André, onde a equipe brasileira feminina superou a então hegemônica seleção peruana; o confronto Brasil e URSS (“o grande desafio”) ocorrido em pleno estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, em 1983, e os Mundialitos de 1982 e 1984.

<sup>87</sup> PECEGUEIRO, Alberto. Quando a TV entra em cena. **Vôlei Brasil**, Rio de Janeiro, Rio Gráfica, p. 48-49, 1984.

<sup>88</sup> Como declarou em entrevista aos editores da revista **Saque**, além da crônica esportiva, a aeronáutica, mais especificamente a pilotagem de aeronaves, compunha o seu leque de ambições. Acabou conseguindo o seu brevê. Ser técnico esportivo também. Foi treinador da equipe feminina de Basquetebol de São José dos Campos - SP. VALLE, Luciano do. Entrevista. **Saque**, São Paulo, n. 3, p. 11-13, 1985.

emissora, surgiu a oportunidade de envolvimento com as coberturas esportivas na televisão. Seu primeiro programa foi uma participação no Jornal Hoje.<sup>89</sup>

Sua primeira transmissão esportiva foi um jogo de Basquetebol da seleção brasileira, na disputa do troféu Governador do Estado de São Paulo. A *performance* foi elogiada nos bastidores da emissora. Porém, a inserção definitiva nos meios televisivos ocorreu no ano de 1972, por conta do falecimento de Júlio Delamare em um acidente em Paris. Escalado pela direção da Rede Globo para cobrir um Grande Prêmio de Fórmula 1, o locutor acabou sendo aproveitado para a transmissão das Olimpíadas de Munique.

Algumas partidas olímpicas de Voleibol foram marcantes para Luciano do Valle. Em destaque, a excelente apresentação do Brasil perante o Japão, a grande sensação do torneio e o campeão masculino de 1972, e a histórica final masculina das Olimpíadas de Montreal, em 1976, entre União Soviética e Polônia, com mais de quatro horas de duração.

A percepção de que o Voleibol era um esporte que poderia ser absorvido e registrar índices de sucesso na televisão aconteceu efetivamente, embora o narrador já tivesse indicativos e sensibilidade para o fato, em virtude de um episódio ocorrido na transmissão da final supracitada de Montreal. Relata o jornalista:

Quando fiz a final de vôlei pela TV em Montreal, o jogo estourou na previsão do satélite e no último set houve uma interrupção na transmissão. Lembro-me que na Globo nós tivemos que pegar o teipe para botar no ar no dia seguinte. Em 76, o Brasil era um país do futebol e não estava disputando a final das Olimpíadas, mas como é que o público estava exigindo que a gente passasse o final do jogo de voleibol? Por quê? Fiquei pensando nisso. A partir daí, desde 76, comecei a ver o vôlei com os olhos mais abertos e aí entra a história da Promoção.<sup>90</sup>

Recuperando os fatos. O narrador estava passando por uma fase de problemas familiares e não tinha mais interesse em fixar residência no Rio de Janeiro. Conseqüentemente, veio a São Paulo negociar sua transferência com o filho do jornalista Blota Júnior, José Francisco Coelho Leal (“Kiko”), vice-presidente da empresa Caloi.

---

<sup>89</sup> VALLE, Luciano do. Entrevista..., p. 11-13 e 40-41.

<sup>90</sup> Id. *ibid.*, p. 13.

Leal administrava a empresa chamada Novo Ciclo. Por conseguinte, ele destinou o departamento de esportes da empresa aos cuidados de Valle com a perspectiva de investimentos em outros espaços, além do ciclismo. Numa de suas idas ao Rio de Janeiro, em busca dos préstimos advocatícios de Carlos Arthur Nuzman, o narrador confidenciou que estava com pretensões de diversificar os investimentos na Caloi. Coincidentemente, o dirigente via-se, naquele momento, em uma situação politicamente embaraçosa diante das suas pretensões internacionais. De última hora, os organizadores do campeonato sul-americano não viabilizaram a realização da versão feminina da disputa, em Santiago do Chile, e a CBV não dispunha de recursos suficientes para sediar o evento.

Valle solicitou a Nuzman 24 horas para um posicionamento a respeito do assunto. Ao consultar seus superiores, o narrador encorajou-os, acreditando que essa seria uma oportunidade singular de experimentar uma investida inédita em termos de transmissões esportivas de Voleibol. Conseguiu a aprovação da Novo Ciclo e da Rede Globo. O sul-americano foi realizado em Santo André e o resultado foi a conquista do campeonato em 1981. Nesse instante, o Voleibol passou a ser percebido e aceito como um potencial espetáculo esportivo nacional.<sup>91</sup> Talvez a derrota da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1982 tenha corroborado para a afirmação do Voleibol como o segundo esporte na preferência dos brasileiros.

Nessa esteira de acontecimentos, nasceu a Promoção. Leal e Valle entenderam que a Novo Ciclo não apresentava estruturas e instâncias administrativas adequadas para permitir maiores investidas e inserção no quadro que estava sendo delineado no cenário esportivo nacional.

A grande propulsão televisiva para o Voleibol ocorreu nos anos de 1981-82, época em que o narrador deixou a Rede Globo de televisão perspectivando um investimento próprio, independente. Ainda na referida empresa, Valle alertava seus superiores sobre os possíveis benefícios que uma empreitada na promissora modalidade poderia proporcionar. Entretanto, com base no argumento depreciativo da longa duração das partidas e na imprevisibilidade do tempo de sua transmissão, o projeto de apoio ao Voleibol foi descartado dentro da programação da Rede Globo, através de decisão da sua cúpula diretiva.

Fruto do convencimento de que a modalidade apresentava um potencial televisivo e popular de enorme grandeza, além dos contatos mantidos com um diretor da Rede Record de televisão, o locutor esportivo Sílvio Luiz, Luciano do Valle transferiu-se para essa emissora levando consigo a recém-fundada empresa de promoções esportivas, a Promoção.<sup>92</sup>

De início, o Voleibol passou a ser tratado como uma das prioridades na emissora. Logo, surgiu a proposta de aquisição dos direitos de transmissão do campeonato mundial masculino na Argentina, em 1982, e da realização dos mundiais masculino e feminino. O sucesso foi tamanho, tanto nas transmissões quanto nos resultados – a equipe masculina sagrou-se vice-campeã mundial –, que o locutor passou a receber, além de seu salário, 50% dos lucros referentes às transmissões promovidas em parceria da Record com a Promoção.<sup>93</sup> Para o jornalista Sérgio Sá Leitão, “...é impossível dizer quem ganhou mais; o vôlei projetou os negócios de Luciano e Luciano projetou os negócios do vôlei.”<sup>94</sup>

No período inicial dessa simbiose do Voleibol com a televisão, havia a necessidade de um profissional que fosse capaz de manter uma interlocução entre a modalidade, as emissoras de televisão e os patrocinadores. Segundo Carlos Arthur Nuzman, Luciano do Valle preencheu milimetricamente essa lacuna. Nas palavras do narrador esportivo fica claro o grau de importância de sua intervenção: “...na realidade nós enxergamos o vôlei. Ele vinha crescendo muito tecnicamente, graças ao trabalho da CBV, mas faltava dinheiro para um desenvolvimento maior. Nós provamos que a televisão podia ser essa fonte de recursos e de divulgação para o vôlei.”<sup>95</sup>

Das incursões do narrador na Rede Record e, posteriormente, na Rede Bandeirantes de Televisão, criou-se uma nova empresa para a efetivação de um consórcio. A razão social era denominada Luqui, e o consórcio, Luqui-Bandeirantes – instituição responsável pelas coberturas e transmissões esportivas da emissora. Dessa associação, surgiu um dado significativo para o impulso do Voleibol e do

---

<sup>91</sup> VALLE, Luciano do. Entrevista..., p. 11-13 e 40-41.

<sup>92</sup> PINHEIRO, O marketing..., p. 111.

<sup>93</sup> Id. *ibid.*, p. 111.

<sup>94</sup> LEITÃO, op. cit., p. 69.

<sup>95</sup> VALLE, Luciano do. Luciano do vôlei. *Veja*, São Paulo, p. 65, 3 ago. 1983.

esporte, de uma maneira geral. Foi a incursão do Show do Esporte na programação dominical da Rede Bandeirantes, transmitindo, sistematicamente, os principais torneios e confrontos nacionais e internacionais.<sup>96</sup>

Para Valle, o casamento entre a televisão e Nuzman foi perfeito. Na sua opinião, o dirigente era uma pessoa que enxergava longe, “homem de visão e [que] teve ousadia de entregar para uma empresa o lado promocional do Voleibol”.<sup>97</sup>

Contudo, essa harmonia foi destemperada por ocasião de uma reportagem publicada pela revista **Veja**, atribuindo o sucesso do “Grande Desafio” – o jogo realizado no Maracanã entre Brasil e União Soviética – ao narrador e empresário esportivo. A matéria destacava o título “Luciano do Vôlei”.

Como decorrência desse episódio e fruto do provável desentendimento ou das vaidades feridas, o Voleibol nacional deixou de ser objeto de trabalho da Promoção. Luciano do Valle analisou o fato na seguinte perspectiva:

O Nuzman acabou interpretando mal a matéria, achando que eu estaria pleiteando, sei lá eu, um cargo dentro do esporte ou que eu estivesse ofuscando o que ele fez. Mas eu sempre fui o maior defensor do Nuzman como presidente da Confederação. Acho que precisamos de um ministro de esportes e tem que ser o Nuzman. Ele é sério, mas, às vezes, mal-assessorado. Em dezembro de 83, nós soubemos que o vôlei estava fora da Promoção por um homem do Banco Econômico que me ligou de Salvador e disse: “Olha, vocês perderam o vôlei porque o Nuzman esteve aqui num sábado e disse que não vai mais continuar com vocês.”<sup>98</sup>

Essa articulação do Voleibol com uma agência de promoção de eventos respeitou os propósitos de uma administração inspirada nos princípios norte-americanos, nos quais o esporte era tratado, primeiramente, como um negócio e, posteriormente, como entretenimento.<sup>99</sup>

---

<sup>96</sup> VALLE, Luciano do. Luciano do vôlei...

<sup>97</sup> VALLE, Luciano do. Entrevista. **Saque**, São Paulo, n. 3, p. 40, 1985.

<sup>98</sup> Id. *ibid.*, p. 40.

<sup>99</sup> À guisa de ilustração, podemos citar o exemplo da revista americana **Business Week** que realizou uma reportagem com o título “Nothing sells like sports”, tratando o esporte como o grande fenômeno atual norte-americano e mostrando que 3.400 empresas americanas investiram mais de 1 bilhão de dólares, em 1987, patrocinando ou dando apoio a eventos esportivos, e mais de 500 milhões de dólares foram destinados à contratação de atletas, cuja imagem foi utilizada em promoções para venda de produtos. MANTA, Inaldo; TRADE, Ricardo Avelino; PITO, Mário dos Santos. Avaliação e divulgação do voleibol feminino. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, São Paulo, v. 3, n. 4, p. 72, 1989.

E uma das primeiras investidas de Nuzman, nesse sentido, foi a firmação do contrato entre a CBV e a TV Record-Promoção, no valor de Cr\$ 1 bilhão, no ano de 1983, e o convênio com a fábrica de produtos esportivos Rainha, que ficou responsável pela distribuição de material para as seleções nacionais e federações filiadas. Essas medidas cobravam das seleções nacionais o compromisso de participação em uma série de competições internacionais, além do que a confederação passaria às duas empresas o direito de venda e exploração do *merchandising* de quadra. Para o dirigente, essa ação pioneira dava garantias para a continuidade dos trabalhos e confirmava a sua hipótese de que o Voleibol era uma modalidade perfeitamente comercializável.<sup>100</sup>

Além de assegurar financiamento para todo o exercício de 1983, a Confederação Brasileira de Voleibol garantiu um total de três mil bolas, uniforme e um jornal tablóide para a divulgação do esporte, [...] a participação da Confederação no montante será da seguinte forma: Cr\$ 300 milhões em 12 prestações de Cr\$ 25 milhões; 20 por cento do **merchandising** de quadra; 20 por cento da renda líquida; 20 por cento da comercialização de qualquer produto que envolve a Seleção Brasileira, com exceção do contrato com a Rainha; Campeonato Sul-Americano e jogos com a União Soviética e Cuba – Cr\$ 342 milhões 900 mil; restante do calendário (até 3/8/84) Cr\$ 152 milhões 400 mil; e o custo operacional e administrativo dos eventos no Brasil Cr\$ 152 milhões 400. (Os valores citados foram calculados tomando-se por base o dólar a Cr\$ 381,00).<sup>101</sup>

Algumas federações e equipes renderam-se também aos efeitos dessa associação. A Federação Paulista de Volleyball, através de seu presidente, anunciou que para a temporada de 1986 os problemas financeiros da federação estavam resolvidos por conta do número de equipes que foram inscritas para os torneios oficiais da entidade. Segundo Renato Pera, o investimento das empresas no Voleibol permitiu a filiação de mais de 250 equipes, nas diferentes divisões, duplicando assim o quadro do ano anterior.<sup>102</sup>

Como ilustração desse impacto, encontramos um estudo feito com a equipe da Sadia Esporte Clube, comparando os custos e o retorno publicitário adquirido em

---

<sup>100</sup> PUBLICIDADE dá ao vôlei mais de 1 bilhão. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 24 fev. 1983.

<sup>101</sup> Id. *ibid.*, p. 3.

<sup>102</sup> PERA, Renato. Apud INVESTIMENTO de 40 bilhões. **Gazeta Esportiva**, São Paulo, 24 fev. 1986.

um ano de investimento.<sup>103</sup> Na conclusão, foi apresentado o resultado do período de junho de 1988 a abril de 1989 da seguinte forma: foram gastos para o *marketing* e a manutenção da equipe U\$ 569.358,00, em contrapartida, a título de propaganda institucional da marca Sadia em quatro redes de televisão e onze jornais, o valor atingiu a soma de U\$ 1.805.522,00.<sup>104</sup> O resultado foi assim avaliado pela empresa:

Pelo exposto, baseados em dados levantados, analisados e criteriosamente comparados e avaliados, podemos dizer que o retorno mercadológico propiciado pelo vôlei feminino da SADIA, superou as expectativas.

Firmou positivamente a marca SADIA junto aos mais diferentes segmentos da sociedade brasileira. [...] A multiplicidade de cartas, telefonemas recebidos dos diferentes recantos do Brasil são a maior prova disto. [...] quando a imagem da equipe vencedora, jogando com garra e amor foi passada ao público brasileiro do Norte ao Sul do País. Proporcionando a integração dos funcionários nas diversas unidades, notadamente em São Paulo onde se formou a Torcida Associada SADIA [...] média de 4.052 torcedores aos ginásios na fase final, [...]

Evidenciou a presença de uma marca, de uma empresa sólida, onde se trabalha com seriedade e com padrão de qualidade, e que hoje é um nome de respeito no esporte brasileiro. Avaliado pelas Empresas do Grupo SADIA, que entenderam a dimensão do esporte como investimento e suporte à marca, o balanço proporcionado pelo vôlei feminino foi altamente positivo.<sup>105</sup>

A profissionalização planejada por Nuzman teve novos impulsos quando ele, posteriormente, entregou o *marketing*, a comercialização e a montagem dos eventos do Voleibol a duas empresas especializadas. A Sportsmedia, empresa que em 1994 transformou os torneios nacionais em Superligas, baseando-se no modelo da National Basketball Association, e a Universe Sports.<sup>106</sup> Incluiu-se nessa medida a negociação das transmissões, a venda dos direitos televisivos, a bilheteria dos ginásios, a receita dos patrocinadores oficiais e a venda dos espaços publicitários (*banners*, placas etc.).

---

<sup>103</sup> Para a noção da dimensão dos investimentos na mídia, citamos os valores comerciais, referentes ao ano de 1988, de alguns horários na Rede Globo. Trinta segundos de anúncio local (Rio de Janeiro) no Globo Esporte equivale à soma de U\$ 184,18. Entre 20h15 e 21h30, U\$ 2.802,68, e nos intervalos do telejornal das 20 horas em escala nacional, U\$ 22.885,45. Cf. PINHEIRO, Ana Beatriz Latorre de Faria. *A mídia no voleibol brasileiro masculino...*, p. 538.

<sup>104</sup> Para melhores informações sobre a pesquisa e a metodologia empregada, consultar o artigo de MANTA, Inaldo; TRADE, Ricardo Avelino e PITO, Mário dos Santos. *Avaliação e divulgação do Voleibol feminino. Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, São Paulo, v. 3, n. 4, 1989.

<sup>105</sup> MANTA, op. cit., p. 75.

<sup>106</sup> LEITÃO, op. cit., p. 69.

Efetivamente, a participação das empresas no gerenciamento esportivo, o financiamento aos clubes e, finalmente, a inserção do *marketing* e da mídia no esporte levaram o Voleibol a respirar ares vitoriosos de uma suposta investida de sucesso. Casos específicos e conquistas expressivas, principalmente com equipes masculinas, atestaram essa passagem.

A final do campeonato brasileiro masculino de clubes de 1981 levou 13.150 pagantes ao ginásio do Maracanãzinho, no Rio de Janeiro. O crescente interesse pelo Voleibol foi um fenômeno observável no universo esportivo dos adolescentes e dos adultos. Em 1975, existiam apenas 7 mil atletas registrados na Confederação Brasileira de Voleibol, sendo que, até o ano de 1980, considerando as categorias mirim, infantil, infanto-juvenil, juvenil e adulto, o número ultrapassou a casa dos 30 mil em todo o Brasil.<sup>107</sup>

Para Ênio Figueiredo, técnico da seleção brasileira adulta feminina nesse período, o gosto pela modalidade não ficou restrito aos clubes, às escolinhas esportivas ou às empresas, pelo contrário, o processo atingiu bairros, associações de moradores e profissionais liberais. Para o técnico, o vôlei estava se tornando popular por causa da estrutura criada, há algum tempo, através da Confederação Brasileira de Vôlei, que tinha promovido o esporte dentro e fora do Brasil.<sup>108</sup>

O crédito e a aceitação do Voleibol junto ao público podem ser atribuídos, conjuntamente, à conquista da medalha de bronze pela seleção masculina na Copa do Mundo do Japão, em 1981; ao título de campeão do Mundialito no Rio de Janeiro, em 1982; ao vice-campeonato mundial de 1982 na Argentina; e à medalha de ouro no Pan-Americano de 1983, na Venezuela.<sup>109</sup> Contudo, outros fatores foram destacados pela imprensa brasileira como responsáveis pelo sucesso.

Segundo Rodrigues, o Voleibol apresentou-se como o único esporte no Brasil dirigido profissionalmente e vendido como produto de consumo. Assuntos como tabela de jogos, calendário das principais competições, transmissões televisivas e todas as incumbências relativas à infra-estrutura de eventos ficavam a cargo de uma

---

<sup>107</sup> RUSSEL, Luís. Vôlei encerra temporada como fenômeno do esporte. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 20 jan. 1982.

<sup>108</sup> FIGUEIREDO, Ênio. Apud A MANIA se alastrou pela cidade. **O Globo**, Rio de Janeiro, 6 out. 1982.

<sup>109</sup> MIRÁS, Denise. Maravilhoso vôlei-show. **Jornal da Tarde**. São Paulo, 27 set. 1982.

agência de publicidade. Essa organização administrativa superou as expectativas iniciais e causou um grande impacto entre os dirigentes de outras modalidades.

O excepcional momento do vôlei brasileiro, que rapidamente ganhou a posição de segundo esporte mais popular do País, contrasta com a triste situação vivida por nosso basquete que perdeu bom público e, hoje, não vê solução para reconquistar seu espaço. Dirigido de forma profissional e cercado por modernas técnicas de *marketing*, o vôlei é tudo aquilo que o basquete poderia ter sido e que dificilmente, agora, poderá ser, pelo menos, a curto prazo. [...] estamos mostrando o porquê do sucesso de um e o lamentável fracasso de outro: a competência ou não de seus dirigentes.<sup>110</sup>

José Estevão Cocco afirmou que a viabilidade do trabalho de *marketing* do Voleibol foi relacionada ao fato de a modalidade ser um produto de primeira qualidade, haja vista os resultados internacionais, além de estar cercada de ingredientes afins ao público consumidor. Para o publicitário, o Voleibol é um esporte praticado por jovens, sem faltas violentas, de grande plasticidade e sem empates. Ele é o resultado da técnica contra a técnica.

Cocco também destacou que uma das realizações mais importantes para a confirmação do Voleibol como uma “paixão” nacional foi a transmissão dos jogos da seleção pelas redes Globo, Bandeirantes, Record e Manchete no mesmo horário, ao vivo, e para as cidades onde estavam sendo realizadas as partidas. Esse dado levou à seguinte afirmação:

No mês passado, no ginásio do Ibirapuera, quarta-feira, dia 21, uma noite de chuva, com jogo marcado para as 22h30 com quatro emissoras de televisão transmitindo o jogo direto para São Paulo, 13.654 pessoas lotaram o Ibirapuera proporcionando uma renda de Cr\$ 43.791.500,00. Nesta noite, 74,5% dos aparelhos de televisão ligados sintonizavam o jogo. O sucesso de audiência se repetiu nos jogos realizados no Rio, Belo Horizonte e Brasília. [...] A exclusividade não interessava mais a ninguém. O vôlei cresceu muito. E nós o tratamos apenas como um produto. O mal dos outros esportes é que os dirigentes são torcedores. As atitudes são passionais e não técnicas.<sup>111</sup>

Em pouco tempo, o Voleibol deixou o anonimato para tornar-se um esporte popularizado e, em determinadas circunstâncias, “mania” nacional. Segundo

---

<sup>110</sup> RODRIGUES, Marco Antônio. O vôlei-show. **O Estado de S. Paulo**. 02 abr. 1984.

<sup>111</sup> COCCO, José Estevão. Direção competente. E a resposta é o sucesso. **O Estado de S. Paulo**. 02 abr. 1984.

Souza<sup>112</sup>, a sociedade moderna, com seus valores competitivos, sugere aos indivíduos a perseguição de momentos e do conceito de celebridade como uma manifestação vitoriosa e superadora do anonimato. O conceito está na base da inclusão e do fascínio popular pelo esporte moderno, sendo que o Voleibol expressou com propriedade esse fenômeno paradoxal de envolvimento e distanciamento.

Nessa análise, a razão sociológica para o êxito do Voleibol pode ser encontrada ao analisarmos o espectro de vida do homem moderno, vítima dos processos de individualização. Percebermos que o conceito de celebridade revigora as configurações sociais dos agentes envolvidos nesse campo esportivo. Para Souza, amparado em Cart Wright Mills, o Voleibol soube aproveitar essa peculiaridade histórica e, ao mesmo tempo, fez da modalidade e de seus atletas referências nacionais.

Seus nomes, todos os conhecem e seu carisma se expande com eles. Seu mundo representa o pináculo do prestígio, o resultado final de um processo inerente ao sistema competitivo. [...] Os ídolos se fixaram atraindo milhares de jovens para o seu campo de atração mimética. No vôlei consegue-se, hoje em dia, fama, ascensão social, riqueza, propaganda. Os jovens sentem-se atraídos por essa proposta de auto-avaliar-se e de crescer em importância com o esporte, de revelar-se, de sair do anonimato, de viajar, de aparecer em público, todos esses valores, como vimos, dominantes nas sociedade anônima e competitiva que caracteriza a modernidade.<sup>113</sup>

Esse período exponencial da modalidade culminou com o segundo lugar obtido, pela seleção masculina, nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984. Consolidou-se então a simbologia da **primeira virada** no Voleibol nacional.

Mesmo tendo enfrentado o boicote dos principais países socialistas, a Olimpíada de Los Angeles foi considerada um marco na história olímpica. A organização dos diversos setores foi totalmente profissionalizada e patrocinada por empresas privadas, movimentando sobremaneira a indústria do esporte em torno do maior evento esportivo mundial.

Por conta das características de profissionalização, cientificidade e aperfeiçoamento técnico é que entendemos ser possível identificar nessa Olimpíada a

---

<sup>112</sup> SOUZA, Nelson Mello. O fenômeno do voleibol no Brasil: uma explicação teórica. **Sprint**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 7, p. 21-22, 1983.

<sup>113</sup> Id. *ibid.*, p. 21-22.

representação da “virada” que o Voleibol brasileiro assumiu. Os signos do amadorismo, da abnegação, do voluntarismo, em suma, do romantismo dos jogadores e dirigentes do passado foram substituídos pela seriedade e pelo comprometimento existentes numa interdependência de relações profissionais e econômicas do esporte.<sup>114</sup> Nesse sentido, identificamos no momento máximo da expressão do esporte moderno o perfil dos novos contornos que a modalidade passou a assumir, qual seja, a passagem do amadorismo para a profissionalização – a primeira virada no Voleibol.

Nuzman identificou a transição e apontou algumas rupturas e previsões, aparentemente comportamentais, imprescindíveis para a consolidação dessa virada no Voleibol.

Acho apenas que a grande diferença de Los Angeles para Seul é a de que existirá cada vez mais seriedade por parte dos competidores. O lazer, as próprias futilidades, que eram importantes dentro de uma outra competição, desaparecem. O importante na cabeça da maioria dos competidores, hoje, é vencer, e ter a sua medalha. A luta por ela é muito grande e por essa razão já não ficam mais nas áreas de lazer que cada Vila Olímpica, normalmente, costuma ter. O que eu vejo do futuro nas Olimpíadas é cada um querendo ganhar a sua medalha, mais sério, mais comercial, mais profissional.<sup>115</sup>

A profissionalização instaurada e exigida no Voleibol brasileiro encontrou em alguns nomes a confirmação para o desenvolvimento dessa estrutura. Um dos principais ícones foi o técnico Paulo Roberto de Freitas (Bebeto).

Paulo “Russo” Seviciuc foi técnico da seleção brasileira masculina durante quatro anos e deixou o cargo após as Olimpíadas de Moscou, 1980. No dia 19 de janeiro de 1981, Bebeto de Freitas assumiu. Em sua primeira passagem à frente da

---

<sup>114</sup> Alguns depoimentos registram com experiência de causa essa passagem. Por exemplo, o do ex-jogador do Santos Futebol Clube e da seleção brasileira nas décadas de 60 e 70, José Osvaldo da Fonseca Marcelino (Negrelli): “Eu tinha que ficar três, quatro, seis meses à disposição da Seleção e deixava pra lá o meu emprego no Estado ou no clube, e muitas vezes, por causa do treino da Seleção, cortavam o meu pagamento no Estado.” Paulo Seviciuc (Paulo Russo), ex-jogador e técnico da seleção, acrescenta: “É muito importante frisar que antigamente a grande motivação para o jogador de vôlei era única e exclusivamente viajar para o exterior. Nós queríamos conhecer outros países, não queríamos saber se íamos ganhar... nós até chamávamos a CBV de CBV-TUR (posteriormente cunhada pelo levantador e capitão da seleção, na década de 80, William Carvalho da Silva, de “Coma, Beba e Viaje”).” *VÔLEI debate: do sonho à realidade*. **Saque**, São Paulo, n. 7, p. 39, 1986.

<sup>115</sup> NUZMAN, Carlos Arthur. (Entrevista). Los Angeles: marco na história das Olimpíadas. **Sprint**, Rio de Janeiro, v. 2 (Especial), p. 32, 1984.

comissão técnica, ficaram registradas, dentre outros episódios, as primeiras conquistas internacionais do Voleibol brasileiro. Freitas saiu da seleção após os Jogos de Los Angeles, em outubro de 1984, e, com destaque, promoveu o profissionalismo na modalidade e a fixação da imagem do Brasil como potência no Voleibol mundial.<sup>116</sup> Célio Cordeiro resumiu esse período da seguinte maneira:

O trabalho foi montado e organizado para que essa equipe pudesse realmente ser uma equipe competitiva. Basicamente o Brasil vive da importação de *know-how* estrangeiro na parte esportiva, e isso preocupava a Comissão, porque não podíamos aceitar em ficar a vida toda copiando o que os outros fazem, além de nunca surpreender as outras equipes e de estar sempre um passo atrás delas. Passamos, então, a usar todos os nossos conhecimentos de voleibol- técnico, físico e tático e aplicando-os dentro de soluções nacionais.<sup>117</sup>

A primeira virada no Voleibol brasileiro, além da superação da condição amadora do esporte, registrou peculiaridades da modalidade no que diz respeito à sua autonomia no desenvolvimento de modelos nacionais específicos de treinamento e gerenciamento. Bourdieu apontou para a existência, embora relativa, dessa autonomia na constituição do campo esportivo. Contudo, o suposto desvencilhamento das estruturas originais americanas, japonesas ou dos países socialistas pressupôs um conjunto representativo de disposições sociais capazes de consolidarem *habitus* no campo esportivo nacional.

Essas disposições foram sendo estruturadas por conta das relações estabelecidas entre o Voleibol, as empresas e a televisão. Especificamente, as manifestações de formação do *habitus* social esportivo foram evidenciadas nas interdependências constituídas pelos dirigentes, técnicos, atletas, agentes de *marketing*/mídia, clubes e empresários.

Em decorrência dessa virada no Voleibol, como efeito da profissionalização do esporte, surgiram novas formas de envolvimento esportivo e econômico na sociedade. Por exemplo, atletas da seleção brasileira passaram a perseguir

---

<sup>116</sup> LIMA, Luiz Fernando. Por que não ganhamos a medalha de ouro. **Saque**, São Paulo, n. 5, p. 52-54, 1985.

<sup>117</sup> CORDEIRO, Célio. Avaliação da participação do Brasil nos Jogos Olímpicos de Los Angeles. **Sprint**, Rio de Janeiro, v. 2 (Especial), p. 17, 1984.

oportunidades publicitárias, melhores salários, investimentos variados e divulgação da sua imagem enquanto produto passível de comercialização.

A mídia levou ao conhecimento dos leitores e espectadores as imagens dos jogadores que rapidamente foram elevados ao patamar de ídolos. Suas potencialidades publicitárias foram percebidas e intensamente exploradas pelas agências especializadas. Dessa forma, os profissionais das quadras tiveram suas imagens comercializadas, sempre associadas às vitoriosas performances. Como modelos de saúde, passaram a anunciar diversos produtos, visando atingir consumidores, muitas vezes alheios aos acontecimentos esportivos, mas passíveis de serem atraídos pela exaltação das suas qualidades e mercadorias.<sup>118</sup>

Bernard, considerado o jogador que mais faturou nesse período, entre salários e publicidade, associou sua imagem a anúncios de produtos como óleo Atlantic, shampoo Wella, seguro-saúde Bradesco, toalhas Santista e Artex, Gelol e um modelo de tênis da Rainha. Renan foi garoto propaganda dos óculos da Bausch & Lomb, das roupas da Company e, juntamente com Bernardinho, lançou uma grife esportiva. Montanaro divulgou o iogurte Bliss e os serviços do Banespa e editou, com William, a revista **Saque**, que por sua vez gerou uma confecção de roupas esportivas. Xandó assinou contratos publicitários com a Rainha, o Bradesco e a fábrica de laticínios Yakult.<sup>119</sup>

Os investimentos não ficaram restritos aos atletas das equipes masculinas, nem tampouco limitaram-se à promoção de produtos diversos. As jogadoras Jacqueline e Isabel abriram a Pallavolo, uma lanchonete especializada em sanduíches e saladas naturais. Vera Mossa, Eliani, Ana Richa, Ana Moser e Fernanda Venturini, entre outras, faziam aplicações no mercado especulativo do *open*, do *overnight* e na caderneta de poupança. Bernardinho inaugurou a Cuca-Fria Congelados, uma casa de comida congelada. Bernard investiu numa sociedade com a Rainha Materiais Esportivos para lançar sua loja no Barrashopping. Por último, Fernandão se propôs a “vender saúde” quando construiu uma grande academia de ginástica em um bairro nobre do Rio de Janeiro.<sup>120</sup>

---

<sup>118</sup> PINHEIRO, Ana Beatriz Latorre de Faria. A mídia no voleibol brasileiro..., p. 538.

<sup>119</sup> Cf. PINHEIRO, O marketing no voleibol brasileiro masculino no período de 1980 a 1994..., p. 85-86.

<sup>120</sup> MARTINS, Paulo César. No duro jogo dos negócios, atletas aprendem a dar fintas na inflação. **O Globo**, Rio de Janeiro, 7 out. 1984.

Por conta desse “jogo” mercadológico e das investidas de empresas como Pirelli, Atlântica, Supergásbras, Lufkin etc., os salários dos atletas, em cada mês de fevereiro, período livre para as transferências sem cumprimento do “estágio”, sofriam substanciais acréscimos. Esse mercado de ofertas acarretou, inevitavelmente, uma elevação salarial incontida e a constante permuta de jogadores entre as principais equipes do Voleibol nacional.<sup>121</sup>

Segundo Urt<sup>122</sup>, as remunerações oferecidas aos atletas de Voleibol, nesse período, superavam os salários dos ministros da República, dos senadores e de diretores de estatais. Sobre essa supervalorização, a atleta Isabel observou: “Qualquer salário bom é pasmante em um país onde todo mundo ganha muito mal, onde o salário médio da realidade nacional é mixaria.”<sup>123</sup>

Diante desse promissor cenário econômico e comercial, não podemos esquecer que o Brasil não foi o campeão olímpico. A perda desse título e a subsequente fase em que o Voleibol nacional circunscreveu-se provavelmente ocorreram por falta de preparo ou amadurecimento profissional dos envolvidos no campo e pela exacerbação do capital econômico em detrimento do capital cultural-esportivo.

Em entrevista, Bebeto de Freitas<sup>124</sup> relatou que diante dos resultados obtidos nas competições internacionais anteriores a Los Angeles e da ausência das equipes da URSS, Polônia e Cuba, os atletas brasileiros apresentaram elevada confiança na conquista da Olimpíada. Entretanto, esse clima escondia problemas de relacionamento entre comissão técnica e jogadores. O ambiente harmonioso na jornada do vice-campeonato mundial da Argentina não era o mesmo. A vitória no Pan-Americano de Caracas abafou os desentendimentos entre Bebeto de Freitas, William Carvalho e Carlos Arthur Nuzman. As rivalidades clubísticas, acirradas a partir do campeonato brasileiro de 1982, e o desconforto de muitos jogadores em relação ao “estrelismo” de alguns também contribuíram para a situação.<sup>125</sup>

---

<sup>121</sup> Cf. MERCADO em alta. **Veja**, São Paulo, p. 65, 13 fev. 1985; e O esporte ficou mais rico. **Veja**, São Paulo, p. 52-59, 30 mar. 1983.

<sup>122</sup> URT, N. O esporte é a alma do negócio. **Placar**, São Paulo, n. 795, p. 42-47, 16. ago.1985.

<sup>123</sup> \_\_\_\_\_, Isabel. Apud MIRÁS, Denise. As milionárias (?) estrelas do vôlei. **O Estado de S. Paulo**, 30 jan. 1984.

<sup>124</sup> FREITAS, Paulo Roberto. **IstoÉ**, São Paulo, 7 nov. 1990. Entrevista.

<sup>125</sup> Cf. LIMA, Luiz Fernando. **Por que não ganhamos a medalha de ouro...**, p. 52-54.

Dentre os vários episódios e informações que circularam na mídia, destacamos uma que revela a proposta ocorrida antes da estréia na Olimpíada. Um fabricante multinacional de material esportivo ofereceu aos jogadores e à comissão técnica US\$ 1.500 por partida pelo uso de um tênis específico. Foram sete partidas na competição, portanto, US\$ 10.500. Supostamente, Bebeto de Freitas rejeitou a oferta alegando que o calçado não era suficientemente adequado para o piso da competição. Houve insatisfação geral entre os atletas. A partir de então, tornaram-se públicas as discussões e as dissimulações entre atletas, culminando com as derrotas para as equipes da Coréia do Sul e a final contra os Estados Unidos.<sup>126</sup> Após os Jogos Olímpicos, Bebeto de Freitas anunciou que abandonaria a direção técnica da seleção brasileira e da equipe da Bradesco.

A conquista da medalha de prata confirmou o processo de profissionalização do Voleibol e trouxe, inegavelmente, a marca histórica da consolidação da modalidade como um esporte popularizado. Entretanto, os anos seguintes evidenciaram um emergente desgaste desse potencial esportivo e mercadológico. Esse processo foi previsto e explicado por algumas pessoas envolvidas na história do Voleibol.

José Estevão Cocco, um dos responsáveis pela profissionalização do *marketing* esportivo, previu no final de 1984 a inviabilidade administrativa do Voleibol. As razões apontadas foram que o esporte continuava a ser tratado de forma amadora e que as iniciativas de profissionalização esbarravam nos interesses político-financeiros de dirigentes e na infra-estrutura das federações estaduais e confederações. Cocco analisou que o Voleibol se tornaria em pouco tempo um produto incontrolável, de valores incompatíveis com a realidade do mercado brasileiro, sendo que essa direção corria por conta de uma legislação esportiva ultrapassada e de perspectivas míopes de atletas e administradores. Declarou o empresário:

...em 84 [o Voleibol] já havia se tornado muito caro. [...] tudo que em 81 era de graça – ginásios, funcionários de Prefeituras – começaram a ficar caros. Era taxa de tudo: para por placa no Ibirapuera era um absurdo; pagava-se luz, aluguel. [...] O vôlei encareceu, os ingressos no Brasil não podem ter preços muito altos. [...] os

---

<sup>126</sup> Cf. LIMA, Luiz Fernando. **Por que não ganhamos a medalha de ouro...**, p. 52-54.

jogadores só ficavam em hotéis cinco estrelas, o Campeonato Brasileiro era um prejuízo brutal. Inviável, com avião daqui para Rondônia, para cima e para baixo. Como aconteceu no futebol. Fica inadmissível. [...] Mercadologicamente falando dá pra fazer. Mudando a legislação. Mudando a estrutura, que vem dos nobres da Corte portuguesa, parasitas, enquanto na Corte inglesa cada um já tratava dos próprios negócios.<sup>127</sup>

Sobre o desenvolvimento do Voleibol, Paulo “Russo” Seviciuc afirmou: “Eu fico preocupado com a explosão do vôlei, porque numa explosão a gente só vê o resultado final, a gente nunca vê o que poderá acontecer depois.”<sup>128</sup> Também advertiu para a necessidade de um calendário programado de competições, respeitando as expectativas de retorno das empresas, além da adaptação às condutas profissionais exigidas dos atletas.

Outro dado, levantado pelos técnicos de Voleibol, diz respeito à concentração dos melhores atletas em poucas equipes durante as competições nacionais e estaduais. Paulo “Russo” viu nessa situação elementos positivos, unicamente, para a manutenção e continuidade de treinamentos da seleção. À margem desse argumento, ficou a constatação da supremacia dessas equipes – desestimulando as demais – e o desgaste decorrente da exposição constante dos atletas. Por exemplo, com raras exceções, foram sempre os mesmos jogadores que se apresentaram nas partidas do Brasil e nos confrontos Pirelli-Bradesco.<sup>129</sup>

A confirmação do desgaste da modalidade ocorreu com a realização do Campeonato Mundial de Clubes de 1984, no Rio de Janeiro e em São Paulo. O que era previsto para ser um sucesso beirou o fracasso. Nos ginásios do Maracãzinho e no Ibirapuera, aproximadamente 1.000 pessoas assistiram às partidas desse torneio. Apenas na final, entre os dois representantes brasileiros, é que se registou um público maior, embora aquém das expectativas. Preço abusivo dos ingressos, horários viáveis para as redes de televisão mas inadequados para o público e o excesso de jogos

---

<sup>127</sup> COCCO, José Estevão. Apud MIRÁS, Denise. Vôlei, o esporte que a política matou o esquema profissional. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 03 ago. 1988.

<sup>128</sup> SEVICIUC, Paulo. Apud VÔLEI debate: do sonho à realidade. **Saque**, São Paulo, n. 7, p. 42, 1986.

<sup>129</sup> Cf. VÔLEI debate profissão: jogador de vôlei. **Saque**, São Paulo, n. 8, p. 19-26, 1986.

provocaram uma indesejável saturação do Voleibol e, por conseqüência, um esvaziamento precoce das praças esportivas.<sup>130</sup>

O sucessor de Bebeto de Freitas na seleção brasileira, seu ex-auxiliar e técnico da Pirelli, José Carlos Brunoro, analisou esse tipo de acontecimento com o seguinte raciocínio:

Na minha opinião, não existe falta de público, acho que faltam bons espetáculos. De cinco anos para cá, o público do voleibol cresceu bastante e passou a entender o voleibol. Então, num jogo da Pirelli contra não sei quem vai haver mil pessoas, e num jogo da Pirelli contra o Bradesco, dez mil. O mesmo ocorre no futebol, tanto é que em um jogo do Palmeiras x Corinthians, o estádio fica superlotado... O público passou a entender voleibol e agora quer ver jogo bom. A obrigação é melhorar o espetáculo.<sup>131</sup>

Brunoro, somando-se a Bebeto de Freitas, externou sua inquietação com o processo inflacionário, deflagrado na década de 80, e a elevação salarial dos principais jogadores de Voleibol no Brasil. Esse contexto evidenciou uma preocupação generalizada com o reflexo desses fatos nas categorias de base. Para ambos, pior que a inflação é a falta de planejamento esportivo que preveja, fundamentalmente, o trabalho de renovação nos clubes e empresas, além da garantia de aporte estrutural e administrativo para a criação de novas equipes competitivas de nível nacional. Sem considerar essas medidas, advertiu Freitas, dificilmente o Brasil se sustentaria nas primeiras colocações no cenário internacional.<sup>132</sup>

Em meio ao conjunto de situações previstas e detectadas no campo esportivo, algumas conseqüências foram inevitáveis para o futuro do Voleibol. Diante da especulação e supervalorização salarial dos jogadores, das condições econômicas do país no final da década de 80 e início de 90 e da falta de planejamento administrativo que desse conta das questões de renovação e surgimento de novos clubes ou empresas que investissem na modalidade, algumas equipes do Voleibol brasileiro revelaram os reflexos dessa conjuntura.

---

<sup>130</sup> DALCIM, José Nilton; CALÇADE, Paulo; COSTA, Luis Carlos Vieira da. Campeão do mundo. Mas o voleibol deu seu primeiro tropeço. **Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 15, 21 out. 1984.

<sup>131</sup> BRUNORO, José Carlos. (Entrevista). Sou liberal, sem anarquias. **Saque**, São Paulo, n. 5, p. 41, 1985.

<sup>132</sup> FREITAS, Paulo Roberto de. Apud MIRÁS, Denise. Os perigos que cercam o vôlei. **O Estado de S. Paulo**, 18 fev. 1985.

À guisa de ilustração, podemos citar a extinção das equipes de Voleibol da Bradesco, da Pirelli, da Supergásbras, da Sadia e da Lufkin, as quais, invariavelmente, alegaram que o “aperto na liquidez” tornou impraticável o pagamento dos melhores atletas e a manutenção das equipes em competição. A manutenção de uma equipe de alto nível, segundo Brunoro, girava em torno de US\$ 300.000 anuais e, pela sua lógica, “entre pagar seus funcionários e manter o patrocínio ao esporte, as empresas, com razão, preferem a primeira alternativa”.<sup>133</sup>

Pinheiro<sup>134</sup> indicou outros fatores que levaram ao fim de algumas equipes, tais como: as estratégias das empresas de assumirem patrocínios temporários, face às condições econômicas nacionais; a concorrência por melhores atletas, que elevou os salários; e, também, a “atitude predatória” das empresas no estabelecimento de metas que, após serem atingidas, descartavam as possibilidades de renovação do patrocínio.

Pode-se incluir nesse contexto o despreparo dos dirigentes na leitura do mercado esportivo, o fim da competitividade nas competições regionais, a impossibilidade de convivência entre os clubes tradicionais e empresas e, indissociavelmente, a concentração dos principais jogadores em poucas equipes.<sup>135</sup>

No processo de extinção da equipe gaúcha do Banco Sul-Brasileiro, em 1985, com apenas três anos de existência, encontramos a seguinte declaração: “Formamos um time até para servir de apoio à expansão da organização que tem 400 agências espalhadas pelo Brasil, [...] não foi para empilhar títulos de campeão gaúcho, entretanto, que os diretores do grupo investiram pesado.”<sup>136</sup>

O desgaste do Voleibol também pôde ser evidenciado na organização do campeonato brasileiro 85/86, quando as agências Traffic e Kefler, que haviam assumido oficialmente a responsabilidade de promover os eventos da Confederação Brasileira de Voleibol, informaram vinte dias antes do início da competição que “não conseguiram respaldo comercial junto a patrocinadores para suportar financeiramente o evento”. José Hawilla, um dos sócios da Traffic, afirmou que “a empresa desistiu de promover o Brasileiro porque não está tendo aceitação por parte

---

<sup>133</sup> BRUNORO, José Carlos. Apud Quadras mais pobres. **Veja**, São Paulo, p. 49, 2 maio 1990.

<sup>134</sup> PINHEIRO, O marketing no voleibol brasileiro masculino no período de 1980 a 1994...

<sup>135</sup> Cf. BANESPA, o campeão em crise. **O Estado de S. Paulo**, 2 fev. 1988; e O triste fim de um grande time de vôlei. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, p. 76, 9 fev. 1985.

<sup>136</sup> FONSECA, Divino. Uma nova força nas quadras. **Placar**, São Paulo, p. 58, 28 set. 1984.

dos nossos clientes, o que se reflete diretamente no faturamento. [...] não houve possibilidade de diminuir os custos de um torneio como o Brasileiro que reúne 50 equipes de todos os lugares do País.”<sup>137</sup> Outro depoimento do empresário confirmou a crise:

...o interesse dos patrocinadores caiu 60% de dois anos para cá, em função do calendário cansativo e da concentração dos astros e estrelas em praticamente dois clubes: Pirelli e Bradesco. A Traffic saiu da jogada em novembro, alegando dificuldades intransponíveis para conseguir patrocinadores que bancassem as despesas dos times no Campeonato Brasileiro. É preciso descentralizar, fortalecer outros centros. Bradesco e Pirelli têm no banco de reservas vários atletas que seriam titulares absolutos em qualquer outra equipe do Brasil. No entanto, esses jogadores permanecem parados, enquanto nos centros menores há falta de bons valores. [...] O vôlei tornou-se um esporte caríssimo, com um custo operacional muito elevado. E os dirigentes contribuem para isso, tornando o vôlei um artigo de luxo, onde o retorno só acontece depois de muitos jogos.<sup>138</sup>

Tendo em vista o contorno das interdependências que se estabeleceram no campo esportivo no final da década de 80, CBV, equipes, patrocinadores e representantes das emissoras de televisão discutiram mudanças estruturais para o desenvolvimento e retomada do Voleibol enquanto um esporte de sucesso.

Em agosto de 1988, da reunião entre a Abespe (Associação Brasileira das Empresas Patrocinadoras do Esporte), clubes, Carlos Arthur Nuzman, Bebeto de Freitas e a Rede Globo de televisão, ficou selada a criação da Liga de Voleibol, com cobertura televisiva dos principais jogos da competição, elaboração de um sistema de *ranking* para os jogadores (modelo americano do *Draft Choice*), garantia de distribuição equânime dos melhores atletas entre as equipes, reformulação na estrutura de disputa do campeonato e redução do número de participantes. Esse conjunto de medidas, segundo os participantes do encontro, seriam capazes de recolocar o Voleibol no espaço de destaque conquistado anteriormente.<sup>139</sup>

---

<sup>137</sup> HAWILLA, José. Apud VÔLEI fica sem os patrocinadores do Brasileiro. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 nov. 1985.

<sup>138</sup> HAWILLA, José. Apud O SHOW do vôlei, sem patrocinadores? **Saque**, São Paulo, n. 7, p. 13, 1986.

<sup>139</sup> Cf. TÉCNICOS e atletas apóiam as mudanças estruturais no vôlei. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 29 jul. 1988; VÔLEI discute a nova estrutura. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 9 ago. 1988, O VÔLEI pode viver hoje um dia histórico. **O Estado de S. Paulo**, 11 ago. 1988.

Em meio a essas particularidades do percurso histórico da modalidade, encontramos seqüelas na direção da seleção brasileira masculina. Com a renúncia de Bebeto de Freitas, após a Olimpíada de 1984, assumiu José Carlos Brunoro, em 1985. Brunoro permaneceu como técnico da seleção até 1987, e sua saída foi tida por conta da irreconhecível participação brasileira no pré-olímpico de Brasília. Para seu lugar foi chamado o coreano Yong Whan Sohn. Essa opção recebeu oposição de vários técnicos nacionais, que se sentiram desprestigiados, e dos atletas da “geração de prata”, que questionavam seus métodos pouco convencionais de treinamento. Sohn não escondeu sua preferência por trabalhar com atletas novos sem problemas de “estrelismos”, constatados, nominalmente, em Bernard, William, Montanaro e Renan. Com dez meses de trabalho na seleção, Sohn foi alvo de um manifesto assinado pelos jogadores solicitando a sua substituição. Nuzman optou por manter o coreano e afastar Bernard, Xandó e Renan. Porém, sua permanência durou apenas mais três meses.<sup>140</sup>

Às vésperas das Olimpíadas de 1988, em Seul, Bebeto de Freitas foi chamado novamente para assumir a seleção. Ele reconvocou Xandó e Renan e acalmou o ambiente. Contudo, seu trabalho foi prejudicado pela solicitação de dispensa de sete jogadores experientes do grupo no período final da preparação. A equipe masculina trouxe dessa Olimpíada a quarta colocação, e dela, o depoimento do técnico: “Minha maior frustração olímpica foi 88 e não 84.”<sup>141</sup> Bebeto de Freitas permaneceu na seleção até 1990, quando, por problemas políticos e de relacionamento com a direção da Confederação, deixou o cargo. Posteriormente, em 1998, ele foi campeão mundial dirigindo a seleção masculina da Itália.

Esses foram registros marcantes da década de 80, a qual confirmou o profissionalismo no Voleibol ao mesmo tempo que registrou momentos de conquistas, desgaste e saturação. Luciano do Valle, dirigindo o programa “Show do Esporte”, da Rede Bandeirantes de Televisão, destacou com propriedade certos aspectos desse período: “O vôlei depende de resultados, e a ausência de uma medalha nesse torneio [Olimpíadas] pode refletir numa queda de interesse do público

---

<sup>140</sup> PENA NETO, Mair. VÔLEI repete os erros do futebol. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 16 abr. 1986; e, A ACIDENTADA trajetória para a fama. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 31 dez. 1989.

<sup>141</sup> Declaração de Bebeto de Freitas no programa “Olimpíada.doc” da Sportv, em 8 ago. 2000.

reduzindo, conseqüentemente, o interesse das empresas em patrocinar eventos ligados ao voleibol”.<sup>142</sup>

A chamada “geração de prata” encerrou seu ciclo com os atletas optando pelos seguintes caminhos: Montanaro assumiu a gerência do Voleibol do Banespa; Renan passou a ser técnico do Palmeiras/Parmalat; William tornou-se gerente da sua confecção e de quadras de futebol *in door* e iniciou a carreira de treinador no Rhodia/Pirelli; Bernardinho foi dirigir equipes femininas na Itália; Domingos Maracanã, Marcus Vinícius e Badalhoca foram para o Vôlei de Praia; Xandó montou uma empresa de promoção de eventos esportivos no interior de São Paulo; Fernandão construiu uma academia de ginástica no Rio de Janeiro; Bernard foi secretário de esportes no governo Collor e depois seguiu carreira política; Amauri, único jogador a conquistar as duas medalhas olímpicas do Voleibol brasileiro, após ser vetado por Carlos Arthur Nuzman para o cargo de auxiliar técnico de José Roberto Lages Guimarães, decepcionou-se com o esporte e assumiu em tempo integral a confecção da esposa e a própria padaria; e, finalmente, Cacau foi trabalhar na empresa de engenharia da família.<sup>143</sup>

Dessa forma, foi finalizada uma década na história do Voleibol brasileiro. O percurso da profissionalização e das relações com a mídia reservou um acentuado progresso para a modalidade ao oferecer condições de desenvolvimento técnico e aceitação popular. Essas condições foram decorrentes dos investimentos das empresas e do *marketing* esportivo. Contudo, administradores, técnicos e atletas não se mostraram adequadamente preparados para essa “virada”, e assim chegamos ao quadro preocupante, quase caótico, da modalidade no final dos anos 80 e início dos 90, ou seja, equipes sendo extintas, jogadores com salários incompatíveis com a realidade de mercado, estruturas institucionais esportivas desprovidas de continuidade, campeonatos deficitários, enfadonhos e mal organizados, redução de público nos ginásios, falta de resultados positivos internacionais e desinteresse empresarial pelo Voleibol, entre outros aspectos.

---

<sup>142</sup> VALLE, Luciano do. Apud O SHOW do vôlei, sem patrocinadores? **Saque**, São Paulo, n. 7, p. 13, 1986.

<sup>143</sup> Cf. NUNES, João Pedro. “Geração de prata” se despede das quadras. **O Estado de S. Paulo**, 20 jun. 1993; e ALVES, Milton. Geração de Prata do vôlei busca o ouro dos negócios. **O Globo**, Rio de Janeiro, 23 fev. 1998.

Com a perspectiva de evolução administrativa e refinamento das interdependências entre o esporte, as empresas e a mídia, novas formas de representações sociais foram sendo delineadas no campo esportivo. As relações constituídas no Voleibol durante os anos 90 apontaram para a metamorfose do esporte tanto na condição de pertencimento do seu universo prático, quanto no capital específico necessário para o consumo e a inserção do espectador. Essa será a discussão central do próximo tópico.

### 3.2 As dimensões da espetacularização do Voleibol na década de 90

Com efeito, através da transparência de uma tela, da impalpabilidade de uma imagem, uma participação por olho e por espírito nos abre o infinito do cosmos real e das galáxias imaginárias. Assim, participamos dos mundos à altura da mão, mas fora do alcance da mão. Assim, o espetáculo moderno é ao mesmo tempo a maior presença e a maior ausência.

(MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX**, p. 71)

No final da década de 80, o processo de profissionalização do Voleibol consolidou-se e apresentou as conseqüências advindas de uma ruptura no seu modelo de gerenciamento e participação. Nessa transição, evidenciou-se a fase embrionária da espetacularização do esporte e novas relações no campo esportivo.

A articulação das relações constituídas entre a entidade esportiva responsável pela organização e administração da modalidade, as estruturas empresárias e os investimentos da televisão no esporte reportam à análise do processo e do movimento de massificação do Voleibol.

Quando falamos de massificação, temos, por hipótese, um discurso direcionado ao **sentido** da massificação, e não simplesmente à quantificação ou à observância de níveis e graus desse processo no decorrer da história da modalidade. Indubitavelmente, essa segunda tarefa exigiria uma metodologia de pesquisa diferente da abordagem utilizada neste estudo. Mesmo assim, consideramos a identificação de níveis de massificação um terreno um tanto quanto árido em termos de constatações empíricas e comparações temporais.

O que referenciamos pela massificação do Voleibol, além do elemento participativo, é a tendência de encaminhar a modalidade para uma perspectiva consumista. Nesse sentido, é necessário um cuidado para não estereotipar procedimentos nem vulgarizá-los. Invariavelmente, quando estudamos processos ou projetos de massificação na área esportiva, a primeira imagem criada refere-se a estratégias para elevação do número de praticantes de determinada modalidade. Se levarmos em conta esse mesmo intento no campo econômico, a preocupação central estará voltada para a análise de um crescente e efetivo potencial de consumidores. Decorre dessa diferenciação de objetivos, e de pontos de vista, a consolidação de uma **resignificação** do **sentido** e da **prática** do Voleibol, no transcorrer de sua história, considerando-se a potencialidade de consumo da prática esportiva.

A conquista da prática e do consumo do esporte passou a ser interpretada como uma vertente da cultura de massas, a cultura esportiva de massas. Não tardiamente, efetivou-se, nesse percurso, uma indústria cultural. A própria paixão esportiva, que lotava ginásios, foi sendo direcionada para um consumismo, na expectativa de aproximar o espectador-amador e o atleta-profissional. A mídia estruturou-se e foi organizada com a tarefa de proporcionar aos praticantes e consumidores possibilidades de entendimento e de relativa *performance* no campo esportivo.

Nessa esteira, observamos que a prática e o espetáculo esportivo são integrantes mobilizadores do lazer moderno. Esse dado não aponta absolutamente nada de novo, pois tanto os espetáculos quanto os jogos sempre estiveram presentes na sociedade. O que é acrescentado de forma inovadora nesse contexto são as representações advindas do sistema econômico e midiático, que se apropriaram do “filão” esporte-espetáculo. A cultura esportiva de massa encampa e desenvolve uma modalidade de forma a estabelecer uma dualidade antagônica entre praticante e espectador.

É então possível começar a participar da civilização do bem-estar, e essa participação embrionária no consumo significa que o lazer não é mais apenas o vazio do repouso e da recuperação física e nervosa; não é mais a participação coletiva na festa, não é tanto a participação nas atividades familiares produtivas ou acumulativas, é também, progressivamente, a possibilidade de ter uma vida consumidora.<sup>144</sup>

Podemos associar à construção dessa cultura esportiva de massas a crítica de Milton Santos à indústria cultural, na qual ele destaca que um verdadeiro sistema caricatural é desenvolvido com o “bombardeio” publicitário. Nele, as manifestações culturais autênticas são desprezadas ou, no limite, postas em segundo plano em nome da proposta de globalização ou de movimentos cosmopolitas. Para Santos:

Hoje, a indústria cultural aciona estímulos e holofotes deliberadamente vesgos [...]. Por estar umbilicalmente ligada ao mercado, a indústria cultural tende, em nossos dias, a ser cada vez menos local, regional, nacional. Nessas condições, é freqüente que as manifestações genuínas da cultura [...] sejam deixadas de lado como rebotalho ou devam se adaptar a um gosto duvidoso, dito cosmopolita, de forma a

---

<sup>144</sup> MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**: neurose. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990. p. 68-69.

atender aos propósitos de lucro dos empresários culturais. Mas cosmopolitismo não é forçosamente universalismo e pode ser apenas servilidade a modelos e modas importados e rentáveis.<sup>145</sup>

Nesse sentido, temos na história do Voleibol um novo fluxo dominador da cultura esportiva, portador de rótulos e objetivos distintos dos anteriores. O consumo e o lucro são as referências. Constatam-se estudos estatísticos sobre as características básicas do jogo, suas técnicas, seu tempo de duração e possíveis alterações nas regras. Esses estudos objetivavam a participação dos mais diferentes perfis etno-culturais e, obviamente, a definitiva incursão televisiva no esporte. A década de 90 coroou um ciclo e apontou para um outro momento de transição, a espetacularização do esporte.

Retornando da Córrea do Sul, em 1988, sem conquistar medalhas olímpicas, o Voleibol brasileiro apresentou sinais de enfraquecimento econômico, decadência e iminente processo de “aposentadoria” das suas principais estrelas na categoria masculina. Bebeto de Freitas permaneceu na direção da seleção até 1990 e seu substituto, Josenildo Carvalho, precursor do processo de renovação do Voleibol brasileiro, ficou no cargo por apenas um ano.

Em 1990, o presidente do Brasil, Fernando Collor de Mello, decretou o Plano de Estabilização Econômica, baixando as seguintes medidas: a) o bloqueio de aproximadamente dois terços de todo o dinheiro circulante no país; b) a troca da moeda para o cruzeiro; c) o limite dos saques nas cadernetas de poupança e contas correntes, ficando os saldos retidos no Banco Central pelo prazo de dezoito meses; d) a devolução desses saldos em doze parcelas mensais; e) o limite de saques em contas remuneradas, fundos de curto prazo e *overnight* com incidência de 8% de tributação no valor retirado; f) o aumento dos impostos e a eliminação de incentivos e subsídios, com objetivo de atingir superávit fiscal de 2% do Produto Interno Bruto em 1990; e g) tributação de 25% nos ganhos de pessoas jurídicas em bolsas de valores, de mercadorias e futuros.<sup>146</sup>

Essas medidas tiveram conseqüências trágicas para a sociedade brasileira em todos os seus setores. A queda da produção industrial, o alto índice de desemprego e

---

<sup>145</sup> SANTOS, Milton. Da cultura à indústria cultural. **Folha de S. Paulo**, 19 mar. 2000, Caderno Mais!

<sup>146</sup> Cf. PINHEIRO, op. cit., p. 40-42.

subemprego, o crescimento da economia informal, o aumento de pedidos de concordatas e falências de empresas e o descontrole inflacionário foram algumas de suas marcas.

Em fevereiro de 1991, o governo lançou o Plano Collor II, decretando o congelamento de preços e salários, o aumento em até 60% as tarifas públicas, a tentativa de extinção da correção monetária, o nivelamento dos aluguéis, das mensalidades escolares e das prestações da casa própria às correções salariais, o fim das aplicações financeiras de curto prazo e a criação de uma taxa prefixada de juros.<sup>147</sup>

Os resultados não foram menos frustrantes que os anteriores. A inflação continuou em patamares elevados, provocando um movimento de estagnação na indústria e no comércio. Essa paralisação estimulou o aumento dos preços, o estocamento de mercadorias, a especulação e o ágio nas transações comerciais.

Nitidamente, o campo esportivo ficou abalado. Os planos de estabilização econômica do país incidiram diretamente na proporção de investimentos empresariais no esporte brasileiro. Assim, para minimizar os efeitos da crise que se instalou, foi inevitável a redução de salários dos atletas para evitar a extinção de mais equipes do Voleibol brasileiro.

Após sua saída da seleção, Bebeto de Freitas ponderou: “Com a crise econômica deflagrada após o Plano Collor, os incentivos fiscais acabaram e muitas empresas brasileiras pararam de financiar o vôlei. Tudo isto provoca uma falta de perspectiva enorme e, conseqüentemente, permite o êxodo de muitos talentos para o exterior.”<sup>148</sup>

As previsões do técnico estavam corretas. Várias equipes de expressão encerraram suas participações por conta dos altos custos e do arrocho econômico instaurado no país. Atletas viram seus vencimentos reduzidos em cerca de 70%, enquanto muitos tiveram que sucumbir a ofertas do emergente mercado italiano. No Brasil, ficaram aproximadamente três dezenas de jogadores desempregados no início da década de 90.<sup>149</sup>

---

<sup>147</sup> Cf. PINHEIRO, op. cit., p. 40-42.

<sup>148</sup> FREITAS, Paulo Roberto de. Apud **IstoÉ**, São Paulo, p. 60, 7 nov. 1990.

<sup>149</sup> Cf. PORTO, Gisele. Supergasbrás acaba por falta de adversários. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 24 abr. 1990; SANTOS, Cida. Crise provoca êxodo de brasileiros à Itália. **Folha de S. Paulo**, 12 set. 1991; TEMPO de liquidação. São as jogadoras, em busca de trabalho. **Jornal da Tarde**, São

Para ilustrar, um grupo de nove jogadoras sem clube, entre elas Isabel, Vera Mossa, Luiza e Ana Flávia, reuniram-se na tentativa de buscar novas possibilidades de trabalho e formaram a equipe do “Sem Nome”. Lideradas pela atleta Isabel, afirmaram: “Houve uma certa covardia das empresas que fecharam, pois durante muito tempo elas faturaram, e alto, em cima do esporte. Vendemos de salsicha a pneus, e podemos continuar sendo um excelente *outdoor*. O público do vôlei existe e pode comprovar.”<sup>150</sup>

Em meio a esse quadro de crise, Carlos Arthur Nuzman tentou garantir a modernização e o processo evolutivo do Voleibol nacional, tomando algumas iniciativas de risco. A primeira delas foi sediar o XII Campeonato Mundial Masculino, em outubro de 1990, passados trinta anos da realização da 4.<sup>a</sup> edição do evento que aconteceu no Brasil. Segundo Moreno e Vasconcellos:

Assim como não teve dúvidas de que estava transformando a estrutura do esporte chamado amador brasileiro, Carlos Arthur Nuzman tem a certeza de que arriscar vale a pena. Bancar um Campeonato Mundial adulto masculino em um país em crise, em pleno processo de renovação da equipe nacional, tem boas doses de ousadia e um olhar no futuro.<sup>151</sup>

Depois de trazer ao Maracanãzinho cerca de 17 mil pessoas durante o Mundialito de 1983, “o voleibol, que já foi o segundo esporte nacional em popularidade e depois andou esquecido pelas multidões, pega a sua segunda onda no Brasil através de um campeonato mundial que começou a ser disputado [...] em Brasília, no Rio de Janeiro e em Curitiba.”<sup>152</sup>

Bebeto de Freitas, técnico da seleção naquela ocasião, advertiu: “O momento é complicado, de choque e problemas estruturais. O Mundial é o grande abismo. Se passarmos por ele, respiraremos aliviados.”<sup>153</sup> O Brasil perdeu na semifinal para a seleção italiana por três *sets* a dois e conquistou a quarta colocação no campeonato.

---

Paulo, 28 abr. 1990; MIRÁS, Denise. O governo corta. E o vôlei pensa em mudança. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 10 abr. 1990.

<sup>150</sup> In: DANTAS, Andréa. Belas e descamisadas. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 7 jun. 1990.

<sup>151</sup> MORENO, Mariúcha; VASCONCELLOS, Paulo César. A década do vôlei. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 31 dez. 1989.

<sup>152</sup> A SEGUNDA onda. **Veja**. São Paulo, p. 73, 24 out. 1990.

<sup>153</sup> FREITAS, Paulo Roberto de. In: MORENO, Mariúcha; VASCONCELLOS, Paulo César, op. cit., p. 20.

O resultado, mediante as condições, foi bem-vindo para o Voleibol nacional, a ponto de despertar interesse de equipes européias por atletas brasileiros.<sup>154</sup>

Diante do assédio, Nuzman elevou as taxas de transferências internacionais para jogadores selecionáveis em até U\$ 300 mil, tentando dessa maneira garantir a permanência dos principais atletas, com vistas ao desenvolvimento de novos projetos e objetivos para o Voleibol brasileiro.

Os brasileiros “selecionáveis” são, hoje, os jogadores mais valiosos do vôlei internacional. Pelo menos se levada em conta a taxa de transferência estipulada pela Confederação Brasileira de Vôlei para liberar seus atletas alvos, basicamente, dos clubes italianos. Nenhuma outra entidade nacional cobra tão alto pela “exportação” de talentos. O preço de um “selecionável”, entre 20 e 24 anos, é de 300 mil dólares. [...] Diante da crise econômica que alcançou o esporte este ano, mais uma vez e de uma forma ou outra, Carlos Nuzman, presidente da CBV, conseguiu ganhar tempo e evitar a debanda geral dos jogadores. Preciosos para conquistar o título sul-americano logo mais, e garantir a vaga olímpica para Barcelona/92.<sup>155</sup>

Contudo, o efetivo salto qualitativo para a modalidade, na década de 90, foi dado na direção da organização de um campeonato brasileiro forte, com equipes competitivas e respeitando modelos profissionais de gerenciamento esportivo.

Essa empreitada teve início em 1988, quando foi lançada a primeira edição da Liga Nacional de Voleibol. Para sua operacionalização, reuniram-se à mesa de negociações a Confederação Brasileira de Voleibol, as federações estaduais, representantes das áreas técnicas e de *marketing* dos clubes/empresas e os representantes das principais redes de televisão do Brasil. Desse encontro, viabilizou-se a realização de um campeonato nacional masculino e feminino, com vinte equipes de sete Estados e treze cidades, perfazendo um total de 360 atletas envolvidos. A magnitude do evento garantiu a cobertura permanente de várias emissoras de televisão, rádio, jornais e revistas especializadas. Foram 27 partidas transmitidas em rede nacional por duas das maiores redes de televisão do país.<sup>156</sup>

---

<sup>154</sup> Cf. CRETI, Nicolau Radamés. Brasileiros invadem Itália em ritmo de samba. **Gazeta Esportiva**, São Paulo, 18 nov. 1990; PORTO, Gisele. Em busca do sucesso na Itália. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 29 out. 1990; e NUNES, João Pedro. Italianos sondam três do Banespa. **O Estado de S. Paulo**, 21 nov. 1990.

<sup>155</sup> MIRÁS, Denise. Vôlei: os jogadores mais caros do mundo. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 31 ago. 1991.

<sup>156</sup> HISTÓRICO da Liga Nacional. **Relatório da Liga Nacional 89/90**. Confederação Brasileira de Volley-Ball, Rio de Janeiro, 1990. p. 22.

...a Liga Nacional é, na verdade, mais uma tentativa dos dirigentes dessas confederações e dos clubes de facilitar a profissionalização do esporte, antes extremamente amador. O vôlei, como sempre, foi o pioneiro. Com equipes originárias de grandes empresas, o presidente da Confederação Brasileira de Vôlei, Carlos Nuzman, teve maior facilidade na criação da Liga [...]. As decisões mais importantes – como a negociação da transmissão dos jogos pela TV e a discussão do regulamento do torneio – são tomadas geralmente pela diretoria de marketing das empresas.<sup>157</sup>

Com o desenvolvimento das versões anuais da competição, os sistemas foram sendo aperfeiçoados e adaptados às necessidades dos clubes, empresas, federações e televisões. O sucesso foi comprovado pelos índices de audiência nas transmissões televisivas, pela média de público nos ginásios e pelo retorno publicitário e financeiro dos investimentos das empresas patrocinadoras.<sup>158</sup>

A divulgação mais sistematizada das marcas dessas empresas consolidou o Voleibol como um dos melhores produtos esportivos do país. Contudo, o esquema de profissionalização e mercantilização do produto Voleibol tornou-se cada vez mais objetivo e restritivo no que tange aos interesses e expectativas das instituições que gerenciavam a modalidade.

...a Liga Nacional de vôlei vai se transformar num modelo de profissionalização, aos moldes dos esportes americanos. A principal mudança vai acontecer na maneira de encarar o esporte. A Liga Nacional passa a ser uma empresa com um produto para vender: o vôlei. Para tal, foram criadas duas comissões, com representantes dos clubes/empresas e de profissionais, coordenados pelas agências Universe Sports, de Sérgio Villela e Sports Media, de Leonardo Gryner. [...] A TV Bandeirantes não terá mais a exclusividade da transmissão, que poderá ser vendida para a rede educativa e mais uma emissora comercial [...] os direitos de comercialização de TV e quadra pertencerão à Liga e não mais ao clube que sediava o jogo.<sup>159</sup>

Ester Lima<sup>160</sup> destacou que, dentre as inovações previstas no projeto da Liga Nacional, figuravam: a) a utilização de propaganda em todos os espaços dos ginásios, inclusive rede, cadeira do árbitro e banco de reservas; b) a desvinculação do

---

<sup>157</sup> NUNES, João Pedro. Organização de ligas moderniza o esporte. **O Estado de S. Paulo**, 18 fev. 1990.

<sup>158</sup> Cf. PÈRILLIER, José Roberto. Competição comprova os sucesso do vôlei brasileiro. **Vôlei Técnico**, Confederação Brasileira de Volley-Ball, Rio de Janeiro, ano I, n. 0, p. 5-6, 1994; e NÚMEROS da maior competição do país. **Vôlei Técnico**, Confederação Brasileira de Volley-Ball, Rio de Janeiro, ano I, n. 3, p. 27-28, 1995.

<sup>159</sup> LIMA, Ester. Vôlei se inspira na NBA e cria liga profissional. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 27 ago. 1993.

<sup>160</sup> Id. *ibid.*

nome das empresas às cidades em que estão sediadas; c) a decoração dos ginásios com as logomarcas das empresas patrocinadoras; d) a transmissão televisiva de pelo menos um jogo por rodada; e e) a exibição de programas educativos semanais sobre a dinâmica do Voleibol, com espaços para apresentação dos resultados dos jogos nos finais de semana.

Nesse contexto, retomamos a seleção brasileira masculina adulta. Após a rápida passagem, em 1991, do técnico Josenildo Carvalho, assumiu o cargo José Roberto Lages Guimarães, em março de 1992, ou seja, às vésperas dos Jogos Olímpicos de Barcelona. Guimarães, outro nome de extrema importância na história do Voleibol nacional, foi assistente-técnico de Bebeto de Freitas, em 1989-90, e antes de assumir a seleção dirigiu a equipe feminina do Colgate/São Caetano do Sul.

Independentemente das adversidades e da exigüidade de tempo para a preparação ideal de uma equipe competitiva internacional, José Roberto finalizou, brilhantemente, o processo que conduziu o Brasil à conquista do título inédito de campeão olímpico, em 1992, e campeão da Liga Mundial, em 1993. Das experiências como atleta até os títulos, Guimarães lembrou:

Tive uma grande lição na Tchecoslováquia como jogador da seleção brasileira em 1973. Ficamos em oitavo lugar. Oitavo e último, diga-se de passagem. Aos sete primeiros classificados foram oferecidos prêmios. Para o Brasil, doze bolas. Senti que era um aviso: ser campeão é treinar, treinar e treinar para dominar aquela que é o ponto central do esporte, a bola.<sup>161</sup>

Em campanha também inédita na história olímpica da modalidade, a equipe brasileira venceu as oito partidas que realizou, das quais cinco pelo placar de 3x0 (Coréia, Holanda duas vezes, Argélia e Japão) e três de 3x1 (CEI, Cuba e Estados Unidos), ou seja, foi campeão invicto sem nenhum adversário ter levado um jogo para a decisão no *tie-brake*. Na final, 9 de agosto de 1992, no Palau Sant Jordi, o placar de 3x0 contra a Holanda (15/12, 15/8 e 15/5) não deixou margem a dúvidas. Era a primeira medalha de ouro olímpica brasileira em esportes coletivos.<sup>162</sup>

No Brasil, um movimento incontido de torcedores e aficionados mobilizou a mídia de tal forma, que foram realizados programas especiais de televisão,

---

<sup>161</sup> GUIMARÃES, José Roberto Lages. (depoimento). In: FRASCINO, José, op. cit., p. 32.

<sup>162</sup> Sobre a campanha olímpica, ver SANTOS, Cida; CRETÍ, Nicolau Radamés. **Vitória!:** a força, a garra e a emoção do vôlei de ouro do Brasil. São Paulo: Globo, 1993.

entrevistas, homenagens oficiais, encartes exclusivos nos principais jornais e revistas do mundo, com títulos do tipo “O nosso *dream team*”, “A geração de ouro” (**O Globo**, 10 ago. 1992), “Os heróis de ouro” (**O Globo**, 10 ago. 1992), “A explosão do vôlei” (**Veja**, 12 ago. 1992), “O país do vôlei” (**IstoÉ**, ago. 1992), “Vôlei, ao ataque” (**Folha de S. Paulo**, 21 set. 1994), “A nova paixão nacional” (**Manchete**, set. 1992), “**Delusione Azzurra, torcida in festa**” (**SuperVolley**, Itália), “Un Coloso Mundial” (**Voley**, Argentina) e “Gold brasiliens” (**Deutsche Volleyball Zeitschrift**, Alemanha), entre outros.<sup>163</sup>

A comoção e a surpresa foram muito grandes porque a equipe embarcou para os Jogos Olímpicos sem grandes expectativas, vivendo um contexto esportivo onde oscilavam momentos de transições, incertezas, ousadia e riscos. Além disso, a seleção era considerada uma equipe que teve pouco tempo de preparação, com pouca experiência internacional e muito jovem. A média de idade do grupo foi a menor entre as equipes que conquistaram um título olímpico.<sup>164</sup>

Alguns depoimentos sobre a conquista e as expectativas futuras foram contundentes. William Carvalho declarou: “Esse time brasileiro pode repetir o feito dos Estados Unidos, que conquistaram o bicampeonato olímpico.” Renan Dal Zotto afirmou: “O time é novo e tem amplas possibilidades de permanecer no pódio durante todo o ciclo olímpico: Copa do Mundo, Mundial, Pan-Americano e Olimpíadas de Atlanta.” Bernard Razjajn incluiu: “Essa geração ainda vai dar muitas alegrias. São jogadores sérios, que gostam do que fazem. Eles conquistaram isso cedo, ainda jovens. Têm muito pela frente.”<sup>165</sup> Porém, a declaração mais expressiva foi a do jogador Giovane Farinazzo Gávio, que alertou:

O mundo que se cuide. Se mantivermos o ritmo, ninguém nos segurará. Estamos com um time que todos imaginavam explodir daqui a dois anos. Somos campeões olímpicos e ainda temos defeitos. Mas se tivermos paciência, pé no chão e tranquilidade de saber que precisamos melhorar, vai ser quase impossível nos vencer. [...] Quando se chega a uma etapa como a que estamos, as coisas parecem difíceis de serem melhoradas. Requer muito tempo e treino.<sup>166</sup>

---

<sup>163</sup> Cf. MATOS, Cláudia. A ressaca de homenagens da geração de ouro. **O Globo**, Rio de Janeiro, 6 set. 1992.

<sup>164</sup> ANÁLISE Olímpica. **O Globo**, Rio de Janeiro, 10 ago. 1992.

<sup>165</sup> Id. *ibid.*

<sup>166</sup> GÁVIO, Giovane Farinazzo. In: RODRIGUES, Jorge Luiz; MORAES, Marcelo. Giovane avisa: “o mundo que se cuide”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 10 ago. 1992.

Em meio a declarações e comemorações, Carlos Arthur Nuzman destacava que a conquista do primeiro lugar olímpico no Voleibol era a prova incontestada que faltava para a confirmação de que o esporte é viável no Brasil. O presidente da CBV aproveitava a oportunidade para exibir os frutos de seus projetos, iniciados em Los Angeles, e profetizar resultados futuros com a preparação das seleções nacionais infanto-juvenis. Não obstante, Nuzman desabafou seus desapontamentos com Bebeto de Freitas:

Eu engoli muita coisa. Fico triste quando algumas pessoas que estão na Itália ganhando muito dinheiro falam tantas besteiras. A pessoa tem de ter caráter e não pode cuspir no prato que comeu. É preciso ter humildade e eu esperei muitos anos, até demais, para desabafar. José Roberto é íntegro. Nunca ficou jogando atleta contra a Confederação e vice-versa, como aconteceu em outras oportunidades. Ele e toda a comissão técnica estão de parabéns.<sup>167</sup>

A sociedade brasileira, embriagada pelo repentino sucesso do Voleibol na Olimpíada, esteve as voltas com inúmeras manifestações de exaltação de seus ídolos. No momento sociopolítico em que o país enfrentava a recessão econômica, denúncias de corrupção e ausência de lideranças capazes de inspirar credibilidade na administração pública, a representação simbólica de um jovem grupo vencedor era o que a população precisava para transferir e manifestar as suas disposições sociais.

Pelo envolvimento criado com o clima da competição e, principalmente, com o resultado na final (coincidentalmente naquela data comemorava-se o Dia dos Pais), sentimentos de nacionalismo, comparações e identificações foram aflorados em todos os níveis da sociedade, propiciando uma perspectiva de esperança e unidade cívica. Em destaque:

Copacabana não engana. Está tensa e vazia. Na praia, uma ou outra pessoa no calçadão. Ao longo da areia, as quadras de vôlei também ficam desertas. Mas em seus mastros, ao vento, brilha o símbolo nacional. Como ouro. Há bandeiras também nas janelas. Um miniclíma de Copa do Mundo. Até os aposentados do Posto 6 pararam seu jogo de cartas e aceitaram a invasão de pescadores, turistas, mendigos e banhistas ao galpão onde fundaram o Clube Cultural e Recreativo Posto 6, em frente ao Rio Palace Hotel. Cadeiras na direção da tevê viam jogadas de Maurício, enganando o alto bloqueio holandês, eram como dribles de Garrincha. Cada ponto de Tande, um gol de Pelé. [...] Mostramos que somos um grande país e não uma

---

<sup>167</sup> NUZMAN, Carlos Arthur. In: RODRIGUES, Jorge Luiz. Para Nuzman, medalha prova que esporte no Brasil é viável. **O Globo**, Rio de Janeiro, 10 ago. 1992.

colônia, como eles [Estados Unidos] costumam tratar a gente. É a hora do Hino Nacional, vamos nos levantar! [...] Pena que, no nosso país, os que podem ajudar apenas roubam. Já imaginou o povão alimentado e praticando esporte?<sup>168</sup>

Analisando esse contexto respaldados no modelo sociológico de Pierre Bourdieu, percebemos nitidamente uma predisposição para a composição de novos *habitus* sociais por conta do conjunto de ações e relações existentes no campo esportivo. Os agentes sociais se identificam e captam nos símbolos do Voleibol representações aceitáveis para o tipo de estrutura social desejada.

Entretanto, desconhecem as leis de reprodução social existentes no campo esportivo e os fundamentos de dominação instaurados pelo veículo administrativo centralizador da modalidade. A Confederação Brasileira de Voleibol fica subentendida como uma estrutura objetiva autônoma das vontades e, em determinadas circunstâncias, da consciência dos agentes envolvidos.

A partir da existência e do crescimento de disposições sociais para uma modalidade esportiva, as estruturas anteriormente manifestadas de forma estruturada, segundo Bourdieu, passam a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, incidem na sociedade novos *habitus* sociais condizentes com o nível de apropriação do respectivo capital cultural, esportivo e social. Para Bourdieu:

Esse efeito de apropriação social faz com que, a todo momento, cada uma das “realidades” oferecidas sob o nome de esporte seja marcada, na objetividade, por um conjunto de propriedades que não estão inscritas na definição puramente técnica, que podem até ser oficialmente excluídas dela, e que orientam as práticas e escolhas.<sup>169</sup>

Decorre desse movimento uma reorientação no campo esportivo para a composição das ofertas e da demanda pelo Voleibol. Definitivamente, a modalidade entra no mercado como um produto que, dependendo da forma de administrá-lo, recebe um tratamento mercantilizado compatível com as expectativas e potenciais de consumo dos agentes sociais. Dessa forma, o Voleibol permite, paradoxalmente, uma leitura sincrônica e diacrônica, dependendo das posições e *habitus* de seus agentes.

---

<sup>168</sup> CARVALHO, Milton Costa. Cidade acorda cedo e brilha como ouro na festa do vôlei. **O Globo**, Rio de Janeiro, 10 ago. 1992.

<sup>169</sup> BOURDIEU, Pierre. **Programa para uma sociologia do esporte...**, p. 213.

A consolidação desse processo de mercantilização conduz a estratégias de espetacularização do esporte. Um raciocínio simplista poderia resumir dizendo que, para vender ou mercantilizar um produto, o melhor caminho é expô-lo ao consumidor de forma espetacular. Contudo, os procedimentos e os objetivos da espetacularização de uma prática esportiva são distintos do processo de popularização dessa mesma prática. Espetacularizando um produto, as ações são direcionadas para um potencial público consumidor, ao passo que popularizando, invariavelmente, o sentido seria massificação da prática.

Dito de outra forma, a partir do momento em que o Voleibol passa a receber o tratamento mercantilizado de produto, por conseqüência espetacularizado, ele incorpora as estruturas e disposições de um esporte que está massificando seus agentes não só para a prática mas, principalmente, para o potencial de consumo que eles são capazes de gerar.

Retomando a análise da conquista olímpica, alguns dos campeões olímpicos sucumbiram ao antigo desejo de atuar no campeonato italiano e, não menos, às convidativas somas oferecidas. O jogador Pampa já atuava na Itália antes da Olimpíada, assim como Renan, Carlão e o técnico Bebeto de Freitas, que estavam no Maxicono/Parma, da série A1. A eles juntaram-se Marcelo Negrão, que, inicialmente, foi para o Gabeca/Montechiari (depois Sisley/Treviso), Giovane para o Il Messagero (depois Edilcuoghi/Ravenna), Tande para o Mediolanum/Milan e Maurício para o Daytona/Modena.<sup>170</sup>

O único titular da equipe campeã a não se transferir para o Voleibol italiano foi o central Paulão. Nuzman não conseguiu conter o ímpeto dos jogadores nem competir com as propostas dos clubes da liga italiana, que giravam em torno de U\$ 400 mil anuais, e ponderou: “Isso dói. Eu tenho de dizer a eles que podem ir. Não há como competir. Resta somente torcer por eles e trabalhar para o futuro. Mas essa geração poderá estar com a camisa da seleção brasileira em outros torneios importantes. Ela tem muito a dar.”<sup>171</sup>

Independentemente da vitória olímpica e da infra-estrutura que foi montada para essa seleção (o Banco do Brasil investiu U\$ 3 milhões na temporada), o novo

---

<sup>170</sup> Cf. PINHEIRO, op. cit., p. 82.

<sup>171</sup> NUZMAN, Carlos Arthur. Apud RODRIGUES, Jorge Luiz. Paulão, um campeão que está sem emprego. **O Globo**, Rio de Janeiro, 10 ago. 1992.

êxodo para a Itália era o reflexo da crise vivida pelo Voleibol brasileiro, especialmente pelos clubes/empresas que não reuniam condições financeiras para cobrir as propostas do exterior e, em alguns casos, encerraram suas participações.

O vôlei/clube foi vítima dos efeitos da crise econômica enfrentada pelo País nos últimos anos e perdeu patrocinadores – alguns de peso, como a Frangosul, que anunciou este ano o fechamento de sua equipe masculina; a Sadia e o Pão de Açúcar, que deixaram o vôlei feminino. A Pirelli, uma das mais tradicionais investidoras, só não saiu de cena por ter conseguido a parceria da Rhodia. [...] O Banespa, principal equipe do país, optou pela redução de investimentos à próxima temporada e não teve como cobrir as milionárias ofertas italianas para Tande e Negrão. Também não renovou com Maurício.<sup>172</sup>

Não obstante esse desequilíbrio, a conquista trouxe consigo uma inevitável imagem de sucesso, e dela decorreram algumas impressões. A organização do Voleibol brasileiro, no que diz respeito principalmente às seleções, ficou rotulada no país como um exemplo ou um modelo a ser seguido pelas demais modalidades que insistiam em permanecer com contornos administrativos amadores, pautados no improviso e na falta de planejamento. O trabalho de formação de atletas, a existência de substanciais patrocinadores, o intercâmbio internacional e a competência e objetividade de seus dirigentes foram os principais aspectos levantados nessa relação com o sucesso.

A estrutura construída pela modalidade apresentou os seguintes aspectos: a CBV tinha em seu quadro, em 1992, aproximadamente 50 mil atletas registrados. A maior federação estadual, a paulista, possuía 9 mil federados, distribuídos em 63 clubes, perfazendo um total de 250 equipes masculinas e femininas nas categorias pré-mirim até adulta. Os investimentos de patrocinadores na seleção foram iniciados com a Bolsa de Valores do Rio de Janeiro em 1984/85, a Caixa Econômica Federal em 1989 e, finalmente, a partir de 1991, o Banco do Brasil. A assessoria de imprensa D'Accord, contratada desde 1989, divulgou alguns dados expressivos advindos da associação da mídia com o esporte. Por exemplo, na Liga Nacional 91/92 a CBV obteve um retorno de U\$ 3,8 milhões em 50 mil centímetros de matéria publicada em jornais e U\$ 580 mil em quase três horas de informações na televisão, sem incluir as

---

<sup>172</sup> FELIPPE, Heleni. Planejamento, estrutura. Mas a crise continua. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 10 ago. 1992.

transmissões dos jogos. A cobertura do Campeonato Mundial de 1990, no Brasil, rendeu 325 páginas de jornais e os oito jogos da Liga Mundial de 1991 tiveram público de 59.429 assistentes. Também o calendário planejado recebeu o seu destaque. No primeiro semestre de cada ano, o período ficou reservado para a participação das seleções em competições internacionais. De setembro a novembro, o espaço foi destinado para os campeonatos estaduais, e de dezembro à março para os jogos da Liga Nacional.<sup>173</sup>

A eficácia e os resultados dessa configuração foram reconhecidos por vários profissionais do esporte. Carlos Alberto Parreira, então técnico da seleção brasileira de Futebol, comentou que o vôlei tinha dado uma lição para todos, e que o Futebol precisava seguir o exemplo; Célio Cordeiro, integrante da Comissão de Treinadores da Federação Internacional de Volleyball, considerou que Barcelona era o resultado de um trabalho que vinha sendo feito há muito tempo<sup>174</sup>, referindo-se aos resultados internacionais das categorias menores do Voleibol brasileiro. Para José Roberto Lages Guimarães, “...a base do sucesso do vôlei está na renovação, no trabalho e no intercâmbio. É um esporte privilegiado por causa da Liga Mundial (criada em 1990). Uma coisa é disputar amistosos e outra é disputar um torneio difícil como a Liga.”<sup>175</sup> Porém, as palavras do experiente Josenildo Carvalho, trinta anos no Voleibol e técnico da equipe (Banespa) que cedeu a base para a seleção olímpica, merecem destaque:

Acho que se pode dizer que o vôlei teve uma fase antes do Nuzman e depois do Nuzman. [...] Nuzman soube atrair o interesse dos patrocinadores e da televisão, transformando o jogo em moda e espetáculo e idealizou a Liga Mundial com garantia de intercâmbio e patrocínio. A geração de prata deu impulso e motivou mais praticantes e clubes que cuidaram das categorias de base, como Banespa, Pirelli, Bradesco e Transbrasil, aproveitaram isso para criar uma nova geração.<sup>176</sup>

Inadvertidamente, a exposição dessa administração esportiva causou comparações com outras modalidades. O Basquetebol foi o maior alvo,

---

<sup>173</sup> FELIPPE, Heleni. Razões deste sucesso. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 11 ago. 1992.

<sup>174</sup> Id. *ibid.*

<sup>175</sup> GUIMARÃES, José Roberto Lages. Apud BARBOSA, Fernando. Vôlei vence basquete no jogo da renovação. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 16 ago. 1992.

<sup>176</sup> CARVALHO, Josenildo. Apud BARBOSA, Fernando. Vôlei vence basquete no jogo da renovação. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 16 ago. 1992.

principalmente, por perder a segunda colocação na preferência nacional, fato que também acarretou a perda do patrocínio do Banco do Brasil no final de 1990. O contrato de US\$ 1,5 milhão com a Telebrás só foi assinado, em dezembro de 1991, por conta de intervenção do governo federal.<sup>177</sup>

Um dos grandes feitos do Voleibol, segundo Nuzman, foi o Brasil ter sido o único país a sediar campeonatos mundiais em todas as categorias desde 1977. No seu ponto de vista, esses acontecimentos contribuíram, invariavelmente, para estimular a prática do esporte e melhorar o nível técnico dos jogadores brasileiros.<sup>178</sup> Para o dirigente, a estrutura nacional só perdia para o modelo do Japão.

Nuzman vê muitas diferenças entre a estrutura do Brasil e do Japão, que sedia, todos os anos, em novembro, uma grande competição internacional. “Lá, eles podem fazer competição em qualquer cidade porque todas as federações têm estrutura própria. Eles podem se dar ao luxo de fazer uma Copa do Mundo com oito cidades-sedes. Aqui isso seria impossível. Temos sempre que levar pessoal da Confederação, além de usar, é claro, a estrutura da federação local.” Mas a maior diferença, segundo ele, é que cada uma das competições japonesas, tem uma rede de televisão por trás. “São quatro competições, cada uma patrocinada por um canal.”<sup>179</sup>

A comparação com as formas de administração de outras modalidades esportivas no Brasil e com modelos internacionais de intervenção no esporte comprovam as peculiaridades existentes na forma de desenvolvimento do Voleibol. Para ilustrar, enquanto o Basquetebol, o Futebol, a Natação, o Judô, o Atletismo brasileiros e seus respectivos dirigentes viviam relações amadoras de gerenciamento, frutos da perpetuação de uma estrutura social fundada na centralização e manipulação de poder, o Voleibol “importava” de outros países, sem desconsiderar essas mesmas bases estruturais, estratégias vitoriosas na condução do esporte moderno.

Nesse cenário, não cabe determinar exclusividade à inegável capacidade e visão administrativa esportiva de Carlos Arthur Nuzman. Entram, conjuntamente, as características do esporte, as ofertas, as demandas, os resultados obtidos, as interdependências constituídas com a mídia, o *marketing* e as empresas, além dos

---

<sup>177</sup> BRASIL, Ubiratan. Basquete, um retrato da realidade. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 11 ago. 1992.

<sup>178</sup> NUZMAN, Carlos Arthur. Brasil é o país preferido do vôlei. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 3 ago. 1993.

<sup>179</sup> BRASIL é o país preferido do vôlei. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 3 ago. 1993.

interesses pessoais, os objetos de disputa existentes no espaço de lutas e a concorrência que caracteriza o campo esportivo, como definiu Pierre Bourdieu.<sup>180</sup>

Da representação criada em torno da administração do Voleibol brasileiro, recuperamos uma peculiaridade da modalidade que pode ser analisada pelo seu grau de evolução e inserção social.

Quando tratamos da origem do esporte, constatamos que ele, após ter sido criado numa instituição clubística cristã das elites americanas, assumiu características diversas compatíveis com os perfis etnoculturais de cada nação que o acolheu. Surgiram as “escolas” de Voleibol, independentemente das disposições estruturadas no país da sua criação. E esse fato reforça as “independentes” formas de evolução da modalidade.

Inicialmente, em países como Japão, URSS, Cuba, Checoslováquia, China, Polônia, Alemanha Oriental e, posteriormente, Itália, Brasil, Holanda, Argentina, Coréia do Sul e Iugoslávia, a modalidade estruturou-se de forma mais competitiva que nos Estados Unidos da América. Esses só tiveram expressão internacional na década de 80, mesmo assim jamais alcançaram o nível de interesse popular e de investimentos financeiros existentes na National Basketball Association ou na National Hockey League, por exemplo.

Esse dado corrobora e incide no conceito de autonomia relativa na construção da história estrutural do esporte moderno de Bourdieu,<sup>181</sup> ou seja, a história de uma modalidade esportiva, mesmo sendo articulada com os acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica. Assim, a história do Voleibol (e particularmente o gerenciamento da CBV), pode ser construída e analisada como uma história estrutural que considera as suas transformações sistemáticas, rupturas e continuidades.

Seguindo, temos no ano de 1993 outra conquista inédita que marcou a história do Voleibol nacional. Com estimulação financeira na contabilidade da CBV, devida, principalmente, aos investimentos do Banco do Brasil e da multinacional japonesa

---

<sup>180</sup> BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. In: \_\_\_\_\_. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

<sup>181</sup> BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: \_\_\_\_\_. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

Asics Tiger, a entidade decidiu promover no Brasil as finais da 4.<sup>a</sup> edição da Liga Mundial de Seleções.<sup>182</sup>

A campanha novamente foi brilhante, porém, com um sabor adicional. Nas finais do torneio no ginásio do Ibirapuera, em São Paulo, a equipe brasileira não perdeu nenhum *set* para os seus adversários, Itália e Rússia, vencendo, dessa maneira, a única equipe do Voleibol internacional que o Brasil ainda não havia enfrentado, ou seja, a seleção italiana, tricampeã consecutiva da Liga Mundial. Fechando o ano, a seleção brasileira venceu o Super Four no Japão.<sup>183</sup>

As irretocáveis campanhas, nas Olimpíadas de Barcelona/92 e na Liga Mundial/93, tornaram-se registros históricos que podem representar ou simbolizar o momento da **segunda virada** no Voleibol brasileiro. A partir dessa virada, o Voleibol foi inserido definitivamente, após ser profissionalizado, no contexto da espetacularização do esporte.

Depois de conquistar títulos, medalhas, reconhecimento internacional e empolgar multidões de jovens fãs, o Voleibol efetivou-se sobremaneira como um sucesso de *marketing*, dessa vez embalado por uma estrutura mais profissionalizada e experiente que as anteriores.<sup>184</sup>

A modalidade passou a atrair patrocinadores e anunciantes para suas competições e configurou-se como um negócio capaz de movimentar US\$ 50 milhões anuais. Inspirada na organização do Basquetebol profissional norte-americano, a CBV criou uma comissão de *marketing* e televisão composta pelos patrocinadores das seis grandes equipes da Liga Nacional, antigo campeonato brasileiro da modalidade, e repassou para duas agências de promoções esportivas a incumbência de gerenciar as transmissões e os contratos de propaganda dos anunciantes.<sup>185</sup>

O projeto de marketing da liga prevê a venda de anúncios em toda a quadra de vôlei. Foi-se o tempo em que o torcedor convivia com publicidade apenas na camisa de seu time. Essa forma antiga de publicidade foi aprimorada e vai, de agora em diante, dividir as atenções com novos tipos de anúncio nos ginásios esportivos. Em cada partida da liga haverá dezoito placas de publicidade ao redor da quadra. Cada uma

---

<sup>182</sup> O VÔLEI, ambicioso e milionário. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 5 maio 1993.

<sup>183</sup> Cf. FRASCINO, op. cit., p. 76-78.

<sup>184</sup> Sobre a história e desenvolvimento do *marketing* esportivo, consultar PRONI, Marcelo Weishaupt. Marketing e organização esportiva: elementos para uma história recente do esporte-espetáculo. **Conexões: educação, esporte e lazer**, Campinas, ano 1, n. 1, p. 74-84, 1998.

<sup>185</sup> Cf. As BOLADAS milionárias. **Veja**, São Paulo, p. 99, 22 set. 1993.

das duas equipes que estiverem na quadra terá o direito a uma placa gratuita. As outras dezesseis serão vendidas por um preço que vai variar de 500 a 3.000 dólares por partida.<sup>186</sup>

As propostas de venda dos espaços publicitários não ficaram limitadas apenas a placas. A equipe de *marketing* da Liga Nacional estipulou o comércio na cadeira dos árbitros, da comissão técnica, dos “boleiros”, inclusive os garrafões de água dos atletas foram assediados. Nos postes de sustentação da rede de jogo, ficaram estampados logotipos da Liga Nacional, e nas bordas da rede, a marca do fornecedor oficial de material esportivo do campeonato. No piso das quadras, os espaços foram comercializados por U\$ 10 mil, o que dava o direito de seis anúncios, dois na zona de saque e quatro nas laterais, durante todos os jogos da competição.<sup>187</sup>

Também a imagem dos atletas voltaram a ser procuradas com o objetivo de intensificar o consumo de determinados produtos. Entretanto, as somas oferecidas aos jogadores, nos primeiros cinco anos da década de 90, para a gravação de um comercial televisivo foram superiores aos valores pagos na virada anterior. Giovane, por exemplo, anunciou a venda de apartamentos de luxo na cidade de Juiz de Fora/MG e recebeu o equivalente a U\$ 24 mil, enquanto um ator de projeção nacional receberia em torno de U\$ 10 mil pelo mesmo trabalho.<sup>188</sup>

Esse atleta ainda participou na campanha da rede hoteleira do Club Med, criou a firma Giovane Gávio Promoções Ltda., montou uma grife de camisas e bonés com seu autógrafo e ampliou sua atuação publicitária tornando-se “garoto-propaganda” dos produtos Rexona Gradual, café Toco, cerveja Antartica, meias Aço, toalhas Artex e material escolar Tilibra. O levantador Maurício assinou um contrato com a loja de departamentos Mesbla e divulgou anúncios para a cervejaria Antartica. Tande também lançou sua grife, fez propagandas do iogurte Dan’up e, com Marcelo Negrão, divulgou o serviço militar das Forças Aéreas. Paulão, além de participar em bailes de debutantes, participou de várias campanhas assistenciais.<sup>189</sup>

Para fortalecer a imagem do produto Voleibol na mídia, a Confederação Brasileira de Voleibol, em parceria com o Banco do Brasil, lançou o projeto de

---

<sup>186</sup> As BOLADAS milionárias. **Veja**, São Paulo, p. 99, 22 set. 1993.

<sup>187</sup> Id. *ibid.*

<sup>188</sup> CAMPEÕES do vôlei, imagem que vale ouro. **O Globo**, Rio de Janeiro, 26 ago. 1992.

<sup>189</sup> Cf. PINHEIRO, *op. cit.*, p. 86-87 e CAMPEÕES do vôlei, imagem que vale ouro. **O Globo**, Rio de Janeiro, 26 ago. 1992.

“repatriamento” dos atletas que estavam jogando na Itália, com vistas a elevar os índices técnicos e promocionais da Super Liga Nacional (denominação idealizada para a versão 1994/95, pela agência Sportsmedia). O projeto custou aproximadamente US\$ 3 milhões, dos quais o Banco do Brasil forneceu dois terços. A complementação desse valor foi rateada entre as empresas Parmalat, Frangosul, Petrobrás, Telesp e Cocamar.<sup>190</sup>

O destino dos atletas foi uma decisão tomada entre o Banco do Brasil e a CBV, respeitando os critérios de não investir em empresas concorrentes, como Caixa Econômica e Banco do Estado de São Paulo. Outra exigência colocada era que as empresas e clubes passassem a realizar suas operações financeiras nas agências do Banco do Brasil. Segundo Pinheiro,<sup>191</sup> essas determinações inviabilizaram a ida dos jogadores “repatriados” para as equipes do Banespa, da Nossa Caixa/Suzano e também do Fiat/Minas, que optou por manter a sua movimentação financeira com o Banco Real e Bemge.

Giovane foi para o Palmeiras/Parmalat, Tande para o Flamengo/Petrobrás, Maurício e Marcelo Negrão seguiram para a Olympikus/Telesp, Carlão rumou para o Frangosul/Ginástico de Novo Hamburgo/RS e Paulão, o único que não estava atuando na Itália, foi para a Cocamar/Maringá. Entre os jogadores, o projeto foi recebido com contentamento, apenas Marcelo Negrão não mostrou-se satisfeito com a troca.

Com Marcelo Negrão, o problema maior foi buscar motivação. Atual campeão italiano e um dos grandes ídolos do milionário time da Sisley, uma empresa do grupo Benetton, ele não queria voltar para o Brasil, mas acabou aceitando as exigências da CBV. “Decidi esquecer a Itália”, comenta Negrão [...]. “Tenho contrato de dois anos e preciso fazer de tudo para voltar à minha melhor forma. Daqui a dois anos volto pra lá.”<sup>192</sup>

O retorno dos “brasilianos”, automaticamente, elevou o nível da competição e do interesse pela modalidade, consolidando a imagem do produto no mercado

---

<sup>190</sup> Cf. NUNES, João Pedro. Volta dos “brasilianos” inflaciona mercado. **O Estado de S. Paulo**, 1 maio 1994; e, A VOLTA dos ‘meninos de ouro’. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 18 maio 1994.

<sup>191</sup> PINHEIRO, O marketing no voleibol brasileiro masculino no período de 1980 a 1994...

<sup>192</sup> NUNES, João Pedro. “Repatriamento” eleva nível da Superliga. **O Estado de S. Paulo**, 29 jan. 1995.

nacional. Para Nunes,<sup>193</sup> o “repatriamento” também contribuiu para aquecer e inflacionar o processo de transferência dos jogadores entre os clubes.

Nesse contexto, os objetivos traçados para a seleção brasileira masculina foram a conquista do Campeonato Mundial de 1994 e o bicampeonato olímpico em Atlanta/Estados Unidos em 1996. Entretanto, os acontecimentos não ocorreram como o previsto. Na própria Liga Mundial de 1994, a atuação da equipe foi muito abaixo do esperado, e a terceira colocação, para uma equipe que era considerada favorita para a conquista do título, desencadeou algumas medidas punitivas da comissão técnica. Por exemplo, a proibição de eventuais atividades externas (gravações de propagandas, comerciais etc.) durante os períodos de preparação e competição.<sup>194</sup>

No Campeonato Mundial da Grécia, em 1994, o Brasil vislumbrou a possibilidade de completar a trilogia das principais competições do Voleibol internacional, ou seja, a Olimpíada de 92, a Liga Mundial 93 e o Mundial 94. Novamente, a seleção apresentou-se com a estratégia de jogo fundamentada no “ataque total”, em que os atacantes possuíam várias funções ofensivas e as executavam em todas as posições da quadra. A equipe não correspondeu e ficou na 5.<sup>a</sup> posição. O técnico José Roberto detectou alguns problemas que afetaram o desempenho da seleção no ano.

José Roberto criticou publicamente sua equipe este mês. Segundo ele, faltou empenho dos jogadores em treinos e nos quatro amistosos contra a Bulgária no final de agosto. O Brasil foi derrotado duas vezes pelos búlgaros. A morte do pai do levantador Maurício, na véspera do embarque para o Mundial, foi novo fator de desequilíbrio, embora o jogador pareça ter reagido bem ao fato. Além disso, o técnico chegou a afastar um dos maiores astros do time, o atacante Giovane, por deficiência no passe e no ataque.<sup>195</sup>

Dessa forma, precocemente, desencadeou-se um processo de desgaste do grupo e da filosofia de trabalho. Paralelamente, no cenário administrativo da Confederação Brasileira de Voleibol, pululavam especulações em torno da

---

<sup>193</sup> NUNES, João Pedro. A volta dos “brasilianos” inflaciona mercado. **O Estado de S. Paulo**, 1 maio 1994.

<sup>194</sup> Cf. PINHEIRO, op. cit., p. 88-89.

<sup>195</sup> KRASELIS, Sérgio; TAGLIAFERRI, Mauro. O Brasil busca a “tríplice coroa”. **Folha de S. Paulo**, 29 set. 1994.

substituição de Carlos Arthur Nuzman, por conta de sua possível transferência para outra instituição de maior porte e representatividade no esporte nacional.

O mandato de Nuzman vai até fevereiro de 93. Pode, no entanto, ser encurtado. Basta que o candidato eleito Fernando Collor, em quem ele votou, o convide para algum cargo. “Estudarei o convite, mas estou disposto a colaborar.” Amigo de Leopoldo Collor, irmão do candidato eleito, com quem estudou na Faculdade de Direito, [...] o dirigente evita apontar o nome de um possível substituto. Mesmo que o encontre, certamente Nuzman não se afastará do vôlei.<sup>196</sup>

Segundo Heleni Felipe, após os Jogos Olímpicos de Barcelona, tendo em vista novos cargos, Carlos Arthur Nuzman acordou com o então presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, André Richer, a divisão ao meio do seu subsequente mandato de cinco anos à frente da CBV.<sup>197</sup>

Dirigindo a entidade, sustentado por sucessivos mandatos obtidos às custas de mandados e liminares (os estatutos e a legislação esportiva previam a impossibilidade de reeleições), Nuzman adiou o sonho de dirigir a FIVB, selando um pacto com o presidente Ruben Acosta<sup>198</sup>, e assumiu o órgão máximo do esporte olímpico nacional, o Comitê Olímpico Brasileiro (COB), no ano de 1995.

Não obstante, o dirigente analisou a importância do Brasil ter um representante na federação internacional da seguinte forma: “Não basta uma equipe preparada só, eu acho que nós temos que ter cuidado com outros setores e um deles é ter um dirigente num organismo internacional. Isso pesa muito, da mesma maneira que é necessário ter uma certa influência nas comissões de arbitragem, nas comissões de leis de jogo, é muito importante isso.”<sup>199</sup>

A cerimônia da posse de Nuzman aconteceu no dia 29 de junho de 1995, na presidência do Comitê Olímpico Brasileiro no Rio de Janeiro, e foi considerada a mais celebrada na história do COB. Entre presidentes de confederações, federações estaduais, ex e atuais ministros e secretários de Estado, jornalistas e atletas de várias

---

<sup>196</sup> MORENO, Mariúcha; VASCONCELLOS, Paulo César. A década do vôlei..., p. 20.

<sup>197</sup> FELIPPE, Heleni. Planejamento, estrutura. Mas a crise continua. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 10 ago. 1992.

<sup>198</sup> Consta que, ao abster-se da direção da FIVB, Nuzman teria recebido de Acosta a presidência do Conselho Mundial de Vôlei de Praia, instância responsável pela modernização e profissionalização da modalidade. Cf. LEITÃO, op. cit., p. 68.

<sup>199</sup> NUZMAN, Carlos Arthur. (Entrevista). Carlos Nuzman, o pai da matéria. **Saque**, São Paulo, n. 1, p. 41, 1985.

modalidades e gerações, aproximadamente duzentas pessoas presenciaram o evento, que registrou o seguinte relato:

...nada se compara à paciência do próprio Nuzman. Afinal, ele esperou 16 longos anos para sentar na cadeira de presidente do COB. Derrotado pelo major Sílvio de Magalhães Padilha na eleição de 1979, quando já presidia a Confederação Brasileira de Vôlei (CBV), o advogado e ex-atleta olímpico, hoje com 56 anos, atualizou a plataforma de campanha e chegou no Jockey Clube falando em fazer do Brasil “uma verdadeira potência olímpica”. Nenhum dos presentes duvida disso, incluindo o presidente da Federação Internacional de Futebol Associado (Fifa), João Havelange, que comandou a solenidade. Pelo contrário. Todos acreditam que se Nuzman fizer no COB o que fez na CBV, o esporte brasileiro só tem a ganhar. Receita: parceria com empresas privadas e públicas na divulgação e patrocínio das mais variadas modalidades esportivas, através do maior número possível de competições. “Tudo para que o esporte amador desperte no brasileiro a mesma paixão do futebol”, salienta o novo presidente do COB. Nos projetos de Nuzman estão a profissionalização da estrutura e da diretoria do COB, a criação de um centro de treinamento para esportes olímpicos e de uma escola nacional de técnicos e dar o apoio máximo às confederações brasileiras desportivas. “Em oito anos, o Brasil estará entre os países de elite do esporte olímpico.”<sup>200</sup>

Com Nuzman no COB, e passada a utópica conquista da “tríplice aliança”, a seleção brasileira passou a concentrar esforços na preparação para Atlanta, 1996. Assim, os treinamentos foram intensificados, visando o aprimoramento da tática que conduziu a equipe às principais conquistas.

A Superliga Nacional passou a contar com os principais jogadores brasileiros e recebeu um fluxo considerável de atletas estrangeiros, o que viabilizou a realização de uma competição de nível técnico elevado. Esse conjunto de fatos garantiu a Guimarães, minimamente, a continuidade de seu trabalho. Contudo, os compromissos externos dos jogadores continuaram sendo intensos e o envolvimento com outras atividades comprometeram a efetivação dos propósitos traçados anteriormente.

Nos Jogos Olímpicos de Atlanta, com expectativas iniciais distintas das apresentadas em Barcelona, a seleção brasileira perdeu seus dois primeiros jogos para a Argentina e a Bulgária. Posteriormente, recuperou-se e venceu a Polônia, os

---

<sup>200</sup> NUZMAN quer fazer do Brasil uma potência. **Zero Hora**, Porto Alegre, 30 jun. 1995.

Estados Unidos e Cuba, classificando-se para as quartas de final contra a Iugoslávia. Nessa partida, a equipe do Brasil foi derrotada por 3x2.<sup>201</sup>

Os holandeses, vice-campeões na Olimpíada anterior, venceram a Itália na final, e o sonho brasileiro do bicampeonato olímpico cedeu espaço à frustrante quinta colocação. Esse foi o resultado que marcou o encerramento do ciclo da “geração de ouro”.

Sobre a finitude de ciclos e hegemonias dentro do Voleibol, o norte-americano Charles Frederick “Karch” Kiraly, considerado um dos cinco melhores jogadores do mundo, constatou uma tendência para a modalidade:

Acho que o que acontece hoje em dia é que o Brasil tem um grupo especial de jogadores, todos da mesma idade, e que treinaram juntos e com força durante muito tempo. Acabaram formando um grande time. Mas, daqui a cinco anos, quando esses mesmos jogadores ficarem mais velhos, outro país vai surgir com novos jogadores de uma mesma safra que passou por uma experiência parecida com a dos brasileiros. Esse novo time, formado por uma nova geração, vai superar o Brasil. O maior exemplo do que estou dizendo é o que aconteceu com o time norte-americano. Nós tivemos um grupo especial de jogadores em 1984 e em 1988. Agora não temos mais nada disso. Perdemos a nossa vez para outros. Passou. Isso não aconteceu por causa do desinteresse pelo esporte, mas porque uma grande seleção acontece a cada ciclo, com um conjunto de vários fatores que se encaixam.<sup>202</sup>

Aproveitando o raciocínio de Kiraly, ficam nítidas as tendências e a formação de escolas no decorrer da história do Voleibol mundial. Sua hegemonia e momentos de domínio realmente efetivaram-se de forma cíclica. Nas quatro últimas décadas, assistimos à alternância entre o Voleibol-força do bloco socialista, a velocidade e “robotização” da escola asiática, a especialização norte-americana e, finalmente, a versatilidade do “ataque total” de brasileiros e italianos. As transições que marcaram o período hegemônico dessas escolas ocorreram por conta da evolução da técnica, da tática, da composição física dos atletas e das adaptações das regras a essas mudanças. O conjunto dessas características fez do Voleibol um esporte considerado em constante processo de mutação.<sup>203</sup>

---

<sup>201</sup> FEDERATION INTERNACIONAL OF VOLLEYBALL. **Development in International Top Volleyball – Atlanta 1996**. Lausanne: B. Michalak, 1997. p. 66-70.

<sup>202</sup> KIRALY, Charles Frederick. Apud CANZIAN, Fernando. Astro norte-americano diz que transição ocorre a cada 5 anos. **Folha de S. Paulo**, 21 set. 1994.

<sup>203</sup> Cf. KRASELIS, Sérgio. Alternância de escolas dita os rumos do vôlei. **Folha de S. Paulo**, 21. set. 1994; BIZZOCHI, Carlos. Esporte vive em uma evolução permanente. **Folha de S. Paulo**, 21. set. 1994; e VEJA a evolução do vôlei na quadra. **Folha de S. Paulo**, 18 maio 1997, p. 12.

Segundo Antonio Carlos Moreno, a marca registrada da década de 60, no Voleibol masculino, foi o estilo da força representado pelas equipes da URSS e seus seguidores. A invenção da manchete, do bloqueio ofensivo e do saque flutuante transformaram definitivamente o esporte. Em 70, ocorreu a meticulosa união da técnica apurada com a condição física e todas as inovações táticas de ataque em velocidade com combinações. Bebeto de Freitas destacou essa revolução originada no Japão. Nos anos 80, a hegemonia norte-americana ditou a especialização em determinados fundamentos, conforme a especificidade das funções de cada jogador no sistema implementado. Poderíamos chamá-la de “racionalização burocrática”. Na década de 90, José Roberto Lages Guimarães frisou a busca de formas mais evoluídas na tática do jogo, na agressividade do saque, nas combinações de ataque e na transição bloqueio/defesa/contra-ataque. A exigência da versatilidade dos atletas superou as características anteriores e inaugurou a fase do “ataque total”. Nesse momento, registrou-se um período de equilíbrio entre as equipes, que mesclaram força, habilidade e altura.<sup>204</sup>

Independentemente da consternação gerada pelos resultados da seleção masculina em meados da década de 90, o período não foi tão infrutífero para o Voleibol brasileiro. Em dezembro de 1993, um processo revolucionário e expressivo teve início nas categorias femininas, com a entrada de Bernardo da Rocha Rezende (Bernardinho) na direção da seleção adulta.

Rezende iniciou sua carreira de técnico como assistente de Bebeto de Freitas nos Jogos Olímpicos de Seul. Dois anos depois, transferiu-se para a Itália, onde dirigiu a equipe feminina do Perugia até 1992. No ano seguinte, comandou a equipe do Modena e retornou ao Brasil para assumir a seleção feminina.<sup>205</sup>

Carlos Arthur Nuzman, descontente com o trabalho e com os constantes desentendimentos entre as atletas e a comissão técnica, decidiu substituir o comando, mesmo tendo conquistado o quarto lugar nas Olimpíadas de Barcelona, em 1992.<sup>206</sup>

---

<sup>204</sup> Cf. MORENO, Antonio Carlos. Força é a marca da década de 60. FREITAS, Paulo Roberto de. Anos 70 valorizam preparação física. DAL ZOTTO, Renan. Talento individual se destaca nos 80. GUIMARÃES, José Roberto Lages. Anos 90 exigem mais versatilidade. **Folha de S. Paulo**, 21 set. 1994.

<sup>205</sup> Site: <<http://www.cbv.com.br/talentos>> Acesso em: 23 mar. 1999.

<sup>206</sup> MOURÃO, Diogo. A escolinha do professor Bernardinho. **Volleyball**, São Paulo, ano 1, n. 2, p. 40-43, jun. 1994.

A mudança surtiu efeito para o Voleibol feminino. Em 1994, a equipe conseguiu o segundo lugar no Campeonato Mundial, realizado no Brasil, e o primeiro título no Grand Prix (versão feminina da Liga Mundial). Posteriormente, sagraram-se tricampeãs do Grand Prix, com as vitórias em 1996/98, e vice-campeãs na Copa do Mundo de 1995. Porém, as grandes marcas desse trabalho aconteceram com a medalha de bronze em Atlanta, em 1996 (primeira na história do Voleibol feminino), o título de campeã pan-americana em Winnipeg, em 1999, e o terceiro lugar em Sydney, em 2000.<sup>207</sup>

Com a implementação de uma nova proposta, o Voleibol brasileiro feminino revigorou-se e, a exemplo do masculino, passou por um processo de reorganização de campeonatos competitivos e atraentes para o público e investidores, a Liga Nacional. Formaram-se novas e estruturadas equipes, como Leites Moça/Nestlé/Sorocaba, BCN/Guarujá, Nossa Caixa/Recreativa/Ribeirão Preto, Colgate/São Caetano, L'Acqua di Fiori/Minas, e ocorreu o refluxo das brasileiras que atuavam no mercado italiano. A “importação” de jogadoras norte-americanas, russas e peruanas também fez parte desse contexto inovador.<sup>208</sup>

Com a ascensão do Voleibol feminino, somada ao discurso de renovação na seleção masculina e à consolidação do *marketing* profissionalizado nas estruturas administrativas da CBV, as configurações e implicações do espetáculo esportivo tomaram mais forma no Brasil. Seguindo o modelo de análise sociológica do esporte de Pierre Bourdieu, o Voleibol consubstanciou-se definitivamente enquanto um produto comercializável e um instrumento no processo de massificação para o consumo de práticas espetacularizadas.

Sobre a espetacularização das práticas esportivas, adicionalmente, encontramos em Geraldo Di Giovanni uma explanação do tema a partir de três conceitos básicos que permitem captar sua nova forma de expressão na sociedade. São eles: a mercantilização, a individualização e o surgimento de modelos.<sup>209</sup>

---

<sup>207</sup> Site: <<http://www.cbv.com.br/hist>> Acesso em: 18 out. 2000.

<sup>208</sup> Cf. O “BOOM” do vôlei feminino. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 9 maio 1993; FELIPPE, Heleni. Vôlei: as garotas estão voltando. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 8 set. 1993; e, NUNES, João Pedro. O vôlei feminino: mais investimentos apesar da economia. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 4 mar. 1994.

<sup>209</sup> Cf. DI GIOVANNI, Geraldo. Mercantilização das práticas corporais: O esporte na sociedade de consumo de massa. In: III ENCONTRO NACIONAL DA HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA. **Coletânea...** Curitiba, 1995.

O autor destacou que o esporte – além de ser transformado em espetáculo de massas por conta da sua inserção no campo dos investimentos econômicos – invadiu o cotidiano dos homens, ocupando um espaço central pautado nas questões sobre o corpo e a sociedade. Dentre elas, enfatizou a contradição originária na lei essencial de acumulação capitalista entre as capacidades ilimitada de produção e limitada de consumo. Tais circunstâncias, progressivamente, empurraram o esporte para a ampliação do mercado, com a conseqüente criação de novas necessidades de consumo.

Decorre dessa contradição o início da mercantilização dos esportes, que, de maneira rasteira, pode ser entendida como um processo de constituição dos bens materiais e culturais em mercadorias nas sociedades capitalistas. Essas, por sua vez, reportam-se à existência de um *background* sociocultural denominado sociedade de consumo de massa.

Nessa linha de raciocínio, podemos inferir sobre a existência de valores decorrentes do espetáculo esportivo e das necessidades individuais constituídas na sociedade. O princípio estruturador de valores sociais está ligado às condições de obtenção de meios para sua materialização no contexto social, tendo-se clareza de que os valores mais perenes são aqueles correlacionados com as relações sociais estruturantes. Sobre esse aspecto, Di Giovanni afirma que “nas sociedades capitalistas contemporâneas, incluindo a sociedade brasileira, o campo de atividade social em que se localizam os valores mais coletivizados (e mais coletivizáveis), abrangentes e inclusivos, é o campo do consumo.”<sup>210</sup>

Essa lógica de pensamento reporta ao seguinte contexto: a ampliação do mercado nas sociedades capitalistas é um dado inquestionável e, por vezes, incontrolável. Assim sendo, é compatível com esse crescimento uma demanda pela produção que, invariavelmente, é dinamizada por uma estratégia de mercado para que ocorra o “escoamento” produtivo. Nesse momento, os meios de comunicação, por exemplo, passam a ditar quais serão as necessidades sociais em determinadas situações.

Interesses e necessidades individuais são manifestações estruturadas pela procura de objetos de consumo capazes de testemunhar o sucesso e a posição social

---

<sup>210</sup> DI GIOVANNI, op. cit., p. 17-18.

de seus portadores, caracterizando assim a mercantilização de bens culturais ou materiais e o processo de individualização.

No processo de individualização direcionado aos comportamentos, ocorre o que Di Giovanni chamou de personalização. Entre indivíduos de um mesmo grupo social, estrutura-se um processo de competição proveniente do reconhecimento conferido aos seus atributos materiais, sociais e culturais, os quais Bourdieu conceituou como manifestações ou representações de capitais distintivos no interior do campo social.

Para Di Giovanni, os modelos são padrões determinados pela moda, ou seja, eles não existem objetivamente, mas são construções baseadas nas necessidades e interesses das pessoas. Essa afirmação corrobora o pensamento de Ademir Gebara sobre a espetacularização dos esportes. O autor considera esse fenômeno como um processo que tratou de “aproveitar a existência tanto desse tempo [livre] como de um enorme contingente de praticantes amadores para construir um mercado voltado para grandes públicos com potencial de consumo de imagens espetaculares.”<sup>211</sup>

Diante dessas considerações, temos uma forma de valorização dos esportes nas sociedades capitalistas que o associa à constituição de um emergente e potencial mercado consumidor originado na conquista do tempo livre. Di Giovanni analisou o contexto considerando que “os ideais de boa forma, aparência física, ‘linha estética’, ‘saúde’ etc., e os comportamentos pragmáticos a eles associados, criaram um ambiente cultural de valorizações positivas extremamente propício para a produção industrial, seriada, de mercadorias (bens e serviços) destinadas à sua concretização”.<sup>212</sup>

A reformulação da Liga Nacional em Superliga Nacional de Voleibol, na temporada 1994/95, pode ser um dos exemplos desse movimento mercadológico e das estratégias de *marketing* da instituição, que soube espetacularizar e comercializar o seu produto. O campeonato constituiu-se num fundamental veículo para a massificação do contingente populacional de consumidores. Essas competições

---

<sup>211</sup> GEBARA, Ademir. O tempo na construção do objeto de estudo da história do esporte, do lazer e da educação física. In: II ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA. **Coletânea...** Ponta Grossa, 1994.

<sup>212</sup> DI GIOVANNI, op. cit., p. 21.

delinearam-se como verdadeiras vitrines de exposição para anunciantes e patrocinadores.

Trata-se de um bem-sucedido golpe de *marketing* inspirado na National Basketball Association, a milionária liga norte-americana de basquete profissional. “A mudança de nome marcou uma mudança de atitude”, explica Carlos Roberto Osório, um dos diretores da Sportsmedia. “Nós temos o controle total das propriedades comerciais, asseguramos o cumprimento de horários, garantimos todos os contratos, geramos produtos com a logomarca do torneio e aumentamos a exibição do vôlei na televisão. Além disso, a Superliga significou a volta de cinco craques que jogavam no Exterior, graças ao patrocínio do Banco do Brasil, e a contratação de vários jogadores estrangeiros. Estamos a caminho da profissionalização total.”<sup>213</sup>

A inserção e a ascendência dos meios de comunicação de massas, sustentadas pelo Conselho de *Marketing* (comandado pela CBV e agência Sportsmedia), confirmaram o Voleibol como um instrumento viável para a condução da imagem dos mais diversos produtos às redes de televisão, jornais, revistas especializadas, enfim, à mídia de uma forma geral, atendendo assim, prioritariamente, aos interesses dos investidores.

Notamos, como anunciado em Bourdieu, a transposição de funções das estruturas envolvidas nas lutas e disputas internas no campo esportivo, ou seja, estruturas que originariamente comportavam-se como estruturadas passaram, em benefício dos interesses e disposições (*habitus*) de determinados agentes sociais, a intervir no conjunto das relações sociais, econômicas e culturais como estruturantes na forma de pensar, agir e, principalmente, consumir.

A versão da Superliga 94/95 contou com mais de 30 empresas, entre patrocinadores oficiais da competição (Olympikus, Rexona, Martini, BR-Lubrax e Coca-Cola) e patrocinadores das equipes, mobilizando cerca de U\$ 15 milhões com a comercialização de placas publicitárias, patrocínios e direitos de transmissão televisiva. A criação de *cards* dos jogadores participantes da competição com fotos e informações sobre os atletas, a confecção de uma linha básica de produtos com a marca da Superliga, dias pré-estipulados para transmissão dos jogos pelos canais de televisão aberta, o ranqueamento dos jogadores, limitando a inclusão de apenas três atletas de seleção nacional por time, a realização de um jogo-exibição na abertura do

---

<sup>213</sup> LEITÃO, Sérgio Sá. *O ponto futuro...*, p. 69.

campeonato (contando com a participação dos técnicos das seleções masculina e feminina e integrantes de todas as equipes) e a entrega do “Oscar do Voleibol” aos destaques no final da temporada foram algumas das iniciativas da CBV e da Sportsmedia visando o sucesso e o retorno financeiro da Superliga Nacional de Voleibol.<sup>214</sup>

Nuzman, baseado em estimativas e expectativas frente a essas ações inéditas para o Voleibol brasileiro, fez a seguinte previsão: “Se tudo correr como planejamos, devemos ter um lucro de US\$ 1 milhão.”<sup>215</sup>

Inicialmente divulgado como um campeonato inspirado nos conceitos de profissionalismo dos clubes, atletas e *marketing* do modelo norte-americano do Basquetebol profissional, a Superliga também levou em consideração a organização da Liga Italiana de Voleibol. O depoimento do técnico Renan Dal Zotto, do Palmeiras/Parmalat, dizendo que a competição estava tornando-se muito parecida com o formato do campeonato italiano, corrobora a informação.<sup>216</sup>

O Voleibol na Itália aproveitou ao máximo as leis governamentais de patrocínio ao esporte. As vantagens fiscais outorgadas à empresas patrocinadoras aumentaram as possibilidades de expansão e desenvolvimento do esporte. Nesse sentido, as cotas investidas nos times da série A1 (primeira divisão) assumiram valores muito próximos às somas necessárias para a manutenção das equipes de Futebol da primeira divisão italiana, na média. A mídia italiana dispõe de intervenção do rádio e da televisão na transmissão do programa especializado Network Nazionali y Pool di Lega, além das transmissões ao vivo de jogos das várias categorias em torneios locais ou internacionais e ainda a edição de grande tiragem das revistas **Pallavolo** e **Super Volley**.<sup>217</sup>

---

<sup>214</sup> Cf. CBV se inspira na NBA para organizar Superliga. **O Estado de S. Paulo**, 30 nov. 1994; e, SUPERLIGA deverá movimentar US\$ 15 milhões. **O Estado de S. Paulo**, 1 dez. 1994.

<sup>215</sup> NUZMAN, Carlos Arthur. (Depoimento). Apud KRASELIS, Sérgio. Superliga inicia maratona de 132 jogos. **Folha de S. Paulo**, 4 dez. 1994.

<sup>216</sup> DAL ZOTTO, Renan. (Depoimento). Apud KRASELIS, Sérgio. Superliga inicia maratona de 132 jogos. **Folha de S. Paulo**, 4 dez. 1994.

<sup>217</sup> Cf. LA POTENTE Liga Italiana. **Set Voleibol**, Barcelona, n. 2, p. 32-35, 1999. Para complementar a informação, o campeonato masculino e feminino é dividido em séria A1 com 12 equipes, A2 com 16 equipes (ambas com sistema de acesso), B e regionais abertas. Na divisão principal, figuram atletas do nível de Andrea Gardini, Giani, Paolo Tofoli, Lorenzo Bernardi, Gravina, Marco Meoni, Andrea “Zorro” Zorzi, Luchetta, Cantagalli e Bovolenta, além dos “estrangeiros” Peter Blangè, Ron Zwerzer, Peter Held, Bas Van der Goor (Holanda), Nicola e Vladimir Grbic (Iugoslávia), Ioshvani Hernández, Ramon Gato, Alain Roca, Raúl Diago (Cuba), Dimitri Fomim e Kasakov

Nessa esteira de identificações e aproximações, as edições da Superliga Nacional de Voleibol passaram a ter mais atenção no sentido de oferecer novas promoções e propiciar maior público aos seus espetáculos. Os objetivos para a temporada 95/96 foram traçados visando: a) ampliar a participação das redes de televisão na transmissão dos jogos; b) melhorar as condições de trabalho da imprensa e o conforto dos espectadores nos ginásios; c) ofertar espaços publicitários adicionais para exposição das logomarcas dos patrocinadores; d) montagem de estandes para degustação ou demonstração de produtos, com preenchimento de cadastros para a elaboração de um banco de dados; e, por fim, e) a venda de franquias para cidades ou clubes.<sup>218</sup> Sobre o sistema, Nuzman declarou: “Estamos desenvolvendo estudos para transformar os clubes em franquias após a Olimpíada de Atlanta, em 96. Os clubes serão marcas, terão proprietários e poderão ser comercializados.”<sup>219</sup>

Na temporada 96/97, com Ary da Silva Graça Filho à frente da CBV (ex-vice-presidente de Nuzman e presidente de honra do Instituto Brasileiro de Executivos Financeiros – IBEF), houve a constatação de considerável rotatividade de empresas e clubes no campeonato, como ocorrido em edições anteriores, porém o que chamou a atenção foram as várias transferências de atletas para o Japão por conta da pontuação no ranqueamento. A estratégia de atribuir pontos aos jogadores visava o equilíbrio entre as equipes na Superliga.

O técnico Bebeto de Freitas, da Olympikus, de Campinas, atual campeã brasileira, concorda que nem o ranqueamento dará o equilíbrio que o campeonato teve no ano passado. Quatro equipes – a própria Olympikus, mais a Chapecó, Report/Suzano e Banessa – são as indicadas como semifinalistas. “Na outra Liga, sete ou oito times dividiam essa condição”, assinalou o treinador, lamentado que Dentinho e Toaldo, de seu time, mais Orlando, Alan, Levi, Panta, Ney e Pezão estejam indo para o Japão. “A Liga precisa de equilíbrio econômico para manter o nível técnico.”<sup>220</sup>

---

(Rússia), Rafa Pascual (Espanha), Milinkovic (Argentina) e Nalbert (Brasil), entre outros, que tornam a Liga italiana uma das competições de maior custo e índice técnico do mundo.

<sup>218</sup> Cf. PINHEIRO, op. cit., p. 99-100; e BLECHER, Nelson. Vôlei movimenta US\$ 50 mi e abre para o licenciamento. **Folha de S. Paulo**, 16 maio 1994.

<sup>219</sup> NUZMAN, Carlos Arthur. (Depoimento). Apud SUPERLIGA deverá movimentar US\$ 15 milhões. **O Estado de S. Paulo**, 1 dez. 1994.

<sup>220</sup> FELIPPE, Heleni. Superliga terá promoções para atrair torcedores. **O Estado de S. Paulo**, 8 out. 1996.

Essa ponderação do técnico Bebeto de Freitas sobre o desequilíbrio do potencial técnico e econômico das equipes da Superliga remete ao enunciado das leis gerais ou propriedades do campo esportivo de Pierre Bourdieu.<sup>221</sup> Nelas, o autor relata que “a estrutura do campo é um **estado** da relação de força entre os agentes ou instituições engajadas na luta ou, se preferirmos, da distribuição do capital específico que, acumulado no curso das lutas anteriores, orienta as estratégias ulteriores”. Para Bourdieu, as estruturas estão sempre em processos de transformação, e as disputas existentes têm como objetivo principal o monopólio da violência ou da autoridade específica dos campos. Em outras palavras, nas lutas internas do campo esportivo, as estratégias dos agentes sociais oscilam entre a conservação ou a subversão das estruturas de distribuição de capital específico. Assim sendo, percebemos a manifestação dessas ações de obtenção e retenção do capital econômico e esportivo no Voleibol quando determinados clubes ou empresas tentaram monopolizar o maior contingente de atletas de alto rendimento em suas equipes.

Tendo em vista a formação e a inserção empresarial do novo presidente da CBV, os projetos subseqüentes da Superliga foram direcionados para atrair mais público, preferencialmente lotando ginásios e garantindo espectadores diante dos aparelhos de televisão em dias de transmissão dos jogos.

Para tanto, os idealizadores e gestores da competição traçaram estratégias como a doação de 50% dos ingressos de cada partida para escolas e eventos promocionais, divulgação dos jogos nas principais emissoras de rádio FM e, nos ginásios, distribuição de camisetas e fotos dos ídolos. Contudo, a maior preocupação para a temporada 96/97 estava centrada na ausência de um mecanismo capaz de subsidiar informações consistentes à mídia. Nesse sentido, a Superliga introduziu uma equipe de estatística em todos os jogos do campeonato, fornecendo dados precisos para a mídia, comissões técnicas e sistema de ranqueamento. Outro avanço foi a determinação de dias, horários fixos e emissoras para as transmissões ao vivo. A Rede Bandeirantes de televisão transmitiu os jogos do campeonato masculino aos domingos (11h), a TV Record ficou com o feminino aos sábados (14h) e o canal

---

<sup>221</sup> BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. In: \_\_\_\_\_. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 90.

pago da Globosat/Sportv transmitiu os jogos do masculino às terças (20h30) e sábados (19h30) e o feminino às quintas (19h) e sábados (15h30).<sup>222</sup>

Na edição 97/98, foi anunciada a criação da Divisão de Clubes Profissionais para apoiar o crescimento da Superliga, assim como priorizar investimentos para a qualidade e o conforto nas praças esportivas. A infra-estrutura administrativa da competição assumiu o seguinte contorno:

Além de competição, Superliga também é *business*: uma empresa de fazer esporte. Tem estrutura empresarial, com conselho administrativo, comissão de patrocinadores, comissão de clubes, assessorias técnica, de comunicação, legal, de marketing. O investimento nas equipes para a competição, segundo o presidente da Confederação Brasileira de Vôlei (CBV), Ary Graça, chega aos R\$ 58 milhões.<sup>223</sup>

Um novo elemento de *marketing* surgiu nessa temporada: a inclusão das parcerias às estruturas dos clubes e patrocinadores principais. Equipes que já possuíam subsídios de uma determinada empresa geraram espaços e oportunidades de exposição para outros investidores, com características de co-patrocinadores ou parceiros. Como exemplo, temos a equipe do Report/Suzano, que reservou espaços tanto nos uniformes quanto nos ginásios para a fábrica de material esportivo Asics e para o Banco Bandeirantes. A Olympikus/Grajaú firmou parceria com o Banco Meridional e a equipe de Maringá contou com o apoio da Telepar, da Audi e da Rio-Sul. Segundo o consultor de *marketing* da agência LKS, Paulo Guerra, essa tendência refletiu que “*marketing* esportivo não é apenas exposição de produto, mas também a possibilidade de fazer negócios”.<sup>224</sup>

Paralelamente, foi registrado o retorno de equipes cariocas competitivas com os investimentos da Olympikus e, modestamente, do Fluminense. O campeonato 97/98 teve recorde de atletas estrangeiros vindos de nove países para a disputa, bem como a introdução de novos patrocinadores: Rexona, Dayvit, Mappin, Davene, Philco e Oceânica, entre outros.<sup>225</sup>

---

<sup>222</sup> FELIPPE, Heleni. Superliga terá promoções para atrair torcedores. **O Estado de S. Paulo**, 8 out. 1996.

<sup>223</sup> NOGUEIRA, Cláudio. Máquina de fazer bons negócios. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 out. 1997.

<sup>224</sup> GUERRA, Paulo. Apud NUNES, João Pedro. Superliga dá a partida para a era das parcerias no *marketing* esportivo. **O Estado de S. Paulo**, 28 out. 1997.

<sup>225</sup> NOGUEIRA, Cláudio. As novas forças do vôlei carioca. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 out. 1997.

Decorrem do movimento rotativo de patrocinadores e das parcerias da década de 90 dificuldades e receios do público torcedor em identificar sua preferência esportiva por empresas ao invés de clubes. Para o técnico Bernardo da Rocha Rezende, a saída para esse “distúrbio” simbólico encontrava-se na construção e associação da imagem do time a partir das cidades, tendo como exemplo o bem-sucedido campeonato italiano.<sup>226</sup> Sobre essa questão, temos que:

59,1% das equipes que estavam na Superliga masculina ou feminina em 1995 já encerraram as atividades (dos 40,9% sobreviventes, 22,2% mantiveram o patrocínio, 66,7% mudaram de patrocinador, e 11,1% ficaram sem patrocínio). [...] Com exceção de equipes ligadas a clubes de futebol, como Vasco e Flamengo, o resto dos times sofre com a falta de torcedores. As contínuas alterações de nomes e cidades fazem com que o público se confunda e basquete e o vôlei não criem torcida.<sup>227</sup>

Contudo, Rezende destacou a necessidade de evitar as comparações e os modelos advindos da passionalidade e da violência configuradas no Futebol. Sobre isso, afirmou: “Buscar o futebol, quando se procura fugir dele, seria a contramão.”<sup>228</sup> Esse ponto de vista não foi dividido com o seu companheiro de seleção, o técnico Radamés Lattari Filho, nem com o jornalista Juca Kfourri, os quais defenderam a associação de empresas aos clubes de Futebol do Brasil, respeitando e aproveitando assim uma manifestação da cultura popular nacional que prescinde de profissionalização na sua administração e gerenciamento.<sup>229</sup> Sobre a divergência, Kfourri afirmou:

...diferentemente dos Estados Unidos, onde a tradição esportiva nasce no colégio, diferentemente do Japão, onde a tradição esportiva nasce dentro da empresa, a nossa cultura esportiva é todinha formada pelo futebol. As pessoas são Botafogo, são Vasco (até Vasco), são Corinthians, são Palmeiras. [...] E os nossos times de vôlei são, ou eram, o Bradesco, a Pirelli, o Leite Moça, e por aí afora. E, definitivamente, ninguém me leva ao ginásio para berrar: “Pirelli, Pirelli”. Mas não há hipótese. Uma fábrica de pneus não vai me comover. E tanto não comovem que esses clubes aparecem e desaparecem, quando parece muito mais lógico que a Pirelli seja

<sup>226</sup> BANDEIRA, Catia. Desafio é despertar a paixão escondida. **Zero Hora**, Porto Alegre, 19 out. 1997, p. 67.

<sup>227</sup> LEISTER FILHO, Adalberto. “Dança” de nomes atrapalham modalidades. **Folha de S. Paulo**, 22 dez. 2000.

<sup>228</sup> REZENDE, Bernardo da Rocha. (Depoimento). Apud BANDEIRA, Catia. Desafio é despertar a paixão escondida. **Zero Hora**, Porto Alegre, 19 out. 1997.

<sup>229</sup> Cf. LATTARI FILHO, Radamés. (Entrevista). **Programa Bola da Vez – ESPN Brasil**, 6 dez. 1999; e KFOURI, Juca. A Mídia e o Marketing Esportivo. In: SEMINÁRIO INDESP DE MARKETING ESPORTIVO. **Anais...** Ouro Preto, 1995.

patrocinadora do Palmeiras, que o Bradesco seja o patrocinador do Flamengo. Entre de carona na cultura do futebol e lote os ginásios com o torcedor berrando Flamengo ou berrando Palmeiras. Como a nossa estrutura do futebol não é profissional, esses empresários não são malucos de conversar com os Mateus da vida (e aí o Mateus, é claro, é simplesmente um exemplo folclórico), porque sabem que é impossível fazer qualquer coisa a médio e longo prazo com essa gente.<sup>230</sup>

Diante dessa celeuma, a melhor estratégia identificada no campo esportivo foi a tentativa de veicular, a longo prazo, a paixão dos torcedores pelos clubes e cidades às empresas que estruturavam equipes ou subsidiavam as tradicionais formações clubísticas. Porém, respeitando as iminentes necessidades mercadológicas, as agências de *marketing* do Voleibol, na década de 90, optaram por elaborar projetos a curto prazo, de modo a espetacularizar o esporte e torná-lo, efetivamente, adaptável aos moldes empresariais e comerciais.

Na visão de dirigentes e empresários, como Ary da Silva Graça Filho, Carlos Arthur Nuzman, José Carlos Brunoro, José Estevão Cocco, José Hawilla, entre outros, o esporte incorporou essa estrutura e tornou-se sinônimo de espetáculo, negócio, cultura e consumo, quando assumiu as características e os contornos de um grande investimento fomentador da economia de mercado e da indústria do entretenimento.<sup>231</sup>

Esse perfil de espetáculo, *business* e investimento do Voleibol solidificou-se diante dos resultados das análises quantitativas financeiras do esporte no Brasil. Para Istvan Karoly Kasznar, pesquisador da Fundação Getúlio Vargas, o esporte assumiu importância econômica substancial e aumentou, significativamente, sua participação no Produto Interno Bruto do país. O Produto Interno Bruto (PIB) dos esportes aumentou de 1,5% no ano de 1995 para 1,6% em 1996, e chegou a 1,7% em 1997. Especificamente, o PIB dos esportes saltou de R\$ 28,12 bilhões, em 1995, para R\$ 29,82 bilhões em 1996 e R\$ 31,35 bilhões em 1997, sendo que o PIB do Voleibol foi de R\$ 2,5 bilhões para R\$ 2,9 bilhões e R\$ 3 bilhões no respectivo triênio.

---

<sup>230</sup> KFOURI, op. cit., p. 42-43.

<sup>231</sup> Cf. GRAÇA FILHO, Ary da Silva. O retorno do investimento. **Conjuntura Econômica**. São Paulo, FGV, v. 54, n. 2, p. 51, fev. 2000; NUZMAN, Carlos Arthur. Esporte, o mais democrático dos shows. **O Estado de S. Paulo**, 31 dez. 1999; NUZMAN, Carlos Arthur. A importância do marketing esportivo no esporte..., p. 13-28; BRUNORO, José Carlos. BRUNORO mostra o esporte como produto e espetáculo. **Zero Hora**, Porto Alegre, 10 ago. 1995; COCCO, José Estevão. Apud MIRÁS, Denise. Vôlei, o esporte que a política matou o esquema profissional...; HAWILLA, José. (Entrevista). Jogada de milhões. **Veja**. São Paulo, 12 ago. 1999.

Comparando esses números com os indicadores das maiores indústrias do setor secundário, o pesquisador afirmou que o complexo petroquímico é apenas 3,63 vezes maior que a indústria dos esportes, a qual registrou um crescimento de 6,01% em 1996 e 5,14% em 1997. Essas marcas superaram as taxas do Nível de Atividade Industrial brasileira naqueles anos, respectivamente 1,5% e 3,9%.<sup>232</sup>

Fundamentado na tendência de espetacularização do esporte, o objetivo do Voleibol e de seus agentes continuou sendo a busca da rentabilidade e da profissionalização total em suas instâncias de intervenção. Assim sendo, aspectos inerentes da demanda e da oferta da modalidade passaram a ser tratados com maior rigor.

Sobre o processo de expansão da demanda por espetáculos esportivos, Kasnar observou a existência de duas vertentes, quais sejam, a expansão promovida pelos praticantes do esporte e a procura pelo esporte por um público que vê nessa manifestação a possibilidade de atividades de lazer. Nessa linha de raciocínio, o pesquisador identificou três modalidades de demanda esportiva.

A primeira é a Demanda Esportiva Econômica (DEE), verificada quando o esporte assistido ou praticado gera remuneração, fluxos de caixa, empregos assalariados, renda flutuante a empresas, instituições e praticantes. A segunda é a Demanda Esportiva Semi-Econômica (DESE), cujas características consistem em associar traços econômicos do esporte aos aspectos voluntários e amadores implícitos da atividade. Por fim, a Demanda Esportiva Amadorística (DEA), que corresponde à atitude de espectador ou praticante sem nenhuma interferência de ordem econômica na sua realização.<sup>233</sup>

Obviamente, a tipologia tem um fim didático para a compreensão das manifestações da demanda esportiva pautada nos constructos econômicos, porém apresenta dificuldades no que diz respeito à delimitação de espaços em cada vertente.

---

<sup>232</sup> Cf. KASNAR, Istvan Karoly. O Volley-Ball como indústria geradora de renda e emprego. In: \_\_\_\_\_. **O esporte como indústria: solução para criação de riqueza e emprego.** Rio de Janeiro: FGV/CBV, 1999. p. 105-121; KASNAR, Potencial econômico do esporte. In: **Seminário... CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLLEYBALL.** Rio de Janeiro, 1999; KASNAR, (Depoimento). Apud PEREIRA, Mauro César. PIB do esporte aumenta a cada ano. **Valor**, São Paulo, 30 ago. 2000; e O MERCADO brasileiro. **Conjuntura Econômica**, São Paulo, FGV, v. 54, n. 2, p. 52, fev. 2000.

<sup>233</sup> Cf. KASNAR, Istvan Karoly. Atual quadro do esporte brasileiro: geral e Volley-Ball. In: \_\_\_\_\_. **O Esporte como indústria: solução para criação de riqueza e emprego.** Rio de Janeiro: FGV/CBV, 1999. p. 6-104.

A relevância dessa proposta ficou por conta da associação entre o esporte e seu elemento propulsor, ou seja, o *business*, a geração e a movimentação financeira. Kasnar também considerou as formas de participação do público em espetáculos esportivos que oscilam de ativa, direta, aberta, grátis, voluntária, contínua, espontânea e *in locus* para passiva, indireta, fechada, paga, obrigatória, descontínua, estimulada e através dos meios de comunicação.<sup>234</sup>

Na esteira da oferta do produto Voleibol, vislumbramos as intervenções das agências de *marketing* esportivo adequando as preferências sociais, ou, como analisou Bourdieu,<sup>235</sup> os gostos de classe e estilos de vida (marcas de distinção social), em conformidade com o desenvolvimento da sociedade de consumo.

...é na interligação deles [produto e mercado] que entra a Agência de Marketing Esportivo. Somos nós que temos que orientar o produto, fazendo dele um produto admirado, respeitado, vencedor e desejado. E somos nós, agências, que temos que trabalhar para manter o mercado informado, motivado, encantado e, principalmente, onde efetivamente haja consumo. [...] Isso é fundamental. Criando atenção, interesse, desejo e clima, com certeza levamos torcedores aos ginásios, telespectadores à audiência na televisão e consumidores aos nossos produtos.<sup>236</sup>

Com o perfil de admirador, praticante e consumidor relativamente definido para o Voleibol<sup>237</sup>, as influências externas passaram a ser decisivas para a mercantilização da modalidade no campo esportivo. A mídia, de uma maneira geral, passou a movimentar um capital social e cultural que se refletiu na elevação de índices econômicos, como os apresentados anteriormente. Os agentes sociais, na expectativa de inserção no campo esportivo, buscaram aproximar sua imagem, seus trajes, seu vocabulário, enfim, seu *habitus* esportivo social à identificação de uma posição social ou um modelo performático similar ao dos atletas profissionais. Assim sendo:

---

<sup>234</sup> KASNAR, Istvan Karoly. Atual quadro do esporte brasileiro: geral e Volley-Ball...

<sup>235</sup> BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

<sup>236</sup> COCCO, José Estevão. (Palestra). **As agências de marketing esportivo**. Faculdade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 17 maio 1999.

<sup>237</sup> Cf. VÔLEI supera o futebol entre jovens da classe média. **Folha de S. Paulo**, 6 jan. 1987; e MASSUCATO, José Geraldo. Preferências de prática esportiva dos estudantes do 1.º grau nível II e 2.º grau. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 55-58, maio 1988.

O homem entra na loja e compra um tênis para dar corridinhas pela manhã. Já o garoto pede uma bola de presente para bater aquela “peladinha” com os amigos. A jovem, por sua vez, escolhe um maiô para voltar às aulas de natação, enquanto o rapaz estréia a nova raquete de tênis. O que eles, Rubens Barrichelo, Ronaldinho, Gustavo Kuerten e outros astros do esporte têm em comum? Todos, de forma profissional ou amadora, estão aumentando o volume de um grande negócio, o esporte.<sup>238</sup>

Segundo Camargo, nesse ponto incorreu a “especularização” do esporte-espetáculo, onde a imagem e os valores sociais do esporte foram manipulados por manifestações ideológicas, simbolismos e estereótipos.<sup>239</sup>

Da composição da demanda à exposição da oferta, encontramos a interconexão entre a mídia e o esporte que alterou as estruturas esportivas, em decorrência do conceito de adaptabilidade do produto e do espetáculo, diante das exigências dos meios de comunicação de massas. Em outras palavras, na constituição da estrutura de *marketing* do Voleibol como um espetáculo esportivo, foram exigidas adaptações e adequações mais ajustadas às exigências das redes de televisão. Um exemplo, no modelo bourdiano, de estruturas estruturadas atuando no campo social como estruturas estruturantes.

Ao tratar o esporte como um espetáculo mercantilizável, a televisão impôs condições no sentido de superação das particularidades que inviabilizavam sua melhor comercialização e, conseqüentemente, consumo.<sup>240</sup> Essa conduta interferiu nas alterações das regras da modalidade, contribuindo com a solução de continuidade no processo de metamorfose do sentido e da prática do Voleibol ao longo da sua história.

A orientação para o espetáculo exigiu das entidades diretivas do Voleibol uma readaptação da modalidade nos conceitos de competitividade, emotividade, dinâmica

---

<sup>238</sup> PEREIRA, Mauro César. Um jogo cada vez mais competitivo. **Valor**, São Paulo, 30 ago. 2000.

<sup>239</sup> CAMARGO, Vera Regina Toledo. Mídia e esporte. In: II SEMANA DE DEBATES DE SOCIOLOGIA DO ESPORTE – ESPORTES: TEORIA, PAIXÃO E RISCO. São Paulo: PUC/SP, 2000. Para mais detalhes, CAMARGO, Vera Regina Toledo. **O telejornalismo e o esporte-espetáculo**. Tese de Doutorado. São Paulo, 1998. Universidade Metodista de São Paulo.

<sup>240</sup> Paes relata que o fato de o esporte profissional ser tratado como um negócio comercial em momento algum não o desqualifica diante da sua legitimidade e dignidade. E acrescenta que as imposições da televisão, com respeito à mudança das regras em determinadas modalidades esportivas, estão balizadas em três principais referências, a saber: visualização, incerteza ou imprevisibilidade de resultado e redução do tempo de jogo. PAES, Roberto Rodrigues. *Esporte Competitivo e Espetáculo Esportivo*. In: MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina (Orgs.). **Fenômeno esportivo no início de um novo milênio**. Piracicaba: Unimep, 2000. p. 33-39.

e duração das partidas.<sup>241</sup> Em essência, essas modificações visavam constituir o esporte em um produto de televisão para telespectadores passíveis de gerir um exponencial potencial de consumo. Dessa forma, o Voleibol adaptou-se decididamente à lógica mercantil empresarial dos meios de comunicação. Para Carlos Arthur Nuzman,

A televisão ampliou o impacto que o esporte exerce sobre as relações comerciais e a política, e mudou o perfil do evento esportivo. Hoje, a televisão desempenha papel de fundamental importância na escolha dos esportes a serem disputados e como serão disputados. A oportunidade de cobertura dos maiores eventos esportivos também gerou uma forte competição entre as maiores redes de televisão e passou a redefinir o que o público espera assistir.<sup>242</sup>

As mudanças de regras não são exclusividade da década de 90 e, nitidamente, os seus objetivos variaram conforme os ciclos e viradas na história do Voleibol. De 1912, com a adoção do sistema de rodízio entre os jogadores, até 1976, com a inclusão das antenas para a delimitação da extensão da rede, a modalidade sofreu incursões e alterações que buscaram melhorar a *performance* do jogo e equilibrar a probabilidade de êxito entre os fundamentos de ataque e defesa.<sup>243</sup>

A partir de então, as regras foram assimilando tendências internacionais da competição e incorporando especificidades para atender às exigências e necessidades das transmissões televisivas. Em 1984, no Congresso Técnico da FIVB, em Los Angeles, definiu-se a inclusão de três novas regras: a proibição do bloqueio de saque, a permissão de dois toques na defesa do mesmo jogador e a invalidação do ataque do fundo da quadra quando ocorrer a invasão da linha demarcatória da zona de ataque. Essas foram alterações passíveis de análise no contexto da competitividade

---

<sup>241</sup> Cf. DIAS, Roberto. Ligou a câmera e recriou o esporte. **Folha de S. Paulo**, 3 out. 1999; BRUNORO, José Carlos. Case Parmalat/Palmeiras. In: SEMINÁRIO INDESP DE MARKETING ESPORTIVO. **Anais...** Ouro Preto, 1995; e ESPORTE muda regra, técnica e equipamentos para virar negócio. **Folha de S. Paulo**, 23 maio 1999.

<sup>242</sup> NUZMAN, Carlos Arthur. A importância do *marketing* esportivo no esporte..., p. 15.

<sup>243</sup> Em 1917, a altura da rede para o masculino foi definida a 2,43 metros e os *sets* foram disputados em 15 pontos. Em 1918, foi estipulado o limite de seis jogadores por equipe, sendo que ainda hoje se joga o Mamasaki no Japão com nove jogadores. Em 1922, limite de três toques na bola. Em 1938, passou a ser permitido o bloqueio duplo. Em 1941, a bola continua em jogo se tocada numa região do corpo acima do joelho. Em 1962, adoção da manchete como fundamento do Voleibol. Em 1964, inclusão do bloqueio ofensivo e, em 1976, o contato da bola com o bloqueio não é mais contado para os três subseqüentes. Cf. PALMEIRIN, Josebel. A evolução das regras. **Folha de S. Paulo**, 18 maio 1997.

internacional. Para Paulo “Russo”, essas regras buscaram atender interesses dos asiáticos, os quais apresentavam um potencial de defesa maior que o de ataque, por conta das características físicas e psicológicas de seus atletas.<sup>244</sup>

Porém, a partir do Simpósio de Lausanne/Suíça, em 1986, a FIVB decidiu assumir as exigências da mídia para expor com mais intensidade o espetáculo Voleibol. Em 1988, após as Olimpíadas de Seul, com vistas à redução de tempo dos jogos e ao aumento de chances da defesa, foi adotado o sistema de *tie-break* no quinto *set* e a permissão de uso de qualquer parte do corpo na ação defensiva. Ainda nesse período, incluiu-se o tempo técnico no oitavo ponto de cada *set* para exposição dos patrocinadores, e a obrigatoriedade da utilização do piso Taraflex (material específico para maior absorção de líquidos e impactos) em competições internacionais.<sup>245</sup>

Do ano de 1994 em diante, especificamente do Congresso Técnico do Mundial de Atenas/Grécia, várias alterações reconfiguraram a modalidade no campo esportivo. Procurando deixar a competição mais espetacular e, ao mesmo tempo, mais viável para as transmissões e previsões de horários de televisão, instituiu-se a defesa voluntária com os pés, a aceitação de contatos sucessivos em partes do corpo simultaneamente no primeiro toque, além do tempo técnico no quinto e décimo ponto de cada *set*.<sup>246</sup>

Criado em 1996 e oficializado pela FIVB em novembro de 1997, o líbero passou a figurar no Voleibol. Essa função foi desenvolvida para o atleta otimizar a defesa e a recepção de sua equipe, sem contudo poder atacar ou sacar. Essa concessão determinou o retorno do trabalho de especialização dos atletas e provocou indignações, como a do técnico José Roberto Lages Guimarães: “Nunca fui a favor dessa mudança. Não gosto porque quero que o atleta tenha qualidade técnica em todos os fundamentos. Agora, o jogador alto só precisa treinar ataque.”<sup>247</sup>

Ainda em 1997, tivemos na Superliga Nacional 97/98 o uso experimental dos *sets* jogados em 25 minutos, sendo que a decisão do *set*, no sistema *tie-break*,

---

<sup>244</sup> “RUSSO”, Paulo. Apud SPERÂNDIO, Luís Carlos. Algo de novo no vôlei. **Saque**, São Paulo, n. 2, p. 30-31, ago. 1985.

<sup>245</sup> Cf. PINHEIRO, op. cit., p. 109-110.

<sup>246</sup> Cf. PALMEIRIN, op. cit., p. 12; e PINHEIRO, op. cit., p. 110.

<sup>247</sup> GUIMARÃES, José Roberto Lages. Apud COM LÍBERO, defesa vira o melhor ataque. **Folha de S. Paulo**, 9 maio 1999.

ocorreria caso nenhuma equipe atingisse o 15.º ponto no tempo previsto. Essa regra não foi oficializada pela FIVB. Por conta dessa iniciativa e por questões de afinidade ideológica com a FIVB, a CBV passou a ser um excelente laboratório para a testagem de novas propostas para o Voleibol internacional. Na temporada 98/99, foi a vez do sistema de 25 pontos corridos sem vantagem nos *sets*. O sucesso do teste levou à oficialização da regra para o Mundial do Japão, em novembro de 1998. E às vésperas dos Jogos Olímpicos de Sydney, na Copa do Mundo e na Liga Mundial de 1999, foi introduzida a regra que validava o saque “queimado” (bola tocando na rede).<sup>248</sup>

A introdução de novas regras para o Voleibol certamente aprimorou o *layout* da modalidade como produto de comercialização para as redes de televisão, haja vista, por exemplo, a redução do tempo de transmissão das partidas, em média, de 25% nos jogos masculinos e 15% nos femininos.<sup>249</sup> Entretanto, a opinião dos envolvidos no campo esportivo ficou dividida.

O técnico Bebeto de Freitas, ferrenho defensor de mudanças administrativas no Voleibol brasileiro, mostrou-se satisfeito com as novas regras dizendo: “Todas as vezes que o vôlei mudou, mudou para melhor.”<sup>250</sup> José Roberto Guimarães, que anteriormente tinha se manifestado contrário à introdução do líbero, ponderou sobre o sistema de pontos corridos, dizendo: “De todas as mudanças que querem fazer no vôlei, essa é a que mais me agrada. Ela vai, sim, preservar os atletas. A cobrança do controle emocional passa a ser maior agora.”<sup>251</sup> Mauro Grasso, técnico do Banespa, também manifestou-se favoravelmente nesse aspecto, afirmando que, com o fim da vantagem, diminuiu o desgaste físico, mas aumentou o mental, e que agora os jogadores têm que manter um alto grau de concentração durante toda a partida.<sup>252</sup> José Francisco (Chico) dos Santos, supervisor técnico da CBV, mostrou-se satisfeito

---

<sup>248</sup> Cf. DIAS, José Alan. Paulista formaliza política de “cobaia”. **Folha de S. Paulo**, 7 ago. 1998; MODALIDADE se vangloria de sua ousadia. **Folha de S. Paulo**, 9 maio 1999; e SAQUE “queimado” vai valer na Copa. **Folha de S. Paulo**, 25 set. 1999.

<sup>249</sup> TV e regras. **Programa Dossiê Sportv**, 7 dez. 1999; e CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLLEYBALL. Departamento de Estatísticas. **Relatório da duração das partidas da Superliga Masculina e Feminina de Volleyball: 1996-2000**. Rio de Janeiro, 2000.

<sup>250</sup> FREITAS, Paulo Roberto. Apud MODALIDADE se vangloria de sua ousadia...

<sup>251</sup> GUIMARÃES, José Roberto Lages. Apud DIAS, José Alan. Qualidade pode despencar. **Folha de S. Paulo**, 7 ago. 1998.

<sup>252</sup> GRASSO, Mauro. Apud GIORGE, Anderson; ALBUQUERQUE, Pedro Cirne. Mudança de regras divide especialistas no vôlei. **UOL Esporte**, 1 ago. 2000.

com as novas regras ao comentar que, além da maior concentração, seria exigida uma acentuada melhora da técnica individual: “Ninguém pode errar, têm que se treinar mais.”<sup>253</sup>

Sobre a possibilidade de equipes tecnicamente inferiores vencerem as mais preparadas, ou seja, ocorrer um nivelamento por conta do conjunto das novas regras, Jorge Schimdt, técnico da Ulbra, indicou: “Os bons times vão continuar vencendo. Mas o jogo hoje tem mais nuances. Se você pegar um bom atacante num dia inspirado, ele te derruba.”<sup>254</sup> Para o técnico Ricardo Navajas, da equipe de Suzano, o Voleibol está se descaracterizando, perdeu em qualidade, perdeu a tática e passou a ser “nivelado por baixo”. O técnico, embora reconhecendo a necessidade de um período de adaptação e superação, afirmou: “Uma equipe mal treinada pode vencer uma bem treinada. Se você tiver no seu time um bom ponteiro e bons sacadores, você vence a partida. O vôlei piorou, ficou reduzido, e a ousadia acabou.” E acrescentou: “Hoje, temos outro jogo para ensinar nas escolas, diferente do Voleibol que aprendemos em alguns anos atrás, estão mudando a essência do jogo. Se a idéia é a de equilibrar as equipes, na minha opinião, o melhor caminho é o treino, quem é fraco tem que trabalhar mais.”<sup>255</sup>

Para o locutor esportivo Luciano do Valle, as novas regras fizeram o Voleibol ganhar em emoção, porque nas transmissões, “a cada cinco segundos temos uma decisão”.<sup>256</sup> O depoimento do técnico Radamés Lattari Filho pareceu o mais contextualizado de todos. Para ele:

O Voleibol tem que ser visto como um negócio, deixando de lado a paixão. [...] Não se deve falar mal do produto. A parte técnica não convém, porém, aumentou a audiência, o jogo ficou mais emocionante, o público retornou aos ginásios e não dorme durante as partidas, o jogo dura no máximo duas horas, teremos mais dinheiro no futuro, portanto, devemos discutir os problemas internamente. Externamente, só elogiar para chamar mais público.<sup>257</sup>

---

<sup>253</sup> SANTOS, José Francisco dos. (Entrevista), 27 maio 1999.

<sup>254</sup> SCHIMDT, Jorge. Apud Regra nova faz Superliga premiar ataque. **Folha de S. Paulo**, 27 fev. 1999.

<sup>255</sup> NAVAJAS, Ricardo. Apud TV e Regras. **Programa Dossiê Sportv**, 7 dez. 1999; NAVAJAS, Ricardo. (Entrevista). **Programa Bola da Vez – ESPN Brasil**. 12 jun. 1999; e NAVAJAS, Ricardo. Apud GIORGE; ALBUQUERQUE, ob. cit.

<sup>256</sup> VALLE, Luciano do. Apud TV e regras...

<sup>257</sup> LATTARI FILHO, Radamés. (Entrevista). **Programa Bola da Vez – ESPN Brasil**. 6 dez. 1999.

Desses posicionamentos e na incursão das providências para adequação de uma modalidade esportiva aos parâmetros de um produto midiático, ressaltamos sobremaneira o poder do capital econômico em detrimento do capital esportivo. A “essência do jogo”, como mencionado anteriormente, sucumbiu aos interesses, anseios e objetos de disputa inerentes ao campo esportivo constituído. Nesse sentido, o Voleibol assumiu um poder simbólico compatível com as representações e disposições estruturadas na sociedade de consumo.

Nessa representação, segundo Jean Baudrillard, a sociedade respeita uma ordem de produção estrategicamente pautada em aspectos políticos e econômicos, e também manifesta uma ordem de manipulação de signos, a ordem do consumo. Nesse sentido, a sociedade de consumo é uma estrutura de aprendizagem e de iniciação social ao consumo, isto é, um “modo novo e específico de *socialização* em relação à emergência de novas forças produtivas e à reestruturação monopolista de um sistema econômico de alta produtividade”.<sup>258</sup> Para o autor:

A sociedade de consumo, no seu conjunto, resulta do compromisso entre princípios democráticos igualitários, que conseguem agüentar-se com o mito da abundância e do bem-estar, e o imperativo fundamental de manutenção de uma ordem de privilégio e de domínio. Não é o progresso tecnológico que a funda: semelhante visão mecanista alimenta até a visão ingênua e a abundância futura. Esta dupla determinação contraditória é que cimenta a possibilidade do progresso tecnológico.<sup>259</sup>

Baudrillard afirma que o consumo apresenta-se como uma conduta ativa e coletiva institucionalizada, sendo reveladora das coações impostas pelo constrangimento de significação (análise estrutural) e de produção (análise econômica). No consumo está a composição de um sistema de valores em conformidade com a integração do grupo e o controle social. Ainda há espaço para a inclusão do constrangimento cívico particularizado.<sup>260</sup>

A lógica social do consumo é baseada na lógica da produção e da manipulação dos significantes sociais. Para Baudrillard, ela pode ser analisada sob dois importantes aspectos. O primeiro reporta-se ao consumo como um processo de

---

<sup>258</sup> BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, s/d. p. 81.

<sup>259</sup> Id. *ibid.*, p. 52.

<sup>260</sup> Por exemplo, a concepção norte-americana do *thrift is unamerican* (economizar é antiamericano). Tradução de WMJr. Cf. BAUDRILLARD, *op. cit.*, p. 81-83.

significação e comunicação social sustentado por um código em que a ação vai inserir e assumir o respectivo sentido. O segundo tende a elevar o consumo ao processo de classificação e diferenciação social, no qual os objetos/signos ordenam-se como “valores estatutários” na hierarquia social.

Na sociedade de consumo, uma das principais características é a universalidade da informação “anódina e miraculosa” por intermédio da comunicação de massa. A mídia incorpora, entre outras funções, o papel de harmonizar as necessidades e interesses dos indivíduos com a aquisição e o consumo de bens, sejam eles materiais ou não. Baudrillard enfatiza que as necessidades sociais “não passam da forma mais avançada de sistematização racional das forças produtivas ao nível individual, em que o consumo constitui a seqüência lógica e necessária da produção”.<sup>261</sup>

Os aparelhos ideológicos sociais procuram controlar os sistemas de produção e a procura pelos objetos/signos de consumo. “O efeito geral, quer por meios anteriores ao próprio acto de produção (sondagens, estudos de mercado) quer posteriores (publicidade, *marketing*, condicionamento), é roubar ao comprador – esquivando-se nele a todo o controlo – o poder de decisão e transferi-lo para a empresa, onde poderá ser manipulado.”<sup>262</sup> A totalidade dessa representação social pode ser encontrada nas relações existentes no campo esportivo, tendo como exemplo a influência da televisão no processo de alterações das regras no Voleibol.

Não obstante as considerações sobre a sociedade de consumo e a nova configuração da modalidade, o Voleibol brasileiro, a partir de 1997, vivenciou um período de “crise de identidade”. A inesperada estagnação técnica da equipe campeã olímpica de 1992, as medidas administrativas de Ary da Silva Graça Filho à frente da Confederação Brasileira de Voleibol e a escolha do técnico Radamés Lattari Filho para o comando da seleção brasileira masculina podem ilustrar o início dessa crise.

Em meio a um cenário esportivo conturbado – solicitações de dispensa de jogadores, lesões, opções pelo Voleibol de praia, desentendimentos entre dirigentes, técnicos e agências de *marketing* –, no dia 14 de janeiro de 1997, Radamés Lattari Filho substituiu José Roberto Guimarães tendo que, invariavelmente, conviver com

---

<sup>261</sup> BAUDRILLARD, op. cit., p. 75.

<sup>262</sup> Id. *ibid.*, p. 71.

inúmeros problemas decorrentes desse período.<sup>263</sup> O panorama geral é descrito no seguinte relato:

Dentro das quadras, o vôlei brasileiro vai bem: os campeonatos das superligas masculina e feminina são tecnicamente superiores aos de temporadas passadas e as comissões das seleções trabalham para dar continuidade às conquistas das gerações de Carlão e Ana Moser. Mas, fora delas, o futuro é nebuloso. O esporte corre sério risco de perder seus patrocinadores, o que, na mais temida das hipóteses, retrocederia o vôlei ao tempo do amadorismo, sem salários, sem viagens de intercâmbio, sem competitividade.<sup>264</sup>

O suposto ponto central dessa crise no Voleibol foi atribuído, por parte da imprensa esportiva, à falta de ídolos, carisma e títulos na seleção masculina. Entretanto, outros fatores mais significativos contribuíram para o estado de tensão no campo esportivo.

Com a ida do técnico Bebeto de Freitas para o comando da seleção italiana, em 1997, deflagrou-se um conjunto de críticas endereçadas à CBV por conta da gestão da agência de *marketing* Sportsmedia, que cobrava da entidade, a título de taxa de administração, 40% sobre o faturamento dos dois principais campeonatos nacionais (Superligas masculina e feminina), sendo que no mercado, normalmente, esse percentual girava em torno de 10 a 20%. Sobre esse índice de cobrança, foram solicitados esclarecimentos, inclusive no Tribunal de Contas da União, através de ação do deputado federal Augusto Carvalho, PPS/DF.<sup>265</sup>

Outro alvo de críticas foi a transmissão pela televisão das partidas de Voleibol masculino apenas por canais fechados, inviabilizando sobremaneira as expectativas de retorno midiático e as metas a serem atingidas pelos patrocinadores.

Dirigentes de equipes, como João Alberto Zappoli (gerente de Voleibol da Olympikus), Paulo Guerra (consultor de *marketing* do Report-Suzano), Roberto Osiris Silva (gerente do Report-Suzano), Jéerson Cunha (gerente de Voleibol da Ulbra), José Montanaro Jr. (gerente de Voleibol do Banespa), relataram que os clubes sobrevivem nas competições no Brasil exclusivamente em função da verba

---

<sup>263</sup> Cf. A INCERTEZA invade o vôlei brasileiro. (Reportagem Especial). **Zero Hora**, Porto Alegre, 4 fev. 1997; e CARDOSO, Maurício. A terceira onda. **Veja**, São Paulo, p. 79, 2 fev. 1997.

<sup>264</sup> A INCERTEZA invade o vôlei brasileiro...

<sup>265</sup> Cf. Id. *ibid.*; e RANGEL, Sérgio. Receita Federal investiga CBF, COB e CBV. **Folha de S. Paulo**, 20 mar. 1999.

dos seus patrocinadores, ao passo que no campeonato italiano, considerado o mais moderno e organizado do mundo, os recursos do patrocinador correspondem a apenas 50% das despesas do clube e os outros 50% são divididos entre as cotas de transmissão de televisão, bilheteria e co-patrocinadores.<sup>266</sup>

No caso de transmissões televisivas restritivas, o investimento empresarial fica potencialmente reduzido e, mediante os valores de venda às TVs serem destinados à Confederação e a agências de *marketing*, as equipes se vêem num quadro financeiro, em última instância, precário e instável.

Assim sendo, dirigentes passaram a reivindicar, junto aos responsáveis pela Superliga e CBV, participação e repasses de recursos aos clubes, com vistas à possibilidade de aumento ou recuperação na arrecadação. A evidência da necessidade de intervenção e redirecionamento de investimentos pode ser constatada no exemplo da equipe tricampeã nacional do Report-Suzano, que teve de parcelar o pagamento dos salários dos seus atletas na temporada 98/99, ou ainda no desligamento da equipe da Telepar-Maringá, time de melhor público pelo segundo ano consecutivo na Superliga (média de 2.984 pagantes por jogo), devido à falta de recursos financeiros.<sup>267</sup>

O jogador Max, da seleção brasileira e do Report-Suzano, avaliou a situação da seguinte maneira: “Todo atleta depende disso [salários]. Se a crise continuar, na próxima temporada muita gente será obrigada a deixar o Brasil e partir para as ligas japonesa e italiana, que conseguiram melhor estrutura.”<sup>268</sup>

A revitalização do Voleibol brasileiro dependia de um melhor gerenciamento das edições da Superliga e de uma redistribuição racional de recursos e responsabilidades entre dirigentes, patrocinadores, atletas e agentes de *marketing* e mídia. Aparentemente, esse movimento administrativo não ocorreu em grandes proporções.

---

<sup>266</sup> Cf. DUARTE, Fernando. Vôlei vive sua crise de identidade. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 jul. 1998; QUEIRÓZ, Claudinei; AMARAL, André. Falência à vista. **Lance!**, São Paulo, p. 26-27, 30 jan. 1999; e MONTANARO JR., José. (Depoimento). In: II CICLO DE DEBATES ANTROPOLOGIA DO ESPORTE. São Paulo, 2000. Pontifícia Universidade Católica.

<sup>267</sup> Cf. CRISE causa inadimplência na Superliga. **Folha de S. Paulo**, 7 fev. 1999; e ESCAMBO mantém equipe na Superliga. **Folha de S. Paulo**, 7 mar. 1999.

<sup>268</sup> MAX Apud QUEIRÓZ; AMARAL, op. cit., p. 27.

Diante do aumento na receita da CBV, proveniente da entrada de recursos sobre a venda das competições e do influxo econômico das equipes participantes, foram tomadas algumas medidas com o objetivo de sanar o desequilíbrio técnico e financeiro dos clubes e, hipoteticamente, proporcionar espetáculos de maior qualidade e mais atraentes para a televisão, trazendo de volta, e fixando, patrocinadores e o público espectador e consumidor do Voleibol.

Uma das intervenções de Ary Graça Filho, provavelmente a mais polêmica, foi a inserção de um ranqueamento de jogadores. Aos principais atletas participantes da Superliga era destinado um número de pontos (de um a sete), e aos clubes, um determinado limite (trinta pontos) para a montagem de suas equipes.<sup>269</sup> Essa medida tinha como princípio evitar que o Voleibol nacional fosse dominado pelos clubes de maior poder econômico, dando assim um sentido de equilíbrio na competição, e, ao redistribuir os jogadores de maneira equânime, que houvesse uma contenção da elevação salarial dos atletas.<sup>270</sup> Inicialmente, os critérios para elaboração do *ranking* seriam discutidos entre as partes envolvidas, ou seja, treinadores, supervisores, dirigentes e atletas, entretanto essa estratégia, supostamente, não foi efetivada.<sup>271</sup>

A instituição do *ranking* provocou um novo fluxo de jogadores para o exterior. Com a impossibilidade de aglutinar atletas de elevada pontuação, principalmente os de nível de seleção, num mesmo grupo, os clubes viram-se em situação de dispensar vários atletas. Por outro lado, esses atletas encontravam dificuldades para concretizar novos contratos em razão do elevado valor salarial exigido e, também, pelo reduzido número de equipes participantes nos campeonatos

---

<sup>269</sup> Esses valores na pontuação variaram conforme as edições anuais da Superliga masculina e feminina, e também consideraram as participações em anos anteriores e convocações para as respectivas seleções.

<sup>270</sup> Para dimensionar o aspecto hegemônico da competição na década de 90, na versão masculina, temos os seguintes campeões: 89/90 – Banespa, 90/91 – Banespa, 91/92 – Banespa, 92/93 – União Suzano/Hoescht, 93/94 – Nossa Caixa/Suzano, 94/95 – Frangosul/Ginástico, 95/96 – Olympikus/Telesp, 96/97 – Report/Suzano, 97/98 – Ulbra/Diadora, 98/99 – Ulbra, e 99/00 – Telemig/Minas. Dados obtidos do arquivo pessoal da colunista Cida Santos da **Folha de S. Paulo**, em 2 de abril de 2001.

<sup>271</sup> Cf. NUNES, João Pedro. Clubes vão discutir critérios para *ranking* masculino. **O Estado de S. Paulo**, 18 fev. 1996. Paralelamente, os atletas iniciaram um movimento em torno da organização de uma entidade classista que os representassem juridicamente nas questões pertinentes ao desenvolvimento de suas atividades trabalhistas. A iniciativa teve como líderes, os atletas Jorge Édson, Carlão e Ana Moser. Cf. DIAS, José Alan. Novo sindicato vai inquirir a federação. **Folha de S. Paulo**, 8 jan. 1998.

nacionais. A inevitável saída foi a busca do mercado europeu (italiano) e do asiático (japonês).<sup>272</sup>

Em resposta a esse novo êxodo dos atletas, as principais equipes do Brasil buscaram proteger-se da limitação imposta pelo ranqueamento, importando jogadores de outros países.<sup>273</sup> Assim, as equipes de maior capital econômico nas competições asseguraram a sua presença hegemônica no cenário esportivo, embora não contando com o potencial atlético nacional.

Indubitavelmente, esse movimento no campo esportivo causou descontentamento, principalmente entre atletas e alguns técnicos e dirigentes. Certos depoimentos corroboram a afirmação. Por exemplo, temos a opinião da jogadora Fernanda Venturini:

Isto aqui está parecendo um país comunista, em que o técnico da seleção define em que time cada jogadora de sua equipe vai jogar. Foi uma clara conspiração contra o Leite Moça, que surge como o melhor time da Superliga. [...] O vôlei precisa é de empresas grandes, com bons investimentos, e não de patrocínios pequenos, que têm apenas inveja e não sabem trabalhar.<sup>274</sup>

e de Ana Moser:

Acho que isso é simplesmente preguiça. Em vez de trabalhar, as equipes querem ganhar jogadoras prontas. [...] Será difícil encaixar seis atletas de nível A. Não existem seis times de ponta no Brasil. Esta história me lembra a velha briga que existia entre os clubes, que formavam as atletas, e as empresas, que tiravam as jogadoras das equipes.<sup>275</sup>

Também as declarações de João Caracante Filho, presidente do Leites Nestlé:

---

<sup>272</sup> Cf. JAPÃO é o novo Eldorado para atletas brasileiros. **O Estado de S. Paulo**, 11 set. 1996; NUNES, João Pedro. *RANKING* e recessão provocam êxodo de atletas. **O Estado de S. Paulo**, 9 dez. 1998; CRISE pode causar êxodo. **Folha de S. Paulo**, 16 abr. 1999; *RANKING* aumenta ameaça. **Folha de S. Paulo**, 28 abr. 1999; DIAS, José Alan. SEM CLUBES, estrelas preparam diáspora. **Folha de S. Paulo**, 6 jun. 1999.

<sup>273</sup> Cf. CARDOSO, Maurício. Legião de craques. **Veja**, São Paulo, p. 91-92, 29 out. 1997; NUNES, João Pedro. Equipes de vôlei driblam limite ditado pela CBV. **O Estado de S. Paulo**, 15 set. 1996; e CUBA negocia transferência de atletas para o Brasil em 2000. **Folha de S. Paulo**, 26 fev. 1999.

<sup>274</sup> VENTURINI, Fernanda. Apud NUNES, João Pedro. Fernanda e Ana Moser criticam o ranqueamento. **O Estado de S. Paulo**, 4 fev. 1996.

<sup>275</sup> VENTURINI, Fernanda. Apud NUNES, João Pedro. Fernanda e Ana Moser criticam o ranqueamento...

Sou contra completamente. O que caracteriza uma competição é a liberdade. Um campeonato para atrair interesse tem que ser atrativo, e isso só se consegue com grandes equipes. [...] Nós perdemos a Ana Moser e trouxemos a norte-americana Tara Cross e a alemã Susanne Lahme. Nosso time ficou mais forte. Tem que nivelar por cima, não por baixo. Enquanto isso, a Ana Moser e outras jogadoras de seleção ficam correndo atrás de clube.<sup>276</sup>

e do técnico Bebeto de Freitas dão a dimensão exata da receptividade do ranqueamento entre os agentes do campo esportivo. “O vôlei não é feito apenas de estrelas, mas de bons jogadores. E vários bons atletas, que formam uma grande legião, foram prejudicados pelo ranking e terão de deixar o País por falta de times e patrocinadores.”<sup>277</sup>

Os reflexos da forma de administrar o Voleibol nacional foram diretamente sentidos no desenvolvimento das edições da Superliga. A retenção dos supostos lucros, pela CBV e pela agência Sportsmedia, advindos da comercialização do produto competitivo, gerou, invariavelmente, a dissolução de várias equipes e fatos inusitados para uma modalidade em franco processo de espetacularização e profissionalização.

Por exemplo, na temporada 98/99 da Superliga feminina, das quatro equipes que disputaram a final do campeonato, apenas uma se manteve em atividade para a temporada seguinte. As demais encerraram suas participações. Especificamente, foi o caso da equipe campeã da Uniban (Universidade Bandeirantes), da UnG (Universidade de Guarulhos) e da Leites Nestlé, equipe que na década de 90 conquistou três títulos nacionais (94/95, 95/96, 96/97), três paulistas (94/95, 95/96, 98/99) e dois sul-americanos (96/97, 97/98), feitos estes apenas comparados com os da equipe da Sadia e da Supergasbrás (três títulos nacionais) na década de 80, respectivamente, 88/89, 89/90, 90/91, e 83, 85, 86.<sup>278</sup>

Outra equipe que participou da competição na temporada anterior e não prosseguiu seus investimentos no Voleibol feminino foi a Dayvit, patrocinada pela Aché Laboratórios. Júlio César Gliardi, diretor de *marketing* estratégico da empresa,

---

<sup>276</sup> CARACANTE FILHO, João. Apud DIAS, José Alan. Querem nivelar por baixo. **Folha de S. Paulo**, s/d.

<sup>277</sup> FREITAS, Bebeto de. Apud NUNES, João Pedro. Equipes de vôlei driblam limite ditado pela CBV...

<sup>278</sup> Cf. DIAS, José Alan. Superliga feminina tem nas semifinais a “marca da extinção”. **Folha de S. Paulo**, 25 mar. 1999; BRASIL perde equipe feminina. **Folha de S. Paulo**, 14 abr. 1999; e EM CRISE, Superliga perde até sua campeã feminina. **Folha de S. Paulo**, 19 maio 1999.

afirmou: “Não tivemos o retorno esperado, a diferença entre o que esperávamos e o que realmente conseguimos foi muito grande. Prefiro nem falar em valores.”<sup>279</sup> O investimento da Aché foi de, aproximadamente, US\$ 3 milhões e a equipe do Dayvit foi campeã paulista e quarta colocada na Superliga 97/98.

Também podemos destacar outros fatos que marcaram esse período. A equipe do clube Recreativa de Ribeirão Preto/SP, na temporada 96/97, era patrocinada pela JC Amaral e co-patrocinada pela empresa de assistência médica Trasmontano. Antes do término da temporada, a Trasmontano retirou o seu apoio e a JC Amaral encontrou dificuldades em arcar sozinha a folha de pagamento da equipe, que girava em torno de R\$ 65 mil por mês. O atraso de salários chegou a três meses e as atletas tiveram que realizar “pedágios” nas principais ruas de Ribeirão Preto para mobilizar a população e cobrir as suas despesas.<sup>280</sup> Esse não foi um caso único na história do Voleibol brasileiro, tivemos episódios semelhantes com as equipes do Sollo/Tietê e da Telepar/Maringá, entre outras.

Outro episódio depreciativo para a história do Voleibol aconteceu com o técnico Josenildo Carvalho, um dos patrimônios da modalidade, quando ele, estando sem perspectivas de trabalho, pôs à venda seus bens em São Paulo (o apartamento onde morava e um sítio no interior) perspectivando um retorno a Recife e o início de uma nova atividade profissional (administrar um posto de gasolina próprio).<sup>281</sup>

Os campeonatos regionais também sofreram nesse momento. O campeonato paulista de 2000 teve na sua final, além do baixo índice de espectadores, o confronto entre as equipes do Blue Life/Pinheiros e do MRV/Minas, que representou a cidade de São Bernardo. Essa prática tornou-se comum, ou seja, equipes do Sul e de Minas Gerais disputando os campeonatos do Rio e de São Paulo por conta da inexistência de competições em seus respectivos Estados.<sup>282</sup> Entretanto, isso não foi o suficiente para garantir o sucesso e aglutinar o público em torno das competições regionais, que

---

<sup>279</sup> GLIARDI, Júlio César. Apud SEIXAS, Fábio; DIAS, Roberto. Investimento no vôlei decepciona empresa. **Folha de S. Paulo**, 3 dez. 1998.

<sup>280</sup> Cf. NUNES, João Pedro. Crise financeira ameaça nível técnico da Superliga. **O Estado de S. Paulo**, 19. fev. 1997.

<sup>281</sup> Cf. SANTOS, Cida. Para onde vai o vôlei? **Folha de S. Paulo**, 31 maio 1999.

<sup>282</sup> Cf. BETING, Erich. MRV põe crise paulista em xeque na final. **Folha de S. Paulo**, 7 nov. 2000; e CAMPEÃO, Ulbra escolhe entre disputar Paulista ou Carioca. **Folha de S. Paulo**, 22 abr. 1999.

permaneceram sem grandes atrativos e marcadas por um desequilíbrio técnico entre os participantes.<sup>283</sup>

Esses acontecimentos causaram uma indignação generalizada e forçou um redimensionamento e uma nova postura nas discussões acerca da organização das competições nacionais e sobre as estratégias administrativas da Confederação Brasileira de Voleibol.

Diante do déficit de R\$ 380 mil da Superliga masculina e feminina de 98/99, proclamado e coberto pela CBV, os patrocinadores dos clubes pressionaram a entidade e exigiram o cumprimento de suas reivindicações, sob a ameaça de não renovação dos contratos para a próxima temporada.<sup>284</sup>

As principais exigências e concessões giravam em torno da comercialização de placas publicitárias nos ginásios; dos exames antidoping em todas as equipes; da liberação da transmissão de jogos para as TVs regionais e canais abertos; da redução dos custos ou subsídios para taxas; do transporte e hospedagem (valor que chegava a 30% da receita de uma equipe de ponta); dos cortes na despesas da própria Superliga, tais como festas promocionais, o All Star Game ou o acompanhamento estatístico dos jogos; e; por fim, em caso da deficitária Superliga gerar lucro, esse seria rateado entre os clubes participantes e não mais reinvestido na administração da competição.<sup>285</sup> Na prática, nem todas as reivindicações foram atendidas.<sup>286</sup>

Não obstante, ocorreu no interstício dos anos 90 a “ex-patriação” de técnicos de Voleibol para clubes de Futebol. Esse fluxo pode ser explicado se levarmos em consideração o virtual nível de organicidade que o Voleibol aparentava, os resultados expressivos de duas décadas de trabalho e a emergente determinação da Lei Pelé em fazer dos clubes empresas. O pioneiro foi José Carlos Brunoro, que em 1992 assumiu o cargo de gerente de esportes da multinacional Parmalat, co-gestora da Sociedade Esportiva Palmeiras. Na seqüência, tivemos os casos de Bebeto de Freitas, na direção

---

<sup>283</sup> Cf. COMEÇA o menos estelar dos Paulistas. **Folha de S. Paulo**, 14 ago. 1999; ESTADUAL do Rio pode desaparecer. **Folha de S. Paulo**, 6 out. 1999; COMPETIÇÃO tem 2 meses “simbólicos”. **Folha de S. Paulo**, 14 ago. 1999; e QUADRAS perdem patrocinador n. 1. **Folha de S. Paulo**, 6 out. 1999.

<sup>284</sup> Cf. EMPRESAS põem em xeque a Superliga. **Folha de S. Paulo**, 28 abr. 1999.

<sup>285</sup> Uma observação: a agência responsável pelo *marketing* da Superliga passou a ser a L G Ventura, de Leonardo Gryner, por conta de uma separação entre os sócios da Sportsmedia.

<sup>286</sup> Cf. DIAS, José Alan. Em crise, Superliga “penhora” o futuro. **Folha de S. Paulo**, 12 maio 1999; GUERRA, Paulo. A modernização do vôlei. **Folha de S. Paulo**, 24 abr. 1999; e COMEÇA a Superliga do “pacotão”. **Folha de S. Paulo**, 2 dez. 1999.

de Futebol do Clube Atlético Mineiro, e José Roberto Guimarães, indicado pela agência Traffic ao grupo norte-americano de investimentos HMTF (Hicks, Muse, Tate & Furst Incorporated), no Sport Club Corinthians Paulista.<sup>287</sup>

Em meio a esse contexto, chegamos aos Jogos Olímpicos de Sydney/2000. Nessa competição, a perspectiva entre os dirigentes, treinadores e atletas era a de superação da marca registrada em Atlanta/1996, onde o Brasil obteve o melhor resultado na sua história olímpica, qual seja, a conquista de quinze medalhas, sendo três de ouro, três de prata e nove de bronze, e a 25.<sup>a</sup> colocação no quadro de classificação geral (embora em Seul/1988, o Brasil tenha conquistado a 24.<sup>a</sup> posição). Porém, o resultado não foi o esperado. Em Sydney, o Brasil não conquistou nenhuma medalha de ouro (fato ocorrido pela última vez em Montreal/1976), frustrando grande parte das expectativas de atletas e modalidades exponenciais. A delegação, no seu conjunto, conquistou doze medalhas (seis de prata e seis de bronze) e retornou com a 52.<sup>a</sup> posição, sua pior marca em 64 anos de história olímpica (Berlim/1936).<sup>288</sup>

Dentre as modalidades das quais se esperava medalhas figurava o Voleibol. A seleção feminina, objetivamente, chegou onde era possível. Conquistou a terceira colocação, repetindo o feito de Atlanta/1996, ficando atrás das equipes consideradas mais fortes do final da década, Cuba e Rússia. A eficiência do trabalho da equipe pode ser constatada com a campanha olímpica. O Brasil venceu na primeira fase as seleções do Quênia (3x0), da Austrália (3x0), da China (3x0), da Croácia (3x0) e dos Estados Unidos (3x1). Nas quartas de final, venceu a Alemanha (3x0); perdeu para Cuba na semi-final (2x3) e venceu novamente os Estados Unidos (3x0) na disputa do bronze.<sup>289</sup>

---

<sup>287</sup> Cf. BRUNORO, José Carlos; AFIF, Antonio. **Futebol 100% profissional**. São Paulo: Gente, 1997; LIMA, Edir; PEREIRA, Mauro César. Especialização cria novo profissional. **Valor Econômico**, São Paulo, p. E15, 30 ago. 2000; DIAS, José Alan; GIMENEZ, Alexandre. Homem do vôlei assume Corinthians. **Folha de S. Paulo**, 27 maio 1999; “AMADOR” assume futebol “profissional”. **Folha de S. Paulo**, 13 maio 1999; e VÔLEI é mais organizado, afirma Brunoro. **Folha de S. Paulo**, 13 maio 1999.

<sup>288</sup> Cf. NUZMAN, Carlos Arthur. Esporte Olímpico: a hora da virada. **Folha de S. Paulo**, 8 ago. 1999; ASSUMPCÃO, João Carlos. EUA lideram, mas disputa pelo 2.<sup>o</sup> lugar deve crescer. **Folha de S. Paulo**, 2 out. 2000; SAIU o ouro! E Brasil não sai do zero. **Folha de S. Paulo**, 2 out. 2000; e VICTOR, Fábio; DIAS, Roberto. O COB gostou. E você? **Folha de S. Paulo**, 2 out. 2000.

<sup>289</sup> Site: <[http://www.cbv.com.br/sydney/retrospecto\\_feminimo.htm](http://www.cbv.com.br/sydney/retrospecto_feminimo.htm)> Acesso em: 15 ago. 2001.

Entretanto, com o masculino, o percurso foi inverso. A seleção brasileira masculina, em sua preparação, passou por um período instável e, em inúmeras ocasiões, foi ventilada a possibilidade de troca do comando técnico. O momento mais crítico foi no pré-olímpico, realizado no Brasil, quando a seleção demonstrou sua vulnerabilidade ao derrotar a Argentina em um jogo dramático, decidido no quinto *set* com uma seqüência de saques do atacante Joel.<sup>290</sup>

Em um período de quatro anos de trabalho, a seleção masculina parecia ser a efígie de toda a instabilidade e insegurança das estruturas e interdependências construídas no campo do Voleibol no final da década de 90. A não convocação de atletas que se destacavam nas competições nacionais, a convocação de atletas que estavam participando do Voleibol de praia e, por fim, um período de preparação para as Olimpíadas de quatro meses com 24 jogadores apontavam para uma situação não adequada para o Voleibol brasileiro.<sup>291</sup>

O resultado foi confirmado em Sydney com a obtenção da sexta colocação, pior posto desde Montreal/1976. A equipe, após iniciar a competição com expressivos resultados, mostrou sua fragilidade diante de uma condição imposta por um adversário inferior tecnicamente, porém de tradicional rivalidade: a Argentina. As palavras do jogador Giovane atestam a situação: “Depois do nosso primeiro momento de dificuldade, nós nos perdemos. E não nos recuperamos mais.”<sup>292</sup>

Os resultados da seleção masculina na competição foram as vitórias na primeira fase sobre a Austrália (3x0), o Egito (3x0), a Holanda (3x0), a Espanha (3x1) e Cuba (3x0). Na fase seguinte, houve a eliminação da disputa ao perder para a Argentina (1x3). Disputando a quinta posição, ocorreram a vitória sobre Cuba (3x2) e a derrota para a Holanda (0x3).<sup>293</sup> A seleção da Iugoslávia foi a campeã, seguida da Rússia e da Itália, consolidando o domínio europeu e a nova era do “Voleibol-força”.<sup>294</sup>

---

<sup>290</sup> Cf. SANTOS, Cida. A era Lattari. **Folha de S. Paulo**, 2 out. 2000.

<sup>291</sup> Cf. SANTOS, A era Lattari, op. cit.; DIAS, José Alan. Tande e Giovane ficam na seleção, e Negrão está fora. **Folha de S. Paulo**, 5 jul. 2000; e CONTUNDIDO, Carlão pede dispensa e está fora da Olimpíada. **Folha de S. Paulo**, 6 jul. 2000.

<sup>292</sup> GÁVIO, Giovane Farinazzo. Apud DIAS, Roberto. Antes, durante e depois, por eles mesmos **Folha de S. Paulo**, 2 out. 2000.

<sup>293</sup> Site: <<http://www.cbv.com.br/sydney/retrospectomasculino.htm>> Acesso em: 15 ago. 2001.

<sup>294</sup> Cf. SANTOS, Cida. A era do vôlei-força. **Folha de S. Paulo**, 9 ago. 1999.

Esse revés ocasionou a demissão de Radamés Lattari Filho e, por conseguinte, uma série de especulações em torno do nome de seu substituto, além de trazer à tona antigas polêmicas a respeito da forma de gerenciamento do Voleibol e da conduta dos agentes desse campo esportivo. Dentre elas, destacamos:

Na última semana, um assunto movimentou o mundo do vôlei: as declarações do levantador Maurício, publicadas em um jornal de Minas Gerais (“O Tempo”) e em outro do Rio de Janeiro (“Jornal do Brasil”), criticando a falta de comando do técnico Radamés Lattari na seleção brasileira. Diferentemente do futebol, o vôlei é um esporte com pouca tradição de crítica. A lei é o silêncio geral. Qualquer crítica pública é qualificada como um prejuízo à imagem do chamado “produto vôlei”. Em torno de atletas e técnicos, gira sempre o temor de falar demais, de se “queimar” e não ter mais chances na seleção. Pode-se até questionar se seria ético o jogador fazer críticas apenas depois dos Jogos Olímpicos ou de não ter se manifestado diretamente ao técnico durante a preparação da seleção. Mas há um fato novo que não pode ser desconsiderado: alguém falou e, dentro da estrutura do vôlei, isso é algo saudável e até corajoso. É verdade que depois de publicadas as declarações de Maurício, a assessoria da Confederação Brasileira divulgou nota informando que tanto a entidade como Lattari não iriam fazer comentários porque “o próprio jogador telefonou ao técnico desmentindo o que foi publicado, dizendo ser tudo invenção”. Ou seja, esse é o tradicional mundo do vôlei. Talvez se houvesse mais a prática de se questionar, criticar, falar, o esporte estaria em melhor situação.<sup>295</sup>

Objetivamente, delineava-se o final de mais um ciclo na história do Voleibol brasileiro, no qual a frase do treinador Bebeto de Freitas, “Nós temos o vôlei que merecemos”<sup>296</sup>, sintetiza o sentimento dos envolvidos nas estruturas da modalidade.

Na esteira desses episódios, o presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, Carlos Arthur Nuzman, anunciou um plano diretor, visando os Jogos Olímpicos da Grécia/2004, no que são cobrados projetos de todas as federações desportivas brasileiras com o intuito de implementar novas frentes de desenvolvimento para o esporte no Brasil.<sup>297</sup> Também foi apresentada, mediante a anuência do governo federal, a candidatura do Brasil à sede dos Jogos Pan-Americanos de 2007 e dos Jogos Olímpicos de 2012.<sup>298</sup>

---

<sup>295</sup> SANTOS, Cida. Lei do silêncio. **Folha de S. Paulo**, 30 out. 2000.

<sup>296</sup> FREITAS, Bebeto de. Apud SANTOS, Cida. O vôlei que merecemos. **Folha de S. Paulo**, 16 out. 2000.

<sup>297</sup> Cf. NUZMAN, Carlos Arthur. (Entrevista). “Vamos investir na base”. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 5 nov. 2000; e COMITÊ pede projetos para 2004 e 2008. **Folha de S. Paulo**, 8 nov. 2000.

<sup>298</sup> Cf. FARIA, Antonio Carlos de. Depois de cortar verbas, FHC quer Jogos em 2012. **Folha de S. Paulo**, 25 maio 2000; e DAMATO, Marcelo; ASSUMPCÃO, João Carlos. COB assume candidatura e descarta novo fracasso. **Folha de S. Paulo**, 25 maio 2000.

Um último dado expressivo do pós-olimpíada foi a indicação e homologação de Carlos Arthur Nuzman para compor, como um dos 111 membros efetivos, o Comitê Olímpico Internacional, que já contava com a presença de João Havelange e do major Sylvio de Magalhães Padilha, esse portando o título de membro-honorário, sem direito a voto na sucessão presidencial de Juan Antonio Samaranch.<sup>299</sup>

---

<sup>299</sup> Cf. ASSUMPÇÃO, João Carlos. COI deve anunciar Nuzman como novo membro hoje. **Folha de S. Paulo**, 12 set. 2000; e RANGEL, Sérgio. Nuzman deve ser indicado para o COI. **Folha de S. Paulo**, 24 maio 2000.

## CONCLUSÕES

Era um jogo do Botafogo com o Vasco. Exatamente, a decisão do título. E lá fui eu me meter nas arquibancadas. Era uma das quase duzentas mil pessoas presentes. Aconteceu então que, imediatamente, perdi qualquer sentimento de minha própria identidade. Ali, tornei-me também multidão. Esqueci a minha cara, senti a volúpia de ser “ninguém”. Se, de repente, o povo começasse a virar cambalhotas, e a equilibrar laranjas, e a ventar fogo, eu faria exatamente como os demais. E, então, senti que a multidão não só é desumana, como desumaniza.

(RODRIGUES, Nelson. Apud CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico**, p. 379)

Com o final dos anos 90, assistimos à confirmação de que a história do Voleibol brasileiro aconteceu em ciclos, aqui delineados em termos de **viradas**. A primeira, rumo à profissionalização dos agentes envolvidos com a modalidade, e a segunda, corroborando o processo de espetacularização da prática esportiva.

Paralelamente à “crise existencial” e administrativa na qual a modalidade atravessou os últimos anos dessa década, o Voleibol fez ressurgir, mesmo que esporadicamente, um aspecto passional entre torcedores quando retornou a ser praticado competitivamente nos clubes tradicionais de Futebol e, tentou timidamente, associar equipes a cidades. A participação das equipes do Flamengo e do Vasco da Gama, no Rio de Janeiro, em seu torneio estadual feminino de 2000 pode comprovar o fato, assim como o envolvimento das cidades de Suzano/SP, Santo André/SP, Araraquara/SP, Curitiba/PR, Belo Horizonte/MG, Três Corações/MG, Canoas/RS, Florianópolis/SC, entre tantas outras.<sup>1</sup>

Não obstante essa constatação, o Voleibol continuou apresentando problemas quanto à desistência ou extinção de equipes. Esse processo foi identificado pela jornalista Cida Santos, como o mal do “cobertor curto”<sup>2</sup>, quando o retorno de determinadas equipes às principais competições nacionais era dividido com o abandono de outras.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Cf. SANTOS, Cida. Reta final. **Folha de S. Paulo**, 6 nov. 2000.

<sup>2</sup> SANTOS, Cida. Pesos e medidas. **Folha de S. Paulo**, 8 Maio 2000.

<sup>3</sup> Cf. LEISTER FILHO, Adalberto. Vasco deve assinar hoje parceria com time ameaçado de extinção. **Folha de S. Paulo**, 25 maio 2000; COM AJUDA da CBV, Olympikus negocia ida para

Vários foram os exemplos citados no decorrer do estudo, contudo um dos mais marcantes foi a extinção da equipe da Uniban logo após a conquista do título nacional feminino da temporada 98/99. Podemos também incluir nesse quadro a entrada fulminante das equipes masculinas e femininas do Vasco da Gama, que, entretanto, não cumpriu devidamente com os seus compromissos financeiros, principalmente com os atletas.

Outro caso singular aconteceu com a equipe curitibana do Rexona. Das suas três primeiras participações no campeonato da Superliga feminina, a equipe venceu duas (97/98 e 99/00) e foi uma vez vice-campeã (98/99). Esses resultados, por mais paradoxal que possa parecer, não foi o suficiente para afastar da equipe a possibilidade de dissolução do convênio firmado entre o governo do Estado do Paraná e a empresa Gessy Lever<sup>4</sup>:

Mesmo com a boa campanha que vem fazendo na temporada 99/2000 da Superliga Feminina de Vôlei, o Rexona pode estar com os dias contados. O patrocinador da equipe, campeã nacional em sua temporada de estréia, em 97/98, e vice na passada, ameaça desmontar o time ao final da competição. A Gessy Lever, dona da marca, sustenta que, mesmo com tais resultados, não obtém do vôlei retorno para o investimento de R\$ 4 milhões na manutenção da equipe feminina adulta e do programa de Centro de Excelência, em convênio com o governo do Paraná. “O problema não é com o time ou com as jogadoras. Mas o vôlei hoje não é interessante para nós”, disse Luiz Felipe Taketani Vaz, diretor de marketing da Gessy Lever. Segundo ele, as maiores queixas são quanto à exposição da Superliga em TV aberta. A Confederação Brasileira de Vôlei (CBV) só fechou acordo para transmissão dos jogos na terceira rodada do segundo turno. A entidade trocou a Bandeirantes pela CNT, num horário (sábado à tarde) em que o pico de audiência não passa os dois pontos no Ibope.<sup>5</sup>

Esse cenário de incertezas e indefinições, ou ainda, de intensa rotatividade no campo do Voleibol, apontou para novas propostas de gerenciamento esportivo na CBV, incluindo novos modelos administrativos para o esporte brasileiro de uma maneira geral.

---

Vasco ou Flu, **Folha de S. Paulo**, 3 set. 1999; ESTREANTE “joga” por parceria, **Folha de S. Paulo**, 18 abr. 2000; e OLYMPIKUS deixa de ser dona de equipe. **Folha de S. Paulo**, 14 mar. 2000.

<sup>4</sup> Cf. TEIXEIRA, Alexandre. Rexona prepara processo de renovação do time. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 20 abr. 1999; REXONA ameaça desmontar equipe. **Folha de S. Paulo**, 28 fev. 2000; SANTOS, Lilian. Rexona vence e fatura o bi. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 15 abr. 2000; e EMPRESA assegura manutenção de time do Rexona na Superliga. **Folha de S. Paulo**, 3 mar. 2000.

<sup>5</sup> REXONA pode perder o patrocínio. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 28. fev. 2000.

Em termos de Superliga, tornou-se inadmissível uma competição desse porte registrar índices deficitários ao final de uma temporada, ou seja, “por falta de pessoal, infra-estrutura, ou qualquer outra justificativa, deixar esse produto se tornar obsoleto”.<sup>6</sup> Segundo Paulo Guerra, diretor da LKS Marketing Esportivo e consultor do Report-Nipomed, a Superliga é o produto mais importante e estratégico para o Voleibol brasileiro, sendo que ela deveria deixar de ser responsabilidade da CBV e operacionalizar-se mediante a constituição de uma personalidade jurídica, dando-lhe perfil de uma empresa, agilidade administrativa e eficiência comunicativa entre os patrocinadores e o público.<sup>7</sup> Esse produto necessitaria realizar-se enquanto marca institucional com vários subprodutos, como é feito em inúmeras competições internacionais, para sobreviver no mundo dos negócios.

Confirmando essa nova perspectiva administrativa, Radamés Lattari Filho sugeriu a criação da segunda divisão regionalizada da Superliga, a diminuição dos valores das taxas cobradas pelas federações, uma lei para o esporte brasileiro nos modelos da Lei Rouanet para a cultura e o incentivo fiscal para a formação das categorias de base nos clubes.<sup>8</sup>

Outra iniciativa foi constatada com o projeto de criação da Liga Sul, por intermédio dos ex-jogadores Bernardinho, Montanaro e Renan. Numa reunião com representantes de trinta clubes do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, a idéia foi discutida e encaminhada para a efetivação jurídica da marca e o possível licenciamento dos produtos da marca Liga Sul. As federações locais ficariam responsáveis pela parte técnica da competição.<sup>9</sup>

Nessa esteira, os clubes apresentaram novas associações para o Voleibol consolidando patrocínios de empresas da chamada “nova economia”, quais sejam, empresas ou provedores da Internet. Sobre essa tendência, observamos a seguinte matéria: “Segundo o técnico Ricardo Navajas, do Fenabb/Zipnet/Suzano, a modalidade vive de ciclos. ‘Há alguns anos, os patrocinadores eram, em sua maioria,

---

<sup>6</sup> GUERRA, Paulo. A modernização do vôlei. **Folha de S. Paulo**, 24 abr. 1999.

<sup>7</sup> Id. *ibid.*

<sup>8</sup> LATTARI FILHO, Radamés. (Entrevista). **Programa Bola da Vez**, ESPN Brasil, 6 dez. 1999.

<sup>9</sup> Cf. SANTOS, Cida. Ventos do Sul. **Folha de S. Paulo**, 3 maio 1999.

os bancos. Hoje, estão entrando os sites, analisou o treinador. A temporada de 1995 marcou a ‘era dos frigoríficos’ no vôlei masculino.”<sup>10</sup>

Também houve a incursão das empresas de telefonia e das universidades particulares. Especificamente, podemos citar os casos da associação da Telemig com o Minas Tênis Clube de Belo Horizonte, a Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul) e a Universidade Luterana do Brasil (Ulbra), entre outras. Outra associação, bastante polêmica, dada sua forma de escolha, foi o patrocínio de empresas estatais a determinados clubes ou cidades (Petrobras com o Flamengo/RJ, Macaé/RJ e Força Olímpica-Brasília/DF, por exemplo).<sup>11</sup>

Decorrem dessas constatações, e do contexto no qual o Voleibol brasileiro estava inserido no final da década de 90 suposições de que a modalidade e o esporte, no seu sentido lato, deveriam buscar autonomia administrativa e independência, ou no mínimo menor dependência, em relação às manifestações estatais de apoio.<sup>12</sup>

Entretanto, as opiniões sobre a temática não foram convergentes. No ponto de vista do jornalista Juca Kfourri, empresas estatais como o Banco do Brasil, a Caixa Econômica Federal, a Petrobras e os Correios não têm como função patrocinar o esporte de alto rendimento, mas sim comprometer-se socialmente com o desenvolvimento do esporte no país.<sup>13</sup> Essa posição não é compactuada com o então presidente do Comitê Olímpico Internacional, Juan Antonio Samaranch, que afirma ser o esporte, antes de mais nada, assunto do Estado.<sup>14</sup>

No âmbito das divergências, há posicionamentos que defendem a contrapartida, ou atuações limítrofes entre Estado, clubes e iniciativa privada. Bernardo da Rocha Rezende, coordenador do projeto esportivo do Centro de Excelência-Rexona, em Curitiba, afirma que foi fundamental o apoio do Estado e das

---

<sup>10</sup> LEISTER FILHO, Adalberto. “Dança” de nomes atrapalha modalidades. **Folha de S. Paulo**, 22 dez. 2000.

<sup>11</sup> Cf. LEISTER FILHO, Adalberto. Banespa supera “nova economia” e tabu. **Folha de S. Paulo**, 13 nov. 2000; SEMIFINAL da Superliga masculina consolida novos patrocinadores. **Folha de S. Paulo**, 26 mar. 2001; OHATA, Eduardo; DIAS, José Alan. Patrocínio estatal vira disputa política. **Folha de S. Paulo**, 16 fev. 1999; e PETROBRAS apóia mais duas equipes. **Folha de S. Paulo**, 16 fev. 1999.

<sup>12</sup> Cf. ESPORTE Olímpico ainda quer viver à custa do Estado. **Folha de S. Paulo**, 17 ago. 1999.

<sup>13</sup> Cf. KFOURI, Juca. A mídia e o *marketing* esportivo..., p. 45-46.

<sup>14</sup> Cf. DIAS, Roberto. Esporte = governo, na equação do COI. **Folha de S. Paulo**, 23 abr. 2000.

empresas, entretanto, atualmente não seria possível a realização plena do projeto com o mesmo volume de investimentos ou com a desistência de uma das partes.<sup>15</sup>

Carlos Arthur Nuzman é contundente ao criticar a constante responsabilização do Estado pelo financiamento do esporte no Brasil. Para o dirigente, o esporte vive no universo da indústria do entretenimento e, como tal, é capaz de comercializar-se, gerar recursos e manter-se como negócio rentável. Contudo, Nuzman não descarta a modernidade de uma gestão que combine responsabilidades, estímulos e direitos entre o Estado e a iniciativa privada.<sup>16</sup>

No entendimento de Ary Graça Filho, a administração esportiva pautada exclusivamente nos clubes corre o sério risco de fracassar. O Estado, por sua vez, encontra-se falido, portanto não está suficientemente apto a gerenciar um investimento regido pelas leis do mercado. Assim sendo, a mais pertinente associação continua sendo com as empresas, ou seja, é a manifestação de um modelo misto de administração pelo qual, em terminologia de economistas, se viabiliza um crescimento sustentado.<sup>17</sup> Sobre o tema, Graça Filho escreve:

Seguindo os passos (ou passes) do vôlei, nossa economia se veria livre dos saques forçados, bloqueios suspeitos, ataques desarticulados e bolas fora que a têm caracterizado nos últimos anos. O Estado deve limitar-se a suas premissas básicas de criar e manter uma infra-estrutura de saúde, educação e saneamento básico, e passar a condução da vida econômica para as mãos de quem entende. Livre das amarras que o atavam à gestão estatal, nosso vôlei acumula títulos, prestígio, público, dinheiro e abre ao país um leque extenso de ídolos vencedores e saudáveis, além de apontar um facho de luz na imagem entravada do Brasil no panorama internacional. Esse exemplo de profissionalismo e ótica moderna do nosso voleibol deveria contagiar as ações de todos os níveis de nossa sociedade. Seria outra grande sacada.<sup>18</sup>

À medida que as discussões evoluem, o campo esportivo explicita suas inter-relações estruturais, as quais direcionam o Voleibol brasileiro para a definição de uma possível **terceira virada**. Nessa possibilidade, decorrem, conjuntamente com as estratégias de administração esportiva, condições estipuladas pela “nova economia”

---

<sup>15</sup> Cf. DIAS, José Alan. Política do Esporte. **Folha de S. Paulo**, 28 maio 2000. Caderno Especial, p. 5.

<sup>16</sup> NUZMAN, Carlos Arthur. Esporte olímpico: a hora da virada. **Folha de S. Paulo**, 8 ago. 1999, Caderno 1, p. 3; e PINTO, Guilherme Cunha. A receita do vôlei..., p. 6.

<sup>17</sup> GRAÇA FILHO, Ary. (Entrevista). **Esporte Record**, TV Record, São Paulo, 23 jul. 2001.

<sup>18</sup> GRAÇA FILHO, Ary. Uma sacada que leva ao primeiro mundo. **Exame**, São Paulo, 16 mar. 1994.

que recuperam do Voleibol o seu componente comercial e cultural. Diniz e Cesar, afirmam:

A verdadeira revolução virá com a viabilização em escala comercial da banda larga (*broad band*), tecnologia que possibilitará a convergência da TV com a internet (*Web TV*) unindo a possibilidade de (i) quantidade infinita de canais; (ii) imagens com resolução de alta definição; (iii) ausência de limites geográficos para as transmissões (a internet independe de sinal de transmissão); e (iv) comércio eletrônico (*e-commerce*) sem a necessidade de ligar o computador. Novamente o esporte está em posição privilegiada para aproveitar as oportunidades da chamada “nova economia”.<sup>19</sup>

Nessa linha de raciocínio, o estabelecimento de um modelo de gerenciamento esportivo que incorpore os conceitos modernos da economia de mercado das empresas privadas e a possível parceria estatal seria um indicativo para essa nova tendência participativa e/ou interativa do esporte.

A nomeação de Bernardo da Rocha Rezende para o comando técnico da seleção adulta masculina de Voleibol, na tentativa de conquistar títulos expressivos e recuperar a imagem brasileira no cenário internacional, também pode ser considerada como um dado comprobatório dessa perspectiva de terceira virada. Em outras palavras, com a retomada do poder simbólico proveniente da imagem vitoriosa do Voleibol brasileiro, a venda do produto torna-se mais viável no universo das relações comerciais.<sup>20</sup> Obviamente, não se trata de nenhum exercício de futurologia, pelo contrário, apenas estamos buscando a análise dos fatos históricos, e das tendências e levantando suposições. Enfim, estamos falando de cenários possíveis.

A história recente do Voleibol brasileiro comprova que num intervalo de três décadas a modalidade passou por fases ou momentos específicos, os quais, nitidamente, definiram a caracterização de categorias nas suas estruturas e relações. Nesse percurso, o Voleibol apresentou o que denominamos de **viradas** na sua forma de praticar, assistir, administrar e consumir o esporte. Usamos fatos marcantes para a história da modalidade como elementos pontuais ou delimitadores dessas transições. Esse procedimento e estratégia, ou melhor, essas datas e acontecimentos são

---

<sup>19</sup> DINIZ, Edgar Chagas; CESAR, Leonardo Lenz. O potencial do vôlei como negócio no Brasil. **Conjuntura Econômica**..., p. 51.

<sup>20</sup> Cf. GLOBO compra principais eventos do vôlei até 2005. **Folha de S. Paulo**, 3 ago. 2000; e BEAL, Doug; BAACKE, Horst; HIPPOLYTE, Ralph. Trends of future volleyball. In: FIVB SYMPOSIUM. Copenhagen, 1988.

colocados como ícones de um processo contínuo e contíguo, respeitando assim a evolução e a continuidade inerente aos processos de profissionalização e espetacularização do Voleibol.

Objetivamente, essas viradas confirmaram a condução da modalidade para um processo de resignificação da sua lógica e do seu sentido. Como havíamos levantado no conjunto das nossas hipóteses iniciais, a consolidação do *habitus* em uma sociedade marcada pelas características do consumo e das leis do mercado corroborou para essa “metamorfose” do Voleibol iniciada em meados dos anos 70. Senão, vejamos.

Tendo o Voleibol sido um esporte inventado por uma elite clubística cristã norte-americana, fugindo à regra eurocêntrica do desenvolvimento ou evolução dos passatempos aristocráticos ou de jogos populares, a modalidade chegou ao Brasil através de um processo de “importação”, trazendo consigo a representação e o poder distintivo da prática nos Estados Unidos. A partir desse dado, a modalidade efetivou a sua inserção nacional em clubes de elite, principalmente no Rio de Janeiro.

Com o modelo de Bourdieu, poderíamos afirmar que se instalava em território nacional uma estrutura (o esporte) estruturada (a formação norte-americana) com tendência a interagir no campo esportivo com as características de uma estrutura estruturante (o esporte constituindo novas disposições sociais – *habitus*).

Nessa esteira, ainda podemos associar a possibilidade do Voleibol ter se propagado, internacionalmente, portando as representações de origem e incorporando aspectos etno-culturais locais na consolidação de novas escolas ou formas de prática do esporte competitivo. Basta recuperarmos o processo de expansão da modalidade pelas tropas norte-americanas durante a guerra, as “missões” enviadas para outros países e o feito olímpico dos japoneses para corroborar essa relação.

Outro dado expressivo para a análise bourdiana remete à propagação da estrutura hierárquica das entidades administrativas do Voleibol. Todas, desde o nível regional até o mundial, determinam uma figura centralizadora do poder, a qual, invariavelmente, permaneceu no cargo durante muito tempo.

Essa forma ditatorial de gerenciamento pode, também, ser identificada nas interdependências estabelecidas pelo modelo de competição, definido por Elias, das

relações oligárquicas. Há, indubitavelmente, a presença de um “jogador” que detêm um potencial de poder acima dos seus subordinados, entretanto, a complexidade da teia de relações e interconexões que se estabelece com os “jogadores” das camadas inferiores, inviabiliza as tomadas de decisões de cunho exclusivo, ou seja, levando-se em consideração apenas pequenas facções administrativas. Desse pressuposto do modelo elisiano de jogo é que decorrem, mesmo que esporadicamente, as incursões dos clubes e dos atletas nas iniciativas referentes a critérios para a elaboração de competições, vendas de transmissões televisivas, participação nos lucros advindos da mercantilização do espetáculo esportivo, entre outras. Com essas conquistas, o modelo tenderia a referenciar-se pelas características do jogo democrático crescentemente simplificado.

No processo de resignificação do Voleibol brasileiro, encontramos a presença de Nuzman, um dirigente que, no limite, foi uma das lideranças mais proeminentes no decurso das rupturas e transições ocorridas na história da modalidade.

O primeiro “corte” detectado marcou a passagem do envolvimento amadorístico para a prática profissionalizada dos atletas, porém amadora dos dirigentes. Essa forma híbrida de desenvolvimento do Voleibol foi possível diante do conjunto de estruturas que foram determinadas na constituição do campo esportivo. Dito de outra forma, a Confederação Brasileira de Voleibol, enquanto uma estrutura estruturada, criou vínculos, estabeleceu relações e efetivou interdependências com determinadas estruturas sociais, possibilitando a projeção do esporte na direção da profissionalização pautada nos modelos europeus e asiáticos.

Com o início dessa profissionalização, aqui determinada de **primeira virada**, nos anos 80, o Voleibol passou a ser uma estrutura estruturante de disposições (leia-se *habitus*) sociais esportivos. A associação de uma prática esportiva competitiva com os recursos financeiros das empresas privadas transfigurou a imagem de uma modalidade que internacionalmente tinha apenas uma presença participativa, no sentido de uma representação competitiva e vitoriosa. O que anteriormente arrastava poucos abnegados e agregados às partidas, com o advento da profissionalização transformou-se em fenômeno popular gerador de um contingente de espectadores e torcedores que lotavam ginásios e gritavam nomes de empresas. Esse é um dos exemplos mais contundentes para o entendimento da formação e desenvolvimento do

*habitus* esportivo social, ou seja, onde a presença elitizada amadora delimitava espaços sociais, a combinação de estruturas e a consolidação de interdependências profissionalizou e popularizou um esporte, tornando-o uma “paixão nacional”.

Nítidamente, temos clareza de que o conceito de popularização do Voleibol, colocado no campo esportivo, é distinto da massificação da prática esportiva. O que se populariza é o produto Voleibol e o que se tende a massificar são os conceitos da prática e a disposição para o seu consumo, não a prática do alto rendimento competitivo ou a sua oportunização. Nessa lógica, a inclusão das técnicas de *marketing* e a exposição do esporte na mídia, principalmente na televisão, foi fundamental e decisiva nesse processo.

Podemos afirmar que a **primeira virada** no Voleibol brasileiro, a híbrida profissionalização, foi um estágio embrionário ou pré-requisito para a mercantilização da prática esportiva e, conseqüentemente, para a sua espetacularização. O tratamento mercantilizado imposto a jogadores, competições, clubes, patrocínios, relações comerciais, *marketing* esportivo e mídia, conduziram as interdependências do campo a estratégias de compatibilidade com as leis de reprodução social. Ou seja, o campo esportivo, com suas lutas, concorrências e disputas, refletia as disposições de uma sociedade direcionada para as leis de mercado e consumo.

Confirmando nossa hipótese, a tendência de condução do esporte profissionalizado e espetacularizado pressupõe a criação de um mercado consumidor dos produtos decorrentes dessa prática, os quais, invariavelmente, passam a refletir posições sociais distintivas, estilos de vida, gostos ou preferências, demandas e ofertas. Literalmente, popularizam-se os signos do Voleibol, o que massifica o consumo.

Obviamente, o consumo nos anos 80 é diferente da volúpia social consumista generalizada dos 90. No primeiro período, o consumo movimentou uma engrenagem primária ou de impulso modesto, se comparada à do segundo período. O poder simbólico do consumo na década de 80 girava em torno das imagens televisionadas em canais abertos, na presença aos ginásios e na comercialização de camisetas ou *souvenirs* relacionados aos principais ídolos e times. Na década de 90, com a confirmação do Voleibol como esporte vencedor, organizado e lucrativo, a tendência

consumista se tornou mais ampla, nítida e complexa. A **segunda virada** imbricou processos de profissionalização de atletas com a profissionalização de dirigentes esportivos, administradores de empresas, gerentes de *marketing*, diretores de multinacionais, enfim, toda a gama de profissionais das diversas instâncias que compõem o campo esportivo. Inevitavelmente, essa complexidade de relações instaurou na sociedade um refinamento na ordem consumista. Em outros termos, não basta ir ao ginásio torcer, vibrar por uma equipe patrocinada por determinada empresa, é necessário o envolvimento com o mercado esportivo, a aquisição de produtos que espelhem o grau ou o coeficiente de capitais, sejam eles culturais, econômicos ou simbólicos.

Essa foi a lógica indutora do Voleibol no decorrer das últimas três décadas, transformando-se de uma prática elitista, clubística e amadora em um produto espetacularizado e absorvido por uma sociedade marcada pelo viés do consumo e da distinção social. A massificação, ou melhor, as tentativas de popularização da prática esportiva, invariavelmente conduziram, coerentemente com as perspectivas da sociedade de consumo e das leis do mercado, para a definição de um contingente populacional, inserido no campo esportivo, com *habitus* sociais esportivos distintivos na especificidade da sua capacidade de consumo.

Contudo, assim como a própria história do Voleibol, o processo não se deu por encerrado, pelo contrário, ele vive de ciclos, rupturas e transições. Diante da crise e da estagnação percebida no final dos anos 90, levanta-se a questão: qual será o rumo do Voleibol brasileiro? Ou ainda: após a modalidade ter vivido os processos e as conseqüências advindas da sua profissionalização e espetacularização, o que podemos esperar em termos de relações, interdependências e reflexos futuros no campo esportivo?

Como já dissemos anteriormente, não é futurologia, mas sim especulações ou suposições baseadas em tendências. Com a eminência de uma retomada de conquistas internacionais e um redimensionamento da forma de administração e gerenciamento do esporte brasileiro, de uma forma geral, principalmente por conta do movimento que gira em torno da transparência e explicitação das causas públicas, é provável que o Voleibol retome sua posição distintiva no campo esportivo e, circunstancialmente, insira-se nesse universo da “nova economia”. Assim sendo, do

consumo pela TV a cabo e das mudanças de regras para adaptação ao formato exigido pelas instâncias midiáticas, o esporte tenderá a incorporar princípios e transformações passíveis de incursão na interatividade e na globalização que as sociedades mundiais desenvolvidas estão liderando. Essa será a provável **terceira virada** na qual o Voleibol brasileiro estará inserido.

Diante dessa perspectiva, recuperamos o que de mais importante, na nossa interpretação, Bourdieu ofereceu: a possibilidade ou a busca constante do conhecimento das formas ocultas de dominação, o estudo das leis que reproduzem uma determinada ordem e ainda a constituição das disposições sociais e de um campo esportivo que é conduzido pela interação entre mercado, oferta e demanda. Nesse sentido, Bourdieu é compatível, fundamental e indispensável.

Sendo assim, não podemos perder de vista o pensamento relacional bourdiano, nem tampouco a criticidade necessária de atletas, dirigentes, técnicos, empresários, gerentes, espectadores e praticantes. Em outras palavras, priorizar a análise das estruturas do campo esportivo e o envolvimento intelectual dos seus agentes sociais.

Por fim, inserido nessa configuração, e com essas expectativas, vou continuar “batendo a minha bola” e sentindo saudades dos jogos de sábado à noite...

## REFERÊNCIAS

- “AMADOR” assume futebol “profissional”. **Folha de S. Paulo**, 13 maio 1999.
- A ACIDENTADA trajetória para a fama. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 31 dez. 1989.
- A GRANDE Jogada do Vôlei. **O Globo**, Rio de Janeiro, 23 jan. 1983.
- A INCERTEZA invade o vôlei brasileiro. **Zero Hora**, Porto Alegre, 4 fev. 1997.
- A MANIA se alastrou pela cidade. **O Globo**. Rio de Janeiro, 6 out. 1982.
- A SEGUNDA onda. **Veja**, São Paulo, 24 out. 1990.
- A VOLTA dos “meninos de ouro”. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 18 maio 1994.
- ACOSTA, Ruben. **Coaches Manual of Federation of Volleyball**. FIVB, s/d. Introduction.
- ALMEIDA Braga E.C. **Veja**, São Paulo, 23 maio 1984.
- ALMEIDA, Orlando de. Pirelli vai investir 110 milhões em 83. **Folha de S. Paulo**, 23 jan. 1983.
- ALVES, Milton. Geração de Prata do vôlei busca o ouro dos negócios. **O Globo**, Rio de Janeiro, 23 fev. 1998.
- AMADORISMO em três versões. **Veja**, São Paulo, 30 mar. 1983.
- ANÁLISE olímpica. **O Globo**, Rio de Janeiro, 10 ago. 1992.
- ARBENA, Joseph L. The emergence and development of modern sport in Latin American: the North American influence. In: VII CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE, LAZER E DANÇA. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- AS BOLADAS milionárias. **Veja**, São Paulo, 22 set. 1993.
- ASSUMPÇÃO, João Carlos. COI deve anunciar Nuzman como novo membro hoje. **Folha de S. Paulo**, 12 set. 2000.
- ASSUMPÇÃO, João Carlos. EUA lideram, mas disputa pelo 2.º lugar deve crescer. **Folha de S. Paulo**, 2 out. 2000.
- ATLÂNTICA: dos tempos do idealismo à época do negócio lucrativo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 23 jan. 1983.
- ATLETAS sempre: corretores, só de vez em quando. **O Globo**, Rio de Janeiro, 23 jan. 1983.
- BAACKE, H. et al. **Manual do Treinador-FIVB**. Rio de Janeiro: Palestra, 1971.
- BAACKE, Horst. **Coaches Manual 1: Development and Status of Volleyball**. FIVB. s/d.
- BANDEIRA, Catia. Desafio é despertar a paixão escondida. **Zero Hora**, Porto Alegre, 19 out. 1997.
- BANESPA, o campeão em crise. **O Estado de S. Paulo**, 2 fev. 1988.

- BARBOSA, Fernando. Vôlei vence basquete no jogo da renovação. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 16 ago. 1992.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, s/d.
- BEAL, Doug; BAACKE, Horst; HIPPOLYTE, Ralph. Trends of future volleyball. **FIVB Symposium**. Copenhagen, 4 a 12 jul. 1988.
- BENTES, Mara. Bernard e Fernando buscam nos EUA o que é difícil aqui. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 4 maio 1978.
- BETING, Erich. MRV põe crise paulista em xeque na final. **Folha de S. Paulo**, 7 nov. 2000.
- BETTI, Mauro. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Melhoramentos, 1991.
- BIZZOCHI, Carlos. Esporte vive em uma evolução permanente. **Folha de S. Paulo**, 21 set. 1994.
- BLECHER, Nelson. Vôlei movimenta US\$ 50 mi e abre para o licenciamento. **Folha de S. Paulo**, 16 maio 1994.
- BORSARI, José Roberto. **Volibol: aprendizagem e treinamento: um desafio constante**. São Paulo: EPU, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **O desencantamento do mundo: estruturas econômicas e estruturas temporais**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. Prólogo. In: \_\_\_\_\_. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. O mercado lingüístico. In: \_\_\_\_\_. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. In: \_\_\_\_\_. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: \_\_\_\_\_. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. Fieldwork in Philosophy e Pontos de Referência. In: \_\_\_\_\_. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. Espaço social e poder simbólico. In: \_\_\_\_\_. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In: \_\_\_\_\_. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc J. D. **An invitition to reflexive sociology**. Chicago: University of Chicago Press, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. A conquista da autonomia: a fase crítica da emergência do campo. In: \_\_\_\_\_. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. Espaço social e espaço simbólico. In: \_\_\_\_\_. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

BOURDIEU, Pierre. Método científico e hierarquia social dos objetos. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. O capital social: notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

BOURDIEU, Pierre. In: SILVA, Juremir Machado da. A ciência do real. **Folha de S. Paulo**, 7 fev. 1999. Caderno Mais! Entrevista.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOURDIEU, Pierre. Bourdieu desafia a mídia internacional. Trad. Luiz Roberto Mendes Gonçalves. **Folha de S. Paulo**, 17 out. 1999. Caderno Mais!

BOURDIEU, Pierre. **O campo econômico: a dimensão simbólica da dominação**. Campinas: Papirus, 2000.

BOURDIEU, Pierre (Org.). **A miséria do mundo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos 2**. Trad. de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Meditações pascalianas**. Trad. Sergio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BRAGA, Antônio Carlos de Almeida. É burrice investir só no vôlei. **Saque**, São Paulo, n. 2, ago. 1985.

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. **A teoria dos processo de civilização de Norbert Elias: o controle das emoções no contexto da psicogênese e da sociogênese**. Marília, 2000. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual de São Paulo.

BRASIL é o país preferido do vôlei. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 3 ago. 1993.

- BRASIL perde equipe feminina. **Folha de S. Paulo**, 14 abr. 1999.
- BRASIL. Comitê Olímpico Brasileiro. **Ofício Circular n. 331/82**. Rio de Janeiro, 22 abr. 1982.
- BRASIL. Confederação Brasileira de Volleyball. Histórico da Liga Nacional. **Relatório da Liga Nacional 89/90**. Rio de Janeiro, 1990.
- BRASIL. Confederação Brasileira de Volleyball. **Relatório da CBV de Presidentes, Eleições e Mandatos**. Rio de Janeiro, 1999.
- BRASIL. Confederação Brasileira de Volleyball. Departamento de Estatísticas. **Relatório da duração das partidas da Superliga Masculina e Feminina de Volleyball: 1996-2000**. Rio de Janeiro, 2000.
- BRASIL. Confederação Brasileira de Volleyball. **Regras Oficiais de Voleibol 2001-2002**. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.
- BRASIL. Conselho Nacional do Desportos. **Decreto n. 80.228/77, art. 182**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília.
- BRASIL. Conselho Nacional de Desportos. **Deliberação n. 03/80**, art. 13.º. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 6 jun. 1980.
- BRASIL. Conselho Nacional de Desportos. **Deliberação n. 12/80**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 23 out. 1980.
- BRASIL. Conselho Nacional de Desportos. **Deliberação n. 09/81**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 10 jun. 1981.
- BRASIL. Conselho Nacional de Desportos. **Deliberação n. 14/81**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 10 ago. 1981.
- BRASIL. Conselho Nacional de Desportos. **Deliberação n. 10/83**, capítulo II, art. 10.º. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 22 ago. 1983.
- BRASIL. Conselho Nacional de Desportos. **Deliberação n. 10/83**, capítulo V, art. 18.º, parágrafos 2.º e 3.º. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 22 ago. 1983.
- BRASIL, Ubiratan. Basquete, um retrato da realidade. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 11 ago. 1992.
- BRUHNS, Heloísa Turini; GUTIERREZ, Gustavo Luis (Orgs.). **O corpo e o lúdico: ciclo de debates sobre lazer e motricidade**. Campinas: Autores Associados, 2000.
- BRUNORO, José Carlos. Sou liberal, sem anarquias. **Saque**, São Paulo, n. 5, 1985. Entrevista.
- BRUNORO, José Carlos. Brunoro mostra o esporte como produto e espetáculo. **Zero Hora**, Porto Alegre, 10 ago. 1995.
- BRUNORO, José Carlos. Case Parmalat/Palmeiras. In: SEMINÁRIO INDESP DE MARKETING ESPORTIVO. **Anais...** Ouro Preto, 1995.
- BRUNORO, José Carlos; AFIF, Antonio. **Futebol 100% profissional**. São Paulo: Gente, 1997.
- CAMARGO, Vera Regina Toledo. **O telejornalismo e o esporte-espetáculo**. São Paulo, 1998, Tese de Doutorado. Universidade Metodista de São Paulo.

- CAMARGO, Vera Regina Toledo. **Mídia e esporte**. In: II SEMANA DE DEBATES DE SOCIOLOGIA DO ESPORTE – ESPORTES: TEORIA, PAIXÃO E RISCO. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000.
- CAMPEÃO, Ulbra escolhe entre disputar Paulista ou Carioca. **Folha de S. Paulo**, 22 abr. 1999.
- CAMPEÕES do vôlei, imagem que vale ouro. **O Globo**, Rio de Janeiro, 26 ago. 1992.
- CANZIAN, Fernando. Astro norte-americano diz que transição ocorre a cada 5 anos. **Folha de S. Paulo**, 21 set. 1994.
- CARDINAL, C. H.; PELLETIER, C. **Cahier de L'Entraîneur**. Montreal: Fédération de Volley-Ball du Québec Inc., 1984.
- CARDOSO, Maurício. A terceira onda. **Veja**, São Paulo, 2 fev. 1997.
- CARDOSO, Maurício. Legião de craques. **Veja**, São Paulo, 29 out. 1997.
- CARNELOÇO, Marco Antonio. **Manual de voleibol**. Araçatuba: Leme, s/d.
- CARVALHO, Milton Costa. Cidade acorda cedo e brilha como ouro na festa do vôlei. **O Globo**, Rio de Janeiro, 10 ago. 1992.
- CARVALHO, Oto Morávia de. **Caderno técnico-didático do voleibol moderno**. Brasília: MEC, 1980.
- CARVALHO, Oto Morávia de. **Voleibol: 1.000 exercícios**. Rio de Janeiro: Sprint, 1993.
- CASSIGNOL, Raymond. **Las cinco etapas del voleibol**. Buenos Aires: Kapelusz, 1978.
- CASTANHEIRA, Maria Auxiliadora. 14 maio 1999. Entrevista.
- CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CATANI, Afrânio Mendes; MARTINEZ, Paulo Henrique (Orgs.). **Sete ensaios sobre o Collège de France**. São Paulo: Cortez, 1999.
- CATANI, Afrânio Mendes. Algumas lições da aula inaugural de Pierre Bourdieu. In: \_\_\_\_\_; MARTINEZ, Paulo Henrique (Orgs.). **Sete ensaios sobre o Collège de France**. São Paulo: Cortez, 1999.
- CBV se inspira na NBA para organizar Superliga. **O Estado de S. Paulo**, 30 nov. 1994.
- CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CLÉMENT, J. P. Les apportes del sociologie de Pierre Bourdieu à la sociologie des sports. **Revue des Sciences et Techniques des Activités Physiques et Sportives**. Paris, v. 15, n. 35, oct. 1994.
- CND quer limitar ação das empresas no vôlei. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 11 fev. 1983.
- COCCO, José Estevão. Direção competente: e a resposta é o sucesso. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 2 abr. 1984.

- COCCO, José Estevão. As agências de Marketing Esportivo. In: SEMINÁRIO MARKETING ESPORTIVO. 1999, Rio de Janeiro: Faculdade Cândido Mendes, 1999.
- COHN, Gabriel. **Adorno**. São Paulo: Ática, 1986.
- COM AJUDA da CBV, Olympikus negocia ida para Vasco ou Flu. **Folha de S. Paulo**, 3 set. 1999.
- COM CORAGEM, o vôlei muda de estrutura. **Folha de S. Paulo**, 28 fev. 1983.
- COM LÍBERO, defesa vira o melhor ataque. **Folha de S. Paulo**, 9 maio 1999.
- COMEÇA a Superliga do “pacotão”. **Folha de S. Paulo**, 2 dez. 1999.
- COMEÇA o menos estelar dos paulistas. **Folha de S. Paulo**, 14 ago. 1999.
- COMITÊ pede projetos para 2004 e 2008. **Folha de S. Paulo**, 8 nov. 2000.
- COMPETIÇÃO tem 2 meses “simbólicos”. **Folha de S. Paulo**, 14 ago. 1999.
- CONTUNDIDO, Carlão pede dispensa e está fora da Olimpíada. **Folha de S. Paulo**, 6 jul. 2000.
- CONTURSI, E. B. **Marketing esportivo**. Rio de Janeiro: Sprint, 1996.
- CORDEIRO, Célio. Avaliação da participação do Brasil nos Jogos Olímpicos de Los Angeles. **Sprint**. Rio de Janeiro, v. 2 (especial), 1984.
- COSTA, Lamartine P. da. Emergência e difusão do desporto moderno na América Latina – Influências britânica e norte-americana: uma revisão crítica. In: VII CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE, LAZER E DANÇA. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- CRETI, Nicolau Radamés. Brasileiros invadem Itália em ritmo de samba. **Gazeta Esportiva**, São Paulo, 18 nov. 1990.
- CRISE causa inadimplência na Superliga. **Folha de S. Paulo**, 7 fev. 1999.
- CRISE pode causar êxodo. **Folha de S. Paulo**, 16 abr. 1999.
- CUBA negocia transferência de atletas para o Brasil em 2000. **Folha de S. Paulo**, 26 fev. 1999.
- DAIUTO, Moacyr. **Volibol**. São Paulo: Cia. Brasil, 1967.
- DAL ZOTTO, Renan. Talento individual se destaca nos 80. **Folha de S. Paulo**, 21 set. 1994.
- DALCIM, José Nilton; CALÇADE, Paulo; COSTA, Luis Carlos Vieira da. Campeão do mundo: mas o voleibol deu seu primeiro tropeço. **Gazeta Esportiva**, São Paulo, 21 out. 1984.
- DAMATO, Marcelo; ASSUMPÇÃO, João Carlos. COB assume candidatura e descarta novo fracasso. **Folha de S. Paulo**, 25 maio 2000.
- DANTAS, Andréa. Belas e descamisadas. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 7 jun. 1990.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEFRANCE, J. La sociologie anthropologique de Pierre Bourdieu: genèse, concepts, pertinence. **Revue des Sciences et Techniques des Activités Physiques et Sportives**, Paris, v. 15, n. 35, oct. 1994.

DI GIOVANNI, Geraldo. Mercantilização das práticas corporais: o esporte na sociedade de consumo de massa. In: III ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA. **Coletânea**. Curitiba: UFPR, 1995.

DIAS, José Alan. Querem nivelar por baixo. **Folha de S. Paulo**, s/d.

DIAS, José Alan. Novo sindicato vai inquirir a federação. **Folha de S. Paulo**, 8 jan. 1998.

DIAS, José Alan. Paulista formaliza política de “cobaia”. **Folha de S. Paulo**, 7 ago. 1998.

DIAS, José Alan. Qualidade pode despencar. **Folha de S. Paulo**, 7 ago. 1998.

DIAS, José Alan. Superliga feminina tem nas semifinais a “marca da extinção”. **Folha de S. Paulo**, 25 mar. 1999.

DIAS, José Alan. Em crise, Superliga “penhora” o futuro. **Folha de S. Paulo**, 12 maio 1999.

DIAS, José Alan; GIMENEZ, Alexandre. Homem do vôlei assume Corinthians. **Folha de S. Paulo**, 27 maio 1999.

DIAS, José Alan. Sem clubes, estrelas preparam diáspora. **Folha de S. Paulo**, 6 jun. 1999.

DIAS, José Alan. Política do Esporte. **Folha de S. Paulo**, 28 maio 2000. Caderno especial.

DIAS, José Alan. Tandê e Giovane ficam na seleção, e Negrão está fora. **Folha de S. Paulo**, 5 jul. 2000.

DIAS, Roberto. Ligou a câmera e recriou o esporte. **Folha de S. Paulo**, 3 out. 1999.

DIAS, Roberto. Esporte = governo, na equação do COI. **Folha de S. Paulo**, 23 abr. 2000.

DIAS, Roberto. Antes, durante e depois, por eles mesmos. **Folha de S. Paulo**, 2 out. 2000.

DINIZ, Edgar Chagas; CESAR, Leonardo Lenz. O potencial do vôlei como negócio no Brasil. **Conjuntura Econômica**, São Paulo, FGV, v. 54, n. 2, fev. 2000.

DOWBOR, Ladislau; IANNI, Octávio; RESENDE, Paulo Edgard. **Desafios da globalização**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

DUARTE, Fernando. Vôlei vive sua crise de identidade. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 jul. 1998.

DÜRRWACHTER, Gerhard. **Voleibol: treinar jogando**. Trad. Margit Greve. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.

É O FIM do vôlei da Pirelli. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 25 mar. 1994.

ECO, Umberto. **Viagem na irreabilidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v. 1.

ELIAS, Norbert. **Sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **Deporte y ocio en el proceso de la civilización**. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

ELIAS, Norbert. Introdução. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **Deporte y ocio en el proceso de la civilización**. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

ELIAS, Norbert. La génesis del deporte como problema sociológico. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **Deporte y ocio en el proceso de la civilización**. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

EM CRISE, Superliga perde até sua campeã feminina. **Folha de S. Paulo**, 19 maio 1999.

EMPRESA assegura manutenção de time do Rexona na Superliga. **Folha de S. Paulo**, 3 mar. 2000.

EMPRESAS põem em xeque a Superliga. **Folha de S. Paulo**, 28 abr. 1999.

ESCAMBO mantém equipe na Superliga. **Folha de S. Paulo**, 7 mar. 1999.

ESPORTE é a alma do negócio. **Placar**, São Paulo, n. 795, 16 ago. 1985.

ESPORTE E AÇÃO, Curitiba, v. 1, n. 3, 1985.

ESPORTE E AÇÃO, Curitiba, v. 1, n. 4, 1985.

ESPORTE muda regra, técnica e equipamentos para virar negócio. **Folha de S. Paulo**, 23 maio 1999.

ESPORTE olímpico ainda quer viver à custa do Estado. **Folha de S. Paulo**, 17 ago. 1999.

ESTADUAL do Rio pode desaparecer. **Folha de S. Paulo**, 6 out. 1999.

ESTREANTE “joga” por parceria. **Folha de S. Paulo**, 18 abr. 2000.

EVOLUÇÃO: a longa jornada de Quaresma a Bernard. **Vôlei Brasil**, Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984.

FARIA, Antonio Carlos de. Depois de cortar verbas, FHC quer Jogos em 2012. **Folha de S. Paulo**, 25 maio 2000.

FEDERATION INTERNATIONAL OF VOLLEYBALL. **Development in International Top Volleyball – Atlanta 1996**. Lausanne: B. Michalak, 1997.

FELIPPE, Heleni. Planejamento, estrutura: mas a crise continua. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 10 ago. 1992.

FELIPPE, Heleni. Razões deste sucesso. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 11 ago. 1992.

FELIPPE, Heleni. Vôlei: as garotas estão voltando. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 8 set. 1993.

FELIPPE, Heleni. Superliga terá promoções para atrair torcedores. **O Estado de S. Paulo**, 8 out. 1996.

FERGUSON, B. J.; VIEIRA, B. L. **Volleyball: steps to success**. Champaign: Leisure Press, 1989.

- FLU condena as empresas e abandona o vôlei. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 28 dez. 1983.
- FONSECA, Divino. Uma nova força nas quadras. **Placar**, Rio de Janeiro, 28 set. 1984.
- FONSECA, Ricardo. Pirelli, uma indústria que fabrica atletas há 32 anos. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 16 abr. 1989.
- FRASCINO, José. Edição Comemorativa do Cinquentenário da Federação Paulista de Volleyball. **Anuário 92/93 da Federação Paulista de Volleyball**. São Paulo: Promoplan, 1994.
- FREITAS, Paulo Roberto de. **IstoÉ**, São Paulo, 7 nov. 1990. Entrevista.
- FREITAS, Paulo Roberto de. Anos 70 valorizam preparação física. **Folha de S. Paulo**, 21 set. 1994.
- FREITAS, Paulo Roberto de. **Programa “Olimpíada.doc”**, Sportv, 8 ago. 2000.
- FRÖHNER, Berthold. **Escola de voleibol**. Trad. Paulo Emanuel da Hora Matta. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1983.
- GAZETA DO POVO, Curitiba, 19 jun. 1997.
- GEBARA, Ademir. O tempo na construção do objeto de estudo da história do esporte, do lazer e da educação física. In: II ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA. **Coletânea**. Ponta Grossa: UEPG, 1994.
- GEBARA, Ademir. Esportes: Cem anos de história. In: III ENCONTRO NACIONAL DA HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA. 1995, Curitiba. **Coletânea**. Curitiba: UFPR, 1995.
- GEBARA, Ademir. Anotações para a teoria do processo civilizador. **Comunicações**. Piracicaba, ano 5, n. 2, nov. 1998.
- GEBARA, Ademir. Norbert Elias & Pierre Bourdieu: novas abordagens, novos temas. In: VI CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA. **Coletânea**. Rio de Janeiro: UGF, 1998.
- GEBARA, Ademir. A Cultura da Modernidade e a História dos Esportes. In: MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina. (Orgs.). **Fenômeno esportivo no início de um novo milênio**. Piracicaba: Unimep, 2000.
- GHIRALDELLI JR., Paulo. **Educação física progressista**. São Paulo: Loyola, 1988.
- GIORGE, Anderson; ALBUQUERQUE, Pedro Cirne. Mudança de regras divide especialistas no vôlei. **Boletim UOL Esporte**, 1 ago. 2000.
- GLOBO compra principais eventos do vôlei até 2005. **Folha de S. Paulo**, 3 ago. 2000.
- GOUDSBLOM, Johan. Notes towards a theory of civilizing processe in human history. In: V SIMPÓSIO INTERNACIONAL DO PROCESSO CIVILIZADOR. **Anais...** Curitiba: UFPR, 2000.
- GRAÇA FILHO, Ary da Silva. Uma sacada que leva ao primeiro mundo. **Exame**, São Paulo, 16 mar. 1994.

- GRAÇA FILHO, Ary da Silva. O retorno do investimento. **Conjuntura Econômica**. São Paulo, FGV, v. 54, n. 2, fev. 2000.
- GRAÇA FILHO, Ary da Silva. **Esporte Record**, TV Record, São Paulo, 23 jul. 2001. Entrevista.
- GUERRA, Paulo. A modernização do vôlei. **Folha de S. Paulo**, 24 abr. 1999.
- GUILHERME, Adolfo. **Voleibol à beira da quadra**. 3. ed. São Paulo: Brasipal, 1979.
- GUIMARÃES, José Roberto Lages. Anos 90 exigem mais versatilidade. **Folha de S. Paulo**, 21 set. 1994.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. A forma da violência: a experiência estética no esporte. **Folha de S. Paulo**, 11 mar. 2001. Caderno Mais!
- GUTIERREZ, Gustavo Luis et al. A produção teórica da Educação Física e sua crise paradigmática. **Conexões: educação, esporte e lazer**, Campinas, v. 1, n. 1, jul./dez. 1998.
- GUTTMANN, Allen. **From ritual to record: the nature of modern sports**. New York: Columbia University Press, 1978.
- HACKENSMITH, C. W. **History of physical education**. New York: Harper & Row, s/d.
- HAWILLA, José. Jogada de milhões. **Veja**, São Paulo, 12 ago. 1999. Entrevista.
- HOBSBAWM, Eric. **A era do capital: 1848-1875**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HOBSBAWM, Eric. A produção em massa de tradições: Europa, 1870 a 1914. In: \_\_\_\_\_. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HOBSBAWM, Eric. **A era dos impérios: 1875-1914**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- HOLT, Richard. Sport and History: the state of the subject in Britain. **Stadion: International Journal of the History of Sport**. XVIII, 2. Academia Verlag-Sankt Augustin, 1992.
- HOLT, Richard. **Sport and the British: a modern history**. England: Oxford University Press, 1989.
- INVESTIMENTO de 40 bilhões. **Gazeta Esportiva**, São Paulo, 24 fev. 1986.
- JAPÃO é o novo Eldorado para atletas brasileiros. **O Estado de S. Paulo**, 11 set. 1996.
- JAPIASSU, Moacir. Chega de amadorismo. **Placar**, Rio de Janeiro, n. 733, abr. 1984.
- JAPPE, Anselm. **Guy Debord**. Trad. de Iraci D. Poleti. Petrópolis: Vozes, 1999.
- KASNAR, Istvan Karoly. **O esporte como indústria: solução para criação de riqueza e emprego**. Rio de Janeiro: FGV/CBV, 1999.

- KASNAR, Istvan Karoly. Potencial econômico do esporte. **Seminário**. Confederação Brasileira de Volleyball, Rio de Janeiro, 1999.
- KASNAR, Istvan Karoly. O mercado brasileiro. **Conjuntura Econômica**, São Paulo, FGV, v. 54, n. 2, fev. 2000.
- KFOURI, Juca. A mídia e o marketing esportivo. In: SEMINÁRIO INDESP DE MARKETING ESPORTIVO. **Anais...** Ouro Preto, 1995.
- KRASELIS, Sérgio; TAGLIAFERRI, Mauro. O Brasil busca a 'tríplice coroa'. **Folha de S. Paulo**, 29 set. 1994.
- KRASELIS, Sérgio. Alternância de escolas dita os rumos do vôlei. **Folha de S. Paulo**, 21 set. 1994.
- KRASELIS, Sérgio. Superliga inicia maratona de 132 jogos. **Folha de S. Paulo**, 4 dez. 1994.
- LA POTENTE Liga Italiana. **Set Voleibol**, Barcelona, n. 2, 1999.
- LANCELLOTTI, Sílvio. Faustball, a primeira sacada. **Volleyball**, São Paulo, ano 1, n. 1, abr. 1994.
- LANDULFO, Gerardo. Almanaque do Vôlei. **Placar**, São Paulo, n. 853, 1986. Suplemento Especial.
- LATTARI FILHO, Radamés. **Programa Bola da Vez**, ESPN Brasil, 6 dez. 1999. Entrevista.
- LEISTER FILHO, Adalberto. Vasco deve assinar hoje parceria com time ameaçado de extinção. **Folha de S. Paulo**, 25 maio 2000.
- LEISTER FILHO, Adalberto. Banespa supera "nova economia" e tabu. **Folha de S. Paulo**, 13 nov. 2000.
- LEISTER FILHO, Adalberto. "Dança" de nomes atrapalha modalidades. **Folha de S. Paulo**, 22 dez. 2000.
- LEITÃO, Sérgio Sá. O ponto futuro: apóstolo da profissionalização do esporte amador, Carlos Nuzman assume o comando do COB de olho na direção do vôlei mundial. **Carta Capital**, Rio de Janeiro, n. 12, jul. 1995.
- LIMA, Daniel. Pirelli. **O Estado de S. Paulo**, 28 out. 1984.
- LIMA, Edir; PEREIRA, Mauro César. Especialização cria novo profissional. **Valor Econômico**, São Paulo, 30 ago. 2000.
- LIMA, Ester. Vôlei se inspira na NBA e cria liga profissional. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 27 ago. 1993.
- LIMA, Luiz Costa. (Org.). **Teoria da cultura de massas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- LIMA, Luiz Fernando. Por que não ganhamos a medalha de ouro. **Saque**, São Paulo, n. 5, 1985.
- LOPES JR. D. Banespa: uma máquina de colecionar títulos. **Banco Essencial**, São Paulo, ago./out. 1992.
- LUCIANO do Vôlei. **Veja**, São Paulo, 3 ago. 1983.
- LUNKMOSS, Marilena Barehik. 24 jun. 1999. Entrevista.

- MACIEL, Eloir. Bradesco-Atlântica faz sucesso com escolinhas. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 11 set. 1983.
- MAGUIRRE, J. More than a sporting touchdown: the making of american football in England 1982-1990. **Sport Science Review**, n. 2, v. 1, 1990.
- MALERBA, Jurandir. Entre la sociología y la historia: pensar la sociología figurativa en el contexto de la América portuguesa. **Revista Mexicana de Sociología**, Instituto de Investigaciones Sociales, v. 61, n. 2, abr./jun. 1999.
- MALERBA, Jurandir. **Conhecimento, linguagem e representações sob a ótica da teoria simbólica elisiana**. (no prelo).
- MALTA, Mário. Precisamos urgentemente reduzir o tempo dos jogos de vôlei. **Saque**, São Paulo, n. 6, 1985.
- MANGAN, J. A. The early evolution of modern sport in Latin American: a mainly english middle class inspiration? In: VII CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE, LAZER E DANÇA. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- MANTA, Inaldo; TRADE, Ricardo Avelino; PITO, Mário dos Santos. Avaliação e divulgação do Voleibol feminino. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, São Paulo, v. 3, n. 4, 1989.
- MARCHI JR., Wanderley. **Classificação das tendências da educação física: uma abordagem filosófica-educacional**. Campinas, 1994. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas.
- MARCHI JR., Wanderley. Introdução à sociologia e o modelo de análise a partir do jogo: uma reflexão preliminar em Norbert Elias. In: III SIMPÓSIO INTERNACIONAL DO PROCESSO CIVILIZADOR. **Anais...** Piracicaba: Unimep, 1998.
- MARCHI JR., Wanderley. Voleibol em Curitiba - PR nas décadas de 1980 e 1990: uma abordagem histórico-social do esporte a partir de Pierre Bourdieu. In: VI CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA. **Coletânea**. Rio de Janeiro: UGF, 1998.
- MARCHI JR., Wanderley. The understanding of the society and sport through Norbert Elias and Pierre Bourdieu's thought. In: 42th WORLD CONGRESS ICHPER-SD. **Proceedings**. Cairo: Minia University, 1999.
- MARCHI JR., Wanderley. Olhares para o campo esportivo: 1895 – Contando o início da História do Voleibol. In: VII CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE, LAZER E DANÇA. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- MARCHI JR., Wanderley. Revendo a história do voleibol pela teoria do campo esportivo. In: I CONGRESSO CIENTÍFICO LATINO-AMERICANO DA FIEP. **Coletânea**. Piracicaba: Unimep, 2000.
- MARCHI JR., Wanderley. Subsídios para uma discussão sociológica sobre a evolução do voleibol. **Conexões: educação, esporte e lazer**, Campinas: Unicamp, 2000.
- MARTINS, Paulo César. No duro jogo dos negócios, atletas aprendem a dar fintas na inflação. **O Globo**, Rio de Janeiro, 7 out. 1984.

- MARTINS, Sérgio. Profissionalismo no vôlei é uma questão de tempo. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 24 fev. 1983.
- MASSUCATO, José Geraldo. Preferências de prática esportiva dos estudantes do 1.º grau nível II e 2.º grau. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 2, n. 2, maio 1988.
- MATOS, Cláudia. A ressaca de homenagens da geração de ouro. **O Globo**, Rio de Janeiro, 6 set. 1992.
- MATSUDAIRA, Yasutaka. **Manual del Entrenadores Internacionales - FIVB**. Madri: CIE, 1976.
- MATSUDAIRA, Y.; IKEDA, N.; SAITO, M. **Winning Volleyball**. Ontário: Dollco Printing Ltd., 1977.
- MATTHIESEN, Sara Quenzer. Um estudo sobre o voleibol: em busca de elementos para sua compreensão. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Santa Maria, v. 15, n. 2, jan./abr. 1994.
- McGOWN, Carl. **Science of coaching volleyball**. Champaign: Human Kinetics, 1994.
- MEGGETTO, Sérgio Tadeu. 13 maio 1999. Entrevista.
- MELO NETO, F. **Marketing no esporte**. Rio de Janeiro: Incentive, 1986.
- MERCADO em alta: a ciranda do vôlei premia os bons jogadores. **Veja**, São Paulo, 13 fev. 1985.
- MEZZADRI, Fernando Marinho. **A estrutura esportiva no Estado do Paraná: da formação dos clubes esportivos às atuais políticas governamentais**. Campinas, 2000. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas.
- MICELI, Sergio. Sociologia. **Folha de S. Paulo**, 13 abr. 1997. Caderno Mais!
- MICELI, Sergio. A força do sentido. In: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- MICELI, Sergio. A condição do trabalho intelectual (comentários). In: CATANI, Afrânio Mendes; MARTINEZ, Paulo Henrique (Orgs.). **Sete ensaios sobre o Collège de France**. São Paulo: Cortez, 1999.
- MICELI, Sergio. Um intelectual do sentido. **Folha de S. Paulo**, 7 fev. 1999. Caderno Mais!
- MIRÁS, Denise. Maravilhoso vôlei-show. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 27 set. 1982.
- MIRÁS, Denise. As milionárias (?) estrelas do vôlei. **O Estado de S. Paulo**, 30 jan. 1984.
- MIRÁS, Denise. Os perigos que cercam o vôlei. **O Estado de S. Paulo**, 18 fev. 1985.
- MIRÁS, Denise. Vôlei, o esporte que a política matou o esquema profissional. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 3 ago. 1988.
- MIRÁS, Denise. O governo corta. E o vôlei pensa em mudança. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 10 abr. 1990.

- MIRÁS, Denise. Vôlei: os jogadores mais caros do mundo. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 31 ago. 1991.
- MODALIDADE se vangloria de sua ousadia. **Folha de S. Paulo**, 9 maio 1999.
- MOLINA NETO, Vicente. Marketing esportivo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 13, n. 3, 1992.
- MONTANARO JR., José. Depoimento. In: II SEMANA DE DEBATES DE SOCIOLOGIA DO ESPORTE – ESPORTES: TEORIA, PAIXÃO E RISCO. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000.
- MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina. (Orgs.). **Fenômeno esportivo no início de um novo milênio**. Piracicaba: Unimep, 2000.
- MORENO, Antonio Carlos. Força é a marca da década de 60. **Folha de S. Paulo**, 21 set. 1994.
- MORENO, Mariúcha. Quase meninas, mas já realizadas e bem remuneradas. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 7 fev. 1988.
- MORENO, Mariúcha; VASCONCELLOS, Paulo Cesar. A década do vôlei. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 31 dez. 1989.
- MORGAN, William George. Apud História: quase 100 anos de disputas. **O Estado de São Paulo**, 28 out. 1984. Caderno especial.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: neurose**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- MOURÃO, Diogo. A escolinha do professor Bernardinho. **Volleyball**. São Paulo, ano 1, n. 2, jun. 1994.
- NAVAJAS, Ricardo. **Programa Bola da Vez**, ESPN Brasil, 12 jun. 1999. Entrevista.
- NAVAJAS, Ricardo. TV e regras. **Programa Dossiê-Sportv**, Sportv, 7 dez. 1999. Entrevista.
- NO RIO, 14 atletas já conseguem viver do esporte amador. **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 jan. 1981.
- NOGUEIRA, Cláudio. As novas forças do vôlei carioca. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 out. 1997.
- NOGUEIRA, Cláudio. Máquina de fazer bons negócios. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 out. 1997.
- NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- NÚMEROS da maior competição do país. **Vôlei Técnico**, Confederação Brasileira de Volleyball, Rio de Janeiro, ano 1, n. 3, 1995.
- NUNES, João Pedro. Com a Supergasbrás, início de uma nova fase. **O Estado de S. Paulo**, 13 fev. 1983.
- NUNES, João Pedro. Organização de ligas moderniza o esporte. **O Estado de S. Paulo**, 18 fev. 1990.

- NUNES, João Pedro. Italianos sondam três do Banespa. **O Estado de S. Paulo**, 21 nov. 1990.
- NUNES, João Pedro. “Geração de prata” se despede das quadras. **O Estado de S. Paulo**, 20 jun. 1993.
- NUNES, João Pedro. O vôlei feminino: mais investimentos apesar da economia. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 4 mar. 1994.
- NUNES, João Pedro. Volta dos “brasilianos” inflaciona mercado. **O Estado de S. Paulo**, 1 maio 1994.
- NUNES, João Pedro. “Repatriamento” eleva nível da Superliga. **O Estado de S. Paulo**, 29 jan. 1995.
- NUNES, João Pedro. Fernanda e Ana Moser criticam o ranqueamento. **O Estado de S. Paulo**, 4 fev. 1996.
- NUNES, João Pedro. Clubes vão discutir critérios para ranking masculino. **O Estado de S. Paulo**, 18 fev. 1996.
- NUNES, João Pedro. Equipes de vôlei driblam limite ditado pela CBV. **O Estado de S. Paulo**, 15 set. 1996.
- NUNES, João Pedro. Crise financeira ameaça nível técnico da Superliga. **O Estado de S. Paulo**, 19 fev. 1997.
- NUNES, João Pedro. Superliga dá a partida para a era das parcerias no *marketing* esportivo. **O Estado de S. Paulo**, 28 out. 1997.
- NUNES, João Pedro. *Ranking* e recessão provocam êxodo de atletas. **O Estado de S. Paulo**, 9 dez. 1998.
- NUZMAN, Carlos Arthur. Los Angeles: marco na história das Olimpíadas. **Sprint**, Rio de Janeiro, v. 2 (especial), 1984. Entrevista.
- NUZMAN, Carlos Arthur. Carlos Nuzman, o pai da matéria. **Saque**, São Paulo, n. 1, 1985. Entrevista.
- NUZMAN quer fazer do Brasil uma potência. **Zero Hora**, Porto Alegre, 30 jun. 1995.
- NUZMAN, Carlos Arthur. A importância do marketing esportivo no esporte. In: SEMINÁRIO INDESP DE MARKETING ESPORTIVO. **Anais...** Ouro Preto, 1995.
- NUZMAN, Carlos Arthur. Depoimento pessoal. In: PINHEIRO, Ana Beatriz Latorre de Faria. **O marketing no voleibol brasileiro masculino no período de 1980 a 1994**. Rio de Janeiro, 1995. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Educação Física e Desporto.
- NUZMAN, Carlos Arthur. O marketing esportivo e a aliança com a televisão. **Vôlei Técnico**, Rio de Janeiro, CBV, ano 2, n. 6, 1995.
- NUZMAN, Carlos Arthur. Esporte olímpico: a hora da virada. **Folha de S. Paulo**, 8 ago. 1999.
- NUZMAN, Carlos Arthur. Esporte, o mais democrático dos shows. **O Estado de S. Paulo**, 31 dez. 1999.
- NUZMAN, Carlos Arthur. “Vamos investir na base”. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 5 nov. 2000. Entrevista.

- NUZMAN, Carlos Arthur. O futuro do esporte no Brasil. **Gazeta Esportiva**, São Paulo, 4 jan. 2001.
- O “BOOM” do vôlei feminino. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 9 maio 1993.
- O BRASIL pede passagem. **Saque**, São Paulo, n. 1, jul. 1985.
- O ESPORTE ficou mais rico: as empresas entram no jogo e os atletas do país começam a lucrar dentro e fora de campo. **Veja**, São Paulo, 30 mar. 1983.
- O ESTADO DO PARANÁ, Curitiba, 23 out. 1993.
- O ESTADO DO PARANÁ, Curitiba, 30 mar. 1998.
- O GLOBO, Rio de Janeiro, 10. ago. 1992.
- O SHOW do vôlei, sem patrocinadores? **Saque**, São Paulo, n. 7, 1986.
- O TRISTE fim de um grande time de vôlei. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 9 fev. 1985.
- O VÔLEI pode viver hoje um dia histórico. **O Estado de S. Paulo**, 11 ago. 1988.
- O VÔLEI, ambicioso e milionário. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 5 maio 1993.
- O VÔLEI, do velho casarão ao resultado histórico. **Folha de S. Paulo**, 4 abr. 1982.
- ODENEAL, W. T.; WILSON, H. E.; KELLAM, M. F. **Volibol moderno**. São Paulo: Difel, 1975.
- OHATA, Eduardo; DIAS, José Alan. Patrocínio estatal vira disputa política. **Folha de S. Paulo**, 16 fev. 1999.
- OLYMPIKUS deixa de ser dona de equipe. **Folha de S. Paulo**, 14 mar. 2000.
- ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- ORTIZ, Renato. **Um outro território**. São Paulo: Olho D’água, 1996.
- PAES, Roberto Rodrigues. Esporte competitivo e espetáculo esportivo. In: MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina. (Orgs.). **Fenômeno esportivo no início de um novo milênio**. Piracicaba: Unimep, 2000.
- PAIVA, Fernanda Simone Lopes de. Vitórias e derrotas no voleibol nacional: uma abordagem crítica do desporto no período de 78 a 88. **Motrivivência**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, jun. 1989.
- PALMEIRIN, Josebel. A evolução das regras. **Folha de S. Paulo**, 18 maio 1997.
- PANORAMA, Curitiba, v. 30, n. 301, 1981.
- PECEGUEIRO, Alberto. Quando a TV entra em cena. **Vôlei Brasil**, Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1984.
- PENA NETO, Mair. Vôlei repete os erros do futebol. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 16 abr. 1986.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). Campinas, 1998. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas.
- PEREIRA, Mauro César. PIB do esporte aumenta a cada ano. **Valor Econômico**, São Paulo, 30 ago. 2000.

PEREIRA, Mauro César. Um jogo cada vez mais competitivo. **Valor Econômico**, São Paulo, 30 ago. 2000.

PÈRILLIER, José Roberto. Competição comprova os sucesso do vôlei brasileiro. **Vôlei Técnico**, Confederação Brasileira de Volleyball, Rio de Janeiro, ano 1, n. 0, 1994.

PETROBRAS apóia mais duas equipes. **Folha de S. Paulo**, 16 fev. 1999.

PILATTI, Luiz Alberto. A interpretação do esporte na obra de Eric Hobsbawm. **Conexões: educação, esporte, lazer**, Campinas, v. 1, n. 2, jun. 1999.

PILLATI, Luiz Alberto. **Os donos das pistas**: uma efígie sociológica do esporte federativo brasileiro. Campinas, 2000. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas.

PINHEIRO, Ana Beatriz Latorre de Faria. **O marketing no voleibol brasileiro Masculino no período de 1980 a 1994**. Rio de Janeiro, 1995. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Educação Física e Desporto.

PINHEIRO, Ana Beatriz Latorre de Faria. A mídia no voleibol brasileiro masculino. In: X CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. **Anais...** Goiânia: RBCE, 1997. v. 1

PINTO, Guilherme Cunha. Carlos Arthur Nuzman – a receita do vôlei: o dirigente que revolucionou o esporte amador brasileiro aponta as saídas para um país que é pobre também em medalhas olímpicas. **Veja**, São Paulo, 22 fev. 1984.

PINTO, Louis. **Pierre Bourdieu e a teoria do mundo social**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

PIRELLI: um retorno publicitário de fazer inveja a qualquer um. **O Globo**, Rio de Janeiro, 23 jan. 1983.

PITTERA, Carmelo; VIOLETTA, Dario Riva. **Pallavolo dentro il movimento**. Torino: Tringale, 1982.

POPPER, Karl; CONDRY, John. **Televisão**: um perigo para a democracia. Lisboa: Gradiva, 1995.

PORTO, Gisele. Supergasbrás acaba por falta de adversários. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 24 abr. 1990.

PORTO, Gisele. Em busca do sucesso na Itália. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 29 out. 1990.

PRONI, Marcelo Weishaupt. O império da concorrência: uma perspectiva histórica das origens e expansão do capitalismo. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 92, set./dez. 1997.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. Campinas, 1998. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas.

PRONI, Marcelo Weishaupt. Marketing e organização esportiva: elementos para uma história recente do esporte-espetáculo. **Conexões: educação, esporte e lazer**, Campinas, ano 1, n. 1, 1998.

PRONI, Marcelo Weishaupt. A Contribuição de Richard Holt para a história do esporte. In: VII CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE, LAZER E DANÇA. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2000.

PUBLICIDADE dá ao vôlei mais de 1 bilhão. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 24/ Fevereiro/1983.

QUADRAS mais pobres. **Veja**, São Paulo, 2 maio 1990.

QUADRAS perdem patrocinador n. 1. **Folha de S. Paulo**, 6 out. 1999.

QUASE 100 anos de disputa – História. **Estado de São Paulo**, São Paulo, 28 out. 1984. Caderno Especial.

QUEIRÓZ, Claudinei; AMARAL, André. Falência à vista. **Lance!**, São Paulo, 30 jan. 1999.

RANGEL, Sérgio. Receita Federal investiga CBF, COB e CBV **Folha de S. Paulo**, 20 mar. 1999.

RANGEL, Sérgio. Nuzman deve ser indicado para o COI. **Folha de S. Paulo**, 24 maio 2000.

RANKING aumenta ameaça. **Folha de S. Paulo**, 28 abr. 1999.

REGRA nova faz Superliga premiar ataque. **Folha de S. Paulo**, 27 fev. 1999.

REXONA ameaça desmontar equipe. **Folha de S. Paulo**, 28 fev. 2000;

REXONA pode perder o patrocínio. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 28 fev. 2000.

RODRIGUES, Jorge Luiz; MORAES, Marcelo. Giovane avisa: “o mundo que se cuide”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 10 ago. 1992.

RODRIGUES, Jorge Luiz. Para Nuzman, medalha prova que esporte no Brasil é viável. **O Globo**, Rio de Janeiro, 10 ago. 1992.

RODRIGUES, Jorge Luiz. Paulão, um campeão que está sem emprego. **O Globo**, Rio de Janeiro, 10 ago. 1992.

RODRIGUES, Marco Antônio. O vôlei-show. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 2 abr. 1984.

RODRIGUES, Rogério. **O pensamento antropológico de Marcel Mauss: uma leitura das “técnicas corporais”**. Campinas, 1997. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas.

RODRÍGUEZ. María Graciela. Deconstruir la teoría, deconstruir las prácticas: Bourdieu y Foucault en los discursos de la Educación Física. **Epicuro**, Buenos Aires, n. 3, oct. 2001.

RUSSEL, Luís. Vôlei encerra temporada como fenômeno do esporte. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 20 jan. 1982.

RUSSEL, Luís. Ascensão de vôlei faz do atleta um profissional. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 1 fev. 1982.

SAIU o ouro! E Brasil não sai do zero. **Folha de S. Paulo**, 2 out. 2000.

SANTOS, Cida. Crise provoca êxodo de brasileiros à Itália. **Folha de S. Paulo**, 12 set. 1991.

- SANTOS, Cida; CRETI, Nicolau Radamés. **Vitória!**: a força, a garra e a emoção do vôlei de ouro do Brasil. São Paulo: Globo, 1993.
- SANTOS, Cida. Ventos do Sul. **Folha de S. Paulo**, 3 maio 1999.
- SANTOS, Cida. Para onde vai o vôlei? **Folha de S. Paulo**, 31 maio 1999.
- SANTOS, Cida. A era do vôlei-força. **Folha de S. Paulo**, 9 ago. 1999.
- SANTOS, Cida. Pesos e medidas. **Folha de S. Paulo**, 8 maio 2000.
- SANTOS, Cida. A era Lattari. **Folha de S. Paulo**, 2 out. 2000.
- SANTOS, Cida. O vôlei que merecemos. **Folha de S. Paulo**, 16 out. 2000.
- SANTOS, Cida. Lei do silêncio. **Folha de S. Paulo**, 30 out. 2000.
- SANTOS, Cida. Reta Final. **Folha de S. Paulo**, 6 nov. 2000.
- SANTOS, José Francisco dos. 27 maio 1999. Entrevista.
- SANTOS, Lilian. Rexona vence e fatura o bi. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 15 abr. 2000.
- SANTOS, Milton. Da cultura à indústria cultural. **Folha de S. Paulo**, 19 mar. 2000, Caderno. “Mais”!
- SAQUE “queimado” vai valer na Copa. **Folha de S. Paulo**, 25 set. 1999.
- SCHERMANN, Adolfo. **Evolução dos desportos através dos tempos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1958.
- SEIXAS, Fábio; DIAS, Roberto. Investimento no vôlei decepciona empresa. **Folha de S. Paulo**, 3 dez. 1998.
- SEMIFINAL da Superliga masculina consolida novos patrocinadores. **Folha de S. Paulo**, 26 mar. 2001.
- SESSAREGO, Emanuelle; KAIL, Roosevelt do Brazil. A Pirelli é uma verdadeira família, não tem nada de hierarquia. **Saque**, São Paulo, n. 4, out. 1985. Entrevista.
- SESSAREGO, Emanuelle. O gerente da fábrica de vitórias. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 16 abr. 1989.
- SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu estático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frenéticos anos 20. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- SILVA, Jacqueline Louise Cruz. **Vida de vôlei**. Rio de Janeiro: Casa do Escritor, 1985.
- SILVEIRA, Geraldo José da. Pirelli Vôlei Clube (ou uma maneira inteligente de se formar campeões). **Gazeta Esportiva**, São Paulo, 12 jan. 1983.
- SIMSON, Vyv; JENNINGS, Andrew. **Os senhores dos anéis**: poder, dinheiro e drogas nas Olimpíadas Modernas. São Paulo: Best Sellers, 1992.
- SOUZA, Ana Márcia de. **Esporte espetáculo**: a mercadorização do movimento corporal. Florianópolis, 1991. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina.
- SOUZA, Nelson Mello. O fenômeno do vôlei no Brasil: uma explicação teórica. **Sprint**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 7, 1983.

- SPEARS, Betty; SWANSON, Richard A. **History of sport and physical activity in the United States**. 2. ed. Dubuque: WM. C. Brown, 1983.
- SPERÂNDIO, Luís Carlos. Algo de novo no vôlei. **Saque**, São Paulo, n. 2, ago. 1985.
- SUPERLIGA deverá movimentar US\$ 15 milhões. **O Estado de S. Paulo**, 1 dez. 1994.
- SUVOROV, Y. P.; GRISHIN, O. N. **Voleibol: iniciação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1998. v. 1.
- TÉCNICOS e atletas apóiam as mudanças estruturais no vôlei. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 29 jul. 1988.
- TEIXEIRA, Alexandre. Rexona prepara processo de renovação do time. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 20 abr. 1999.
- TEMPO de liquidação. São as jogadoras, em busca de trabalho. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 28 abr. 1990.
- URT, N. Esporte é a alma do negócio. **Placar**, São Paulo, n. 795, 16 ago. 1985.
- VALLE, Luciano do. **Saque**, São Paulo, n. 03, 1985. Entrevista.
- VEBLEN, Thorstein B. **A teoria da classe ociosa**. São Paulo: Pioneira, 1965.
- VEJA a evolução do vôlei na quadra. **Folha de S. Paulo**, 18 maio 1997.
- VICTOR, Fábio; DIAS, Roberto. O COB gostou. E você? **Folha de S. Paulo**, 2 out. 2000.
- VÔLEI – Canoas (RS). **Folha de S. Paulo**, 27 fev. 2000.
- VÔLEI compensa falta de verba com publicidade. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 21 out. 1982.
- VÔLEI Debate – Do sonho à realidade. **Saque**, São Paulo, n. 7, 1986.
- VÔLEI Debate – Profissão: jogador de vôlei. **Saque**, São Paulo, n. 8, 1986.
- VÔLEI discute a nova estrutura. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 9 ago. 1988.
- VÔLEI é mais organizado, afirma Brunoro. **Folha de S. Paulo**, 13 maio 1999.
- VÔLEI fica sem os patrocinadores do Brasileiro. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 nov. 1985.
- VÔLEI supera o futebol entre jovens da classe média. **Folha de S. Paulo**, 6 jan. 1987.
- VÔLEI suspende Badá por entrar na Justiça. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 19 nov. 1982.
- WALLERSTEIN, Immanuel et al. **Para abrir as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 1996.
- WEBER, Eugen. **França, fin de siècle**. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.
- ZEIGLER, Earle F. (Org.). **History of physical education and sport**. Stanford University: Prentice-Hall Inc., 1979.

**ANEXOS**

ANEXO 1 – ASPECTOS CRONOLÓGICOS .....	257
ANEXO 2 – FEDERAÇÕES ESTADUAIS FILIADAS À CBV .....	265
ANEXO 3 – RETROSPECTIVA: PARTICIPAÇÕES INTERNACIONAIS DO VOLEIBOL BRASILEIRO .....	266

## ANEXO 1 – ASPECTOS CRONOLÓGICOS

- 1895** – O Voleibol é criado com o nome original de Minonette, por William G. Morgan, na ACM de Holyoke, em Massachusetts.
- 1896** – H. T. Halstead sugere a mudança de nome para Volleyball e as primeiras regras são publicadas por J. Y. Cameron.
- 1897** – Surge o Livro Oficial do Voleibol na Liga Atlética da ACM.
- 1900** – O Canadá é o primeiro país estrangeiro a receber o Voleibol.
- 1905** – O Voleibol chega à Cuba.
- 1906** – O Voleibol é introduzido na China.
- 1908** – O Voleibol chega ao Japão.
- 1909** – O Voleibol aporta em Porto Rico.
- 1910** – O Voleibol é jogado pela primeira vez no Peru e nas Filipinas.
- 1912** – O Voleibol chega no Uruguai.
- 1913** – I Jogos Pan-Asiáticos são realizados com a participação de dezesseis equipes masculinas.
- 1914** – O Voleibol chega à Inglaterra.
- 1916** – O primeiro livro de regras é publicado nos Estados Unidos. São estimados cerca de 200 mil jogadores pela ACM na América do Norte. O Voleibol surge no Brasil.
- 1917** – O Voleibol chega ao México e à França. O Voleibol é tido como esporte popular de recreação pela ação das tropas americanas durante a 1.<sup>a</sup> Guerra Mundial. É dado um grande impulso para a divulgação do esporte na Europa.
- 1918** – O Voleibol chega à Itália. Início do sistema de rodízio e seis jogadores.
- 1919** – 16 mil bolas são distribuídas pelas forças expedicionárias americanas. O Voleibol é jogado pela primeira vez na Checoslováquia.
- 1920** – O Voleibol aparece na URSS e na Polônia.
- 1921** – É realizado o I Campeonato Japonês Masculino.
- 1922** – I Campeonato Oficial da ACM nos Estados Unidos e no Canadá. A ACM propõe a inclusão do Voleibol nos Jogos Olímpicos de 1924 e a mesma é recusada. I Campeonato Masculino na Checoslováquia.

- 1923** – O Voleibol é introduzido na África, via Egito, Tunísia e Marrocos. I Campeonato Japonês Feminino.
- 1924** – O Voleibol chega à Espanha e à Iugoslávia. Fica proibido aos defensores atacar.
- 1925** – O Voleibol surge na Holanda. É publicado o primeiro Livro Oficial de Regras na URSS.
- 1927** – É publicado o primeiro livro sobre Voleibol na URSS, por Tsherkassow.
- 1928-30** – Primeiros passos para se estabelecer uma organização internacional para o Voleibol.
- 1929** – O Comitê Olímpico Nacional da América Central inclui o Voleibol Masculino nos Jogos Regionais Olímpicos em Cuba. Primeiro Campeonato na Polônia e nos Estados Unidos. Primeira competição internacional na Europa, realizada na Inglaterra, reuniu equipes da Polônia, dos Estados Unidos e da França.
- 1932** – O Voleibol Feminino é incluído nos Jogos Olímpicos Regionais em El Salvador. Inicia-se o Campeonato Anual na URSS. I Campeonato Nacional do México para homens e mulheres, com equipes de 5 mil escolas e mais de 50 equipes seniores.
- 1934** – Congresso da IAHF (International Field Handball Federation), em Estocolmo. Uma sugestão polonesa resulta na organização de um Comitê Técnico para o Voleibol como parte da IAHF.
- 1935** – Primeiro jogo internacional da URSS em Moscou, contra o time do Afeganistão.
- 1936** – Jogos Olímpicos de Berlim. Passos para o estabelecimento da Federação Internacional de Voleibol. O Comitê Técnico da IAHF é formado por representantes da Polônia, dos Estados Unidos, da Estônia, da Alemanha e da Checoslováquia. Outros países se filiam ao Comitê: treze da Europa, cinco da América e quatro da Ásia.
- 1939-44** – A II Guerra Mundial interrompe o desenvolvimento do Voleibol. O Voleibol recreação é trazido para muitos países através das Forças Aliadas. O Voleibol é incluído no Programa de Recreação e Aptidão das Forças Armadas Americanas.

- 1944-46** – I Campeonato de Voleibol no Brasil. Checoslováquia e França jogam pela primeira vez em competição internacional do pós-guerra. Encontro de representantes da Checoslováquia, da França e da Polônia, em Praga, para estabelecer uma organização internacional de voleibol independente, que chamaram de Comitê Organizador.
- 1946** – I Congresso Sul-Americano em Buenos Aires. Ata da fundação da Confederação Sul-Americana de Voleibol. Aprovação dos Estatutos da Confederação Sul-Americana e designação do primeiro presidente, o brasileiro Célio M. de Barros.
- 1947** – De 18 a 20 de abril, foi realizado o I Congresso de Voleibol em Paris, com a representação de quatorze países (Bélgica, Brasil, Checoslováquia, Egito, França, Holanda, Hungria, Itália, Polônia, Portugal, Romênia, Uruguai, Estados Unidos e Iugoslávia). É fundada a Federação Internacional de Voleibol (FIVB). Paul Libaud da França torna-se o primeiro presidente. O Voleibol é jogado no I Jogos Mundiais por jovens e estudantes, em Praga. Equipes masculinas e femininas da URSS demonstram novas técnicas e táticas, fazendo surgir a era do “Voleibol-força”. FIVB unifica as regras do jogo; regras européias e americanas são combinadas.
- 1948** – I Campeonato Europeu Masculino em Roma com seis equipes, vitória da Checoslováquia. Excursão de equipes americanas pela Europa. Contatos com o COI (Comitê Olímpico Internacional) para inclusão do Voleibol no programa olímpico. A Federação de Voleibol da URSS torna-se membro da FIVB, o que aumentou o desenvolvimento do esporte.
- 1949** – I Campeonato Mundial Masculino e I Campeonato Europeu Feminino realizado em Praga. A equipe feminina da URSS é a campeã. O segundo Congresso da FIVB é realizado em Praga com a participação de 21 federações nacionais filiadas. As Regras Internacionais do Jogo são adotadas.
- 1951** – É realizado no Brasil o I Campeonato Sul-Americano, no Rio de Janeiro.
- 1952** – Campeonato Mundial realizado em Moscou, primeiro para as mulheres e depois para os homens, com onze nações participantes.

- 1955** – O Voleibol figura pela primeira vez no programa dos Jogos Pan-americanos do México. Ouro para as mexicanas e para os americanos.
- 1956** – III Campeonato Mundial realizado em Paris, com 24 equipes no masculino e 17 no feminino, representando quatro continentes. É considerado como o campeonato que apresentou o maior nível de *performance* e avanço técnico da modalidade.
- 1957** – Excursão de demonstração internacional por ocasião do 53.<sup>a</sup> sessão do COI em Sofia, na Bulgária, quando o Voleibol é incluído no programa olímpico e a FIVB reconhecida como sua autoridade máxima.
- 1960** – IV Campeonato Mundial realizado no Brasil, pela primeira vez fora da Europa. Novos elementos técnicos são mostrados e inicia-se uma nova era do Voleibol, na qual o estilo asiático desafia o estilo europeu.
- 1962** – V Campeonato Mundial realizado na URSS. O COI reconhece o Voleibol como esporte olímpico feminino.
- 1963** – I Copa Européia organizada para times de clubes.
- 1964** – I Torneio Olímpico de Voleibol acontece em Tóquio, com a participação de dez equipes masculinas e seis femininas. Congresso da FIVB adotou novas regras para o bloqueio; passa a ser ofensivo e o bloqueador pode tocar duas vezes na bola. O estilo do Voleibol passa a ser mais rápido.
- 1965** – I Copa do Mundo Masculina organizada na Polônia.
- 1966** – VI Campeonato Mundial Masculino na Checoslováquia. Confederação da Zona do Caribe e América Central é organizada com doze federações nacionais filiadas. É realizado o I Simpósio Científico Internacional em Praga.
- 1967** – V Campeonato Mundial para mulheres, em Tóquio, com quatro equipes participantes. I Congresso da América Central, no México, em conexão com o I Campeonato da Zona. I Campeonato Juvenil da Europa, em Budapeste.
- 1968** – II Torneio Olímpico no México, com dez equipes masculinas e oito femininas. Final histórica e dramática no feminino entre Japão e URSS. Estabelece-se a Confederação do Caribe, América Central e do Norte.

- 1969** – Torneio masculino entre os cinco continentes no Uruguai. A Alemanha Oriental insere-se no contexto internacional. II Copa do Mundo Masculina organizada pela República Democrática Alemã. I Campeonato da Norceca (North and Central America) no México com oito equipes masculinas e sete femininas. Cuba vence no masculino e o México no feminino. A FIVB forma sua Comissão de Treinadores.
- 1970** – VII Campeonato Mundial na Bulgária. Reunião do Congresso da FIVB, em Sofia, onde a FIVB torna-se uma das mais importantes entidades esportivas do mundo, com 108 federações nacionais filiadas e mais de 90 milhões de jogadores. Todos os continentes estão envolvidos com o Voleibol.
- 1971** – Primeiro Curso para Treinadores da FIVB, no Japão, com 49 participantes de treze países. A Comissão de Treinadores da FIVB estabelece uma Subcomissão para o Minivoleibol.
- 1972** – III Torneio Olímpico realizado em Munique. As equipes asiáticas dão demonstrações impressionantes, tendo três representantes, no feminino, colocadas entre as quatro primeiras equipes e o masculino sagrando-se campeão. Com um estilo dinâmico e arrojado de jogar, eles tornam-se referência para todas as equipes *tops* internacionais.
- 1973** – I Copa do Mundo Feminina no Uruguai. X Campeonato Sul-Americano na Colômbia, com doze equipes.
- 1974** – VIII Campeonato Mundial Masculino e VII Feminino realizado no México, com 24 e 23 equipes, respectivamente. Três bolas são usadas pela primeira vez, oficialmente.
- 1975** – É criada a Copa das Antilhas, a Copa da América Central e a Copa da América do Norte. I Campeonato Asiático na Austrália. I Campeonato Africano para mulheres em Dakar. I Simpósio de Minivoleibol na Suécia.
- 1976** – IV Torneio Olímpico em Montreal. Polônia vence a URSS no masculino. Cuba se insere no contexto internacional, mostrando equipes fortes e com um novo padrão de saltos. O Congresso da FIVB define que o toque do bloqueio não será contado nos três subseqüentes. A defesa torna-se um fundamento de extrema importância no jogo.

- 1977** – I Campeonato Mundial Juvenil no Brasil.
- 1978** – IX Campeonato Mundial Masculino realizado na Itália. VIII Campeonato Mundial feminino realizado na URSS, quando as cubanas trazem pela primeira vez o título para as Américas. Primeiro Curso Internacional para Técnicos de Minivoleibol, realizado nas Bahamas.
- 1980** – V Torneio Olímpico em Moscou. Supremacia soviética, porém algumas equipes de ponta não participam por conta de um boicote político. É mantido um alto nível de *performance*. 135 federações nacionais estão filiadas à FIVB, sendo 40 da Ásia, 32 da Europa, 31 da África, 20 da Norceca e 12 da América do Sul. Mesmo os países que boicotaram a competição, fizeram parte do Congresso da FIVB em Moscou. O 50.º Curso para Treinadores da FIVB tem destaque, com mais de 1.500 treinadores de 115 países sendo qualificados nesses cursos.
- 1981** – Copa do Mundo no Japão. China e Estados Unidos inserem-se como novas forças no feminino. Simpósio da FIVB para análise do jogo.
- 1982** – IX Campeonato Mundial para mulheres no Peru. X Campeonato Mundial Masculino na Argentina. Brasil consegue a segunda colocação. Percebe-se nesse momento o surgimento dos “astros” no esporte, do aumento da popularidade do Voleibol no país e também das “tietes”. 18.º Congresso da FIVB, com 145 federações nacionais filiadas e 18 candidatos à filiação. Fica decidida uma nova fórmula de disputa para os Campeonatos Mundiais, sendo a categoria A com o Torneio Mundial e a categoria B (promoção) um Torneio com dezesseis equipes. Acontece o 75.º curso oficial de Qualificação de Treinadores da FIVB.
- 1984** – VI Torneio Olímpico em Los Angeles. O Congresso da FIVB toma importantes decisões sobre o seu programa, a sua estrutura e a sua direção. Ruben Acosta é eleito como novo presidente e o ex-presidente Paul Libaud torna-se presidente honorário, após 37 anos de serviços prestados na presidência da Federação. O número de filiados chega à marca de 156. É realizado a 100.ª edição do Curso de Treinadores da FIVB.

- 1985** – Copa do Mundo no Japão. 5.º Simpósio da FIVB sobre Minivoleibol em Tóquio. É criado o Volleyball World Gala, com o televisionamento de dois jogos entre a China (Campeã Mundial) *versus* o Time das Estrelas Mundiais, em Beijing e Shangai, com cerca de 18 mil espectadores em cada encontro.
- 1986** – X Campeonato Mundial Feminino realizado na Checoslováquia. XI Campeonato Mundial Masculino na França. Ocorrem dois simpósios no local. Em Lausanne, *experts* discutem possibilidades para resolver os problemas sobre a duração dos jogos. E em Paris, mais de 150 participantes pesquisam métodos para melhorar a defesa no Voleibol Masculino. A Grécia sedia seu primeiro campeonato, com a assistência em um jogo de 22 mil espectadores. O 20.º Congresso da FIVB acontece em Praga. É anunciada uma mensagem de paz. Introdução de Campeonatos de Voleibol de Praia. 163 associações de Voleibol estão filiadas à FIVB.
- 1987** – Copa FIVB para homens na Coreia e para as mulheres no Japão. Campeonatos Mundiais Juvenis Masculino e Feminino nas Bahamas e Seul, respectivamente.
- 1988** – O 21.º Congresso da FIVB é celebrado em Seul com a realização dos VII Jogos Olímpicos. São tomadas algumas medidas, como o sistema de *tie-break* passa a valer para o quinto *set* do jogo, terminando todos os *sets* no 17.º ponto. Catorze novos membros filiam-se à FIVB, que passa a ter 177 federações nacionais. Ruben Acosta reelege-se presidente da FIVB. Novas competições mundiais são criadas, como a Copa do Mundo Juvenil, o Torneio do Grand Prix, a Copa do Mundo para Clubes e a Copa FIVB para países pequenos. É registrada a maior audiência da televisão nos Jogos Olímpicos de Seul. Pela primeira vez, um sistema estatístico de jogo oficial da FIVB é usado para apoiar a mídia e as equipes, com informações sobre os jogadores e as *performances* dos times, e também para identificar os melhores jogadores e as melhores equipes em cada fundamento.

- 1990** – A FIVB promove a primeira edição da Liga Mundial Masculina de Voleibol, que se inicia com o processo de hegemonia da Itália (tricampeã).
- 1992** – VIII Jogos Olímpicos em Barcelona. O Brasil conquista de maneira histórica o primeiro lugar. Nas regras, fica decidido que qualquer parte do corpo pode ser utilizada para a defesa.
- 1993** – A seleção brasileira quebra a hegemonia italiana na Liga Mundial ao vencer a Rússia na final, no Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo. O Voleibol vive o ápice da popularidade, tornando seus jogadores “garotos-propaganda” de uma infinidade de produtos. A CBV estuda alternativas para recuperar suas principais estrelas, que passaram a atuar nas equipes da Itália.
- 1994** – A seleção brasileira feminina conquista pela primeira vez o Grand Prix (versão feminina da Liga Mundial), tornando-se posteriormente tricampeã da competição. A CBV consegue apoio de empresas e garante o retorno dos jogadores que atuavam no exterior.
- 1996** – IX Jogos Olímpicos em Atlanta. Holanda firma-se no cenário mundial sagrando-se a equipe campeã no masculino. A equipe feminina brasileira conquista o bronze.
- 1999** – A equipe feminina conquista o título máximo em Winnipeg, nos Jogos Pan-Americanos contra Cuba. O masculino fica na segunda colocação com uma equipe bastante renovada.
- 2000** – Alterações e oficializações de novas regras: uso do líbero; permissão do saque “queimado”; fim do segundo saque; 25 pontos por *set* em sistema sem vantagem (após esse número, persistido o empate, dois pontos vencedores); quinto *set* no mesmo esquema em quinze pontos; tempo técnico. X Jogos Olímpicos, em Sydney. Masculino é o sexto colocado e o feminino, terceiro.

**ANEXO 2 – FEDERAÇÕES ESTADUAIS FILIADAS À CBV**

- FEDERAÇÃO ACREANA DE VOLLEY-BALL
- FEDERAÇÃO AMAZONENSE DE VOLIBOL
- FEDERAÇÃO AMAPAENSE DE VOLIBOL
- FEDERAÇÃO ALAGOANA DE VOLEIBOL
- FEDERAÇÃO ATLÉTICA CATARINENSE
- FEDERAÇÃO BAHIANA DE VOLLEY-BALL
- FEDERAÇÃO CEARENSE DE VOLLEY-BALL
- FEDERAÇÃO ESPÍRITO-SANTENSE DE VOLIBOL
- FEDERAÇÃO GAÚCHA DE VOLLEY-BALL
- FEDERAÇÃO GOIANA DE VOLIBOL
- FEDERAÇÃO MARANHENSE DE VOLLEY-BALL
- FEDERAÇÃO MATO-GROSSENSE DE VOLIBOL
- FEDERAÇÃO MINEIRA DE VOLEIBOL
- FEDERAÇÃO NORTE-RIO-GRANDENSE DE VOLEIBOL
- FEDERAÇÃO PARAENSE DE VOLIBOL
- FEDERAÇÃO PARAIBANA DE VOLIBOL
- FEDERAÇÃO PARANAENSE DE VOLLEY-BALL
- FEDERAÇÃO PAULISTA DE VOLLEYBALL
- FEDERAÇÃO PIAUIENSE DE VOLEIBOL
- FEDERAÇÃO SERGIPANA DE VOLLEY-BALL
- FEDERAÇÃO RONDONIENSE DE VOLEIBOL
- FEDERAÇÃO RORAIMENSE DE VOLIBOL
- FEDERAÇÃO DE VOLEIBOL DO ESTADO DE PERNAMBUCO
- FEDERAÇÃO DE VOLLEY-BALL DE MATO GROSSO DO SUL
- FEDERAÇÃO DE VOLLEY-BALL DO RIO DE JANEIRO
- FEDERAÇÃO TOCANTINENSE DE VOLIBOL

### ANEXO 3 – RETROSPECTIVA: PARTICIPAÇÕES INTERNACIONAIS DO VOLEIBOL BRASILEIRO

#### Masculino - anos 70

COMPETIÇÕES / ANOS	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79
CAMPEONATO MUNDIAL ADULTO	12.º	-	-	-	9.º	-	-	-	6.º	-
LIGA MUNDIAL	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
COPA DO MUNDO	-	-	-	-	-	-	-	8.º	-	-
JOGOS OLÍMPICOS	-	-	8.º	-	-	-	7.º	-	-	-
JOGOS PAN-AMERICANOS	-	3.º	-	-	-	2.º	-	-	-	2.º
CAMPEONATO SUL-AMERICANO ADULTO	-	1.º	-	1.º	-	1.º	-	1.º	-	1.º
CAMPEONATO MUNDIAL JUVENIL	-	-	-	-	-	-	-	8.º	-	-
CAMPEONATO MUNDIAL INFANTO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
CAMPEONATO SUL-AMERICANO JUVENIL	-	-	1.º	-	1.º	-	1.º	-	1.º	-
CAMPEONATO SUL-AMERICANO INFANTO	-	-	-	-	-	-	-	-	1.º	-

#### Masculino - anos 80

COMPETIÇÕES / ANOS	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89
CAMPEONATO MUNDIAL ADULTO	-	-	2.º	-	-	-	4.º	-	-	-
LIGA MUNDIAL	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
COPA DO MUNDO	-	3.º	-	-	-	4.º	-	-	-	5.º
JOGOS OLÍMPICOS	5.º	-	-	-	2.º	-	-	-	4.º	-
JOGOS PAN-AMERICANOS	-	-	-	1.º	-	-	-	3.º	-	-
CAMPEONATO SUL-AMERICANO ADULTO	-	1.º								
CAMPEONATO MUNDIAL JUVENIL	-	2.º	-	-	-	6.º	-	6.º	-	3.º
CAMPEONATO MUNDIAL INFANTO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1.º
CAMPEONATO SUL-AMERICANO JUVENIL	2.º	-	2.º	-	1.º	-	1.º	-	1.º	-
CAMPEONATO SUL-AMERICANO INFANTO	1.º	-								
CAMPEONATO MUNDIAL DA JUVENTUDE	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1.º

#### Masculino - anos 90

COMPETIÇÕES / ANOS	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99
CAMPEONATO MUNDIAL ADULTO	4.º	-	-	-	5.º	-	-	-	4.º	-
LIGA MUNDIAL	3.º	5.º	5.º	1.º	3.º	2.º	5.º	5.º	5.º	3.º
COPA DO MUNDO	-	6.º	-	2.º	-	3.º	-	1.º	-	5.º
JOGOS OLÍMPICOS	-	-	1.º	-	-	-	5.º	-	-	-
JOGOS PAN-AMERICANOS	-	2.º	-	-	-	8.º	-	-	-	2.º
CAMPEONATO SUL-AMERICANO ADULTO	-	1.º								
CAMPEONATO MUNDIAL JUVENIL	-	4.º	-	1.º	-	2.º	-	2.º	-	3.º
CAMPEONATO MUNDIAL INFANTO	-	1.º	-	1.º	-	1.º	-	-	-	7.º
CAMPEONATO SUL-AMERICANO JUVENIL	1.º	-								
CAMPEONATO SUL-AMERICANO INFANTO	1.º	-								
JOGOS MUNDIAIS DA JUVENTUDE	-	-	-	-	-	-	-	-	1.º	-
CAMPEONATO MUNDIAL DA JUVENTUDE	-	1.º	-	1.º	-	1.º	-	5.º	-	-
COPA AMÉRICA	-	-	-	-	-	-	-	-	1.º	1.º

## Feminino - anos 70

COMPETIÇÕES / ANOS	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79
CAMPEONATO MUNDIAL ADULTO	13.º	-	-	-	15.º	-	-	-	7.º	-
GRAND PRIX	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
COPA DO MUNDO	-	-	-	9.º	-	-	-	-	-	-
JOGOS OLÍMPICOS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
JOGOS PAN-AMERICANOS	-	4.º	-	-	-	5.º	-	-	-	3.º
CAMPEONATO SUL-AMERICANO ADULTO	-	2.º	-	2.º	-	2.º	-	2.º	-	2.º
CAMPEONATO MUNDIAL JUVENIL	-	-	-	-	-	-	-	4.º	-	-
CAMPEONATO MUNDIAL INFANTO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
CAMPEONATO SUL-AMERICANO JUVENIL	-	-	1.º	-	1.º	-	1.º	-	1.º	-
CAMPEONATO SUL-AMERICANO INFANTO	-	-	-	-	-	-	-	-	2.º	-

## Feminino - anos 80

COMPETIÇÕES / ANOS	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89
CAMPEONATO MUNDIAL ADULTO	-	-	8.º	-	-	-	5.º	-	-	-
GRAND PRIX	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
COPA DO MUNDO	-	8.º	-	-	-	6.º	-	-	-	-
JOGOS OLÍMPICOS	7.º	-	-	-	7.º	-	-	-	6.º	-
JOGOS PAN-AMERICANOS	-	-	-	4.º	-	-	-	4.º	-	-
CAMPEONATO SUL-AMERICANO ADULTO	-	1.º	-	2.º	-	2.º	-	2.º	-	2.º
CAMPEONATO MUNDIAL JUVENIL	-	6.º	-	-	-	4.º	-	1.º	-	1.º
CAMPEONATO MUNDIAL INFANTO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2.º
CAMPEONATO SUL-AMERICANO JUVENIL	2.º	-	2.º	-	1.º	-	2.º	-	2.º	-
CAMPEONATO SUL-AMERICANO INFANTO	2.º	-	1.º	-	1.º	-	1.º	-	1.º	-
CAMPEONATO MUNDIAL DA JUVENTUDE	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2.º

## Feminino - anos 90

COMPETIÇÕES / ANOS	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99
CAMPEONATO MUNDIAL ADULTO	7.º	-	-	-	2.º	-	-	-	4.º	
WORLD GRAND PRIX	-	-	-	4.º	1.º	2.º	1.º	-	1.º	2.º
COPA DO MUNDO	-	8.º	-	-	-	2.º	-	3.º	-	3.º
JOGOS OLÍMPICOS	-	-	4.º	-	-	-	3.º	-	-	
JOGOS PAN-AMERICANOS	-	2.º	-	-	-	6.º	-	-	-	1.º
CAMPEONATO SUL-AMERICANO ADULTO	-	1.º	-	2.º	-	1.º	-	1.º	-	1.º
CAMPEONATO MUNDIAL JUVENIL	-	2.º	-	7.º	-	2.º	-	9.º	-	2.º
CAMPEONATO MUNDIAL INFANTO	-	2.º	-	5.º	-	4.º	-	-	-	2.º
CAMPEONATO SUL-AMERICANO JUVENIL	1.º	-	1.º	-	1.º	-	1.º	-	-	
CAMPEONATO SUL-AMERICANO INFANTO	1.º	-	1.º	-	1.º	-	2.º	-	1.º	
JOGOS MUNDIAIS DA JUVENTUDE	-	-	-	-	-	-	-	-	5.º	
CAMPEONATO MUNDIAL DA JUVENTUDE	-	2.º	-	5.º	-	4.º	-	1.º	-	
BCV	-	-	-	-	-	1.º	2.º	-	4.º	4.º

FONTE: <<http://www.cbv.com.br/historia/colocacoes.htm>> Acesso em: 24 set. 2001.